



LUZ, COR E MATÉRIA COMO ELEMENTOS QUALIFICADORES DO ESPAÇO DE HABITAÇÃO

INTERVENÇÃO NO ANTIGO QUARTEL DO REGIMENTO DE LANCEIROS II,
NA CALÇADA DA AJUDA

TÂNIA CATARINA CUNHA DA SILVA (LICENCIADA)

PROJETO FINAL DE Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura, com especialização em interiores e reabilitação do
edificado

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

PROFESSOR DOUTOR JOÃO NUNO PERNÃO

JÚRI

PRESIDENTE PROFESSORA DOUTORA MARIA DULCE LOUÇÃO

VOGAL PROFESSOR DOUTOR JOÃO NUNO PERNÃO

VOGAL PROFESSOR ESPECIALISTA FERNANDO SALVADOR

DOCUMENTO DEFINITIVO

LISBOA, FA ULISBOA, FEVEREIRO, 2024



LUZ, COR E MATÉRIA COMO ELEMENTOS QUALIFICADORES DO ESPAÇO DE HABITAÇÃO

INTERVENÇÃO NO ANTIGO QUARTEL DO REGIMENTO DE LANCEIROS II,
NA CALÇADA DA AJUDA

TÂNIA CATARINA CUNHA DA SILVA (LICENCIADA)

PROJETO FINAL DE Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura, com especialização em interiores e reabilitação do
edificado

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

PROFESSOR DOUTOR JOÃO NUNO PERNÃO

JÚRI

PRESIDENTE PROFESSORA DOUTORA MARIA DULCE LOUÇÃO

VOGAL PROFESSOR DOUTOR JOÃO NUNO PERNÃO

VOGAL PROFESSOR ESPECIALISTA FERNANDO SALVADOR

DOCUMENTO DEFINITIVO

LISBOA, FA ULISBOA, FEVEREIRO, 2024

"Para mim há algo muito mais precioso: imaginar como um edifício meu será lembrado por alguém daqui a 25 ou 30 anos. Quem sabe, porque ali beijou o seu primeiro amor."

Peter Zumthor, in 'Atmosferas'

PALAVRAS - CHAVE

Luz e Cor

Matéria

Reabilitação

Habitação Temporária

Quartel de Lanceiros nº2

RESUMO

O presente projeto final de mestrado surge da necessidade da reabilitação do antigo quartel do Regimento de Lanceiros nº2, considerando a qualificação e percepção dos espaços de acordo com a Luz, a Cor e a Matéria, implementando a tipologia de Habitação como foco principal na sua reativação.

O enquadramento teórico desenvolvido nesta proposta, provém de uma reflexão sobre diversos temas, como a conservação, o restauro e a reabilitação, a luz e a cor, e a própria história deste complexo escondido e esquecido na cidade.

Propõe-se o desenvolvimento de um programa que complementa as características do local e da sua envolvente, visando atender às necessidades da comunidade local. O objetivo desse programa é abrir as portas de um espaço que, até então, permaneceu fechado para aqueles que se cruzam com Lanceiros, oferecendo-lhes um novo local para desfrutar.

KEYWORDS

KEYWORDS

Light and Color

Matter

Rehabilitation

Temporary Housing

Quartel de Lanceiros nº2

ABSTRACT

This final project arises from the need to rehabilitate the old headquarters of the Regimento de Lanceiros nº2, considering the qualification and perception of the spaces according to Light, Color and Matter, implementing the Housing typology as the main focus in its reactivation.

The theoretical framework developed in this proposal, comes from a reflection on various topics, such as conservation, restoration and rehabilitation, light and color, and the history itself of this hidden and forgotten complex in the city.

It is proposed to develop a program that complements the characteristics of the site and its surroundings, aiming to meet the needs of the local community. The goal of this program is to open the doors of a space that, until then, has remained closed to those who come across Lanceiros, offering them a new place to enjoy.

AGRADECIMENTOS

Num último esforço apresento, aqui, uma compilação de tudo aquilo que a faculdade me ensinou ao longo destes anos de árduo trabalho, que só quem por lá passa sabe o quão difícil é. Termina aqui, num último exercício, o percurso que me trouxe a Lisboa e que me permitiu crescer enquanto pessoa.

Agradeço a todos os professores que me acompanharam neste caminho de aprendizagem, em especial ao Professor João Pernão, pela orientação e paciência, pelos ensinamentos e conhecimentos transmitidos, e por todas as horas passadas em boa discussão, sem a sua orientação, este trabalho não seria possível.

Nesta grande cidade encontrei várias pessoas que irão para sempre ficar junto do meu coração. A vocês um bem-haja por acompanharem esta minha longa jornada. À Inês, minha eterna colega de quarto, que tanto me viu a deprimir por exercícios impossíveis de Estruturas, como foi a minha companheira em momentos de felicidade enquanto comíamos um rico bolo à meia-noite, obrigada. Ao Bernardo, obrigada pelos ensinamentos, apoio e paciência, e sobretudo, à companhia às horas de almoço e de estudo. Ao Pedro, pela ajuda, pela paciência, pelo ombro amigo, pelas risadas que me alegraram em tempos mais maus e por todo o apoio durante estes dois anos.

AGRADECIMENTOS

Por último, mas definitivamente não menos importante, um muito obrigada às duas pessoas que possibilitaram este caminho, que me apoiaram sempre, que me deram um raspanete sempre que precisei, e que aqui vão estar a acompanhar o que aí vem.

Mãe, Pai: sem o vosso apoio nada do que aqui vou apresentar seria possível. Todas as experiências e ensinamentos que vivi nestes últimos anos são graças a vocês.

Obrigada

ÍNDICE

PALAVRAS – CHAVE	IX
RESUMO	XI
KEYWORDS	XIII
ABSTRACT	XV
AGRADECIMENTOS	XVII
ÍNDICE	XIX
ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS	XXI
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 ENQUADRAMENTO	3
1.2 OBJETIVOS	5
1.2.1 Objetivos gerais	5
1.2.2 Objetivos específicos	6
1.3 METODOLOGIA	7
1.4 ESTRUTURA	9
2 ENQUADRAMENTO TEÓRICO	13
2.1 LUZ, COR E MATÉRIA NA ARQUITETURA	15
2.1.1 Luz	17
2.1.2 Cor	25
2.1.3 Matéria	29
2.2 CONSERVAÇÃO, RESTAURO E REABILITAÇÃO	33
2.3 PATRIMÓNIO	37
2.3.1 Contexto Histórico	37
2.3.2 Património	41
2.4 HABITAÇÃO TEMPORÁRIA	45
2.4.1 Tempo e Espaço	46
2.4.2 Habitar	49
2.4.3 Habitação Temporária	51

3 CASOS DE REFERÊNCIA	55
3.1 INTRODUÇÃO	57
3.2 Residência Universitária do Campus da Ajuda, Lisboa, CVDB	59
3.3 THE NELSON-ATKINS MUSEUM OF ART, STEVEN HOLL	63
4 O LUGAR	71
4.1 NOTA INTRODUTÓRIA	73
4.2 FREGUESIA DA AJUDA	75
4.2.1 Contexto Histórico	75
4.2.2 População e Edificado	79
4.3 FREGUESIA DE BELÉM	81
4.3.1 Contexto Histórico	81
4.3.2 População e Edificado	87
4.4 ANTIGO QUARTEL DO REGIMENTO DE LANCEIROS Nº2	89
4.4.1 Contexto Histórico	89
4.4.2 Caracterização Arquitetónica	91
4.4.3 Teoria de Valor	96
5 PROPOSTA	109
5.1 PROGRAMA PROPOSTO	111
5.2 DESCRIÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO	114
5.2.1 Estacionamento e Jardim	114
5.2.2 Polivalente	119
5.2.3 Auditório	123
5.2.4 Habitação	128
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
6.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
7 FONTES BIBLIOGRÁFICAS	141
BIBLIOGRAFIA	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
WEBGRAFIA	147
8 ANEXOS	153
I. DESENHOS E CARTOGRAFIA HISTÓRICA	157
II. FOTOGRAFIAS DO LOCAL	179
III. LEVANTAMENTO	215
IV. PAINÉIS SÍNTESE	221
V. MAQUETES	255
III. PAINÉIS FINAIS	265

ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS

2.01- Templo de Karnak, Egipto

[<https://i.pinimg.com/originals/c3/ed/36/c3ed36aa2d76d8ea863c2979b3a4fa81.jpg>];

2.02 - Fotografia do interior da Cúpula do Panteão de Roma - Autor, 21/01/2023;

2.03 - Espectro Eletromagnético - Autor, 2023;

2.04 - Variação da luz do sol durante o dia - Autor, 2023;

2.05 - Luz natural no espaço interior - Autor, 2023;

2.06 - Modelo tridimensional NCS [<https://ncscolour.com/en-eu/pages/the-system>];

2.07 - Matiz, Saturação e Valor - NCS e adaptações do autor, 2023 [<https://ncscolour.com/en-eu/pages/the-system>];

2.08 - Casa da Cascata, Frank Lloyd Wright

[<https://codigodacultura.wordpress.com/2011/01/07/fallingwater-house-a-casa-da-cascata/>];

2.09 - Marville, 1877 [<https://artblart.com/tag/charles-marville-top-of-the-rue-champlain/>]

3.01 – Acesso vertical zona azul, fotografia de Fernando Guerra -
[<https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/residencias-universitarias-do-polo-da-ajuda-ulisboa/>];

3.02 – Secção pelas zonas de estadia e pátio interior – Desenho fornecido pelos arquitetos no âmbito do evento “Open House” organizado pela Trienal de Arquitetura, 2021

3.03 – Alçado, cortes e planta do acesso vertical da zona azul - Desenho fornecido pelos arquitetos no âmbito do evento “Open House” organizado pela Trienal de Arquitetura, 2021

4.01 – Limites da Freguesia da Ajuda - Google Maps com edição do autor, 2023;

4.02 – Evolução da população da Freguesia da Ajuda
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt];

4.03 – Limites da Freguesia de Belém - Google Maps com edição do autor, 2023;

4.04 – Evolução da população da Freguesia de Belém
[https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt];

4.05 – Planta do projeto original do Quartel da Guarda de Corpo, séc. XVIII Ref.: 447-1-3-5
[https://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=E5AO674112052.3673&limitbox_6=LOC01+%3D+BDE&menu=search&aspect=subtab62&npp=20&ipp=20&spp=20&profile=bde&ri=33&source=%7E%21dglb&index=.GW&term=quartel+de+baixo+da+cal%C3%A7ada+da+ajuda&x=0&y=0&aspect=subtab62];

- 4.06 - Área de implantação e identificação das várias zonas - Google Earth 2021 com adaptação do autor;
- 4.07 - Comparação de vãos com a atualidade - Autor, 2023;
- 4.08 - Evolução histórica da construção dos edifícios - Autor, 2023;
- 4.09 - Definição das áreas de intervenção, acessos e demolições - Google Earth e adaptação do Autor, 2023;
- 4.10 - Desenho vista do Miradouro - Autor, 2023;
- 4.11 - Teoria de Valor geral - Google Earth e adaptação do autor, 2023;
- 4.12 - Teoria de Valor zonas B e C - Autor, 2023;
- 4.13 - Teoria de Valor zonas D e E - Autor, 2023;
- 4.14 - Fotografias interior armazéns zona E - Autor, 2022;
- 4.15 - Fotografia interior zona D - Autor, 2022;
- 4.16 - Fotografias interior zona C - Autor, 2022;
- 4.17 - Fotografia interior zona C - Autor, 2022;
- 5.01 - Programa proposto em perspetiva explodida - Autor, 2024;
- 5.02 - Planta do Jardim - Autor, 2024;
- 5.03 - Corte pelas aberturas centrais - Autor, 2024;
- 5.04 - Acesso viário ao piso superior do estacionamento e respetiva abertura - Autor, 2024;
- 5.05 - Acesso viário ao estacionamento - Google Earth com adaptação do autor, 2024;

- 5.06 - Render entrada de luz da abertura central - Autor, 2024
- 5.07 - Planta programática Piso 0 Polivalente - Autor, 2024;
- 5.08 - Combinações possíveis - Autor, 2024
- 5.09 - Perspetiva da entrada do auditório - Autor, 2024;
- 5.10 - Acabamentos da entrada do auditório - Autor, 2024;
- 5.11 - Perspetiva da plateia com materialidades - Autor, 2024;
- 5.12 - Acabamentos do Auditório - Autor, 2024;
- 5.13 - Planta programática piso 0 Auditório - Autor, 2024;
- 5.14 - Perspetiva das escadas da habitação com materialidades - Autor, 2024;
- 5.15 - Axonometria 3D do apartamento - Autor, 2024;
- 5.16 - Planta Piso 0 Habitação com materialidades - Autor, 2024.

1 | INTRODUÇÃO

1.1 | ENQUADRAMENTO

Lisboa, sendo uma das cidades principais e das mais antigas do país, possui um elevado número de edifícios históricos que são ou podem ser considerados património. Alguns deles, são avaliados como património militar com um grande interesse histórico para o desenvolvimento da capital.

Com a expansão da cidade para Oeste, e com a vinda da corte para a Ajuda, após o terramoto de 1755, a posterior urbanização de toda a zona envolvente à então *Real Barraca*¹ faz com que esta zona se torne num dos pontos fulcrais para o desenvolvimento da cidade de Lisboa. Esta expansão deu lugar a novas construções de habitação, novos pontos de interesse social e, sobretudo, edifícios de importância militar, que se foram concentrando na via principal desta zona, conhecida como a Calçada da Ajuda (Rosa, 2006).

A Calçada da Ajuda é, então, uma via de grande importância para o desenvolvimento da freguesia da Ajuda, ligando a zona junto ao Rio Tejo e o Palácio da Ajuda, a zona do Restelo, prolongando-se ainda mais para Oeste, para a cidade de Sintra. Ao percorrer esta artéria, é possível encontrar vários edifícios singulares, como por exemplo o Palácio de Belém, o Antigo Picadeiro Real, o Museu dos Coches, o

¹ Real Barraca ou Paço de Madeira, foi a residência oficial dos reis após a destruição do Paço da Ribeira durante o terramoto de 1755. Serviu a Corte durante cerca de três décadas, até à sua destruição devido a um incêndio. A Real Barraca localizava-se no mesmo local onde hoje podemos encontrar o Palácio Nacional da Ajuda.

INTRODUÇÃO

Teatro Luís de Camões (LUCA), o Antigo Quartel do Regimento de Lanceiros nº2, o Quartel do Conde de Lippe, o Jardim Botânico da Ajuda e, como já referido, o Palácio Nacional da Ajuda.

Este projeto irá debruçar-se sobre o Antigo Quartel do Regimento de Lanceiros nº2, atualmente desativado e ao abandono, um edifício de arquitetura militar e neoclássica, que serviu a infantaria e cavalaria, a Polícia Militar e outros órgãos de grande importância (Machado and Dinis, 2007).

1.2 | OBJETIVOS

1.2.1 | OBJETIVOS GERAIS

O objetivo principal desta proposta é a reabilitação do antigo quartel do Regimento de Lanceiros nº2, tendo em consideração a perceção e qualificação dos espaços arquitetónicos, através da Luz, Cor e Matéria, implementando o programa pretendido de habitação temporária.

Como objetivos secundários, é proposto o desenvolvimento de um programa que devolva este espaço à comunidade, tendo sempre em consideração os elementos pré-existentes que tenham interesse social e cultural, de modo a reabilitar este espaço de forma consciente e responsável.

1.2.2 | OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Criar uma estratégia e um programa que corresponda às necessidades da zona envolvente à área de intervenção;
- Criar ligações urbanas entre a Calçada da Ajuda e a parada do antigo quartel do Regimento de Lanceiros nº2 e a Rua Alexandre Sá Pinto;
- Criar espaços de apoio à comunidade e à Calçada da Ajuda: um jardim que seja confortável para qualquer faixa etária, um mercado informal, um auditório que possa ser usado para todo o tipo de espetáculos, um espaço polivalente que sirva toda a comunidade, para a partilha de saberes e conhecimentos e um estacionamento subterrâneo para colmatar as necessidades desta zona;
- Utilizar a luz e a cor no desenho arquitetónico, tornando-os elementos qualificadores dos espaços;
- Valorizar o espaço público através da introdução de áreas verdes ao longo da área de intervenção.

1.3 | METODOLOGIA

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste projeto será composta por duas fases, uma inicial de pesquisa e investigação, e uma segunda onde serão aplicados os conhecimentos e conceitos da primeira fase numa componente prática de projeto.

A primeira fase consiste na investigação alargada e análise de cartografia e elementos históricos da área de investigação; análise em pormenor da Calçada da Ajuda e das freguesias adjacentes à área de intervenção; caracterização da população através dos dados obtidos no recenseamento de 2021 (censos) elaborados pelo INE; levantamento fotográfico proveniente da visita ao local; recolha de informação acerca das necessidades da população da área envolvente ao quartel; consulta e análise de bibliografia de referências como livros, artigos e outros elementos digitais sobre os temas fundamentais para o desenvolvimento dos temas propostos; e ainda, pesquisa de casos de referência relevantes para o projeto.

A segunda fase vai ter como base as informações recolhidas na fase anterior de forma a elaborar um programa adequado para o antigo quartel do Regimento de Lanceiros nº2. Recorrendo inicialmente a desenhos esquemáticos, a solução arquitetónica e divisão do programa proposto será incorporada nos edifícios pré-existentes e na área que seria a antiga parada.

Após este processo de experimentação começar-se-á um outro, o aprofundamento da proposta, resolvendo problemas específicos

INTRODUÇÃO

encontrados no desenvolvimento da mesma, utilizando diversas escalas, desde a mais geral à de maior pormenor.

A produção dos desenhos finais, conclusão do documento escrito, peças de visualização do projeto, bem como elementos tridimensionais físicos e digitais, serão o último passo para a conclusão deste projeto final de mestrado.

1.4 | ESTRUTURA

O presente documento está dividido em seis partes, todas relacionadas entre si, a introdução, o enquadramento teórico, a análise de casos de referência, a análise da área de intervenção, a proposta e as considerações finais.

O primeiro capítulo estabelece o ponto de partida, definindo os objetivos para este projeto final de mestrado, tal como a metodologia a ser utilizada no seu desenvolvimento.

O segundo capítulo representa a recolha de informação sobre os temas a serem implementados na proposta.

O terceiro engloba casos de referência que sejam relevantes para os temas abordados e para o programa a ser proposto.

O quarto trata-se da análise do local - as Freguesias da Ajuda e de Belém, e o antigo quartel do Regimento de Lanceiros, através de vários dados e diversos arquivos históricos.

Em quinto será a descrição da proposta arquitetónica, apresentando o programa e as soluções desenhadas, utilizando sempre como base todas as informações adquiridas através das pesquisas feitas.

Como conclusão deste documento, apresentam-se as considerações finais, onde é confrontado os objetivos iniciais com o que foi desenvolvido no projeto, tais como as dificuldades que possam ter sido observadas ao longo de todo este processo. Também nesta

INTRODUÇÃO

última parte encontra-se todas as referências bibliográficas, webgrafia e os anexos.

2 | ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 | LUZ, COR E MATÉRIA NA ARQUITETURA

"Color is an illusion, but not an unfounded illusion."

(Pernão, 2012)

Através da pesquisa feita para a elaboração deste projeto, é perceptível a importância da presença da luz e cor, pois sem esta, a sua percepção não é possível. A percepção do espaço arquitetônico só se torna evidente mediante a interação entre a luz, as suas materialidades e as suas cores. Nesse contexto, a luz exerce uma influência crucial na interpretação de tudo que torna a arquitetura visível, isto é, nos materiais e cores.

"A luz é a gênese da visibilidade, sem luz não existe aparência visual da nossa envolvente. No entanto embora a luz seja a causa de toda a visibilidade, é através da sua reflexão nos objetos que a nossa envolvente espacial se constrói." (Pernão, 2012)



Fig.2.01 - Templo de Karnak, Egipto

2.1.1 | LUZ

A luz é a característica que mais distintamente define a arquitetura, estabelecendo a conexão mais significativa com o espaço e proporcionando uma conexão mais profunda da escala do que nos rodeia.

A luz é uma capacidade visual essencial, sendo a sua presença fundamental para a existência da “aparência visual na nossa envolvente espacial” (Pernão, 2012). É um elemento determinante para nos situarmos no tempo e no espaço.

Existem obras que nos marcam a memória através da interação da luz com o espaço que nos envolve, sendo que uma destas é o Panteão de Roma (fig.2.02). Mesmo existindo apenas uma fonte de luz proveniente da cúpula, esta é suficiente para gerar um grande impacto na experiência do observador.

A luz é o fator mais importante para a criação da vida. Como está citado na Bíblia “*fiat lux*”², o caos termina, a vida começa. A luz é um fator de conhecimento, um fator de segurança. A luz é necessária para

² (Gênesis, 1:3)

ENQUADRAMENTO TEÓRICO



a existência de ambientes, para a nossa orientação e para o nosso

conforto.

Fig. 2.02 - Fotografia interior da Cúpula do Panteão de Roma (Autor, 21/01/2023)

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“Luz (...) é algo que nós apenas pensamos quando não a temos, quando está demasiado escuro para que consigamos efetuar as ações que necessitamos. (...) luz é a causa de toda a visibilidade, e que a cor é a interação inevitável entre a luz e a matéria, nós começamos a perceber a sua importância, e a sua relação fundamental.” (Pernão, 2016).

A luz permite que o dia a dia seja repleto de sensações momentâneas a que o ser humano está exposto, e estas sensações são influenciadas pela luz, e pelo modo que ela é transmitida através das superfícies.

Apesar de ser o elemento mais importante para a perceção visual, não é possível observar a luz. Não vemos a luz fisicamente, mas sim a sua reação nas superfícies. Na retina do olho existem dois fotorreceptores que permitem a reação aos estímulos que a luz proporciona: os bastonetes e os cones. Estes reagem à falta de luminosidade e à existência de bastante luminosidade, respetivamente, sendo que cabe aos cones a interpretação das cores. Ambos trabalham em conjunto na análise da informação, criando depois a imagem real.

Os raios luminosos fazem parte de um amplo espectro eletromagnético que engloba várias radiações e comprimentos de onda diversos. É importante notar que apenas uma pequena fração deste espectro é perceptível a olho nu, sendo que o olho humano apenas reconhece como luz a faixa de comprimento de onde que se estende entre 380 a 760 nm (fig. 2.03).

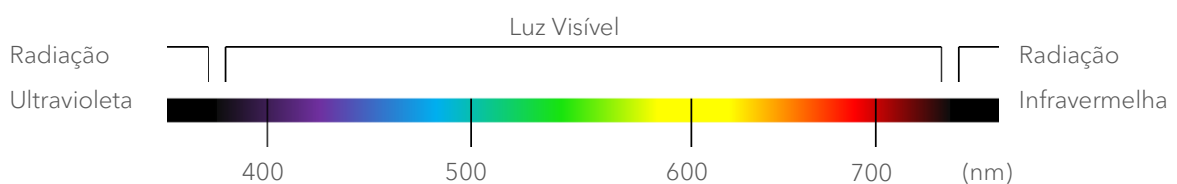


Fig 2.03 – Espectro Eletromagnético (Autor, 2023)

“A luz é (...) um tempo cotidiano, transmitido através do movimento aparente do Sol.” (Pernão, 2005).

A luz natural vai alterando ao longo do dia, de forma a acompanhar o sistema biológico dos seres vivos. A sua alteração natural é extremamente importante para o conforto do ser humano, uma vez que não assume uma característica imutável, como acontece na luz artificial.

A luz solar natural difere de hora para hora. A luz matinal é mais clara, com tons frios, e ao entardecer, esta torna-se mais quente e mais escura. É por isso que a luz natural é o elemento mais importante na projeção dos espaços, conferindo a estas transformações constantes, e atmosferas que nos transmitem sensações diferentes ao longo do dia, como podemos observar na figura 2.2.

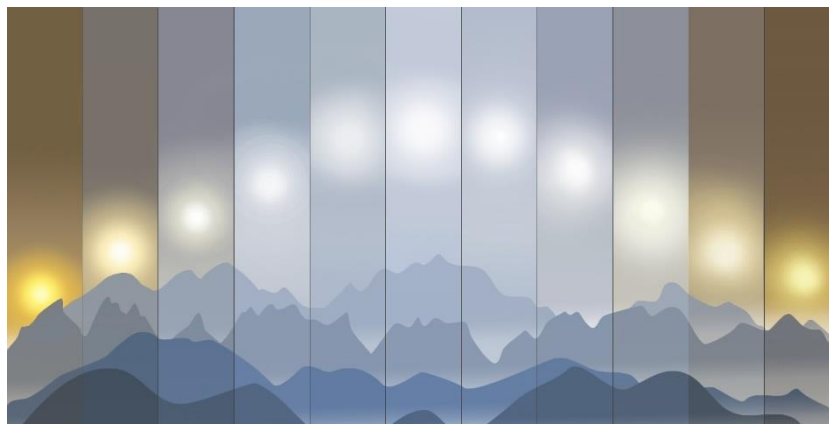


Fig. 2.04 - Variação da luz do sol durante o dia (Autor, 2023)

A luz natural não é proveniente da ação do ser humano, já que este não tem qualquer tipo de intervenção no que toca ao seu processo de regeneração ou produção. Mas esta pode ser controlada através da forma do espaço arquitetónico, através da sua orientação espacial e o tipo de aberturas e proteções implementadas no espaço.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

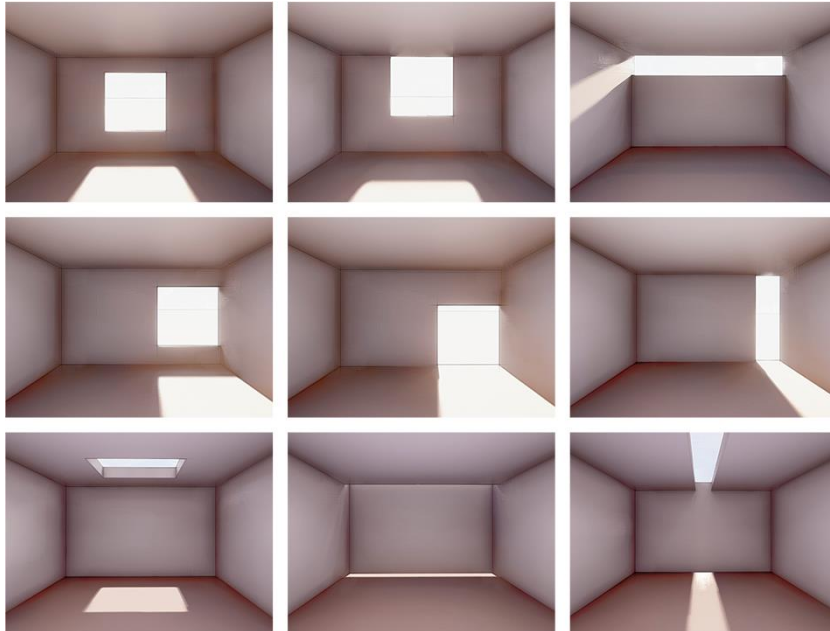


Fig. 2.05 - Luz natural no espaço interior (Autor, 2023)

A luz natural é fundamental na concepção do espaço arquitetônico, mesmo que esta não seja sempre considerada como elemento de pesquisa no projeto de arquitetura, mesmo que esta esteja sempre presente no espaço.

“A relação do ser humano com a luz é talvez a mais antiga de todas, e provavelmente constitui a primeira gênese da religiosidade humana, consubstanciando-se na sua conotação com os ciclos cósmicos do dia e da noite, na segurança e no perigo, na vida e na morte.” (Pernão, 2005).

Podemos definir a luz como a “consciência da realidade”. O mundo existe, é tocado, sentido e, sobretudo, visto porque existe luz.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Portanto, a luz é uma condicionante fundamental no processo criativo do projeto, sendo impossível não pensar nela. É necessário pensar na relação da luz com o espaço e usá-la de acordo com o resultado pretendido, tirando total partido dela.

É indispensável termos a noção de luz e na sua reação com as emoções que pode gerar ao observador, já que esta influencia o estado de espírito da pessoa que experiencia o espaço. Portanto, ela não deve de ser encarada como uma mera fonte de iluminação, mas sim como um elemento a ser considerado em relação ao espaço, compreendendo a sua influência nas cores e nos materiais que compõem o ambiente e, significativamente, em como molda a experiência pessoal desse espaço.

“A luz possui em si todas as cores e potencialidade de despertar nas superfícies todas as nuances de visibilidade, consoante as suas características específicas.” (Pernão, 2012).

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1.2 | COR

Assim como, a luz é um elemento importante para a visualização do espaço que nos rodeia, a cor também tem o mesmo valor de importância. No entanto, é de notar que a luz terá sempre a capacidade de alterar a cor, e não o contrário.

A cor não é um atributo permanente das formas, esta pode variar com as alterações da luz ao longo do dia e até ao longo do ano. Deste modo, podemos considerar que a cor se relaciona com o tempo. Outros elementos que podem influenciar a cor são as texturas dos materiais, o espaço envolvente, o observador e o seu movimento.

"A cor não é uma propriedade fixa dos materiais, pois estes possuem distintos aspetos cromáticos que se traduzem na capacidade de produzir diferentes impressões sensoriais de cor num observador, dependendo do seu estado físico e em função das características da iluminação que sobre esses materiais incide." (Aguiar, 2005).

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Após compreendermos que a cor pode ser influenciada por vários fatores, é importante compreendermos o que realmente é a cor.

Na psicologia, a cor relaciona-se com o cérebro e com a experiência de cada ser humano. A cor é relacionada mais como algo sensitivo, mais do que um elemento físico. Segundo Aguiar (2002), o nosso cérebro é capaz de identificar cerca de 10 milhões de cores e o nosso olho tem capacidade para se adaptar a cada uma delas.

É comum referirmo-nos às cores pelos seus nomes primários, como nos foi ensinado desde os primeiros anos de estudo. Conforme Pernão (2012) destaca, o fenómeno cromático apresenta outras características e deve ser interpretado nas três dimensões da cor: Matiz, Valor e Intensidade. A tonalidade, ou Matiz, permite a diferenciação entre cores e é determinada pelo comprimento de onda. A variação de saturação (valor ou chroma) proporciona-nos cores de tonalidades semelhantes, mas possivelmente distintas. A luminosidade, associada ao claro-escuro, permite a variação da cor entre tons mais claros e mais escuros (Mahnke, 1996). A criação de combinações de cores harmoniosas no espaço é possível com a alteração da tonalidade da mesma cor, por exemplo.

Existem alguns sistemas de representação de cores que consideramos relevantes, sendo dois deles o Sistema de Munsell e o NCS³, sendo que este último é o sistema com mais relevância para o estudo e aplicação de cor em arquitetura.

O sistema NCS é um sistema tridimensional em forma de cone, que divide em "3 parâmetros que se expressam no original por Hue, Blackness e Chromatiness, formando estas duas últimas em conjunto a Nuance da cor." (Pernão, 2012).

³ Natural Color System

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Este sistema foi desenvolvido na Escandinávia depois de décadas de investigação por parte de cientistas, projetistas e psicólogos e foi introduzido em 1978 e reformulado em 1995.

“O NCS estrutura-se em seis cores elementares, que representam a forma como o olhar humano caracteriza as diferentes cores, ou seja: duas acromáticas, o branco (W), e o preto (S) e quatro cromáticas, o amarelo (Y), o vermelho (R), o azul (B) e o verde (G).” (Aguiar, 2002).

Este sistema tem por base a teoria de Ewald Hering, que define o círculo cromático das quatro cores referidas acima mais as duas cores acromáticas, que são compreendidas pelo olho humano e um modelo tridimensional (fig. 2.04) de duplo cone onde se representam as três dimensões das cores (matiz, saturação e valor). Deste modelo retira-se os dois elementos fundamentais: o círculo e o triângulo, que em conjunto originam uma notação de cor NCS.

Torna-se evidente a importância fundamental da luz na perceção da cor, destacando que a cor não existe de forma independente da luz e da textura. A interação entre cor e materiais revela uma complementaridade essencial, sendo que a cor manifesta sempre como uma característica intrínseca ao material.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

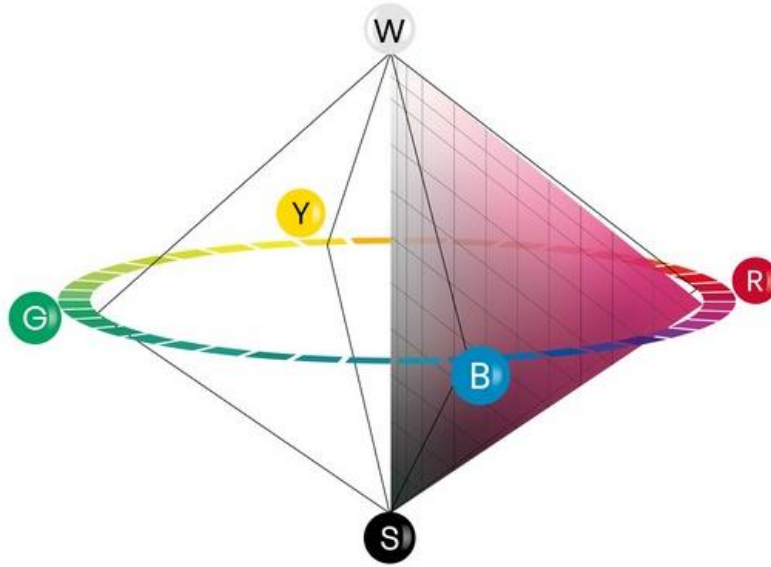


Fig.2.06 - Modelo Tridimensional NCS (NCS, 2023)

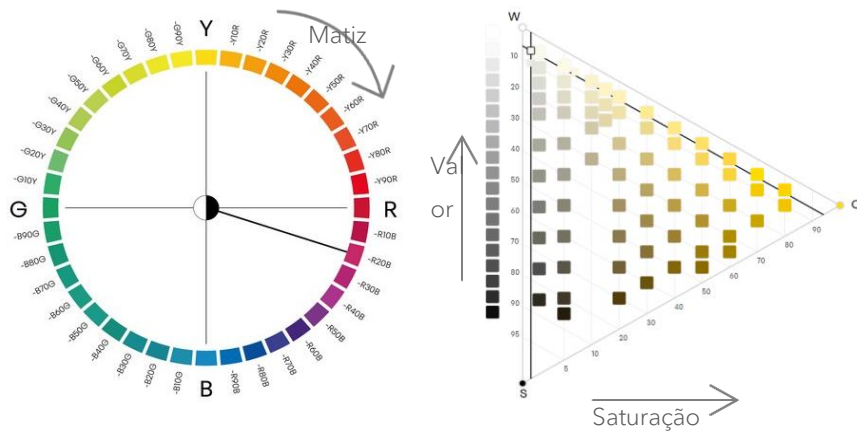


Fig.2.07 - Matiz, Saturação e Valor (NCS e adaptado pelo autor, 2023)

2.1.3 | MATÉRIA

“(...) os materiais dos arquitetos. Todos os conhecemos. E, contudo, não os conhecemos.”

Peter Zumthor, 2005

Os materiais desempenham uma responsabilidade específica e crucial na arquitetura, oferecendo-nos percepções temporais através da pátina⁴ que desenvolvem ao longo do tempo, permitindo a datação de elementos específicos em diferentes épocas. Assim como a arquitetura e a cor dependem da luz, os materiais, as suas texturas e as suas cores tornam-se visíveis na sua presença.

Um grande exemplo do respeito e preocupação pela utilização de materiais no seu estado natural, reconhecendo as suas características distintas, tanto em termos texturais como de durabilidade, é Frank Lloyd Wright no desenho da Casa da Cascata, onde utilizou materiais como a madeira e a pedra.

⁴ Camada fina que se forma sobre a superfície de materiais, especialmente metais, devido à exposição prolongada ao tempo, oxidação ou desgaste, conferindo uma aparência envelhecida.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A cor e a textura dos materiais, como a pedra e a madeira, contribuem para a composição visual do espaço, estabelecendo relações arquetípicas com tempos ancestrais e transmitindo sensações através do tato, temperatura e cheiro (Pernão, 2012). A utilização de materiais, especialmente no seu estado natural, possibilitam a integração harmoniosa de elementos arquitetónicos na natureza, sem que esta seja alterada ou danificada, alcançando uma simbiose com o ambiente circundante. Esta relação é mais eficaz quando os materiais utilizados são semelhantes aos encontrados no espaço envolvente.

Pegando no exemplo já mencionado, a Casa da Cascata de Frank Lloyd Wright, observamos uma exemplar fusão do elemento arquitetónico com a natureza envolvente devido à escolha cuidada dos materiais utilizados. A utilização da pedra em localizações estratégicas faz com que o edifício se integre com a sua envolvente.

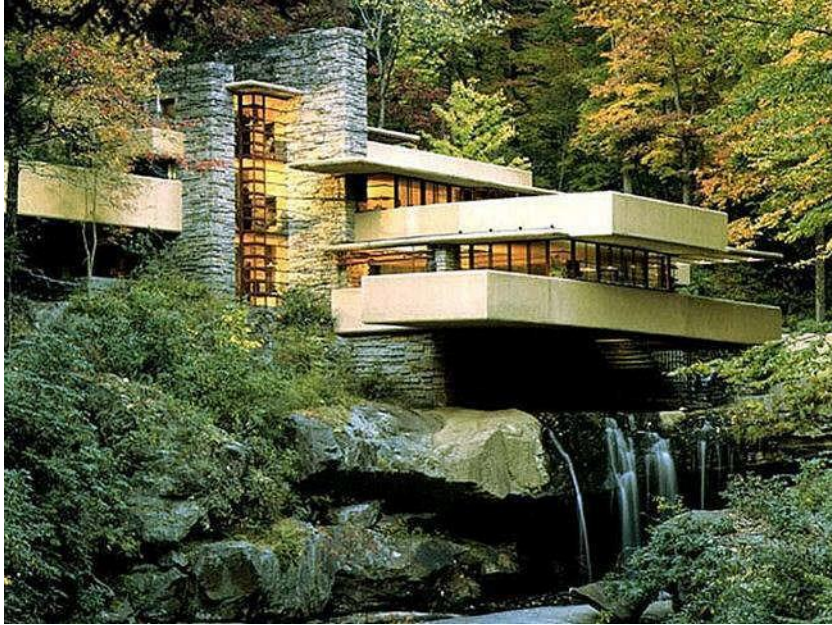


Fig.2.08 - Casa da Cascata, Frank Lloyd Wright

Assim como reconhecemos que a luz e a cor podem influenciar o estado de espírito de um indivíduo, é crucial perceber que os materiais, bem como a sua combinação, podem ter um impacto semelhante. Essa consciência da interação entre luz, cor e matéria é essencial para a criação de ambientes arquitetônicos que não apenas sirvam a sua função prática, mas que também estimulem experiências sensoriais positivas.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.2 | CONSERVAÇÃO, RESTAURO E REABILITAÇÃO

“O restauro constitui o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consciência física e na sua dupla polaridade estética e histórica, com vista à sua transmissão para o futuro.”⁵

Os conceitos de conservação, restauro e reabilitação foram andando lado a lado, conforme o conceito de património foi evoluindo e ganhando valor. Estes constituem três aspetos fundamentais na intervenção do edifício preexistente, garantindo a permanência dos seus valores históricos, culturais e simbólicos, assegurando a sua integridade para as futuras gerações.

Ao longo do século XX, foram elaboradas diversas cartas patrimoniais, nomeadamente a Carta de Atenas (1931), a Carta de Veneza (1964) e a Carta de Lisboa (1995). Estes documentos estabelecem diretrizes detalhadas sobre como conservar, restaurar e reabilitar edifícios, sublinhando a importância e a necessidade de preservar o património arquitetónico.

A Carta de Veneza será, talvez, o documento mais notório sobre a conservação patrimonial. Após a sua leitura, podemos retirar alguns pontos fundamentais sobre a Conservação:

⁵ Cesari Brandi, 1963

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

"A conservação dos monumentos impõe em primeiro lugar uma manutenção permanente dos mesmos. (...) A conservação de um monumento implica a conservação de um enquadramento à sua escala. Quando ainda exista enquadramento tradicional, este deverá ser conservado, e qualquer construção nova, qualquer destruição ou qualquer arranjo suscetível de alterar as relações de volume e cor devem ser proscritos."⁶

Considerando estes dois pontos, é necessária a elaboração de uma teoria de valor de forma a garantir que as características essenciais de um edifício ou conjunto edificado sejam preservadas.

No que toca ao Restauro, trata-se de uma operação de carácter excecional:

"Destina-se a conservar e a revelar os valores estéticos e históricos dos monumentos e baseia-se no respeito pelas substâncias antigas e pelos documentos autênticos (...) qualquer trabalho complementar, que se reconheça indispensável por causas estéticas ou técnicas, fica condicionado a uma conciliação ou harmonia arquitetónica (...) e terá que acusar a data da intervenção (modernidade).⁷ (...) a consolidação de um monumento pode ser assegurada com o apoio de todas as técnicas modernas de conservação e de construção cuja eficácia tenha sido comprovada por dados científicos e garantida

⁶ Art. 4º e 6º da Carta de Veneza, 1964

⁷ Art. 9º, Carta de Veneza, 1964

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

pela experiência.⁸ (...) Os contributos válidos das diferentes épocas referentes à edificação de um monumento devem ser respeitados (...) O julgamento sobre as eliminações a efetuar não pode depender unicamente da opinião do autor do projeto.⁹ (...) Os elementos destinados a ocupar as falhas existentes devem integrar-se harmoniosamente no contexto, tendo que se distinguir das partes originais, a fim de que o restauro não falseie o documento de arte e de história.¹⁰

Estes pontos revelam que o restauro exige a conservação dos valores estéticos e históricos dos monumentos, requer respeito pelos elementos originais. Novas adições devem de ser feitas em harmonia com o preexistente, sendo aceitável a utilização de técnicas modernas, desde que validades por dados científicos. É importante respeitar os contributos históricos e garantir que as restaurações não distorçam o valor artístico e histórico original.

⁸ Art. 10º, Carta de Veneza, 1964

⁹ Art. 11º, Carta de Veneza, 1964

¹⁰ Art. 12º, Carta de Veneza, 1964

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.3 | PATRIMÓNIO

2.3.1 | CONTEXTO HISTÓRICO

A primeira menção de património encontra-se na época romana, através da palavra *patrimonium*, que designava a herança deixada pelo pai para os seus filhos e próximas gerações, sendo um conceito apenas destinado a bens privados.

Este tema passa despercebido até uns séculos mais tarde, na época do Renascimento e do Humanismo. É nos finais do século XV que o conceito de património como bem comum se começa a formar. Este surgimento deve-se às mudanças vividas na época, associados, por um lado, ao rompimento da ideologia ligada à idade média e, por outro lado, ao renascer do humano e do natural.

O final do século XVIII constituiu o período de destaque na conceção do património, bem como na definição de políticas para a salvaguarda de bens patrimoniais. Foi graças à destruição de vários monumentos durante a Revolução Francesa que surgiu mais sensibilização relativamente a monumentos do passado, e que o património passa a ser identificado como herança para as novas gerações. Consequentemente, esta ideologia alarga-se para toda a Europa, e, eventualmente, para todo o mundo (Pinto, 2019)

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Em 1931 é realizada a primeira Conferência Internacional para a Conservação dos Monumentos Históricos, em Veneza, onde foram reunidos apenas países europeus. Nesta conferência ficaram estabelecidos vários pontos importantes para a conservação de monumentos históricos, bem como o seu restauro, nos casos onde a degradação a isso obrigava. Também é aqui que fica estabelecido que todos os estados presentes nesta conferência devem publicar “um inventário dos monumentos históricos nacionais acompanhado de fotografias e descrições” (ICOMOS, 1931).

Já na segunda conferência, em 1964, comparecem três países não europeus. Quinze anos mais tarde, 80 países de todos os continentes participam nesta mesma conferência.

Nesta segunda conferência é realizada, também, uma nova carta onde é reconhecido o património histórico como um tesouro universal, cuja importância não é reconhecida apenas ao local onde se localiza, sendo da responsabilidade global a sua preservação. Reconhece estes edifícios como meios de transmissão de mensagens do passado e como testemunhos valiosos de tradições dos antepassados (ICOMOS, 1964).

“A tripla extensão - tipológica, cronológica e geográfica - dos bens patrimoniais foi acompanhada pelo crescimento exponencial do seu público.” (CHOAY, 1925).

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Esta inflação patrimonial tem, ainda assim, os seus pontos negativos. Em vários pontos do mundo, vários edifícios são fechados ao acesso público devido a custos de manutenção, inadaptação às funções atuais, e vários aspetos negativos do turismo crescente. O passar dos anos traz necessidade de novos edifícios que sejam mais atuais às necessidades da sociedade, e vários edifícios acabam por ser destruídos, sendo substituídos por novos, mais modernos. “basta recordar as centenas de igrejas góticas destruídas nos séculos XVII e XVIII e, nome do “embelezamento”, substituídas por edifícios barrocos ou clássicos”, em França (CHOAY, 1925).

No século XIX observamos uma completa mudança na capital francesa. Esta é palco do radical projeto de reurbanização, lançada por Napoleão III, e colocado em prática por Eugène Haussmann.

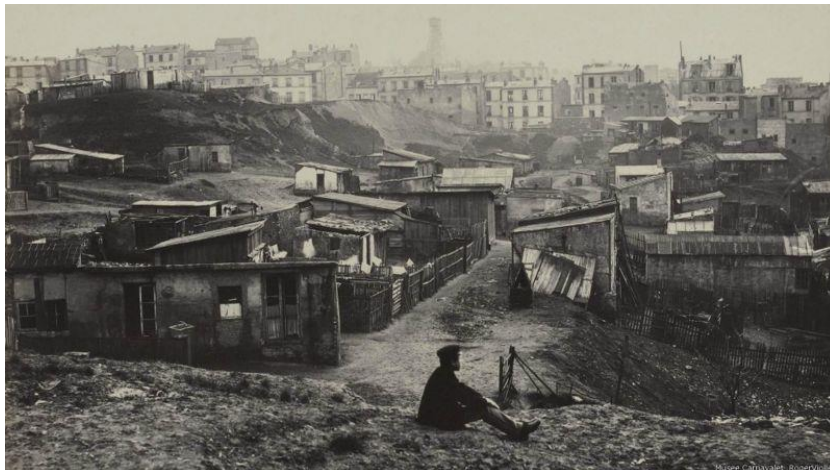


Figura 2.09 - Marville, 1877 - Vista do alto da Rue Champlain

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

"A sedução de uma cidade como Paris resulta da diversidade estilística das suas arquiteturas e dos seus espaços, que não devem de ser travados por uma conservação intransigente, mas continuados: é o caso da pirâmide do Louvre" (CHOAY, 1925).

Em França, proprietários reivindicam o seu direito de expor os seus bens de acordo com o seus prazeres e benefícios que desejarem, levando a que este argumento esbarre com a legislação que privilegia o interesse público.

A voz destes protestantes é de tal força, que a cada dia que passa é comprovada a sua determinação. Mas apesar de todas as ameaças, o consenso sobre a proteção de bens patrimoniais consegue falar mais alto, e todos os bens permanecem protegidos e devidamente eleitos para a sua conservação e restauro. (Opt. Cit.)

Desde então, a lista de objetos considerados como monumentos patrimoniais tem vindo a aumentar a cada ano. No ano de 2021 estão protegidos sob a alçada da UNESCO 1154 monumentos, 17 destes em Portugal.

2.3.2 | PATRIMÓNIO

A palavra "património" é frequentemente associada à ideia de "herança paterna", ou a "bens de família", tal como é definida em qualquer dicionário, ou, atualmente, ao conceito de "bem cultural". No fundo, este termo é associado a qualquer elemento que contenha "valor", um objeto singular, pessoal, local ou universal (FLORES, 1998).

Segundo a Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), o conceito de património está definido como

"um universo amplo e complexo, permanentemente presente no nosso quotidiano (...) é indissociável da realidade socioeconómica, requerendo conhecimento, proteção e valorização" (DGPC).

Considera-se como património monumentos e sítios com valores históricos, de memória, antiguidade, singularidade, raridade, entre outros.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“São bens que constituem testemunhos com valor de civilização ou de cultura.” (DGPC).

Como já referido, o século XX foi marcado pelo novo olhar sobre os novos usos dos monumentos, com a elaboração da Carta de Atenas em 1931 e a Carta de Veneza em 1964, o que alterou a preocupação subjacente entre as novas construções e o património cultural.

“(…) o processo de salvaguarda patrimonial implica uma trama complexa de elementos que passam pelo reconhecimento de que o património, hoje, é das sociedades e dos cidadãos, que vêm nele a sua identidade e memória, mas é também uma forma de contribuir para a melhoria do ordenamento do território, do desenvolvimento económico e social, integrado nas políticas públicas de expressão territorial numa adequada ponderação de interesses públicos e privados.” (MARTINS, 2011).

A Carta de Atenas apela, assim, à valorização dos monumentos, recomendando respeito na construção de edifícios avizinados dos mesmos. Também apela à necessidade de áreas verdes em volta dos monumentos “para lhes conservar o seu carácter antigo” (ICOMOS, 1931).

A Carta de Atenas recomenda, também, a colaboração dos arquitetos e dos conservadores, para que, em conjunto, preservem os monumentos, cada um da forma mais responsável possível. Por fim, a conferência faz votos que cada estado inventarie todos os seus monumentos “acompanhado de fotografias e descrições” (Op. Cit). Também qualquer tipo de alteração, preservação ou qualquer

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

trabalho deve de ser devidamente registado de forma que todas as informações estejam centralizadas (Op. Cit).

Já na Carta de Veneza, a noção de monumento histórico engloba a arquitetura isolada, estendendo o conceito não só a monumentos de grandiosa construção, “mas também às obras modestas que adquiriram com o tempo um significado cultural” (ICOMOS, 1964).

A nível nacional, em 1985 é estipulada a Lei n.º 13/85, mais conhecida como a “Lei do Património”, que define que o património cultural português constitui todos os bens materiais e imateriais que, “pelo seu reconhecido valor próprio, devam ser considerados como de interesse relevante para a permanência e identidade da cultura portuguesa através do tempo”. (ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, 1985).

Nesta medida, o património tem um papel fundamental no desenvolvimento de novos projetos, que, ao servirem as novas necessidades da comunidade tenham a possibilidade de, não só reabilitar cidades, como servir enquanto polos de atividades para a comunidade.

Porém, é necessário preservar a envolvente dos monumentos, quer esta sejam edifícios ou espaço público, pois esta é essencial na sua identificação enquanto valor patrimonial. O monumento não é definido apenas através da sua ocupação no território, mas serve de suporte ao espaço público, sendo integrante do mesmo. Neste sentido,

“o monumento desempenhará um papel da maior importância como elemento autónomo e com importância própria na forma urbana” (Lamas, 2011)

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Por fim, é o reconhecimento de bens com valor patrimonial e a sua preservação que permite que estes marcos iconográficos promovam o equilíbrio no controlo de gerações e no diálogo de civilizações. É importante a valorização histórica, urbana e social do lugar, sendo cruciais na reconstrução, valorização e compreensão do património.

2.4 | HABITAÇÃO TEMPORÁRIA

“É preciso dizer então como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num «canto do mundo»” (BACHELARD, 2003)

2.4.1 | TEMPO E ESPAÇO

A relação entre o tempo e o espaço é, desde há muito tempo, evidentemente fundamental, e necessária a compreensão da sua existência, pois um não existe sem o outro. Ou seja, tudo o que decorre num determinado tempo, decorre num determinado espaço, e tudo o que acontece num determinado espaço, decorre num período específico.

Em relação ao tempo, a nossa perceção é moldada pela experiência pessoal. Esta mesma experiência é diferente de indivíduo para indivíduo, originando padrões temporais distintos, influenciados por modelos culturais diversos e aplicados em contextos específicos.

Neste sentido, é perceptível a imensidão do tempo em que vivemos, e a influência que este tem sobre a relação interpessoal com o espaço, condicionando a perceção, a experiência e a permanência nos ambientes.

Marc Augé aborda meticulosamente esta dinâmica, abordando o espaço vivido como o 'lugar antropológico'.

"Reservaremos o termo de «lugar antropológico» a essa construção concreta e simbólica do espaço..." (AUGÉ, 1994).

No entanto, a caracterização de espaços “vivos” como lugares não significa que todos recebem essa designação. Estamos perante uma cultura marcada pela superabundância de fatores diversos que influenciam a afinidade individual com o espaço que nos rodeia, sendo uma consequência do domínio da lei da produtividade, resultando naquilo que Marc Augé denominou de “sobremodernidade”.

Este novo conceito leva a diversas modificações físicas, como o rápido deslocamento da população, o aumento de aglomerações urbanas e a alteração nas relações interpessoais com o espaço envolvente, gerando assim os “não-lugares”.

“O não-lugar será então um lugar que não é relacional, não é identitário e não é histórico.” (SILVANO, 2010).

Um “não-lugar” é definido como um espaço não relacional, incapaz de estabelecer qualquer tipo de relação com o utilizador. Estes espaços comunicam apenas através de mensagens, como por exemplo autoestradas e aeroportos, onde o utilizador é guiado apenas por placas ou sinais com as informações essenciais sobre a utilização do espaço durante o período de deslocação, transformando o espaço em meras passagens.

Neste contexto, observa-se que, tanto ao nível da evolução social e técnica, quanto dos modos de vida, e o número de locais transformados em não-lugares continua a aumentar.

“os não-lugares acolhem um número cada vez maior de indivíduos” (AUGÉ, 1994)

Esta distinção entre lugares e não-lugares permite-nos compreender as transformações que levam à substituição da cidade antiga por uma nova cidade.

2.4.2 | HABITAR

Um dos aspetos essenciais no que diz respeito à existência do ser humano, é a sua necessidade de habitar, como manifestação do ser em relação com o espaço propriamente dito. As formas de habitar são determinadas para cada indivíduo através da Casa, que tem evoluído desde as suas primeiras manifestações.

Inicialmente, a ação de habitar seria mais uma ação de proteção, de abrigo contra diversos fatores como intempéries, inimigos ou animais selvagens. Embora a habitação tenha inicialmente este fator de proteção/abrigo e de propriedade individual, estas características não se foram mantendo ao longo do tempo. Os espaços habitacionais perdem as suas características distintivas ao longo da sua constante evolução construtiva, dando origem a novos modos de habitar, novos espaços e novas tipologias.

Essas novas tipologias respondem à cultura moderna, à rápida evolução da população, à instabilidade profissional e financeira que transforma a casa num local indiferente, onde o tempo de permanência é reduzido apenas ao tempo de descanso.

A permanência transforma-se num quase nomadismo, a casa torna-se o local onde apenas retornamos à noite, pois não temos outro

local para ir e descansar. A noção de casa como local permanente desaparece, assim como a ideia de habitação fixa. Vive-se constantemente de não-lugar em não-lugar, onde a apropriação do espaço não ocorre permanentemente.

A casa passa a ser reconhecida como um espaço de passagem, onde a nossa estadia é temporária. E, assim, este fenómeno gera um novo paradigma de habitar.

2.4.3 | HABITAÇÃO TEMPORÁRIA

No contexto da habitação temporária, mesmo sendo transitória, torna-se essencial para as exigências diárias quando há a necessidade de deslocamento por longos períodos, seja por motivos de trabalho, estudo ou circunstâncias extraordinárias que exigem uma mudança temporária.

Existem vários tipos de habitações comuns que, à primeira vista, não se distinguem facilmente das permanentes, podendo ser apartamentos, edifícios urbanos ou rurais, moradias ou qualquer tipo de residência convencional. Além dessas, existe uma categoria de habitação conhecida como Residência, frequentemente associada a estudantes deslocados das suas terras natal, sendo espaços criados ou adaptados especificamente para essa funcionalidade.

Estas residências podem variar entre quartos privados, partilhados por dois ou mais ocupantes, onde todos os outros compartimentos são compartilhados pelos habitantes. Instalações sanitárias, salas de convívio, zonas de refeições e de estudo são comuns, tornando estes espaços impessoais de certa forma, mas lugares de comunicação com os coabitantes.

Para além de residências de estudantes, o conceito de habitação temporária pode abranger também a habitação comum, onde proprietários alugam apartamentos ou casas a vários indivíduos, onde os espaços comuns são compartilhados, e o quarto é o único espaço individual de quem lá habita.

Em alguns países, o conceito de habitação temporária difere, com características adaptadas para facilitar a procura/oferta e promover convivência de diversas culturas, ideologias e crenças em um único espaço. Em outros casos, não apenas os ocupantes, mas as próprias habitações são efémeras, sendo construídas e desconstruídas conforme as necessidades e preferências de casa usuário, muitas vezes com a utilização de materiais reciclados.

Atualmente, a habitação temporária apresenta uma crescente diversidade, incorporando novas formas e materiais, garantindo a sua durabilidade e flexibilidade, adaptando-se às necessidades dos seus habitantes.

3 | CASOS DE REFERÊNCIA

3.1 | INTRODUÇÃO

“Aprender a ver, que é fundamental, para um arquiteto e para todas as pessoas. Não só olhar, mas a ver em profundidade, em detalhe, na globalidade.”

Álvaro Siza Vieira

Os seguintes casos de referência foram escolhidos tendo em conta os três temas principais deste projeto: Luz, Cor e Matéria enquanto elementos qualificadores do espaço arquitetónico; a Reabilitação de edifícios com as mesmas características funcionais do objeto de estudo, e, por último, a mesma função que é pretendida integrar na proposta, ou seja, a Habitação Temporária.

CASOS DE REFERÊNCIA

3.2 | RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DO CAMPUS DA AJUDA,
LISBOA, CVDB

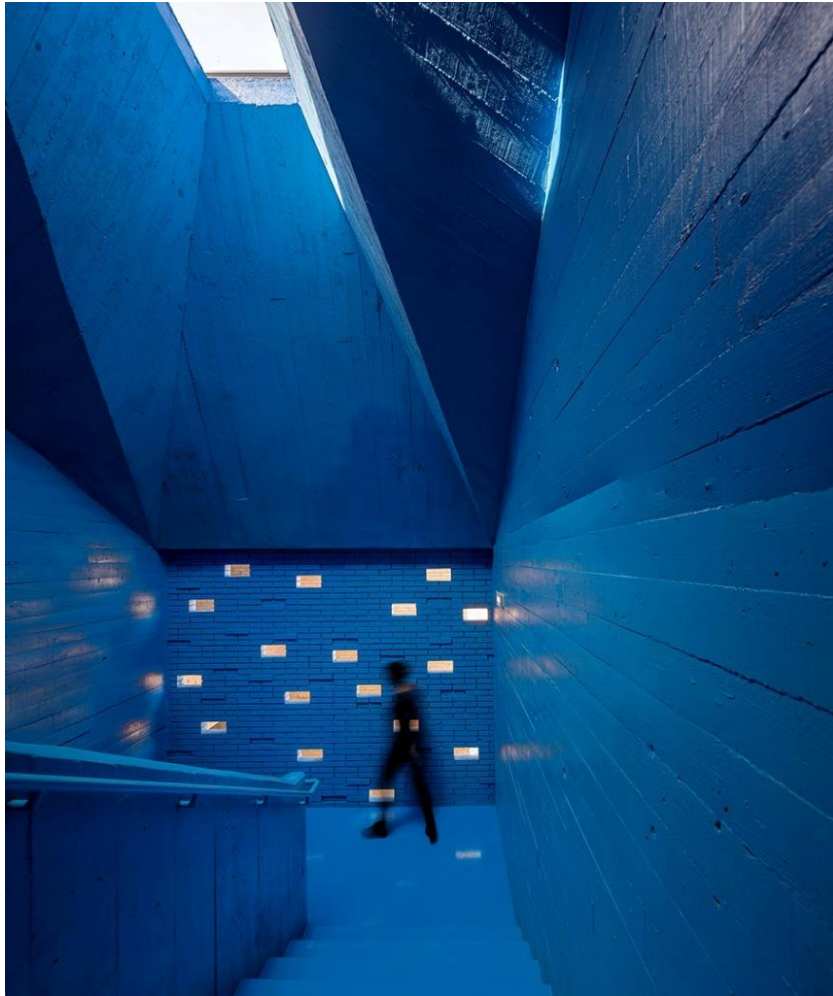


Fig. 3.01 - Acesso vertical zona azul, fotografia de Fernando Guerra

CASOS DE REFERÊNCIA

Considerou-se a Residência de Estudantes do Campo da Ajuda, em Lisboa, como caso de referência devido à sua utilização de Luz, Cor e Materiais na qualificação dos espaços, e pela sua organização dos espaços de circulação, habitação e espaços comuns.

O edifício é composto por duas fases de construção (estando apenas a primeira fase concluída), sendo que a sua concretização final apresenta um edifício compacto, com a sua circulação em torno de todo o edifício, formando um corredor contínuo. Esta condição é equilibrada e dinamizada com a criação de enfiamentos visuais, através de um conjunto de espaços informais de estadia, espaços de

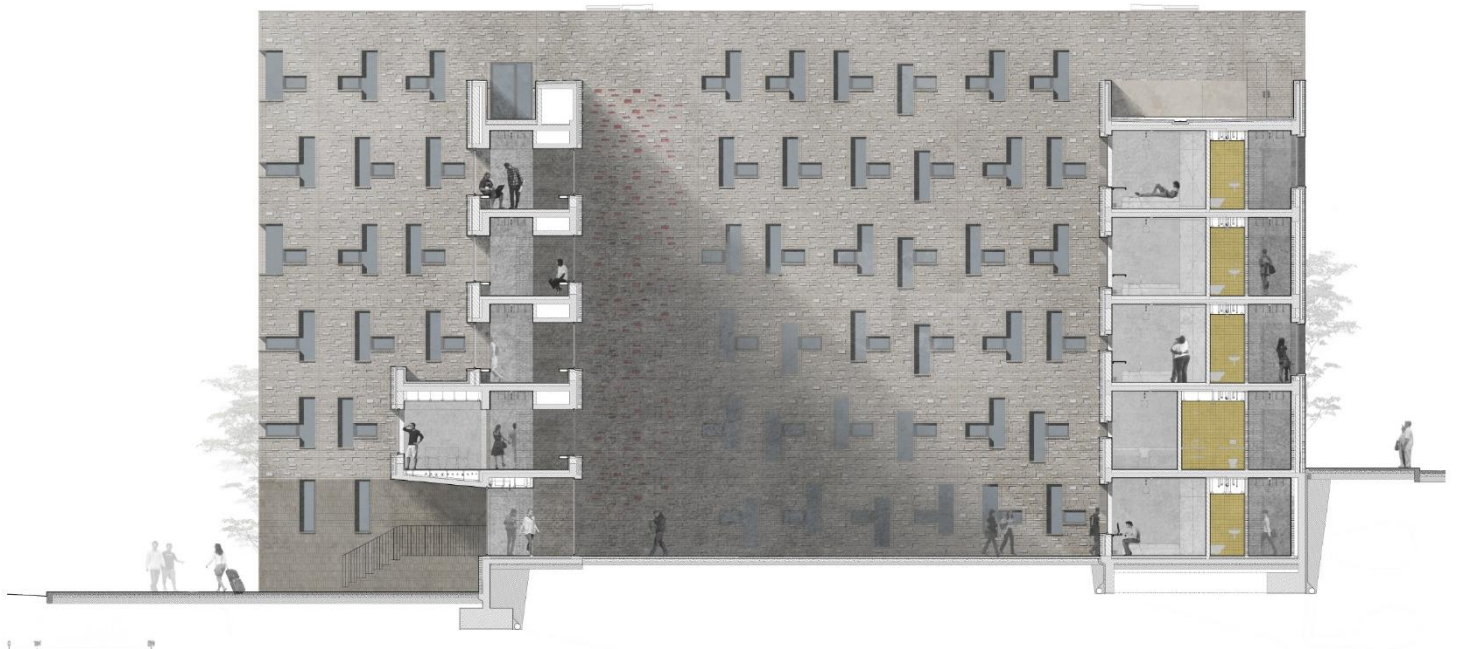


Fig. 3.02 -Secção pelas zonas de estadia e pátio interior.

estudo e de convívio.

As escadas localizam-se nas esquinas do pátio interior, caracterizando-se por representarem um espaço exterior coberto, devido às várias aberturas na fachada. Em conjunto com esta característica, os acessos verticais destacam-se pela sua iluminação zenital e a sua acentuação cromática.

A cor, presente em todo o interior do edifício, reflete-se de forma subtil na fachada exterior através das perfurações, ganhando ainda mais destaque com a iluminação do interior do edifício.

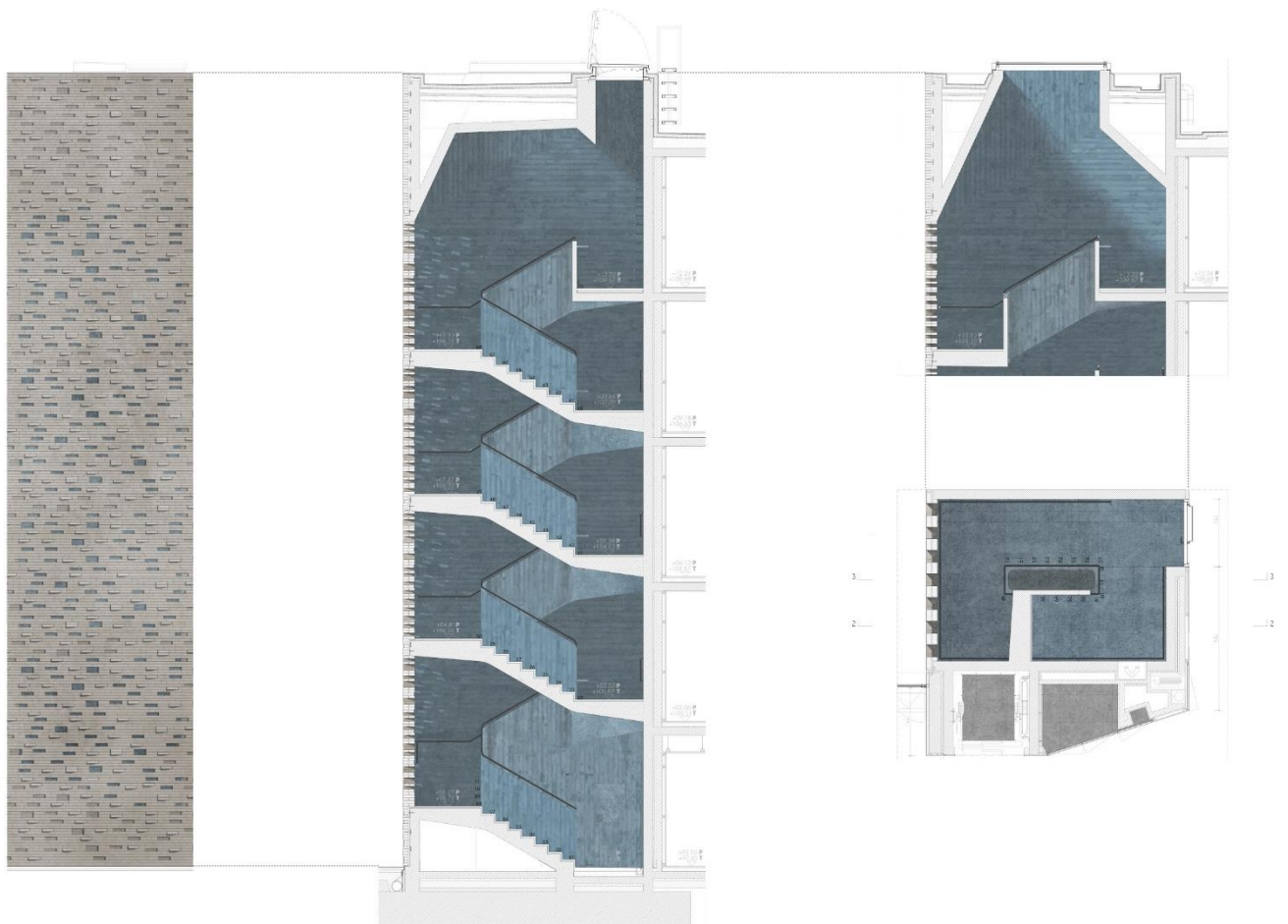


Fig. 3.03 - Alçado, cortes e planta do acesso vertical da zona azul.

CASOS DE REFERÊNCIA

3.3 | THE NELSON-ATKINS MUSEUM OF ART, STEVEN HOLL



Fig. 3.04 - Contraste entre o novo e o existente.

CASOS DE REFERÊNCIA

Este caso de referência, trata-se de um projeto de reabilitação que reflete a preocupação com a utilização da luz. A utilização do material UGlass fez com que este caso seja considerado uma referência, já que o mesmo material será utilizado no projeto.



Fig. 3.05 – Relação do novo com o existente.

Este edifício localiza-se na cidade de Kansas City, tendo sido inaugurado como museu no ano de 1933. O projeto de reabilitação de Steven Holl baseia-se na adição de elementos, de forma a responder às necessidades que o edifício principal apresentava.

Esta expansão ao Museu funde arquitetura com paisagem para criar uma arquitetura experiencial que se desdobra para os visitantes à medida que é percebida através do movimento de cada indivíduo, através do espaço e do tempo, transformando todo o recinto na experiência do visitante.



Fig. 3.06 - Novos edifícios.

Esta nova adição caracteriza-se por cinco edifícios em que as suas fachadas são desenhadas apenas com o material UGlass, transformando estes elementos em “lentes de vidro”.

O movimento destas cinco lentes pelo recinto em conjunto com a utilização de luz tece ao projeto um dinamismo fluido baseado na relação sensível com o seu contexto. Em vez de uma adição em massa, o novo conjunto torna-se um elemento contrastante complementar ao clássico original de 1933.

CASOS DE REFERÊNCIA



Fig.3.07 - Edifício iluminado.

À noite, os volumes de vidro brilhante proporcionam uma transparência convidativa, atraindo visitantes para eventos e atividades noturnas. As múltiplas camadas de vidro que compõem o UGlass captam, difundem e refratam a luz, dando um parecer de bloco de gelo aos edifícios. Durante o dia, as lentes de vidro injetam diferentes qualidades de luz às galreias interiores.

CASOS DE REFERÊNCIA



4 | O LUGAR

4.1 | NOTA INTRODUTÓRIA

A área em análise neste capítulo abrange as freguesias da Ajuda e de Belém, situadas nas imediações do Antigo Quartel do Regimento de Lanceiros nº2. A sua localização na fronteira entre ambas as freguesias, aliada à presença da Calçada da Ajuda, um eixo significativo, torna a área de intervenção num porto de ligação importante para a população de ambas as freguesias.

Neste sentido, a análise de ambas as freguesias torna-se relevante para este projeto, uma vez que esta população será a principal beneficiária do programa proposto, consolidando assim o projeto como um elemento unificador entre elas.

4.2 | FREGUESIA DA AJUDA

4.2.1 | CONTEXTO HISTÓRICO

A Freguesia da Ajuda assenta todo o seu princípio histórico em torno de uma lenda, tal como a maioria das povoações portuguesas. Neste caso, a lenda fala sobre uma imagem que foi encontrada na fenda de uma rocha, e a notícia fez com que o povo acorresse ao local para ver e venerar essa imagem. Desta ida constante do povo ao local, surge a necessidade de ter um local específico para ver e venerar o milagre, e, então, à construção de uma ermida de Nossa Senhora da Ajuda. Consequentemente, a população começa a montar tendas de vendas e habitações em torno da ermida, de forma a serem protegidos pela mesma e para a poderem venerar mais facilmente.

“A ermida de Nossa Senhora da Ajuda he anexa aa sé estaa fora dos muros, tem hum capellão que tem d’ordenado do cabido com as mais esmolos e benesses cem cruzados. há nesta ermida hum sprital em que há hũa casa para hum ermitão que tem, com gasalhado para pobres a que os confrades dão cama, lume, e agoa, e para isso tem hum moyo de trigo de renda. E tem duas confrarias: hũa de nossa senhora, e outra de san sebastiam. valem as esmolos destas confrarias trinta cruzados.” (Oliveira, 1551)¹¹

¹¹ Citação em: Junta de Freguesia da Ajuda - História

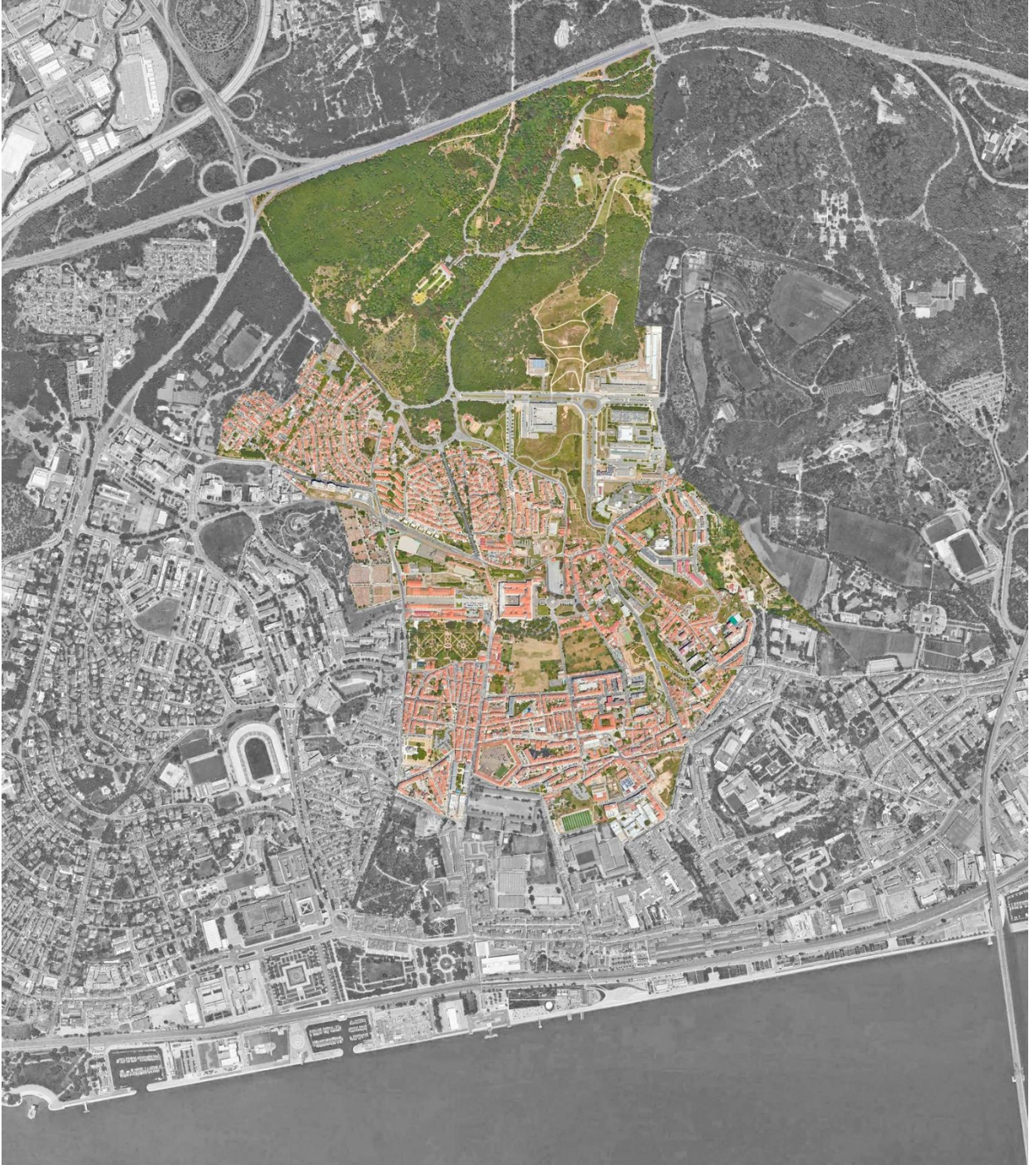
O LUGAR

Com a vinda da corte para esta zona, com o intuito de venerar a imagem, houve, em pouco tempo, a necessidade da construção de uma nova igreja, com dimensões maiores, que acolhesse todos os seus devotos. Também com a vinda da corte, alguns fidalgos seguiram, e construíram casas de campo em redor da igreja, elevando a igreja à categoria de paróquia.

Durante os próximos 200 anos, esta zona assim se manteve, até ao terramoto de 1755.

Este acontecimento levou a que a corte se refugiasse nas zonas de Lisboa que não foram afetadas, por receio a futuras inundações. Assim, a corte se instala no Alto da Ajuda, onde se construiu a Real Barraca, uma construção em madeira e lona, e de tendas que alojassem todos os serviços necessários à governação do reino. No entanto, esta torna-se uma habitação temporária, já que, em 1794 esta fica totalmente destruída devido a um incêndio que ali deflagrou. No seu lugar, surge um novo edifício que nos é conhecido hoje: o Palácio Nacional da Ajuda.

O LUGAR



4.2.2 | POPULAÇÃO E EDIFICADO

A Ajuda localiza-se na zona ocidental de Lisboa, ocupando cerca de 2,88 km², tendo atualmente cerca de 14 313 habitantes, segundo os censos de 2021, menos 8.37% desde os censos de 2011.

A população enquadra-se maioritariamente no grupo etário entre os 25 e os 64 anos (cerca de 51%), sendo o segundo maior grupo etário o dos "65 ou mais" anos de idade, podemos concluir que a população residente pode ser considerada de mais envelhecida.

Tal como nos censos de 2011, o nível de instrução mais atingido continua a ser o ensino básico, com cerca de 44% de toda a população.

Existe um total de 6 552 habitações, onde 87% destas não dispõem de lugar de estacionamento ou garagem própria. Deste total de habitações, 45% são habitações próprias, ou seja, mais de metade das habitações são alugadas.

O LUGAR

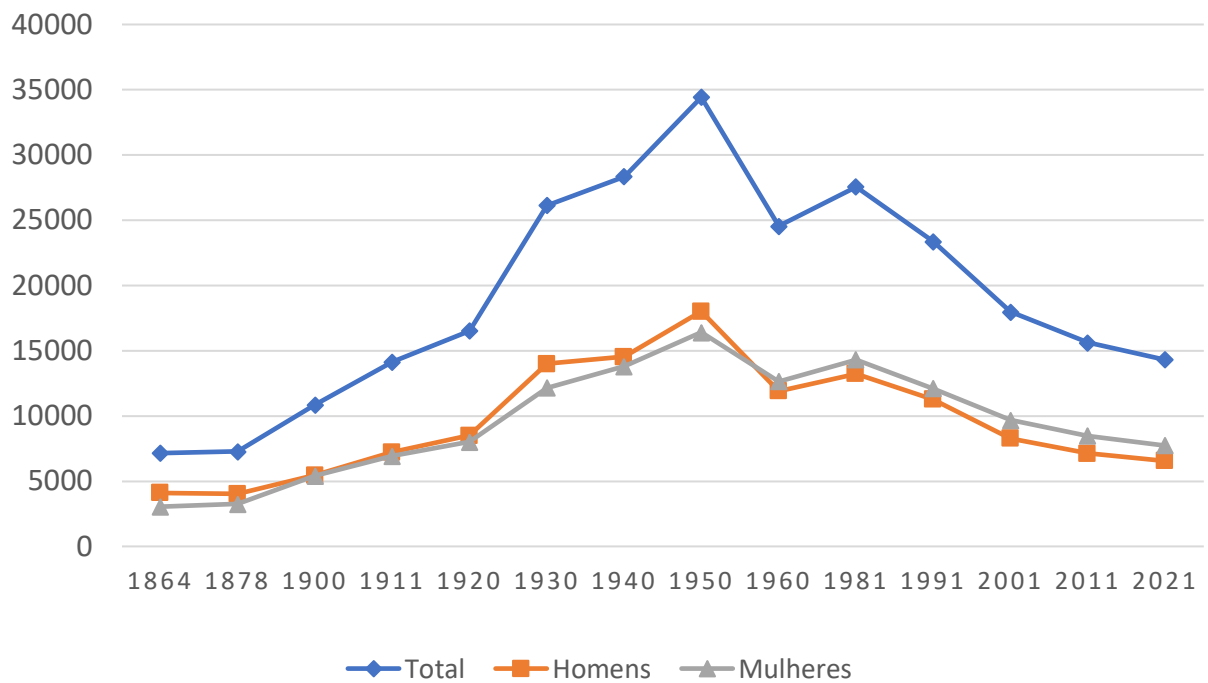


Fig. 4.02 - Evolução da População da Freguesia da Ajuda

4.3 | FREGUESIA DE BELÉM

4.3.1 | CONTEXTO HISTÓRICO

A sua proximidade com o rio Tejo possibilitou o desenvolvimento de várias atividades relacionadas com o próprio rio e, daí se desenvolve uma pequena aldeia – a aldeia do Restelo. Nascido num pequeno lugar que levava a que os marinheiros por ali ficassem, em vez de continuarem até Lisboa. No século XIV, mouros cultivavam as terras, e com a produção que conseguiam abasteciam a cidade. Outros mouros, livres e escravos, do pequeno porto que ali se encontrava, partiam para a pesca.

“Ora, foi para dar apoio religioso e espiritual a essa gente que se agitava em torno desse pequeno porto em crescimento, a esses embarcações que largavam e aportavam, que o infante D. Henrique, movido de piedosas intenções, mandou edificar junto do referido embarcadero uma igreja de invocação da bem-aventurada Maria, logo por ele doada à Ordem de Cristo; parece que o mesmo infante, por carta de 18 de Setembro de 1460, terá mandado construir um chafariz e uma fonte, abastecendo assim as gentes e os gados da região.”¹²

¹² Junta de Freguesia de Belém (no date). *Belém: Lisboa a Ocidente*. Available at: <https://www.jf-belem.pt/historia/> [Accessed: November 8, 2022]

Durante os seguintes anos, o porto do Restelo não sofreu grandes desenvolvimentos, nem novas povoações que fossem de grande interesse. Mesmo após a construção da nova igreja e mosteiro por D. Manuel não se observa grande resposta nem qualquer desenvolvimento populacional e urbano de realce. O que se observou foi uma integração na cidade de Lisboa.

Aquando da construção do novo mosteiro, D. Manuel atribui o mesmo à invocação de Santa Maria de Belém, de forma a aludir à adoração do menino pelos reis magos. O mesmo monarca, manda construir “uma torre de quatro plataformas, erguida em cantaria (...)”¹³. Assim se forma o conjunto manuelino que ainda hoje conhecemos - Torre de Belém/Mosteiro dos Jerónimos.

Desde então, começam a aparecer várias quintas, não sendo apenas quintas de produção e rendimento, mas sim quintas para recreio e descanso da nobreza. Com a população a crescer pouco a pouco, novos conventos vão sendo construídos, e o cariz de subúrbio da capital vai-se acentuando.

Algures entre 1551 e 1591, é erguida a freguesia de Nossa Senhora da Ajuda, mas sendo o seu território demasiado vasto, esta divide-se em duas sucursais, sendo que uma se instala no mosteiro de Belém.

A zona torna-se cada vez mais de interesse e até D. João V ali adquire um conjunto de quintas e propriedades.

A 1 de novembro de 1755 dá-se o terramoto que devasta grande parte da cidade de Lisboa, sendo que a Ajuda e Belém foram das zonas menos afetadas. Tal circunstância faz com que a população para ali se dirigisse e instalasse. O próprio rei D. José e a corte para

¹³ Citando Damiam de Góis, junta de freguesia de belém

ali se mudam, para a então Real Barraca, no local onde hoje podemos ver o Palácio Nacional da Ajuda.

Esta permanência da corte na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda faz com que o eixo Belém-Ajuda se torne o centro do funcionalismo e da burocracia, atraindo tanto o comércio como o lazer para estas zonas. Também a presença militar se tornou uma realidade neste eixo, com a construção de regimentos e quartéis, como o quartel do Conde de Lippe, que ainda lá permanece no mesmo local.

Em 1770 é criada a freguesia de São Pedro de Alcântara, que abrange território a poente da ribeira, desanexado da freguesia da Ajuda. Também no mesmo reinado é oficialmente instituído o bairro de Belém, que abrangia toda a freguesia da Ajuda, parte de Alcântara e Santa Isabel, e, ainda, a freguesia de Benfica, Belas, Barcarena e Carnaxide.

O século XVIII e o início do século XIX foi repleto de contrariedades que afastaram dali o centro político do país. Em 1794 dá-se o incêndio na Real Barraca, obrigando a família real a instalar-se no palácio de Queluz, enquanto o novo palácio é construído.

É ao longo da segunda metade do século XVIII que Belém tem o seu desenvolvimento industrial, e é já no século seguinte observa-se o aparecimento de várias oficinas e indústrias.

É em 1833 que, oficialmente, se institui a freguesia de Santa Maria de Belém, com sede na igreja dos Jerónimos. Ao longo da segunda metade do século XIX observa-se um grande desenvolvimento da indústria, e, conseqüentemente, da população, que ali se instala.

Foi por volta desta altura que se acentuou a presença da família real, pois estes decidiram habitar o inacabado palácio no Alto da Ajuda.

O LUGAR

Na transição para o século XX já Belém estava consideravelmente evoluído, com a sua população a crescer cada vez mais e, a acrescer a este desenvolvimento, a adição do elétrico, que cria uma ligação mais forte ao centro da cidade.

É em 1940 que acontece a mudança mais radical: com a Exposição do Mundo Português, evento que obrigou à demolição de uma grande parte do núcleo central de Belém e que hoje podemos ver na praça do Império.

Desde então, Belém assumiu o seu papel de centro cultural e monumental, trazendo vários turistas todos os dias a esta zona.



Figura 4.03 - Limites da Freguesia de Belém (Google maps com edição do autor)

O LUGAR

4.3.2 | POPULAÇÃO E EDIFICADO

A freguesia de Belém localiza-se na zona mais ocidental da capital, ocupando cerca de 10,43 km² do território.

A sua população, segundo os censos de 2021, é de 16 549 habitantes, sendo que 48% da população tem entre 25 e 64 anos de idade. O segundo grupo etário mais atingido é o dos "65 anos ou mais", então, tal como na freguesia da Ajuda, podemos considerar que se trata de uma população mais envelhecida.

Existe um total de 2 885 edifícios na freguesia e 7 155 habitações e apenas 39,86% destas habitações dispõem de lugar de estacionamento ou garagem própria.

O LUGAR

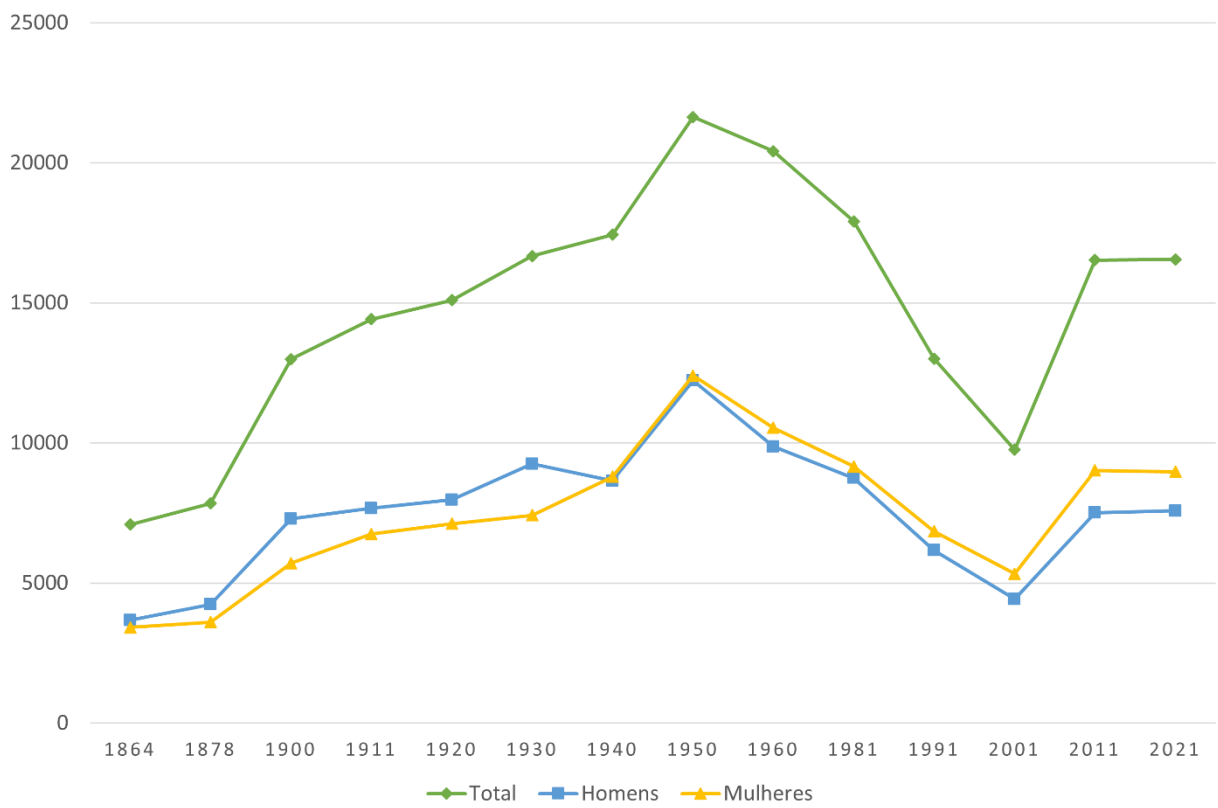


Fig. 4.04 - Evolução da População da Freguesia de Belém

4.4 | ANTIGO QUARTEL DO REGIMENTO DE LANCEIROS Nº2

4.4.1 | CONTEXTO HISTÓRICO

A criação do Regimento de Lanceiros nº2 remota a 1833, aquando da criação do Regimento de Lanceiros da Rainha. Um ano mais tarde, com a reorganização do Exército, passa a chamar-se de Regimento de Cavalaria nº2, e instala-se na Calçada da Ajuda, nas instalações construídas a mando do Marquês de Pombal em 1790 e planeado originalmente para a Guarda de Corpo (fig.4.05).

Ao longo dos anos, o desenho do projeto originalmente pensado foi sendo alterado, incluindo a abertura de um eixo central, e a alteração de várias fachadas, abrindo e fechando vários vãos.

O regimento foi passando por várias instabilidades políticas com todas as instabilidades que o nosso país passou, como a Implantação da República e a Revolução de 25 de abril de 1974. Estas instabilidades foram mais observadas nas alterações feitas à denominação do Regimento, que passam por Regimento de Cavalaria nº2, Regimento de Cavalaria 2 - Lanceiros D'El Rei, Regimento da Polícia Militar, etc. Até que, em 1993, esta alteração de nomes estabiliza, e o regimento volta ao nome da sua arma tradicional: Regimento de Lanceiros nº2.

O LUGAR

A julho de 2015, o Regimento de Lanceiros nº2 é transferido para as suas instalações atuais na Amadora, deixando o quartel ao abandono.

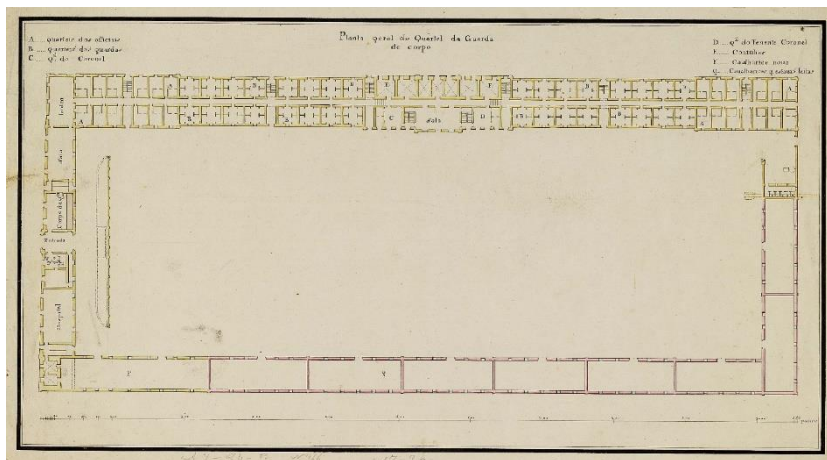


Fig. 4.05 - Planta do projeto original do Quartel da Guarda de Corpo - séc. XVIII - Ref.: 447-1-3-5

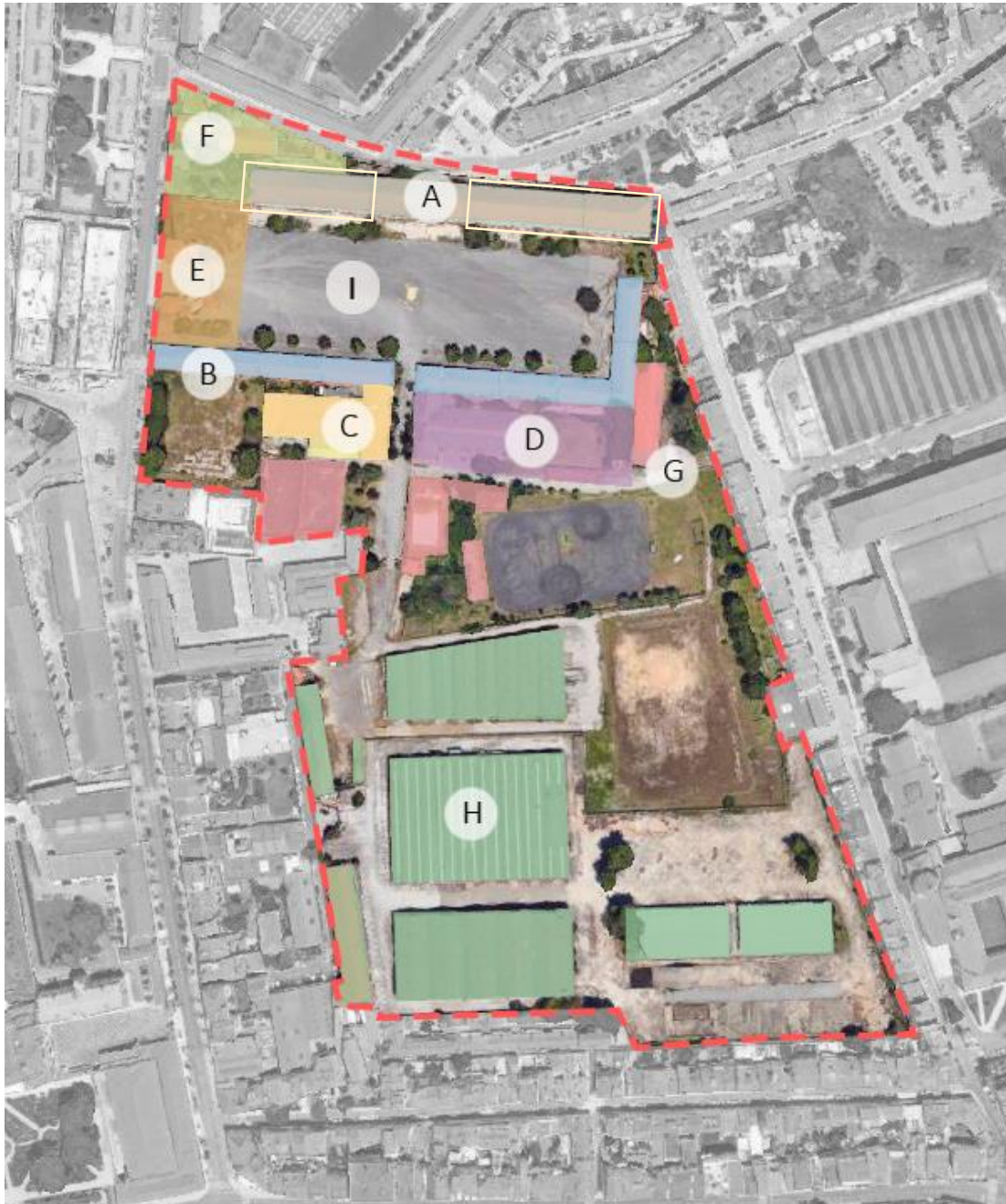
4.4.2 | CARACTERIZAÇÃO ARQUITETÓNICA

A implantação do antigo quartel estende-se numa área total de 69 000 m², sendo que 18 063 m² equivalem a área coberta, construídos ao longo de três séculos.

Como podemos observar na figura 4.06, a zona A pode ser dividida em dois, já que o corpo central foi construída no século XVIII e os volumes laterais datam o século XIX. Os armazéns identificados como zona B datam, também, o século XVIII. As restantes áreas datam o século XX, aparecendo apenas a partir da planta de 1950 (fig. 4.08).

Em relação à função de cada edifício deste conjunto, sabe-se que o edifício principal, ou zona A, seria o Comando, o edifício que nunca foi terminado - o corpo mais a poente nunca terá saído do papel. A zona B seriam os armazéns e cavalariças, a nascente e a poente, respetivamente. A zona C seria o refeitório e cozinha, a zona D terá sido um ginásio ou pavilhão desportivo, e conseguimos ainda observar a existência de vários campos de desporto e uma piscina.

A zona E trata-se da entrada principal para o conjunto pela Calçada da Ajuda, apresentando uma planta hexagonal, e a Porta de Armas. A zona G contém um armazém, à direita dos armazéns, e, mais a sul,



A - Comando; B - Armazéns e Cavalarias; C - Refeitório e Cozinhas; D - Pavilhão Desportivo; E - Entrada Principal; F - Desconhecido; G - Armazém, Piscina e Campos de Futebol; H - Desconhecido; I - Parada

Fig. 4.06 - Área de implantação e identificação das várias zonas (Google Earth 2021, com adaptações do autor)

O LUGAR



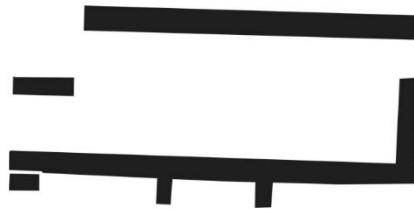
1. "Maria Papoila", 1937 | Google Earth, 2022
2. "Maria Papoila", 1937 | Google Earth, 2022
3. "Maria Papoila", 1937 | Google Earth, 2022
4. Arquivo Histórico Militar | Autor, 2022
5. Arquivo Histórico Militar | Autor, 2022

Fig. 4.07 - Comparação de vãos com a atualidade

O LUGAR



1807 - Duarte Fava



1856 - Filipe Folque



1911 - Silva Pinto



1950

O LUGAR



Fig. 4.08 - Evolução histórica da construção dos edifícios

4.4.3 | TEORIA DE VALOR

Após a análise de documentos históricos e após a visita ao local de intervenção é possível chegar a uma possível avaliação de teoria de valor dos edifícios e estruturas presentes no local.

Numa primeira avaliação, considerou-se a delimitação da área de intervenção do quartel, utilizando aproximadamente apenas metade da área total, devido a duas razões: a área total de implantação é excessiva considerando o tempo disponível para o desenvolvimento deste trabalho, e, as áreas de interesse para intervir no seu interior são as áreas B, C, D e E (Fig. 4.09) juntamente com a parada central.

Após esta primeira avaliação de toda a área de intervenção, propõem-se a demolição das zonas F, G, H e parte das zonas C e D (estruturas agregadas à volumetria principal, que não possuem qualquer tipo de valor qualificador do espaço) (Fig.4.09). Do mesmo modo, propõem-se a demolição de parte do muro que separa a zona oeste da parada (1) e a Calçada da Ajuda, a abertura das entradas a nascente, sendo que a entrada (2) já existe, e a abertura do muro na entrada (3). Estas duas promovem a ligação entre a área do quartel com a Rua Alexandre de Sá Pinto. A sul, a entrada já existente (4) será mantida para a alocação da entrada para o



Fig. 4.09 - Definição das áreas de intervenção, de acessos e demolições - Google Earth e adaptação do autor, 2023

O LUGAR

estacionamento subterrâneo.





Todas estas aberturas em conjunto permitem criar ligações entre o espaço definido pelo quartel, e o que será o projeto proposto, com a cidade e a comunidade que rodeia o quartel.

A zona F, encontra-se sem utilização, ou devoluta, então não apresenta qualquer tipo de valor qualificador do espaço. Assim, neste espaço será proposto um miradouro, que unirá a Calçada da Ajuda à vista privilegiada sobre o jardim (proposto), a cidade e o rio tejo (Fig.4.10).



Fig. 4.10 - Desenho vista do Miradouro - Autor, 2023

No que toca às zonas de intervenção, todos os elementos arquitetónicos foram avaliados segundo uma teoria de valor. Existem 4 níveis de valor:

-  A - Elementos considerados de índole patrimonial, identitários e exemplares que pelo seu valor devem de ser representados na sua situação atual;
-  B - Elementos com valor estético, material ou construtivo intrínseco, mas que necessitam de outro enquadramento;
-  C - Elementos sem valor patrimonial, material ou estético, podendo originar em ações de demolição ou substituição, nunca colocando em causa a leitura e qualidade total do objeto de intervenção nem a sua identidade;
-  D - Elementos que pela sua materialidade, sistema construtivo, ou simples presença, comprometem aspetos de estabilidade do edifício, ou comprometem a leitura identitária e histórica do conjunto. Estes elementos devem de ser demolidos/substituídos.

Com estes níveis em consideração, em conjunto com toda a análise de imagens históricas e atuais, a avaliação geral do conjunto de edifícios é: as zonas F, G e H não representam qualquer valor patrimonial, histórico ou artístico, já que são estruturas do séc.XX, estando assim representadas a Azul (Fig.4.11). As estruturas representadas pelas letras C e D, a antiga cantina e o antigo pavilhão desportivos, respetivamente, são, também edifícios do séc.XX, e

apesar de não apresentarem grande valor patrimonial, podem ser considerados elementos que, através do seu desenho, caracterizam



Fig. 4.11 - Teoria de Valor geral - Google Earth e adaptação do autor, 2023

o desenho conjunto de todo o quartel, estando assim representados a verde (C).

Por último, os edifícios das zonas B e E são elementos com valor estético, material e construtivo, porém, ao longo dos anos, os vãos foram sendo alterados, e, conseqüentemente, estes edifícios não se encontram no seu estado original, à exceção dos dois armazéns mais

a Este, que ainda mantém os seus vãos originais do projeto do séc. XVIII. Assim, em ambas as zonas, consideram-se elementos de índole patrimonial (A - vermelho) as paredes exteriores e as coberturas; todos os vãos são considerados elementos de valor estético, mas devido às alterações realizadas, apenas a sua métrica será mantida, sendo considerados a amarelo (B). Todos os outros elementos, ou seja, paredes e divisórias interiores serão considerados elementos sem valor, sendo representados a azul (D) (Fig. 4.13).

A nível das plantas, em continuidade com o referido acerca da zona D, Considera-se que as paredes estruturais e exteriores dos armazéns (zona B e E) são de alto valor patrimonial, sendo que apenas os vãos, já que não são os vãos originais, são considerados sem valor patrimonial. Já todos os elementos interiores (paredes, acessos verticais e divisórias) não contêm valor patrimonial, e serão, portanto, demolidos. Em relação às zonas C e D, apesar de não terem valor patrimonial, serão consideradas as paredes exteriores e estruturais como elementos com valor material e construtivo, sendo que todas as paredes e divisórias interiores não contêm qualquer tipo de valor e serão, portanto, demolidas. (Fig. 4.12 e Fig. 4.13).



Fig. 4.12 - Teoria de Valor zonas B e C - Autor, 2023.



Fig. 4.13 - Teoria de valor zonas D e E- Autor, 2023.

O LUGAR



Fig. 4.14 - Fotografias interior armazéns zona E - Autor, 2022



Fig. 4.15 - Fotografia interior zona D - Autor, 2022

O LUGAR



Fig. 4.16 - Fotografias interior zona C - Autor, 2022



Fig. 4.17 - Fotografia interior zona C - Autor, 2022

5.1 | PROGRAMA PROPOSTO

O programa proposto tem como principal objetivo a reabilitação do Antigo Quartel dos Lanceiros nº2, localizado na Calçada da Ajuda, de forma a dinamizar este local e integrá-lo na população que o envolve. Assim, o programa proposta trata-se da utilização dos edifício existentes para espaços de uso público e espaços de uso privado.

Como espaços de uso público, propõe-se um auditório e um espaço polivalente, que possam ser utilizados para vários fins, de acordo com aquilo que a comunidade necessite. Após a avaliação dos serviços envolventes, foi observado que a existência de espaços de comércio é reduzida, portanto, propõem-se a criação de vários espaços dedicados a comércio local e ainda um espaço onde possa existir um mercado informal no jardim localizado na antiga Parada. A Norte, na área definida como zona F na figura 4.09, é proposto um miradouro, que une a Calçada da Ajuda à vista sobre a Cidade de Lisboa e o Tejo.

Na antiga Parada do quartel propõem-se a sua conversão em um jardim, com espaços de permanência, já que após uma análise na área envolvente, não existem muitos espaços verdes de estadia de acesso público. Após esta mesma análise, foi observado também que o estacionamento é uma grande problemática. É, então, proposto a construção de um estacionamento subterrâneo sob o novo jardim, com acesso através da Travessa do Desembargador. Como espaços privados, temos a proposta deste Projeto Final de

PROPOSTA

Mestrado: habitações temporárias. Propõem-se a utilização dos antigos armazéns do quartel para a localização destas habitações, em conjunto com algumas zonas de acesso comum, tais como cozinhas, espaços de estadia, espaços de estudo, lavandaria e instalações sanitárias.

O edifício mais a norte, identificado como a zona A na figura 4.09, apresenta-se com um valor histórico e arquitetónico superior aos restantes edifícios, e, em conjunto com a sua dimensão, optou-se por não se intervir no mesmo. Propõem-se, no entanto, a possível implementação de um Centro Museológico, onde se possa visitar e aprender sobre a história do Quartel do Regimento de Lanceiros nº2.

A partir deste programa, desenvolveu-se o projeto tendo em consideração toda a investigação realizada e exposta neste documento sobre o tema Luz, Cor e Matéria.

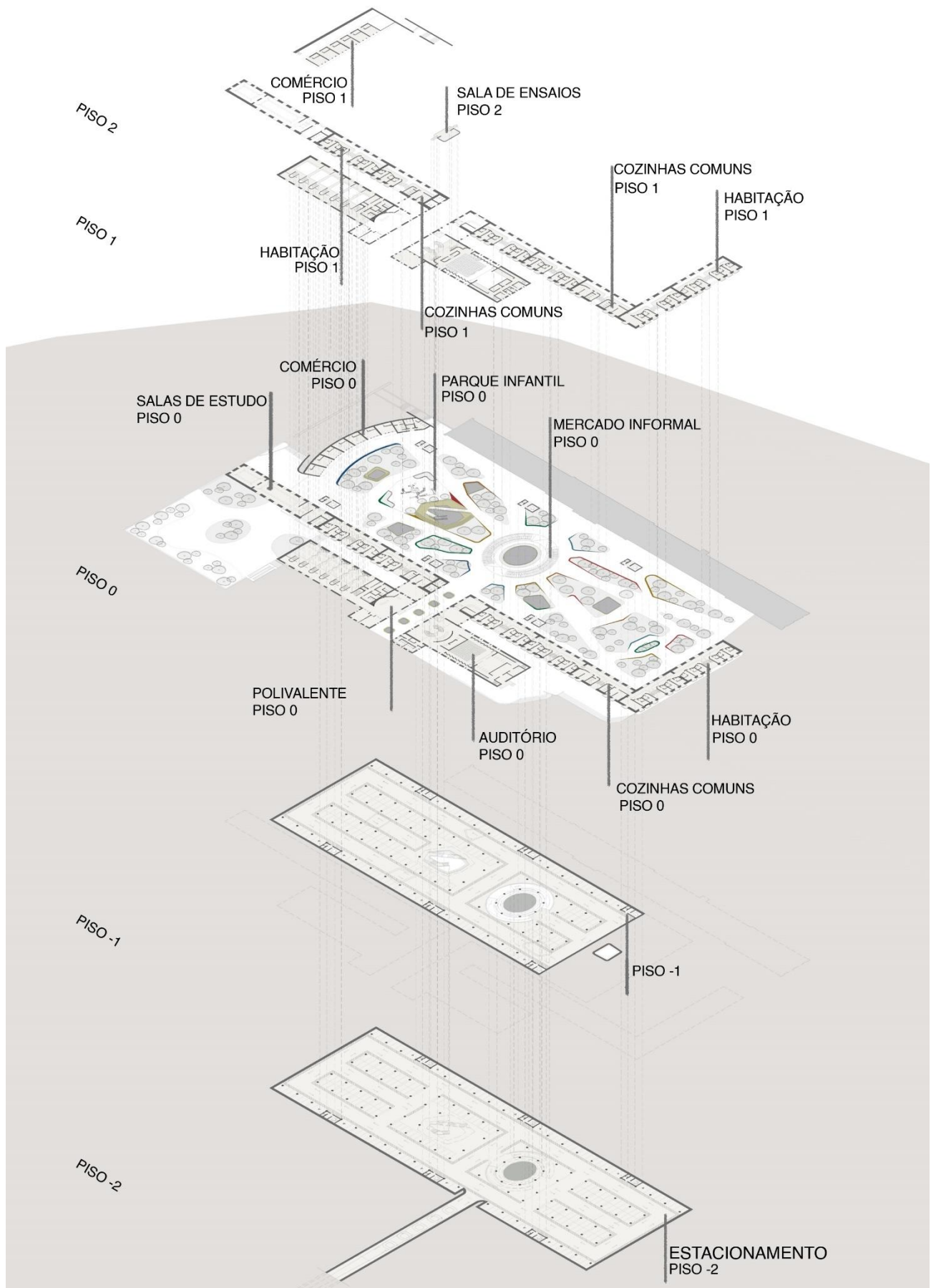


Fig. 5.01 - Programa proposto em perspectiva explodida - Autor, 2023

5.2 | DESCRIÇÃO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO

5.2.1 | ESTACIONAMENTO E JARDIM

Conforme mencionado anteriormente, a área envolvente à zona de intervenção carece de estacionamento público e de espaços de estadia com jardim. Portanto, propõe-se a reconfiguração da área da Parada, destinando-se a um jardim acolhedor e multifuncional, compreendendo toda a área da parada (cerca de 14 000 m²). Sob a Parada, propõe-se um estacionamento subterrâneo, com várias aberturas que permitem a entrada de luz, e estabelecem ligações diretas com o estacionamento.

O jardim propõe várias áreas verdes, zonas de estar, um parque infantil e, no centro, uma área semicoberta destinada a atividades como um mercado informal.

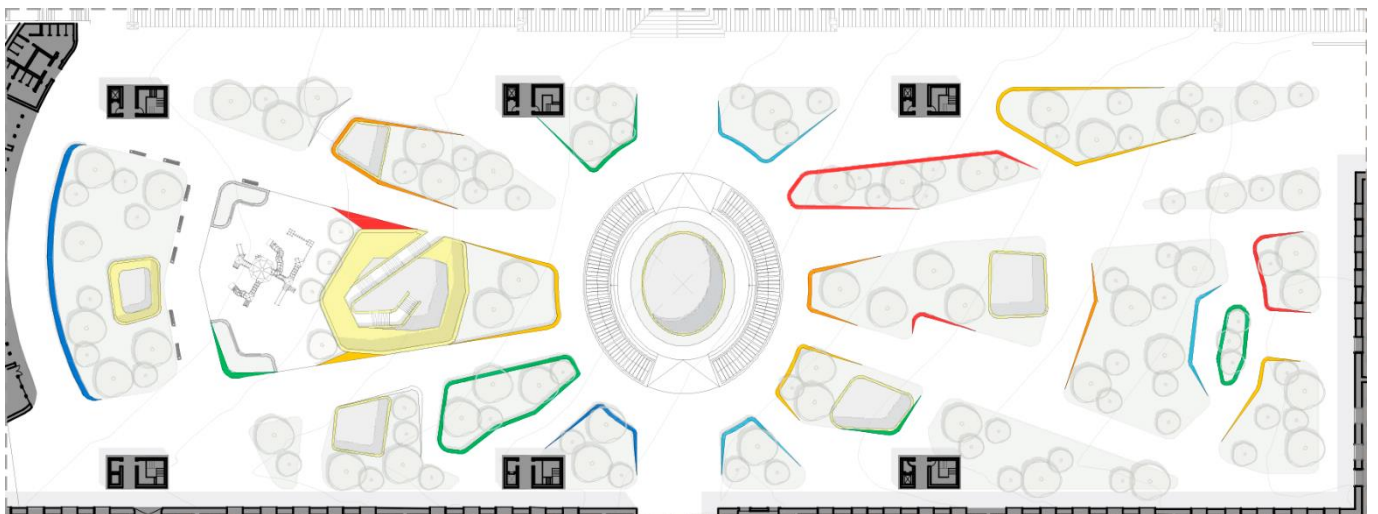


Fig. 5.02 - Planta do jardim - Autor, 2023

O desenho do jardim cria diversos percursos que conectam os seus vários acessos ao centro, sendo que o eixo central é o mais significativo, já que proporciona uma visão direta entre a Rua Tenente-Coronel Sousa Tavares e a fachada central do grande edifício a norte.

Quanto ao estacionamento, este possui uma área total de cerca de 19 000 m², distribuídos em dois pisos, com um total de 364 lugares de estacionamento e 22 lugares destinados a mobilidade reduzida.

Apesar da necessidade de remover uma grande quantidade de terra para definir os dois níveis de estacionamento, optou-se por manter o declive original do terreno, mantendo, assim, o perfil original da parada, preservando a identidade do local. Ainda assim, aproveitando esta ação, propõem-se a criação de várias aberturas entre o jardim e o estacionamento para permitir a entrada de luz natural no estacionamento (Fig. 5.03). Uma destas aberturas serve também como acesso vertical.

O acesso automóvel entre os dois pisos do estacionamento é realizado através de duas rampas que contornam a abertura elipsoidal no centro do jardim.

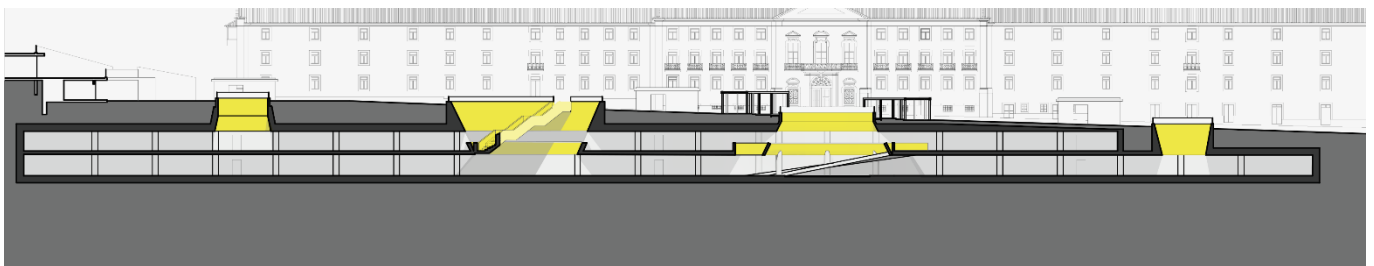


Fig. 5.03 - Corte pelas aberturas centrais - Autor, 2023

PROPOSTA



Fig. 5.04 - Acesso viário ao piso superior do estacionamento e respetiva abertura - Autor, 2024



Fig. 5.05 - Acesso viário ao estacionamento - Google Earth e Adaptação do Autor, 2024

— Travessa do Desembargador

— Rua Tenente-Coronel Sousa Tavares

O acesso viário ao estacionamento é feito através da Travessa do Desembargador e, em seguida, pela Rua Tenente-coronel Sousa Tavares, utilizando um túnel rampeado que conduz ao piso -2 (Fig.5.05).

Ao longo deste túnel, várias aberturas são posicionadas para permitir a entrada de luz natural e ventilação. Na superfície, estas aberturas criam pequenas zonas de estadia entre as entradas para o Polivalente e o Auditório.

A função principal de todos estes vazios é possibilitar a entrada de luz natural no estacionamento, proporcionar ventilação adequada e

PROPOSTA

estabelecer elementos de ligação entre o jardim e o estacionamento. Desta forma, procura-se criar uma vivência dinâmica no jardim, integrando harmoniosamente estes dois espaços.



Fig. 5.06 - Render entradas de luz abertura central - Autor, 2024

5.2.2 | POLIVALENTE

No edifício da antiga cantina do quartel, propõe-se um espaço polivalente, projetado para se tornar num espaço multifuncional. Este espaço é projetado para acomodar uma variedade de atividades, adaptando-se de maneira fluida às necessidades dinâmicas da comunidade.

O espaço dedicado especificamente para este uso é desenhado com paredes amovíveis, o que confere flexibilidade ao espaço e a possibilidade do espaço se reconfigurar. Desde eventos culturais a reuniões comunitárias, estas paredes permitem que o espaço polivalente se molde de forma a atender as necessidades dos utilizadores.

Este edifício propõe também um pequeno bar de apoio junto à entrada, e ainda duas salas de reuniões mais privadas.

Este espaço surge inicialmente devido à necessidade de espaços para usos da comunidade como os Escoteiros da Freguesia da Ajuda, que podem vir a ficar sem o seu espaço para as suas atividades devido ao projeto da Unidade de Execução da Ajuda.

PROPOSTA

O espaço polivalente ocupa cerca de 1670 m², divididos em dois pisos. O piso inferior é dedicado às salas multifuncionais (fig. 5.07), e o piso superior é dedicado a vários espaços de observação. Em ambos os pisos existem instalações sanitárias e arrumos para dar



Fig.5.07 - Planta programática Piso 0 Polivalente - Autor, 2024

apoio a este espaço.

As salas polivalentes estão divididas de acordo com os vãos originais do edifício, portanto, contando da direita, estas têm 107, 75, 75, 75, 74 e 67 m² respectivamente. Devido à sua capacidade de abertura das paredes acordeão que as separam, estas salas podem aumentar a sua área total de utilização até ao máximo de 473 m². Estas paredes, quando não são utilizadas, podem ser armazenadas no

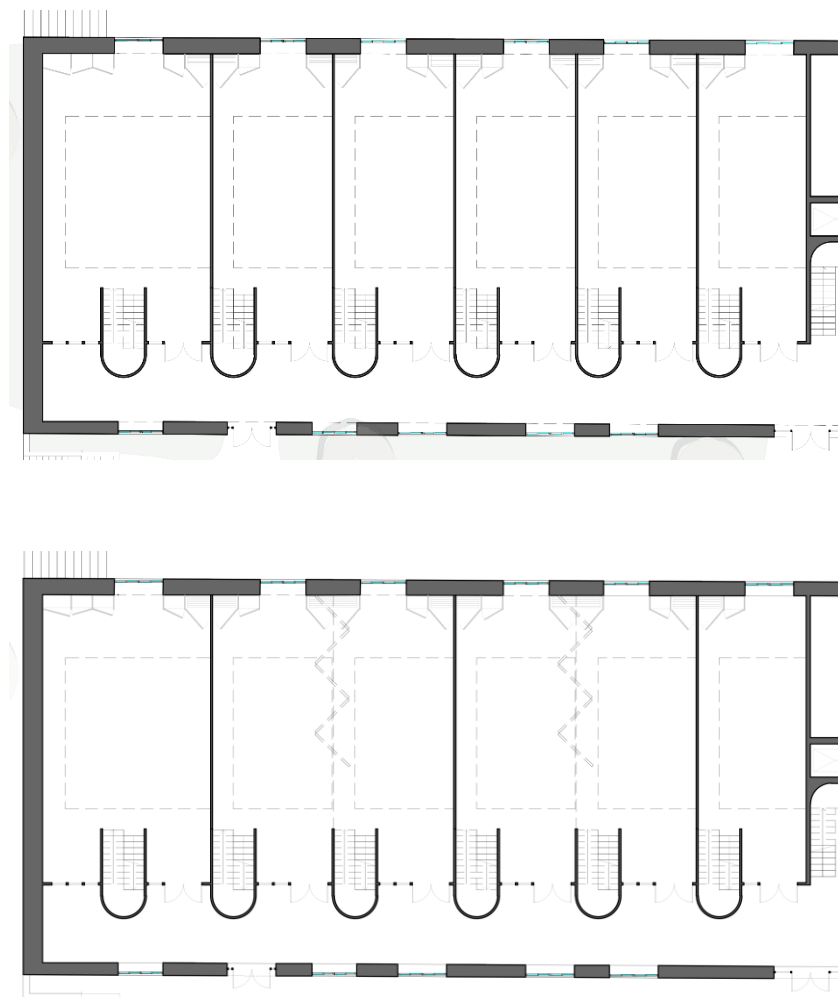


Fig. 5.08 - Composições possíveis - Autor, 2024

PROPOSTA

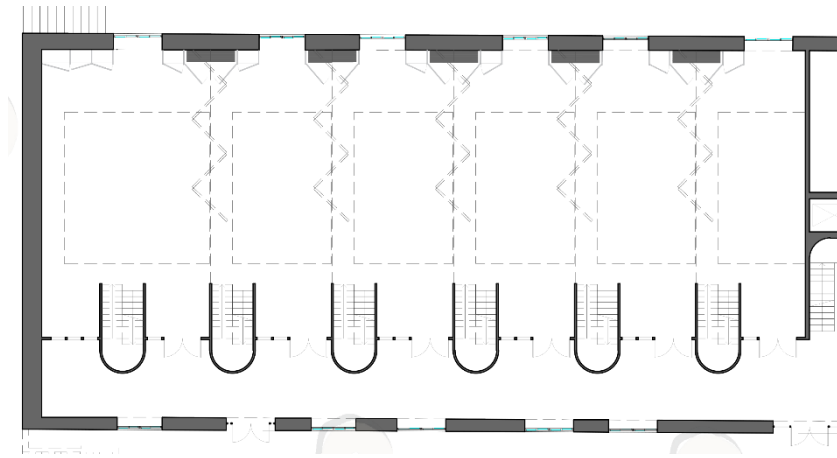


Fig. 5.08 - Composições possíveis - Autor, 2023

mobiliário fixo que se desenvolve ao longo da parede a norte.

Todas as salas têm acessos verticais ao piso superior, de forma que não é necessário sair da sala ou atravessar outras salas para aceder ao piso superior. Da mesma forma, todas as salas têm acesso a iluminação natural, através dos vãos a norte, que têm vista para pequeno jardim, e através dos vãos que dividem o espaço de circulação e as salas. Estas paredes são envidraçadas para que a luz natural a sul entre pelos vãos originais até ao interior das salas.

5.2.3 | AUDITÓRIO

O edifício onde se propõe a criação de um auditório tem a mesma volumetria em T que o espaço polivalente, apresentando uma planta de 1 547 m² divididos em dois pisos.

A zona de entrada dispõe de cerca 230 m², com duas zonas de estar, uma a norte e outra a sul. O acesso público ao piso superior é feito por uma escadaria circular, sendo o primeiro elemento que se vê ao entrar no edifício. Atrás destas escadas encontra-se o balcão de receção com uma divisória em ripas de madeira que separam o espaço de receção da circulação que dá acesso ao bengaleiro e às portas de entrada para a plateia e para a circulação que dá acesso ao backstage. A partir da zona de entrada é possível aceder às instalações sanitárias a sul, e a norte, um acesso para um pátio que liga o auditório e um bar público.

PROPOSTA

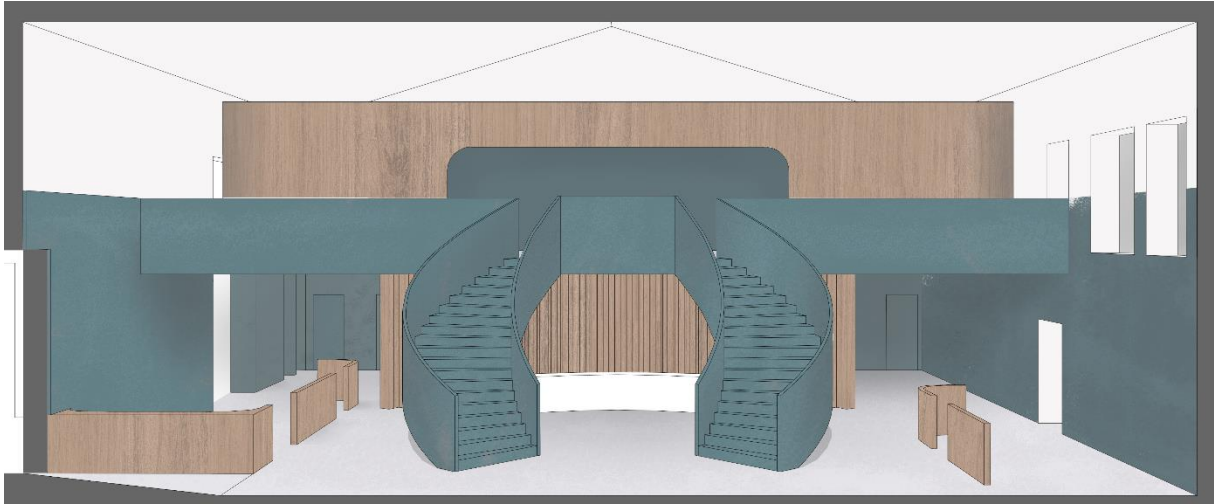


Fig. 5.09 - Perspetiva da entrada do auditório com materialidade - Autor, 2024

Em termos de materialidade, a zona da entrada tem o pavimento revestido em pedra cerâmica cinza, as paredes são revestidas com painéis acústicos com altura de 4,74 m, a mesma altura que a guarda no piso 2 com a cor NCS S7005 - B20G. A parte superior da parede e o teto estão pintados com a cor NCS S0601 - R. As restantes materialidades que são observadas na Fig.5.09 são os revestimentos em madeira de carvalho (Fig.5.10).

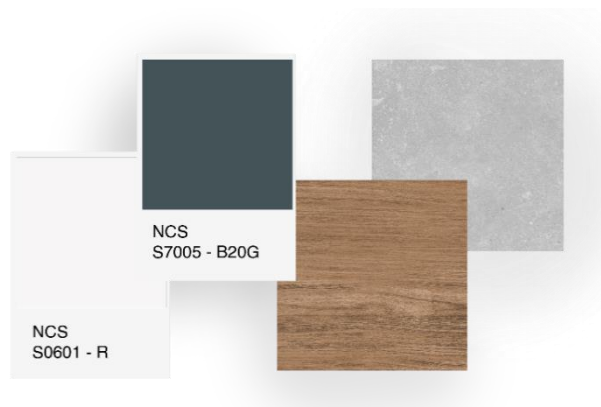


Fig. 5.10 - Acabamentos da Entrada do Auditório - Autor, 2024

O corredor de acesso ao auditório e o corredor de acesso ao backstage estão separados por vários elementos verticais que se estendem até ao piso superior, com uma separação de 60 cm. O vão que liga estes elementos é o vidro perfilado UGlass, que, devido à sua versatilidade, se estende também por ambos os pisos. A utilização destes elementos permite a entrada de luz natural e a relação visual entre o interior do auditório, a circulação para o backstage e o exterior. Como maneira de travar a entrada de luz destes vãos, quando necessário, os mesmos têm portas pivotantes da mesma materialidade que as paredes (Madeira Carvalho) para

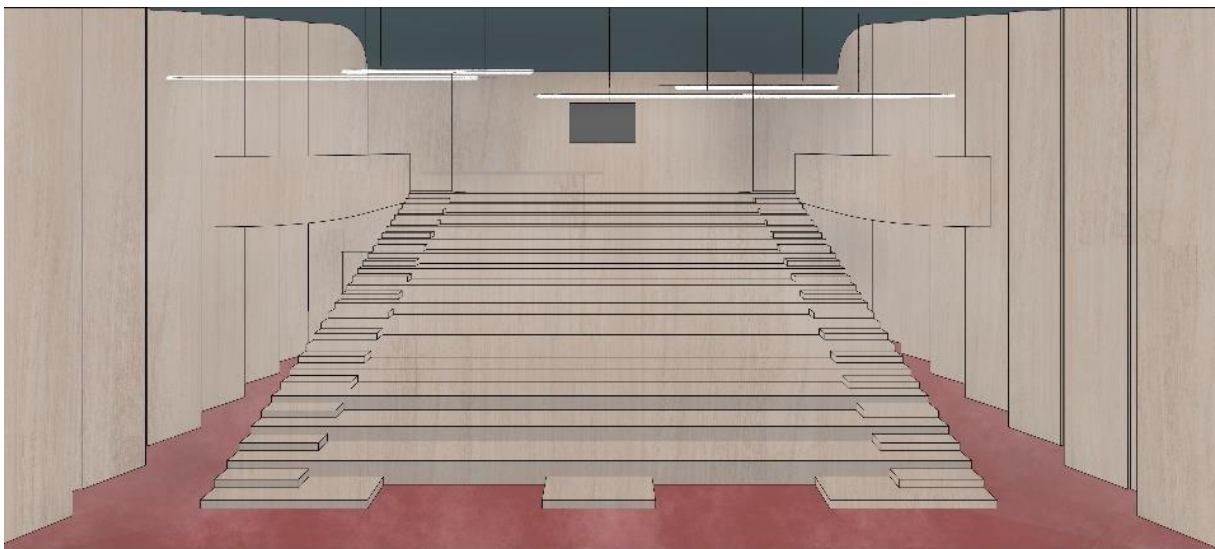


Fig. 5.11 - Perspetiva da plateia com materialidade - Autor, 2024



Fig. 5.12 - Acabamentos do Auditório - Autor, 2024

PROPOSTA

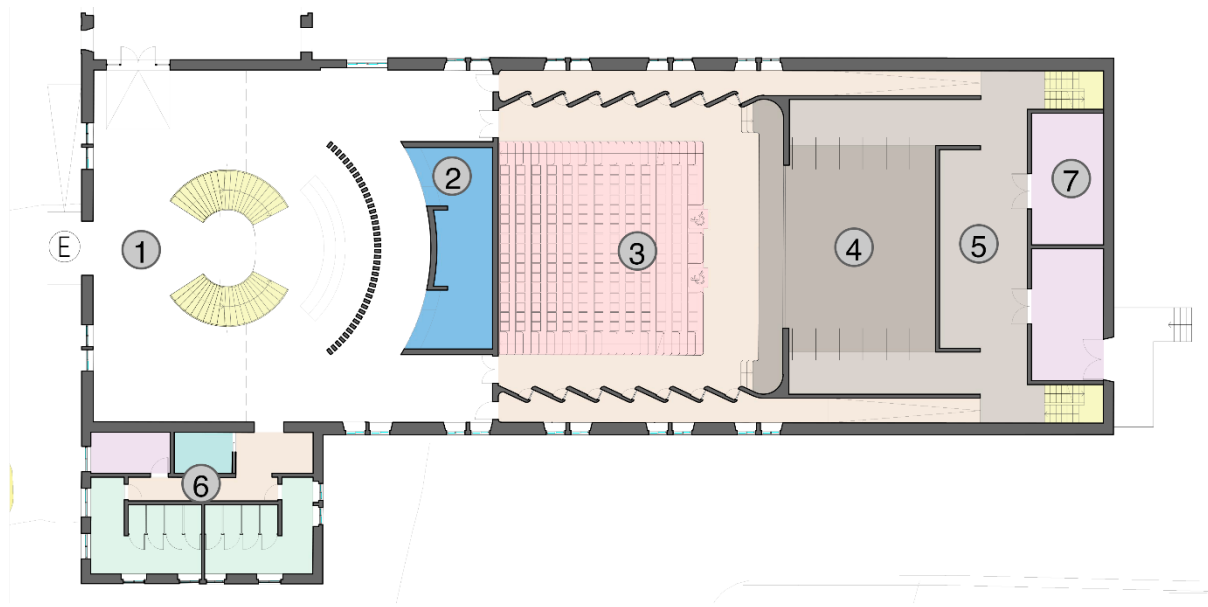
manter a continuidade de materiais.

As paredes do auditório estão assim desenhadas para transmitir a ideia de movimento através da curva, e dar alguma continuidade ao projeto com a relação entre a curva e a linha.

Escolheu-se como acabamento no pavimento a alcatifa devido às suas propriedades acústicas com a cor NCS S4040-R, as paredes com revestimento de Madeira Carvalho e o teto pintado com a cor NCS S7005-B20G, com ripado de madeira pintado a mesma cor com iluminação artificial entre as ripas de madeira.

O auditório tem cerca de 195 m² e dispõe de 245 lugares, 4 para mobilidade reduzida e ainda espaço para lugares na galeria no piso superior. O desenho da galeria torna-se contrastante com os perfis verticais das paredes.

O auditório dispõe também de todas as áreas para que este seja funcional, como depósitos, arrumos, zonas de camarins, varanda de palco e ainda uma área de administração.



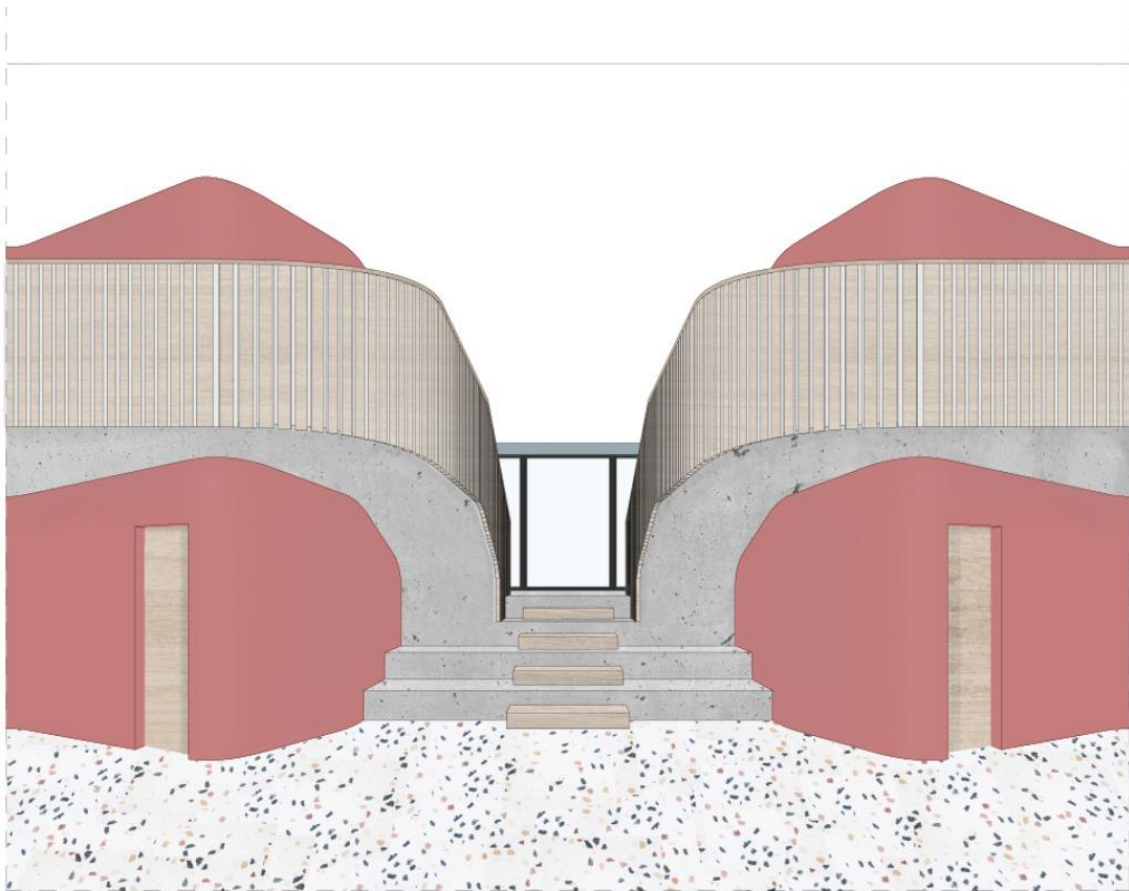
- | | | | |
|---|------------|---|------------------------|
| ① | Entrada | ⑤ | Backstage |
| ② | Bengaleiro | ⑥ | Instalações sanitárias |
| ③ | Plateia | ⑦ | Depósitos e Arrumos |
| ④ | Palco | | |

Fig. 5.13 - Planta Programática piso 0 Auditório - Autor, 2024

5.2.4 | HABITAÇÃO

A zona das habitações localizam-se nos antigos armazéns do quartel. A entrada para estes espaços é feita através do vão central de cada armazém, onde se encontra um espaço de estadia comum com sofás modulares. Ao entrar no espaço a primeira coisa que o observador vê são as escadas de acesso ao piso superior. Estas escadas são desenhadas de forma que o segundo lance seja decisivo no que toca ao lado nos dirigimos, já que a circulação do piso superior não está totalmente conectada (Fig. 5.14).

O desenho dos apartamentos traz movimento enquanto se percorre o espaço, e, devido ao desenho das paredes, a entrada para o espaço privado torna-se um pouco mais privado, já que as paredes apresentam um ângulo de 30°. As paredes dos apartamentos estão pintadas com a cor NCS S3030-R, um tom quente já que os vãos principais que permitem entrada de luz natural estão orientados a Norte.



No total, a habitação consiste em 66 quartos, divididos entre os dois pisos. A zona de habitação também dispõe de espaços comuns como cozinhas, espaços de estar e de estudo, lavandaria e instalações sanitárias para promover o convívio entre os habitantes.

Em relação aos quartos, estes têm todos a mesma disposição de espaços, dispondo de uma pequena cozinha, um espaço de estudo e uma instalação sanitária. Todos os quartos estão orientados para

PROPOSTA

Sul e Este, e cada um tem uma pequena varanda exterior que desenha a fachada dos edifícios.

Os acabamentos dos quartos consistem em pavimento revestido em madeira de carvalho e as paredes são pintadas na cor NCS S2005-20Y, um tom mais frio já que a maioria dos quartos têm a sua disposição para sul, e na cor NCS S0601-R (Fig5.15).

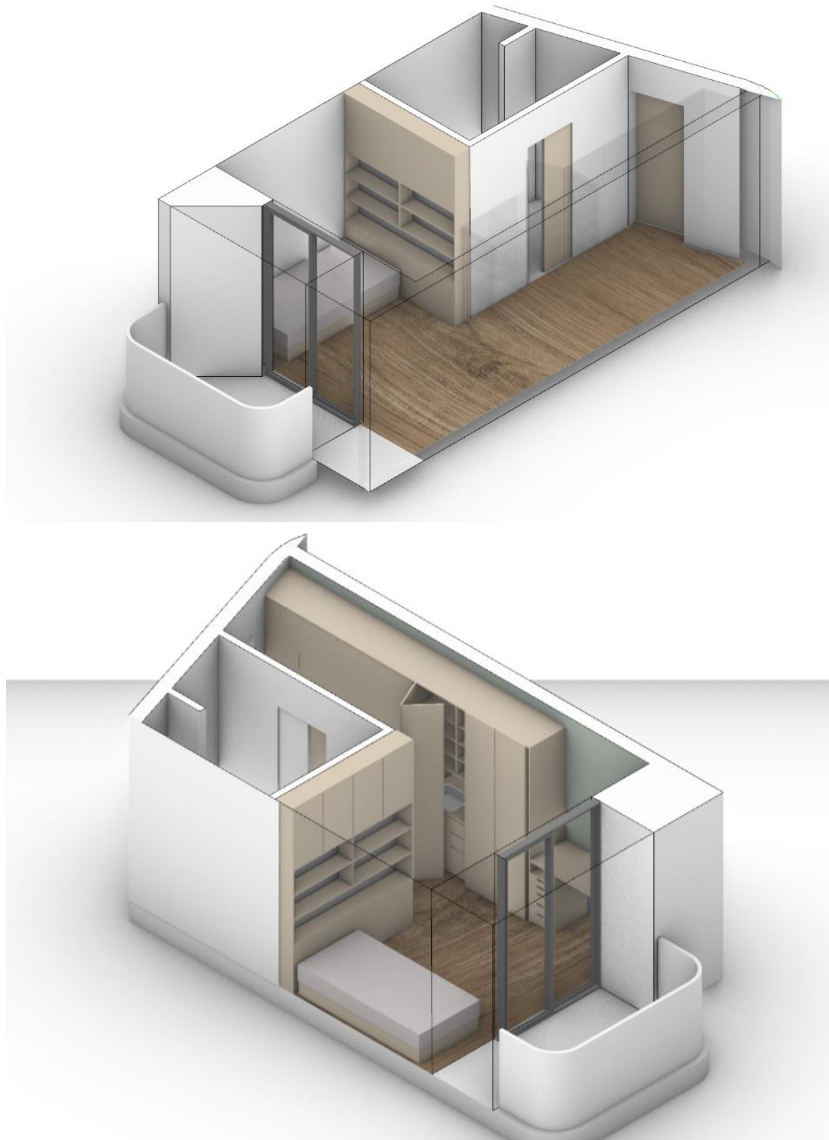


Fig. 5.15 – Axonometria em 3d quarto – Autor, 2024

Cada quarto dispõe de mobiliário fixo, sendo que o mais importante de referir são as cozinhas, que podem ser totalmente fechadas devido às suas portas pivotantes que se escondem dentro do mobiliário quando necessário.

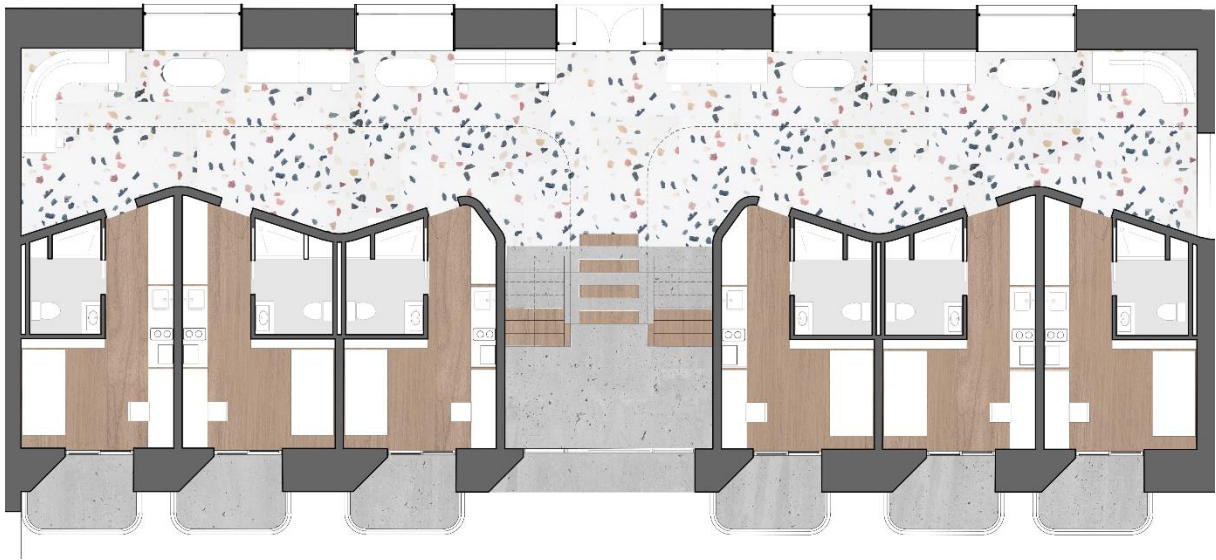


Fig. 5.16 - Planta piso 0 Habitações com materialidade - Autor, 2024

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta proposta pretendeu-se resolver alguns problemas encontrados na zona envolvente ao local de intervenção - o Antigo Quartel do Regimento de Lanceiros II, reabilitando este espaço através do tema Luz, Cor e Matéria, implementando a habitação temporária como programa.

A escolha destes dois temas deveu-se ao interesse de compreender como aplicar a cor, como introduzir luz e materiais no projeto, e a habitação temporária para colmatar os problemas que jovens estudantes ou trabalhadores têm atualmente em encontrar habitação na cidade de Lisboa.

Após toda a pesquisa feita e apresentada foram definidos os objetivos para esta proposta.

A reabilitação deste conjunto edificado com uma planta geral retangular tornou-se um pequeno desafio, e, de certo modo, a escolha pelo uso da curva tornou-se um elemento característico da proposta.

Os conceitos aprendidos sobre Luz, Cor e Matéria foram fundamentais para o desenvolvimento deste projeto. Na tentativa de aplicar estes conceitos, através de jogos de luz e sombra, cores e materiais, foi possível criar espaços que fiquem na memória de quem por lá passe, sendo esse o principal objetivo deste PFM. A procura destas soluções que enriqueçam este espaço ao abandono, e a procura de espaços que fiquem na memória do usuário, tornou este projeto especialmente desafiante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

7 | FONTES BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, J., 2005. A cor e a cidade histórica. FAUP.

BARATA, M., 2004. A salvaguardados bens culturais e o ordenamento do território: um passivo e um futuro.

BRANDI, C., 1963. Teoria da Restauração.

CHOAY, F., 1925. A Alegoria do Património.

FLORES, J., 1998. "Património". Do Monumento ao Território.

GIEDION, S., 1986. El presente eterno: Los comienzos de la arquitectura.

ICOMOS, 1931. Carta de Atenas. Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauo dos Monumentos.

ICOMOS, 1964. Carta de Veneza. Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios.

ICOMOS, 1995. Carta de Lisboa. Sobre a Reabilitação Urbana Integrada.

KÜPPERS, H., 1978. Fundamentos de la teoria de los colores.

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

LACERDA, M., 2001. Interpretação de monumentos e sítios.

MARTINS, A., 2011. A salvaguarda do património cultural no ordenamento territorial - o caso específico do património arqueológico. Faculdade de Direito de Lisboa, Instituto de Ciências Jurídico-Políticas.

MATOS, V. 2018. *Habitação coletiva de promoção cooperativa, critérios de autenticidade na sua conservação e reabilitação*. Tese de Doutoramento em Especialidade de Conservação e Reabilitação, Faculdade e Arquitetura da Universidade de Lisboa.

OLIVEIRA, C. (1551). Sumário em que brevemente se contém algumas cousas que há na cidade de Lisboa. Lisboa: ed. biblion, pp. 46-47.

PERNÃO, J., 2012. *A cor como forma do espaço definida no tempo*. Tese de Doutoramento em Arquitetura. Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa.

PERNÃO, J., 2015. An Apologia for the inclusion of the combined study of Light and Colour in the Process of Architectural Design. CIAUD.

PERNÃO, J., 2016. *Light and colour in the built environment*. In: Homem, P.M. (ed.) Lights on... Cultural Heritage and Museums! Porto: LabCR | FLUP, pp.62-79.

ROSA, I. 2006. *Ajuda. Evolução histórico-urbana. ArtiTextos*. Edited by CEFA and CIAUD. Lisboa. Available at <<https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/1790>>.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, M., 1994. *Não-lugares*. Bertrand

BACHELARD, G., 2003. *A poética do espaço*. Martins Fontes.

CONTE, V., 2019. *A Cor em Acção*. Lisboa

CORREIA, M. 2009. *Modos de habitar - habitação temporária*.
Dissertação de Final de Mestrado, Universidade Lusíada, Lisboa.

LAMAS, J. G., 2010. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*.
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

LE CORBUSIER, 1973. *Por uma arquitetura*.

NEUFERT, 2015. *Arte de projetar em arquitetura*. 18ª edição.

PERES, C., 2018. *Estratégias de customização aplicadas na habitação temporária em reabilitação: intervenção na manutenção militar*, Beato, Lisboa. Projeto Final de mestrado, FAUL, Lisboa.

SILVANO, F., 2010. *Antropologia do Espaço*.

SÁ, T. 2006. *Lugares e não-lugares em Marc Augé*. FAUTL, Lisboa

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

WEBGRAFIA

- **ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR**, Available at: < <https://ahm-exercito.defesa.gov.pt/>>;
- **ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA**, 1985. *Património Cultural Português*, Diário da República. [online] Available at: < https://dre.pt/dre/detalhe/lei/13-1985-182874?_ts=1662768000034> [Accessed 13 september 2022];
- **BARNABÉ, P.**, 2007. *A luz como diretriz de projeto*. *Arquitextos*, [online]. Available at: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.084/244>> [Accessed 4 April 2022];
- **BBC NEWS BRASIL**, 2014. *As transformações da Paris do século 19*. [online] Available at: <https://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/02/140225_galeria_paris_sec19_pai_ac> [Accessed 7 september 2022];

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- **CENSOS 2021**, Available at: <https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_main&xpid=CENSOS21&xlang=pt>;
- **CIDADÃOS PELA AJUDA** [online] Available at: <<https://cidaospelaajuda.pt/uea/>>;
- **COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO**, n.d. *Património Mundial em Portugal* [online]. Available at: <<https://unescoportugal.mne.gov.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial-em-portugal>> [Accessed 8 september 2022];
- **FERREIRA, R.** (2021). *O direito à Ajuda*. Available at: <<https://www.publico.pt/2021/04/20/local/noticia/direito-ajuda-1959124>>;
- **GLANCEY, J.** 2016. *O homem que construiu a Paris que conhecemos hoje*. [online] Available at: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160203_vert_cul_criador_paris_lab> [Accessed 5 september 2022];
- **G1.** 2014. *As transformações da Paris do século 19*. [online] Available at: <<https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/transformacoes-da-paris-do-seculo-19.html>> [Accessed 9 september 2022];
- **INFOPÉDIA** - Dicionários de Língua Portuguesa [online] Available at: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/>> [Accessed September 2022];
- **JUNTA DE FREGUESIA DA AJUDA** [online] Available at: <<https://www.jf-ajuda.pt/>>;

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- **JUNTA DA REGUSIA DE BELÉM** [online] Available at: <<https://www.jf-belem.pt/>>;
- **LE CORBUSIER**, 2006. *Igreja de Saint-Pierre*. [image] Available at: <<https://www.archdaily.com.br/br/762196/light-matters-le-corbusier-e-a-trindade-da-luz/54da556ae58ecec5300000f-view-looking-south-t>> [Accessed 7 April 2022];
- **OPEN HOUSE**, Trienal de Arquitetura, Available at: <<https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/residencias-universitarias-do-polo-da-ajuda-ulisboa/>>;
- **PATRIMÓNIO CULTURAL**. [online] Available at: <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/>> [Accessed 8 may 2022];
- **PINTO, S.**, 2019. *Conceito de Património: análise cronológica*. [online] A Pátria. Available at: <<https://apatria.org/historia/conceito-de-patrimonio-analise-cronologica/>> [Accessed 6 September 2022];
- **REDE DE BIBLIOTECAS DA DEFESA NACIONAL**, Available at: <https://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=E5AO674112052.3673&limitbox_6=LOC01+%3D+BDE&menu=search&aspect=subtab62&npp=20&ipp=20&spp=20&profile=bde&ri=33&source=%7E%21dglb&index=.GW&term=quartel+de+baixo+da+cal%C3%A7ada+da+ajuda&x=0&y=0&aspect=subtab62>;
- **REPOSITÓRIO ULISBOA**. [online] Available at: <<https://www.repository.utl.pt/>>;

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

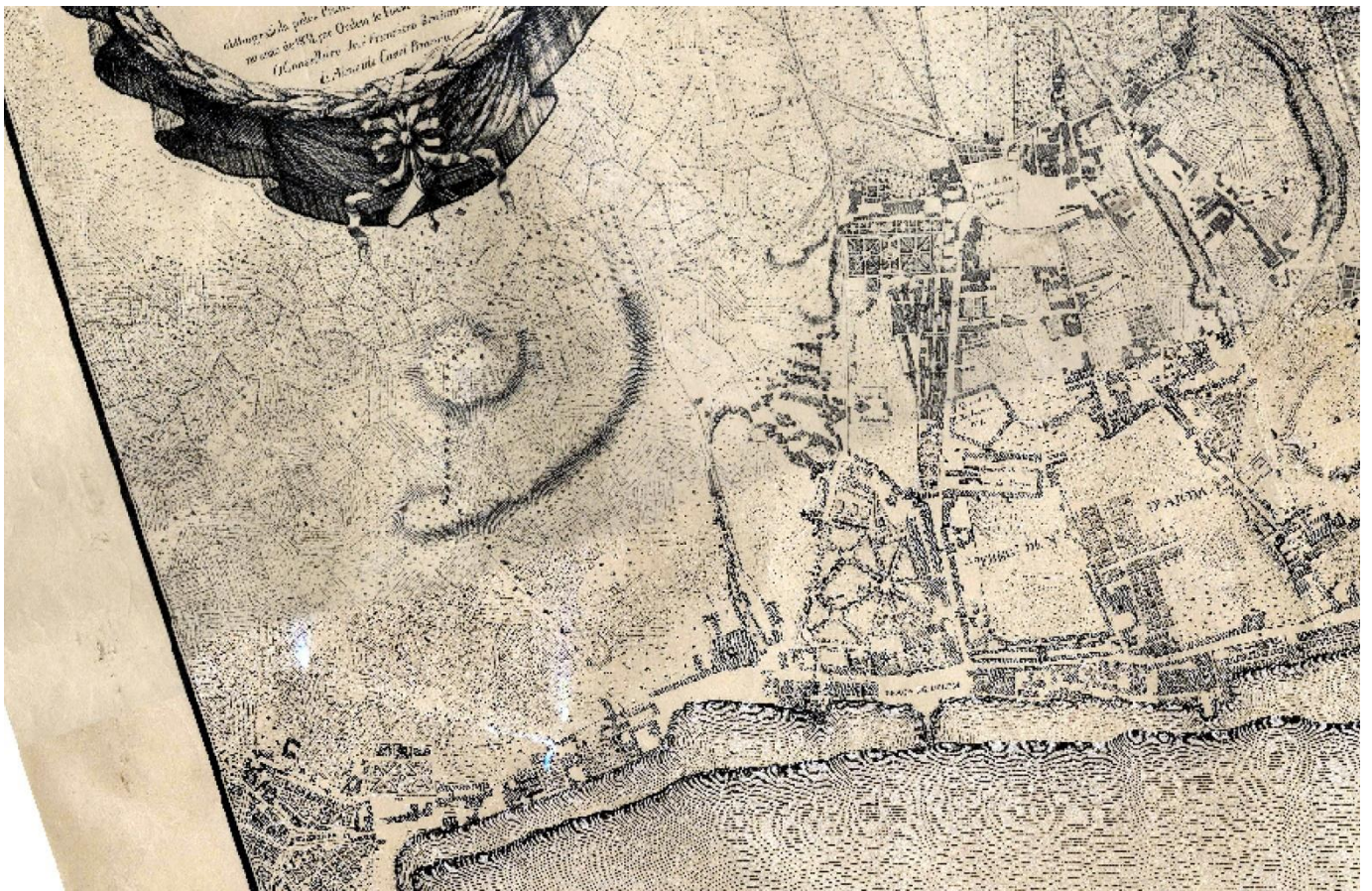
- **RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DO POLO UNIVERSITÁRIO DA AJUDA**, Available at: <
<https://www.projectual.pt/pt/residencia-universitaria-do-polo-universitario-da-ajuda-lancado-o-concurso-publico-para-construcao/>>;
- **VIES.WIKI**, n.b. *Napoleon III*. [online] Available at: <
https://vies.wiki/wiki/pt/Napoleon_III_of_France>
[Accessed 3 september 2022];
- **WIKIPÉDIA**,2022. *Carta de Veneza*. [online] Available at: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_de_Veneza> [Accessed 8 september 2022];
- **WIKIPÉDIA**, n.b. *Património Mundial*. [online] Available at: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B3nio_Mundial>
[Accessed 5 september 2022];
- **WIKIPÉDIA** - *Ajuda (Lisboa)* [online] Available at: <
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Bel%C3%A9m_\(Lisboa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bel%C3%A9m_(Lisboa))>
(accessed: 8 november 2022);
- **WIKIPÉDIA** - *Belém (Lisboa)* [online] Available at: <
[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ajuda_\(Lisboa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ajuda_(Lisboa))> (accessed: 8 november 2022);
- **UNESCO**. [online] Available at: <
<https://unesdoc.unesco.org/>> [Accessed 5 september 2022];

ANEXOS

- I. Desenhos e cartografia histórica
- II. Fotografias do local
- III. Levantamento
- IV. Painéis Síntese
- V. Maquetes
- VI. Painéis Finais

I. DESENHOS E CARTOGRAFIA HISTÓRICA

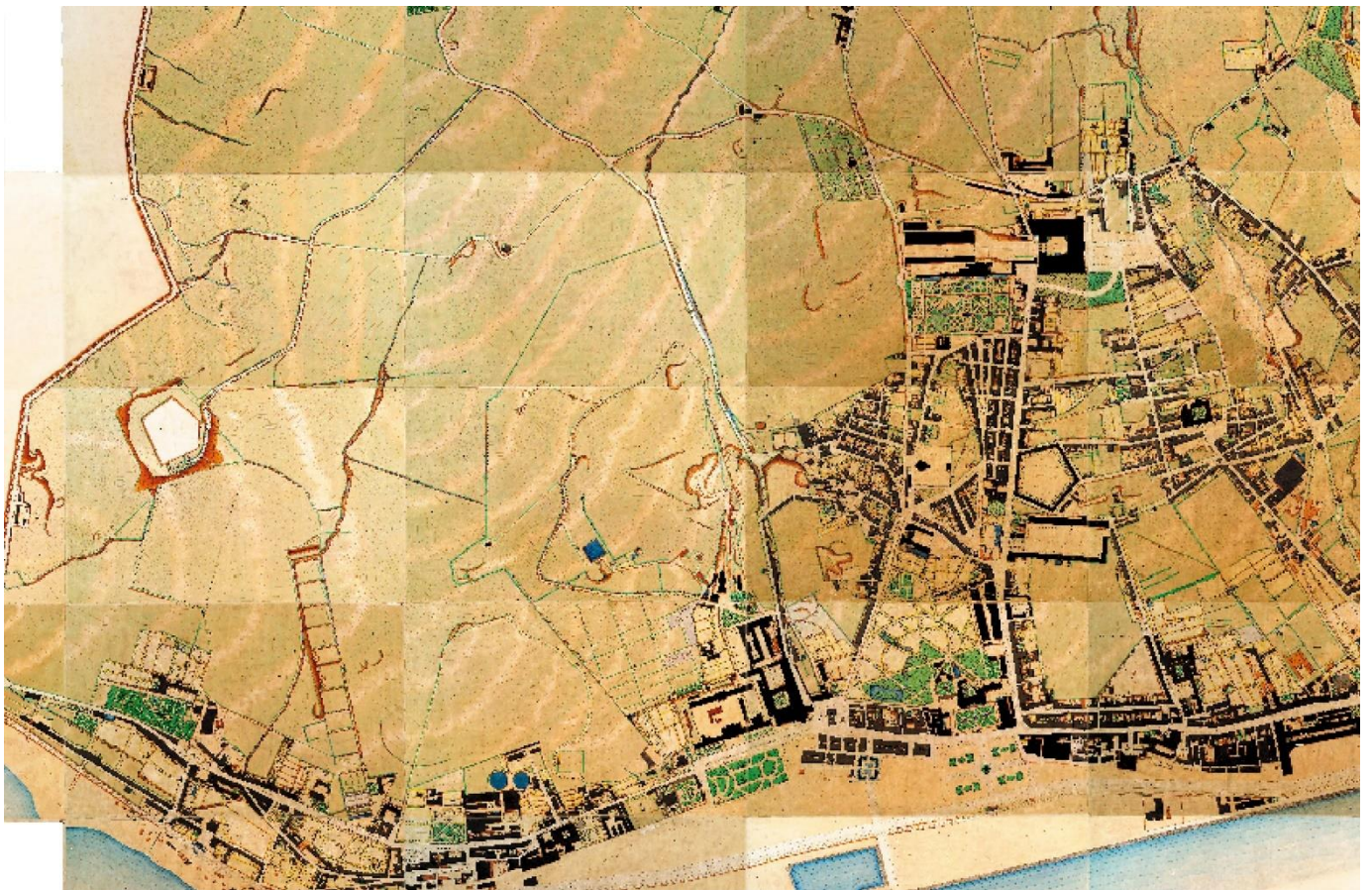
DUARTE FAVA, 1807



FILIFE FOLQUE, 1856

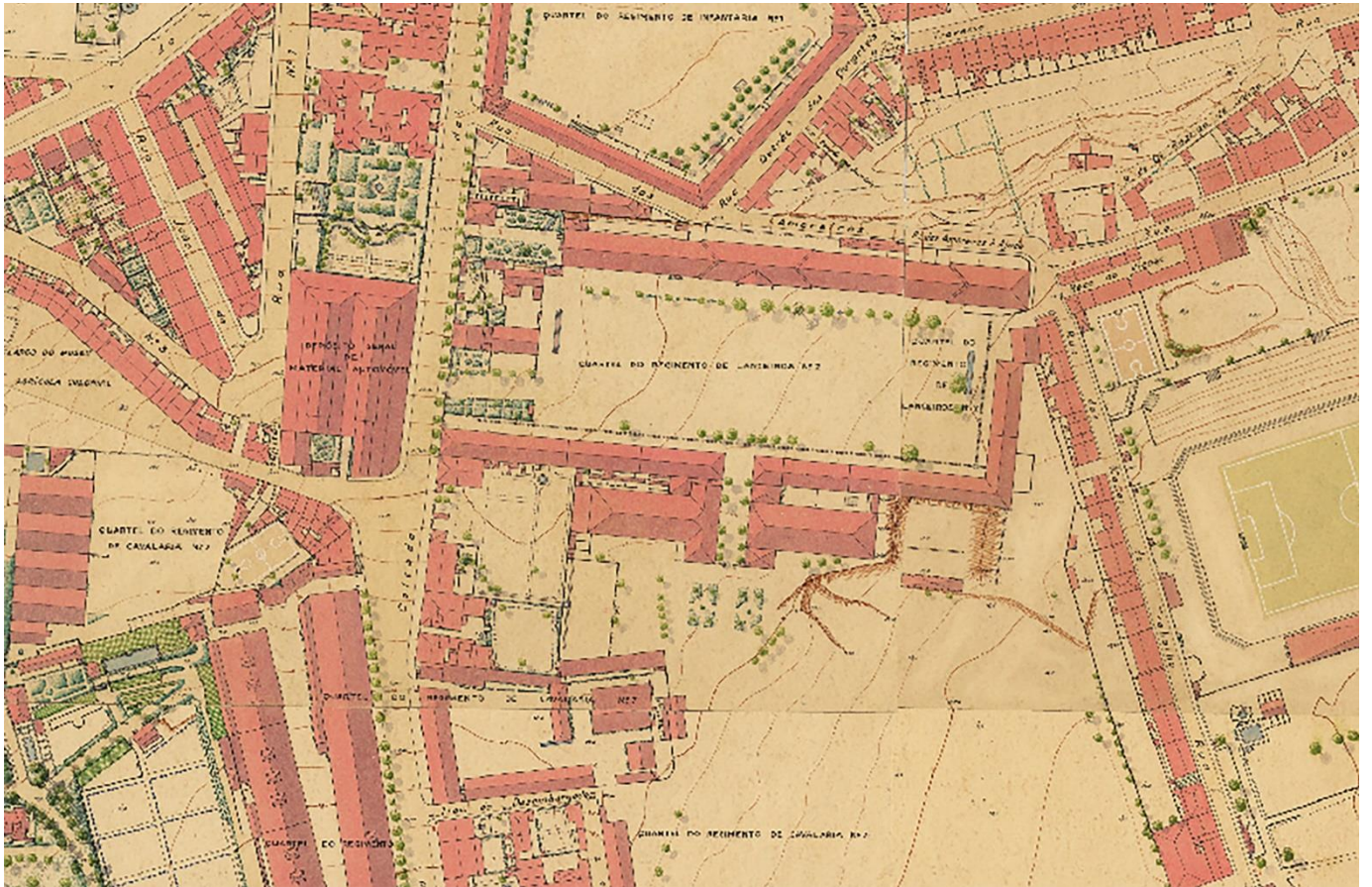


SILVA PINTO, 1911



ANEXOS

1950



ANEXOS

1970



1981



ANEXOS

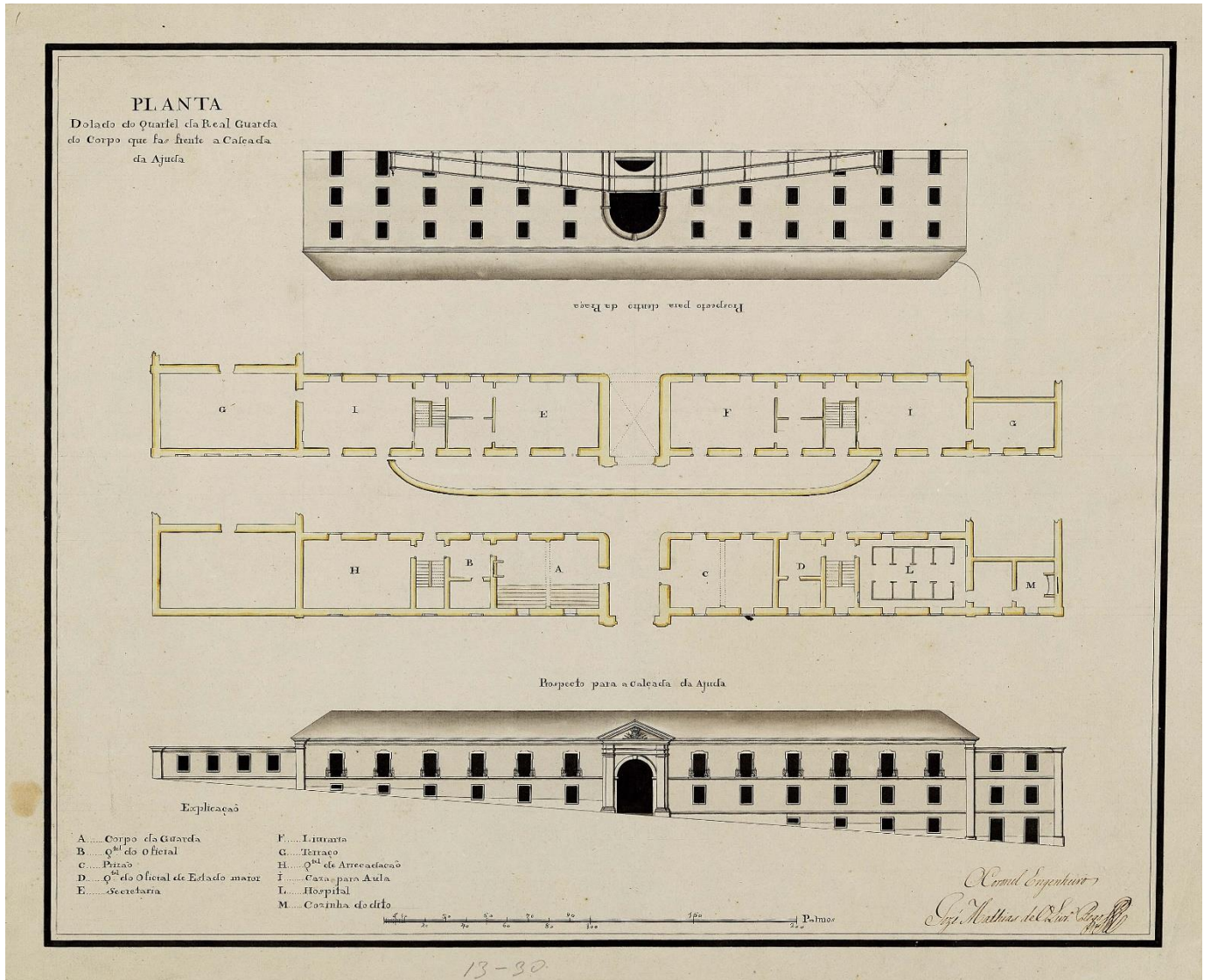
GOOGLE EARTH, 2001



GOOGLE EARTH, 2023

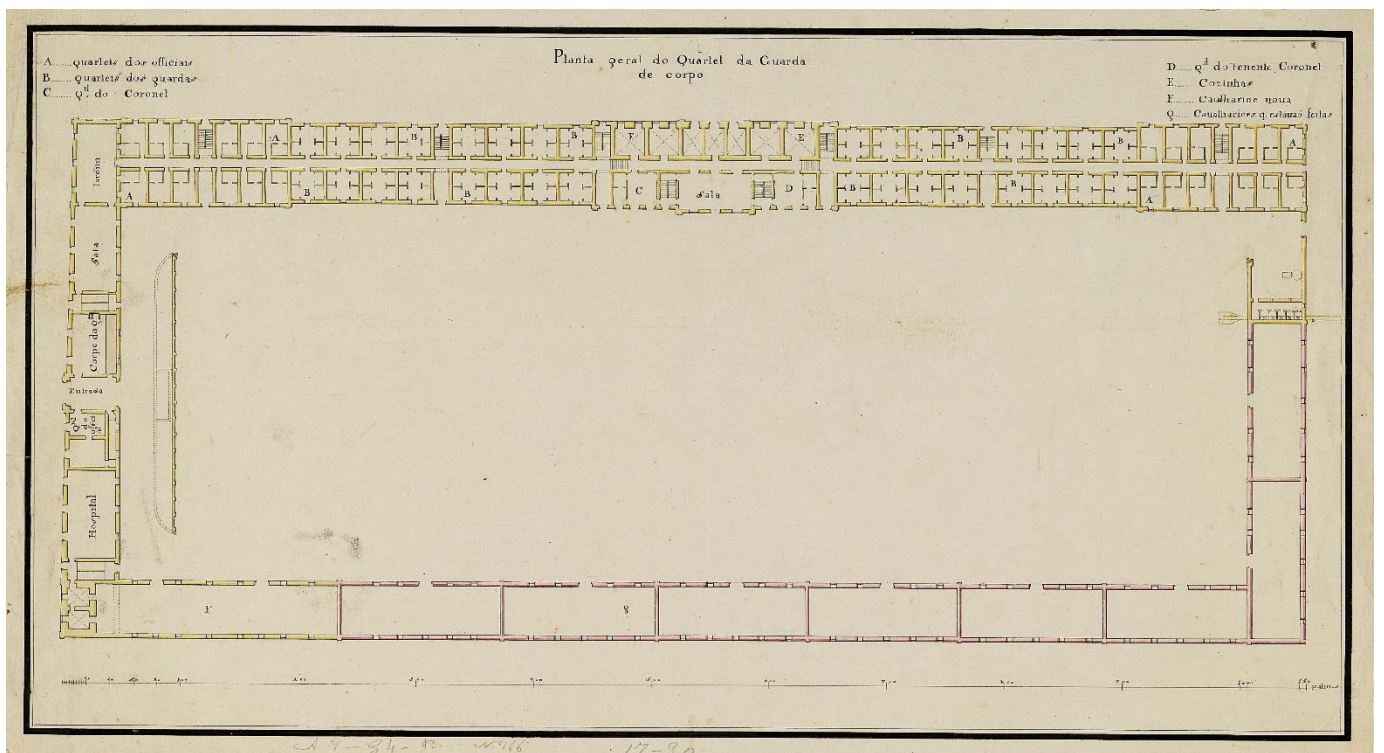


ANEXOS



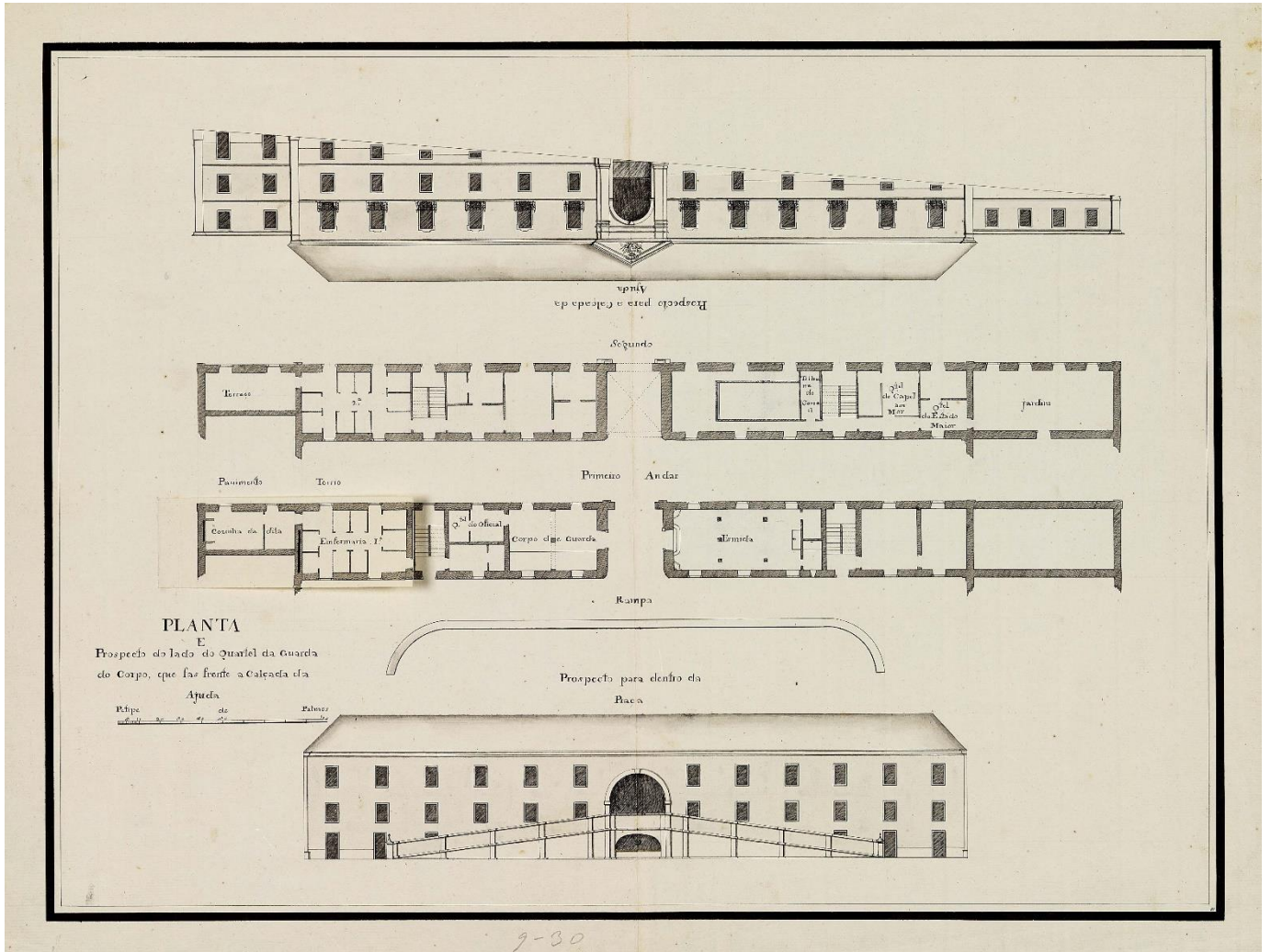
COTA - 444-1-3-5 (DSE) - CRT/2002

ANEXOS



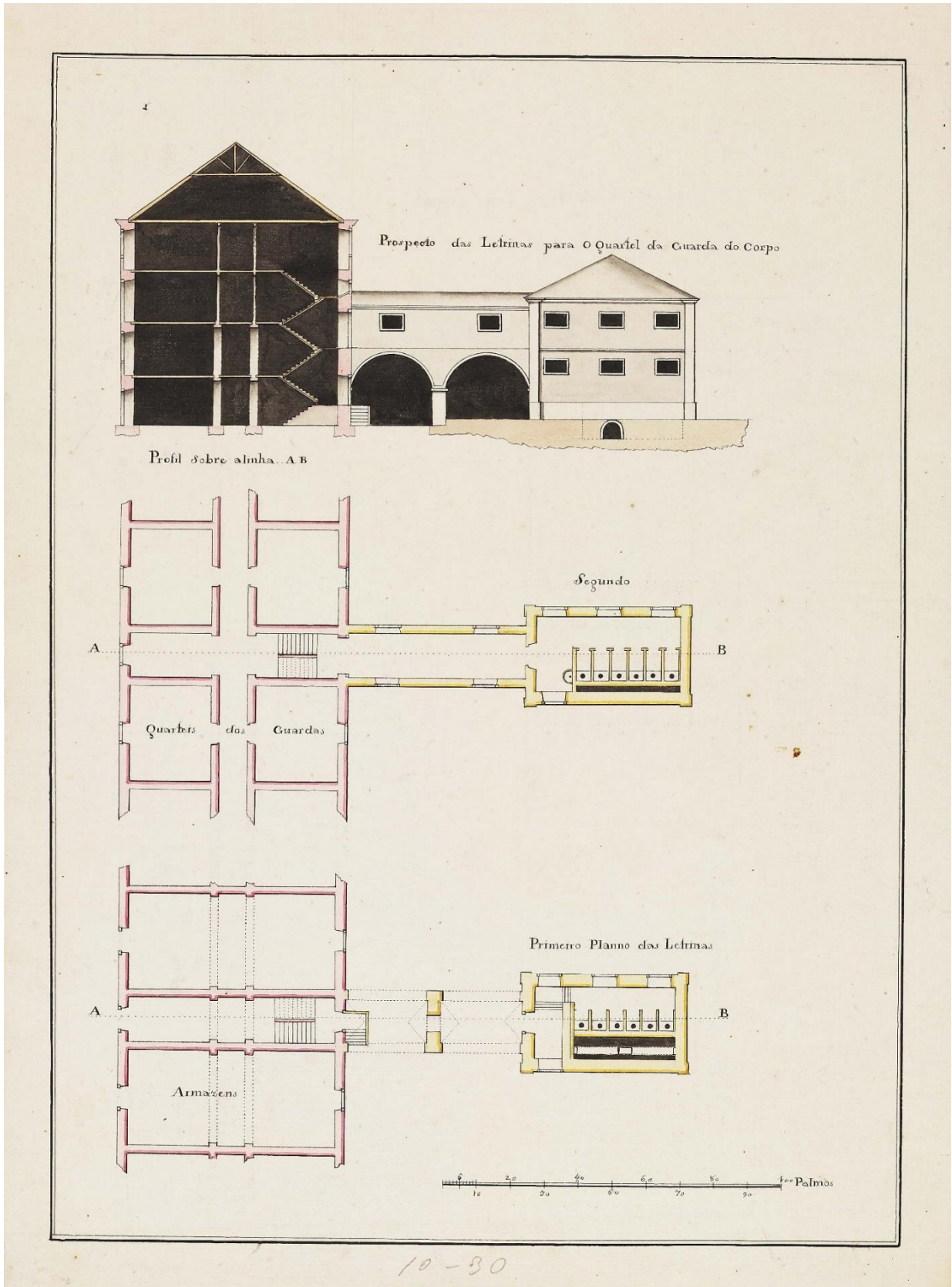
COTA - 447-1-3-5 (DSE) - CRT/2002

ANEXOS



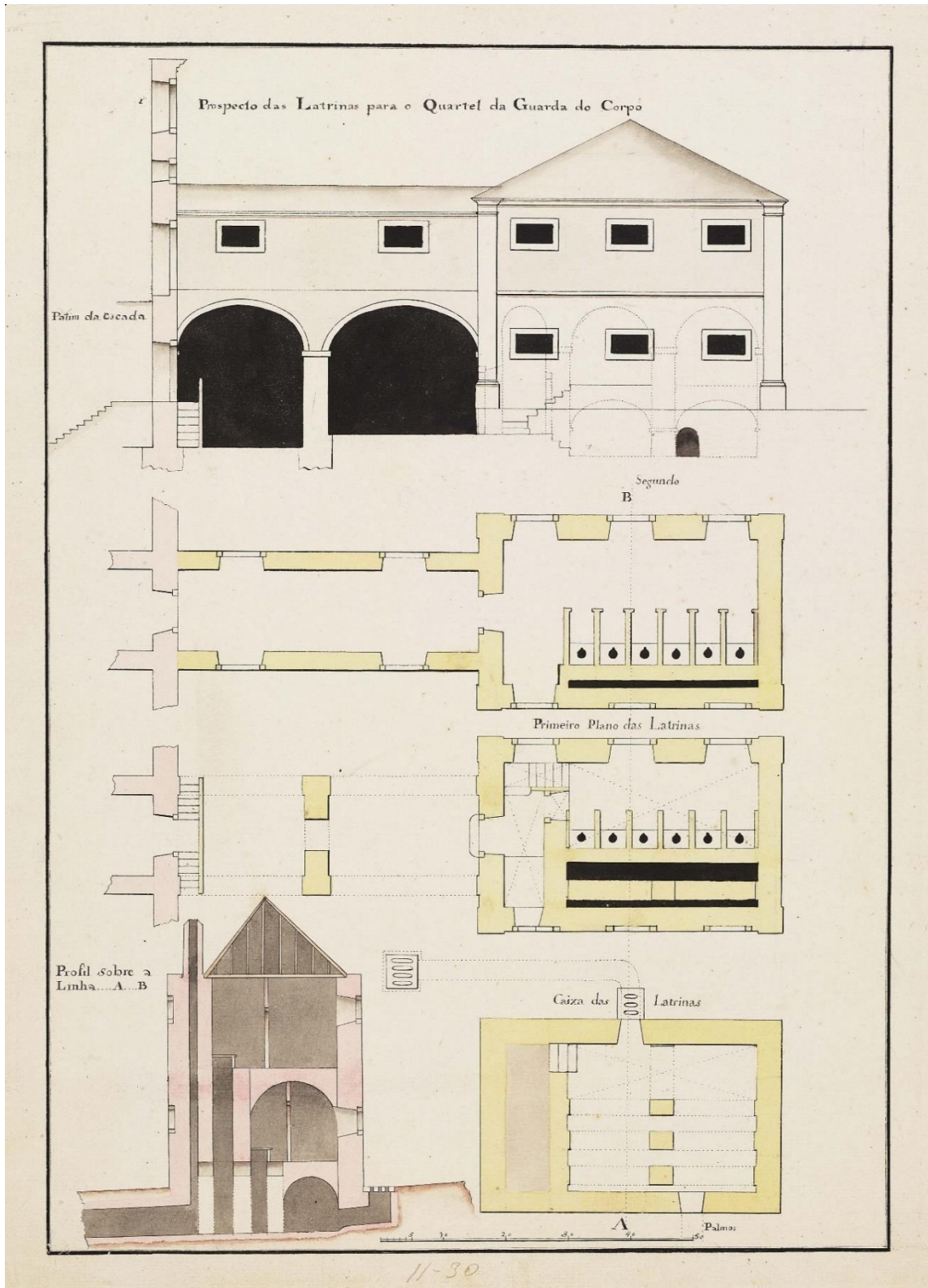
COTA - 446-1-3-5 (DSE) - CRT/2002

ANEXOS

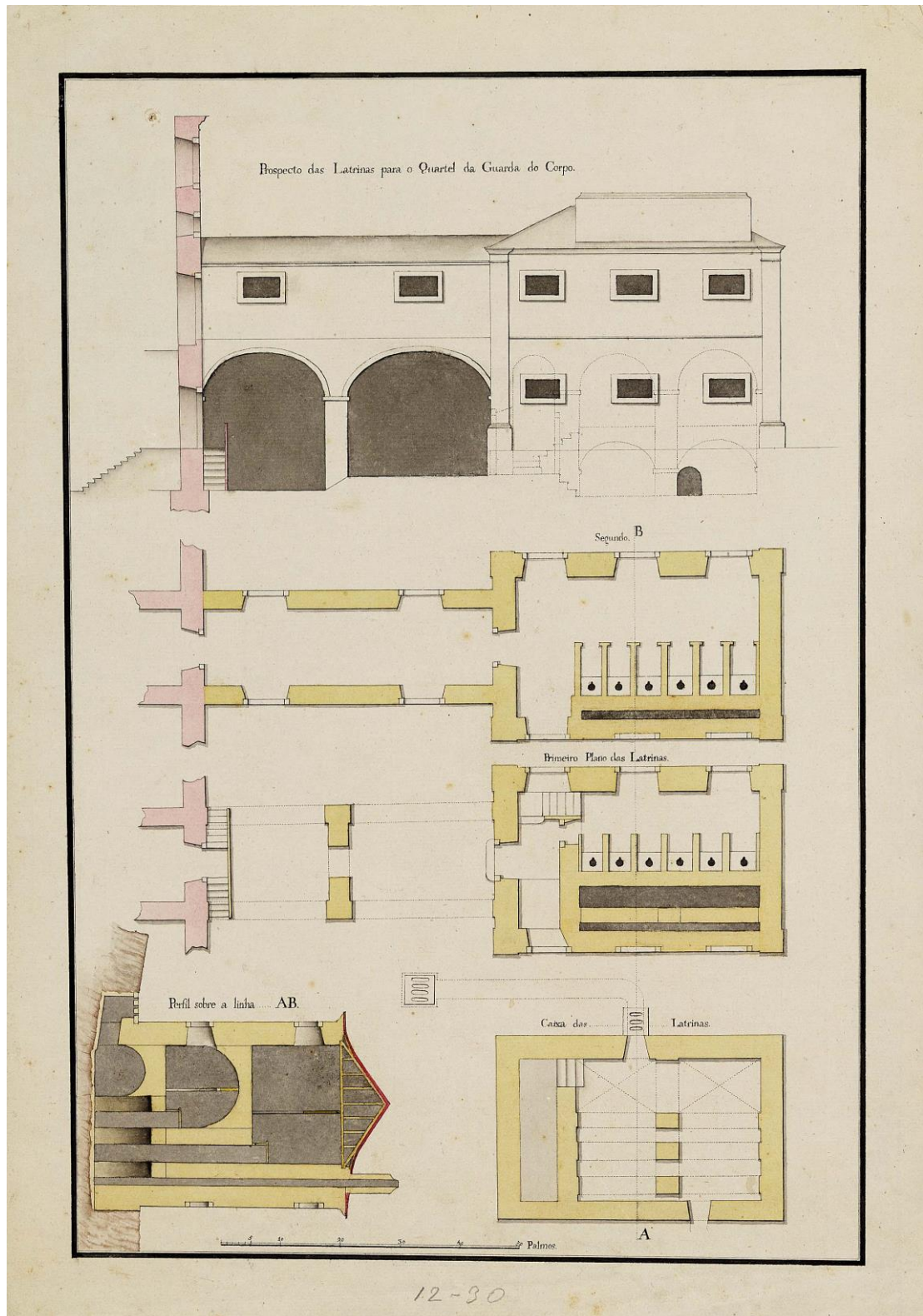


COTA - 450-1-3-5 (DSE) - CRT/2002

ANEXOS

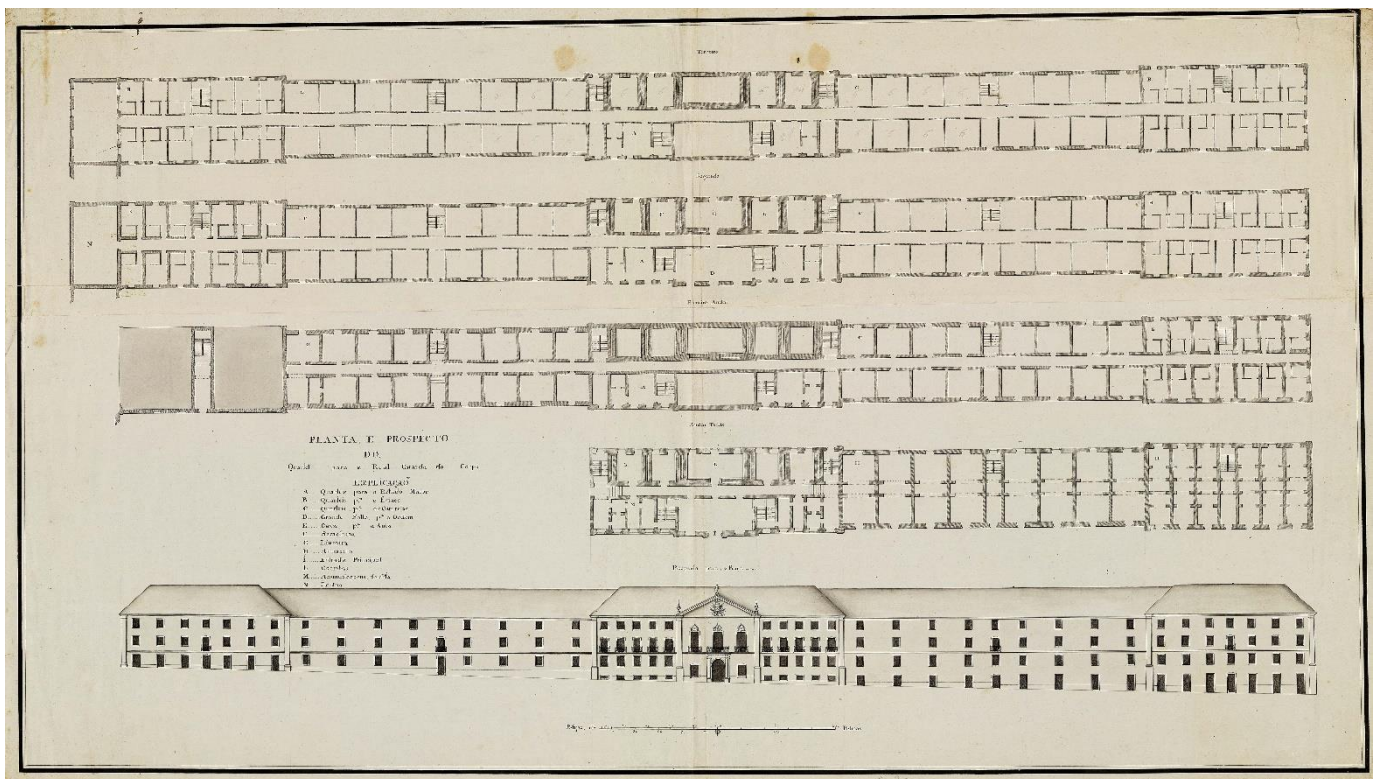


COTA - 449-1-3-5 (DSE) - CRT/2002

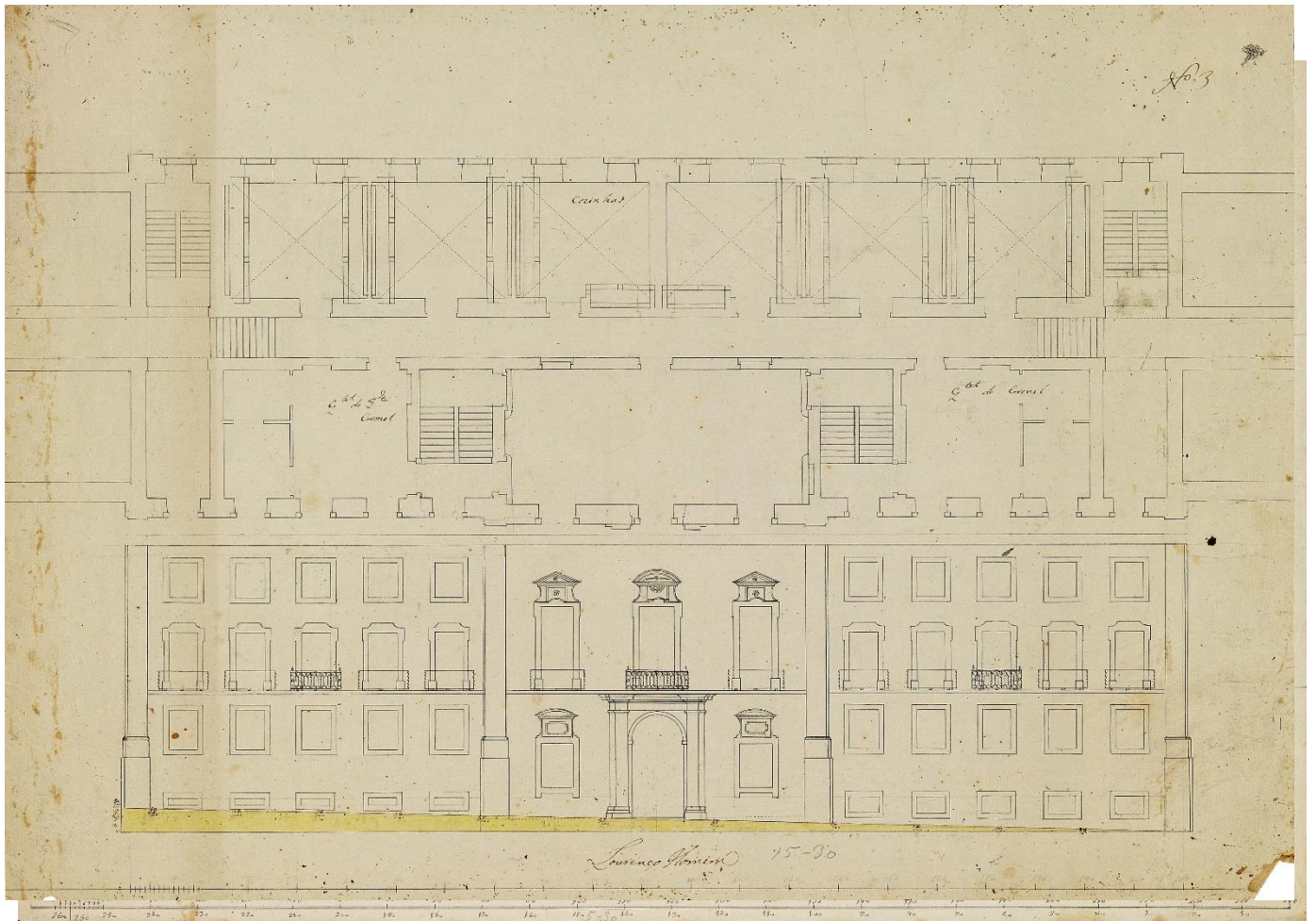


COTA - 448-1-3-5 (DSE) - CRT/2002

ANEXOS

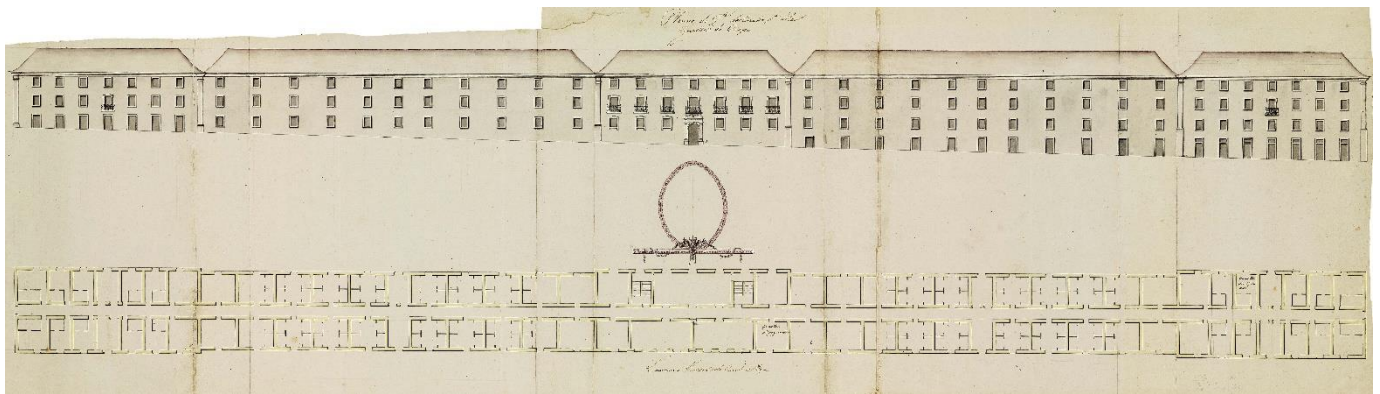


COTA - 452-1-3-5 (DSE) - CRT/2002



COTA - 458-1-3-5 (DSE) - CRT/2002

ANEXOS



COTA - 462-1-3-5 (DSE) - CRT/2002

II. FOTOGRAFIAS DO LOCAL

FILME "MARIA PAPOILA", 1937









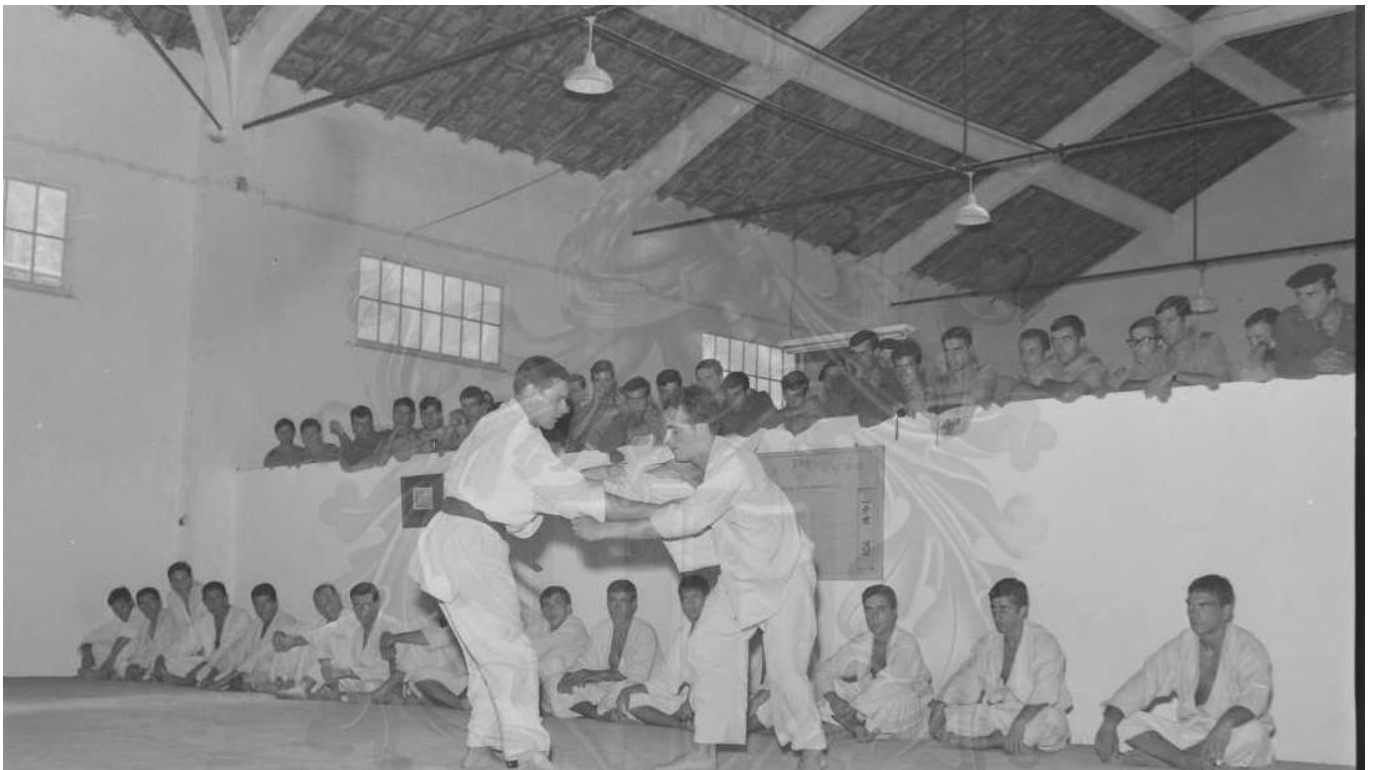




ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR





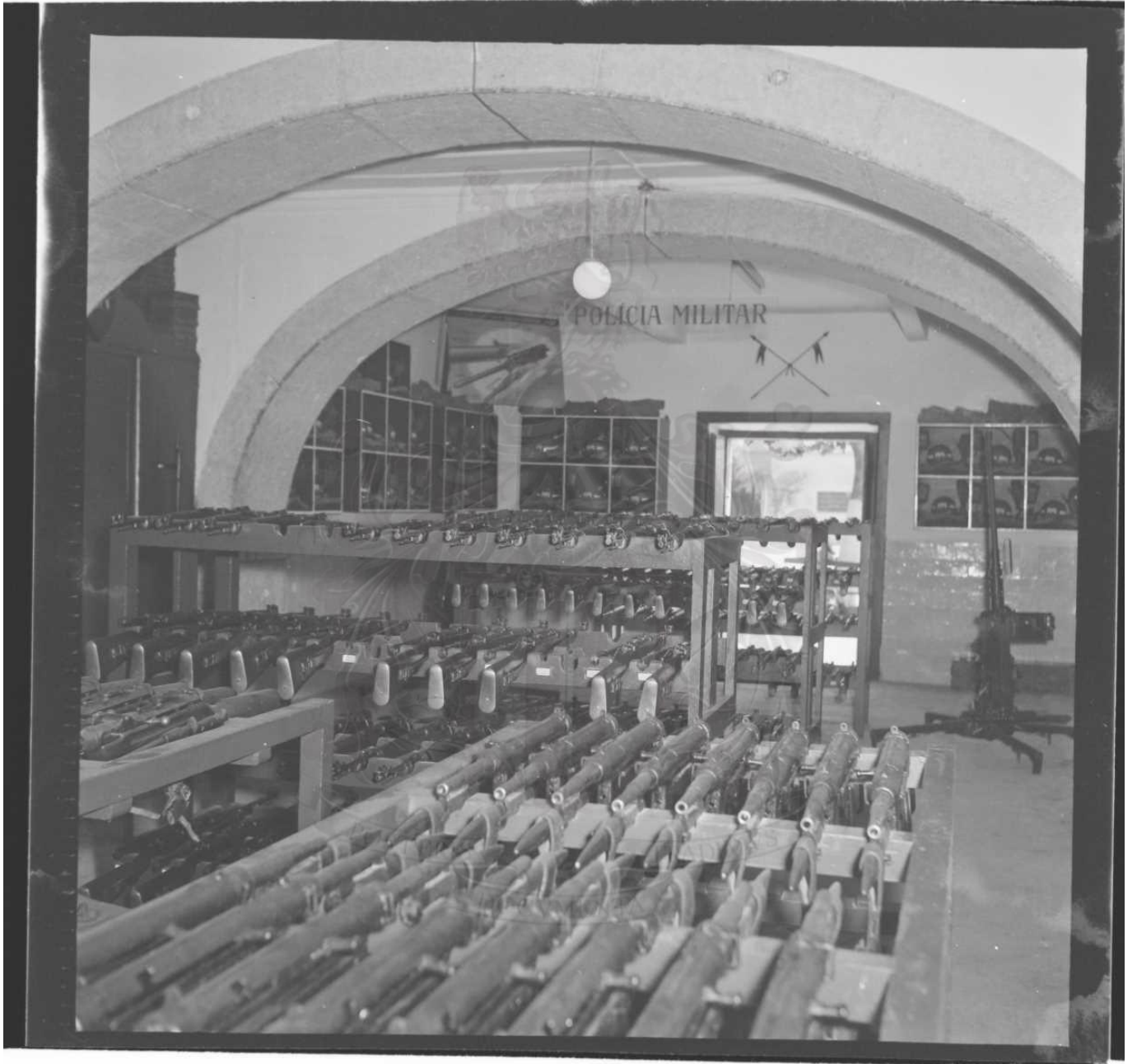






ANEXOS









ANEXOS

CALÇADA DA AJUDA



ANEXOS

RUA ALEXANDRE DE SÁ PINTO



ANEXOS

RUA DOS QUARTÉIS



ANEXOS

RUA NOVA DO CALHARIZ



ANEXOS

VISITA AO LOCAL 11/10/2022





ANEXOS













ANEXOS



ANEXOS





ANEXOS



ANEXOS

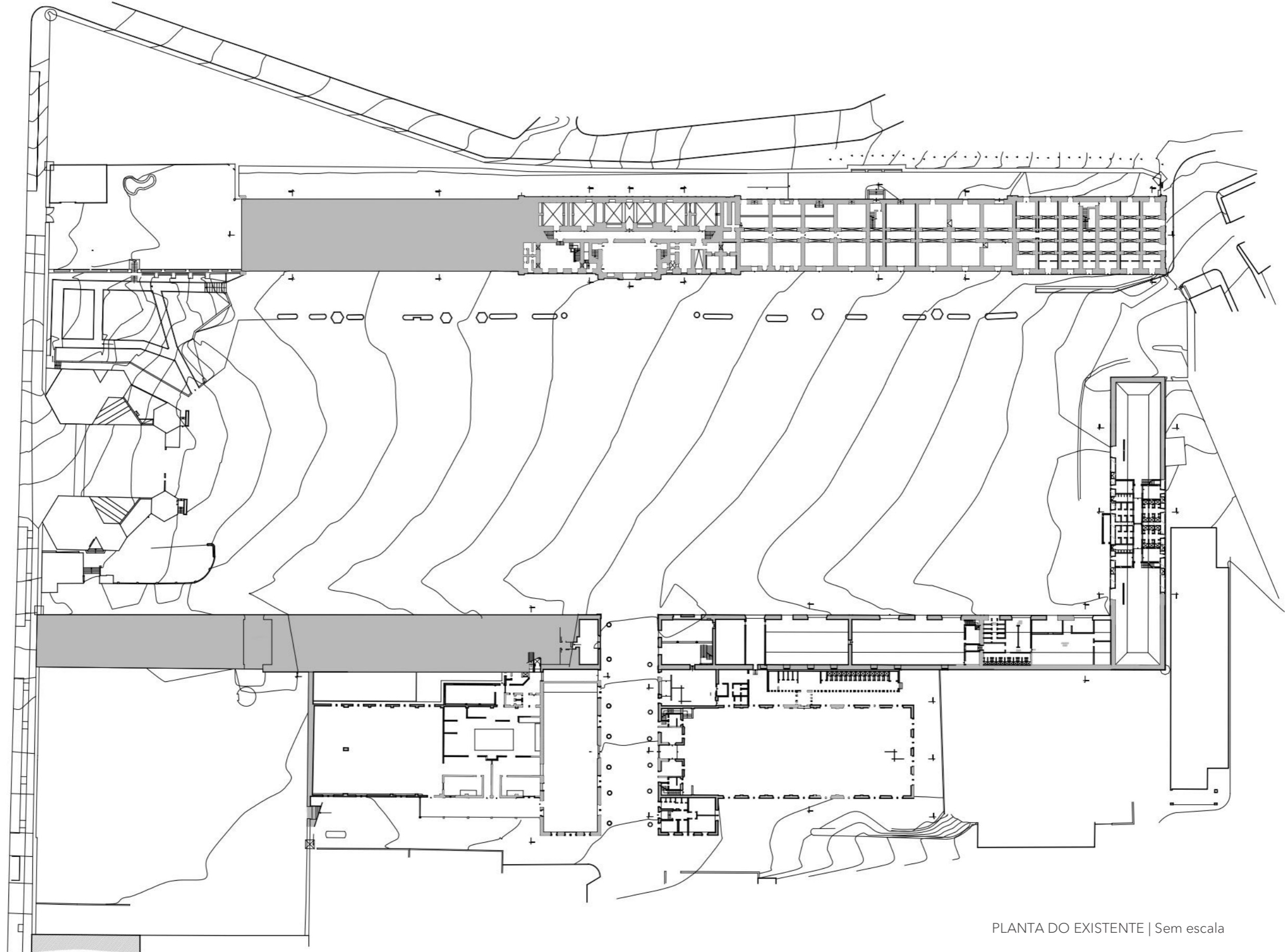


ANEXOS

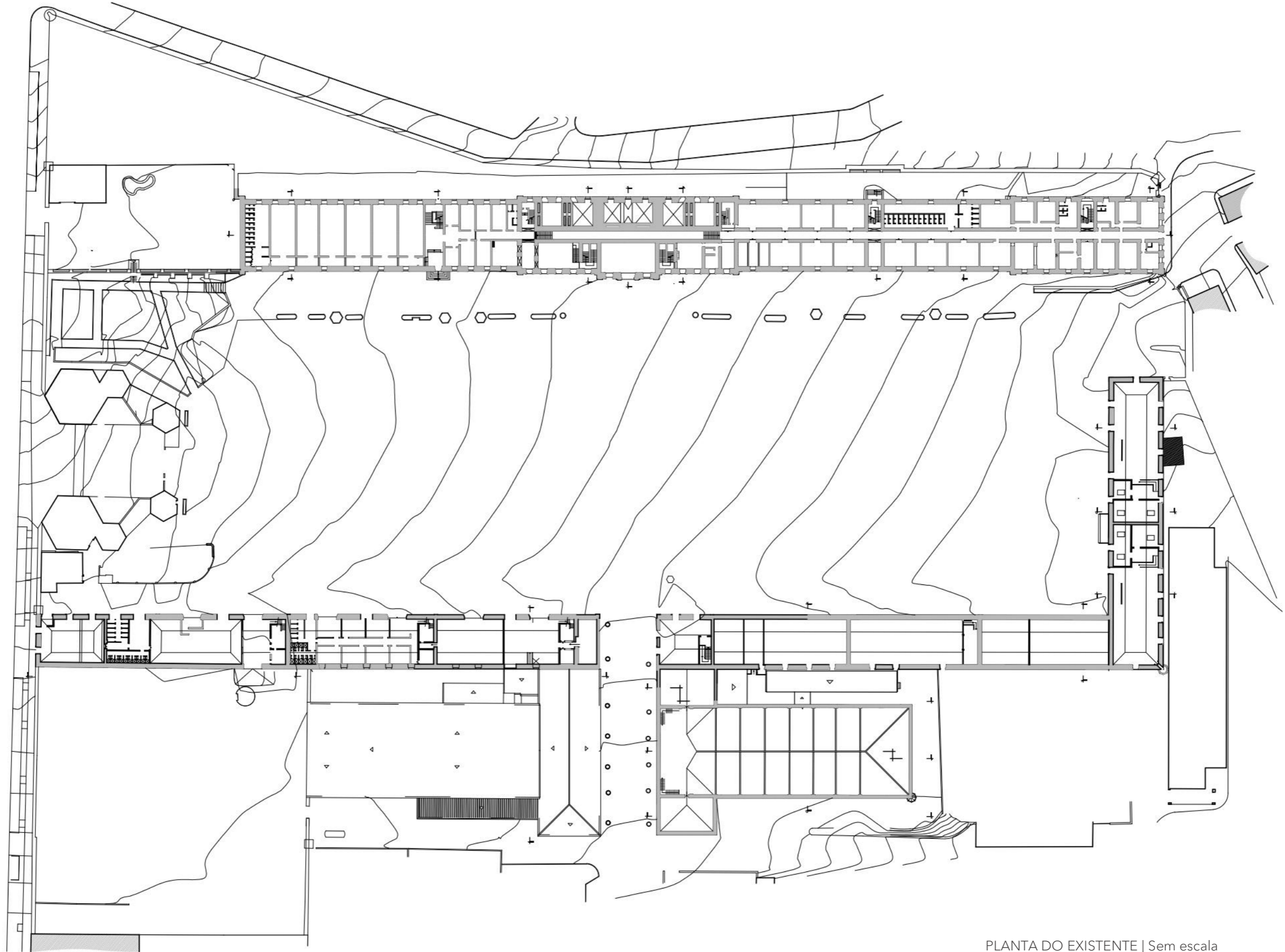




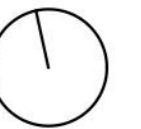
III. LEVANTAMENTO

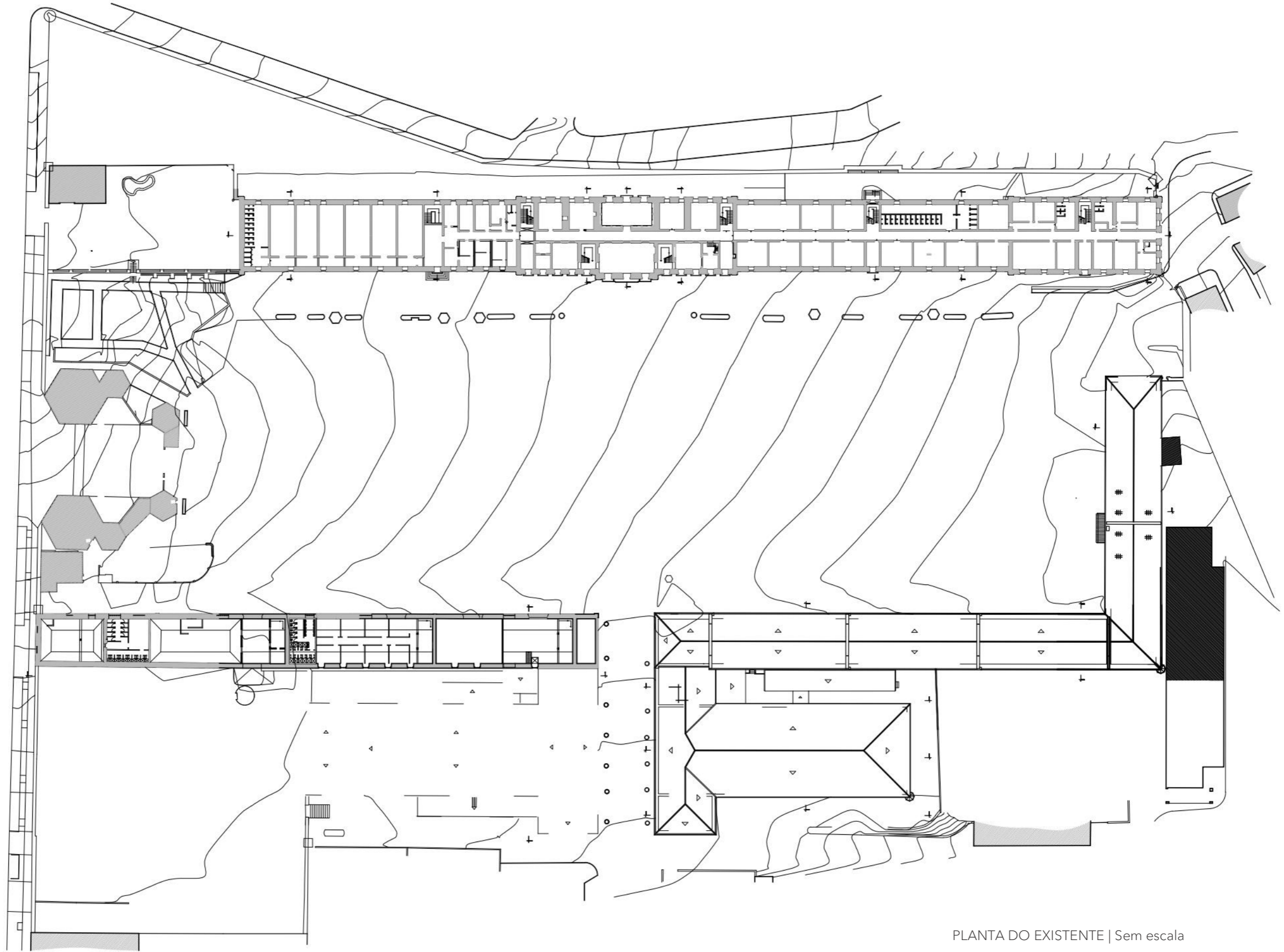


PLANTA DO EXISTENTE | Sem escala



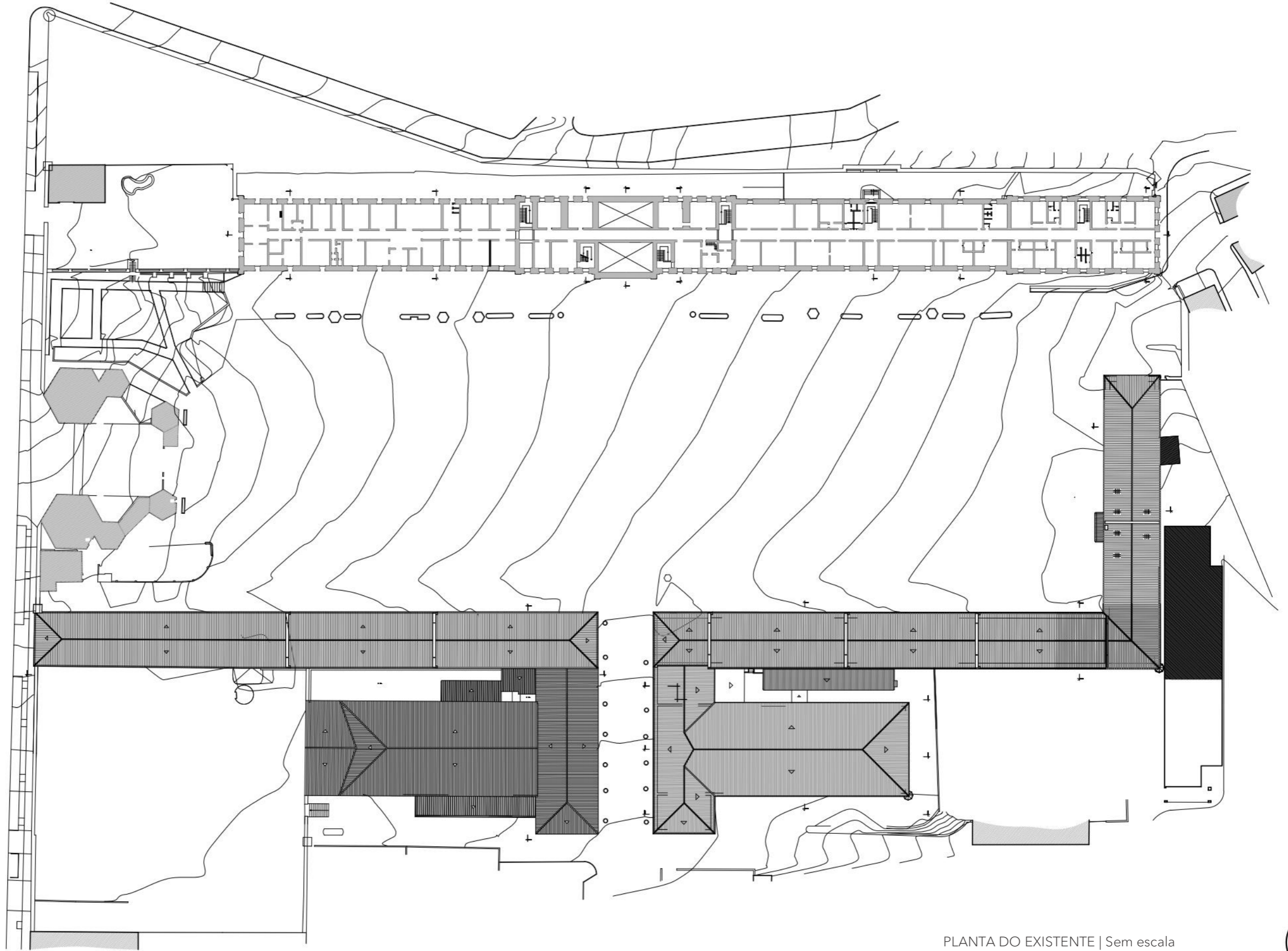
PLANTA DO EXISTENTE | Sem escala



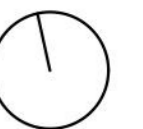


PLANTA DO EXISTENTE | Sem escala





PLANTA DO EXISTENTE | Sem escala



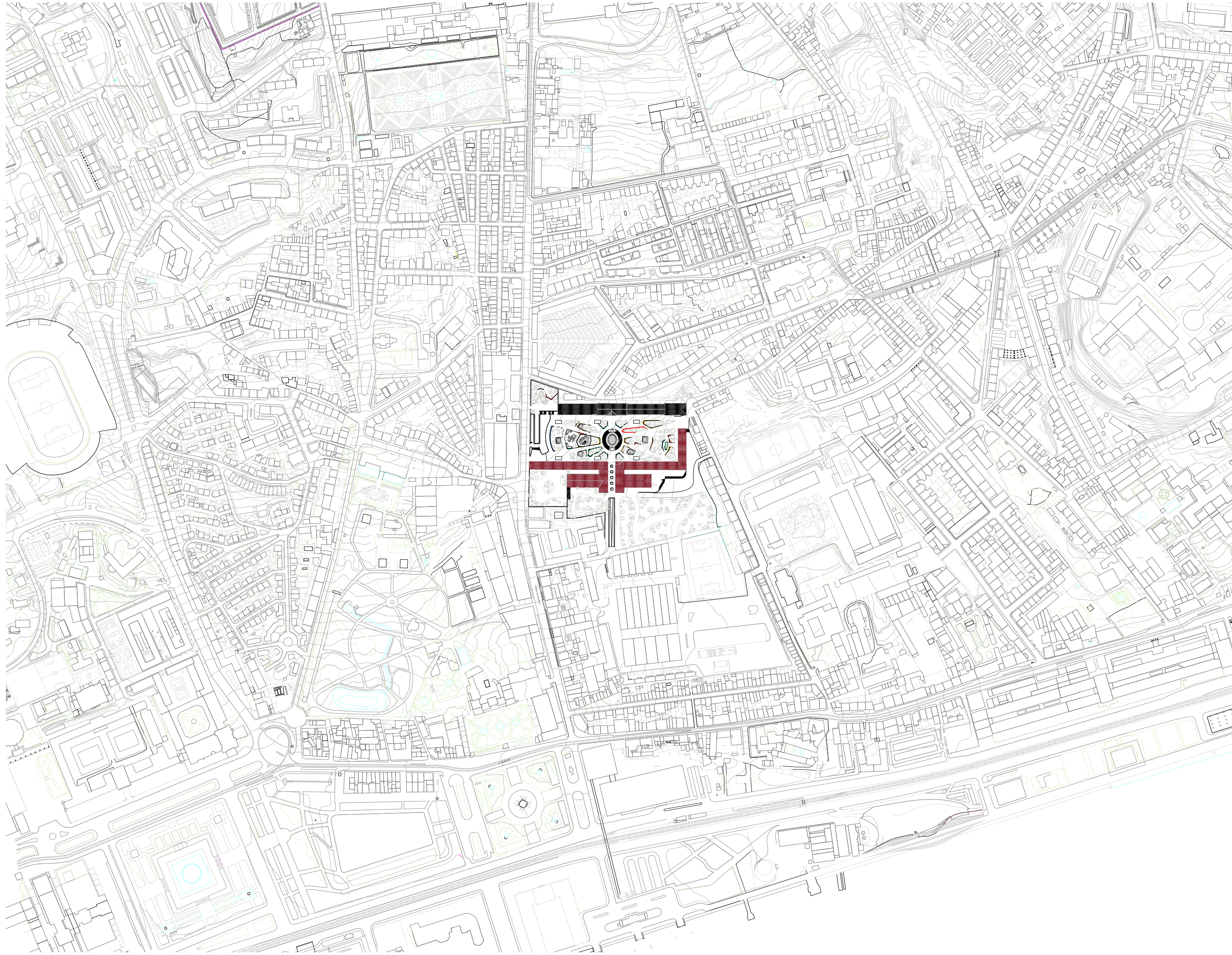
IV. PAINÉIS SÍNTESE

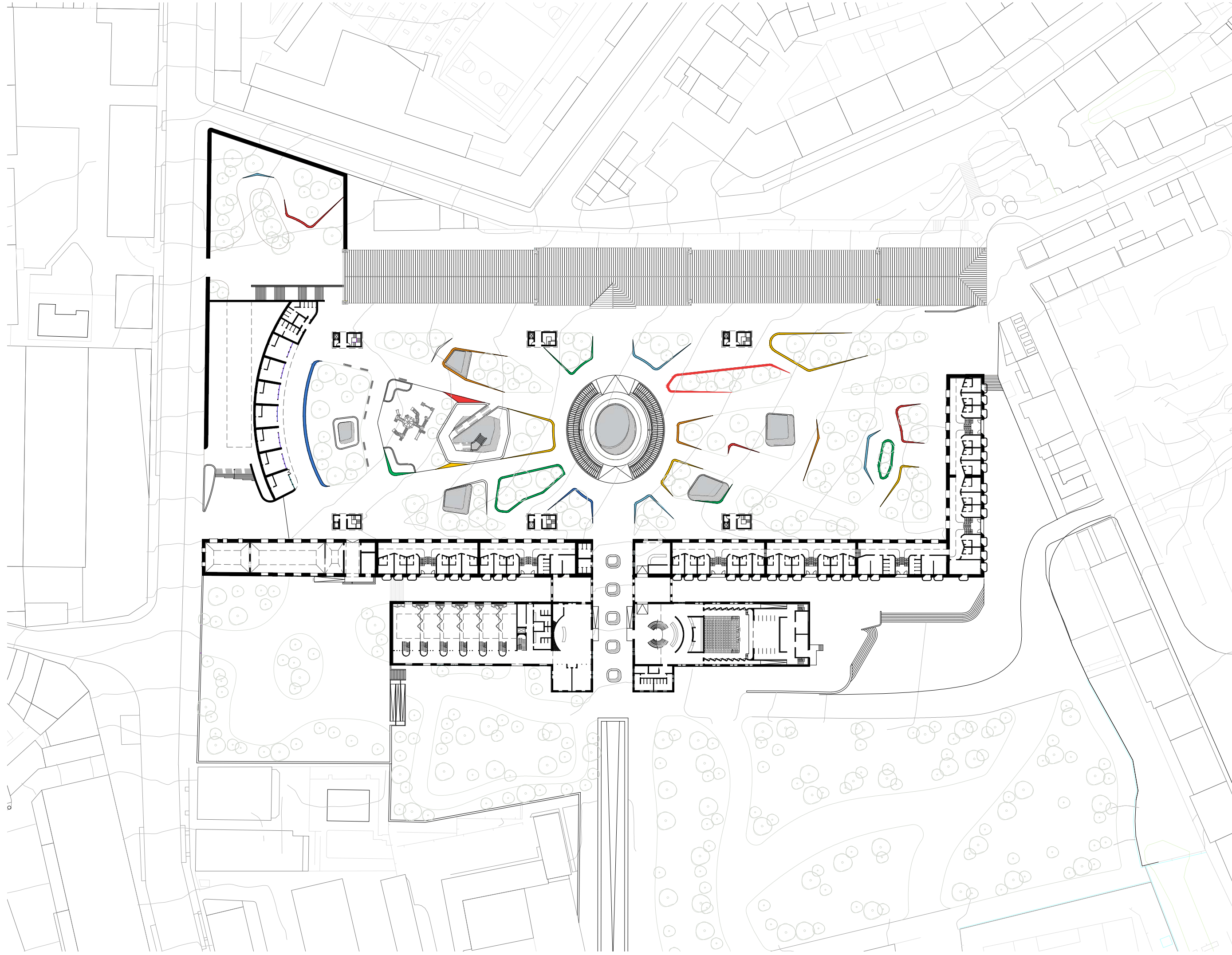
ANEXOS

- 01 Planta de Localização | Esc. 1/5000
- 02 Planta de Implantação | Esc. 1/1000
- 03 Planta Piso -2 | Estacionamento | Esc. 1/800
- 04 Planta Piso -1 | Estacionamento | Esc. 1/800
- 05 Planta Piso 0 | Plantas Gerais | Esc. 1/800
- 06 Planta Piso 1 | Plantas Gerais | Esc. 1/800
- 07 Planta Piso 0 | Zona A | Esc. 1/200
- 08 Planta Piso 0 | Zonas A e B | Esc. 1/200
- 09 Planta Piso 0 | Zonas B e C | Esc. 1/200
- 10 Planta Piso 0 | Zonas D e E | Esc. 1/200
- 11 Planta Piso 0 | Zona E | Esc. 1/200
- 12 Planta Piso 0 | Zonas E | Esc. 1/200
- 13 Planta Piso 1 | Zona A | Esc. 1/200
- 14 Planta Piso 1 | Zona B e C | Esc. 1/200
- 15 Planta Piso 1 | Zonas D e E | Esc. 1/200
- 16 Planta Piso 1 | Zona E | Esc. 1/200
- 17 Planta Piso 1 | Zona E | Esc. 1/200
- 18 Cortes A, B e C | Esc. 1/800
- 19 Cortes D e E | Esc. 1/800
- 20 Cortes F, G e H | Esc. 1/800
- 21 Detalhe piso 0 | Auditório | Escala gráfica
- 22 Detalhe piso 0 | Auditório | Escala gráfica
- 23 Detalhe piso 1 | Auditório | Escala gráfica

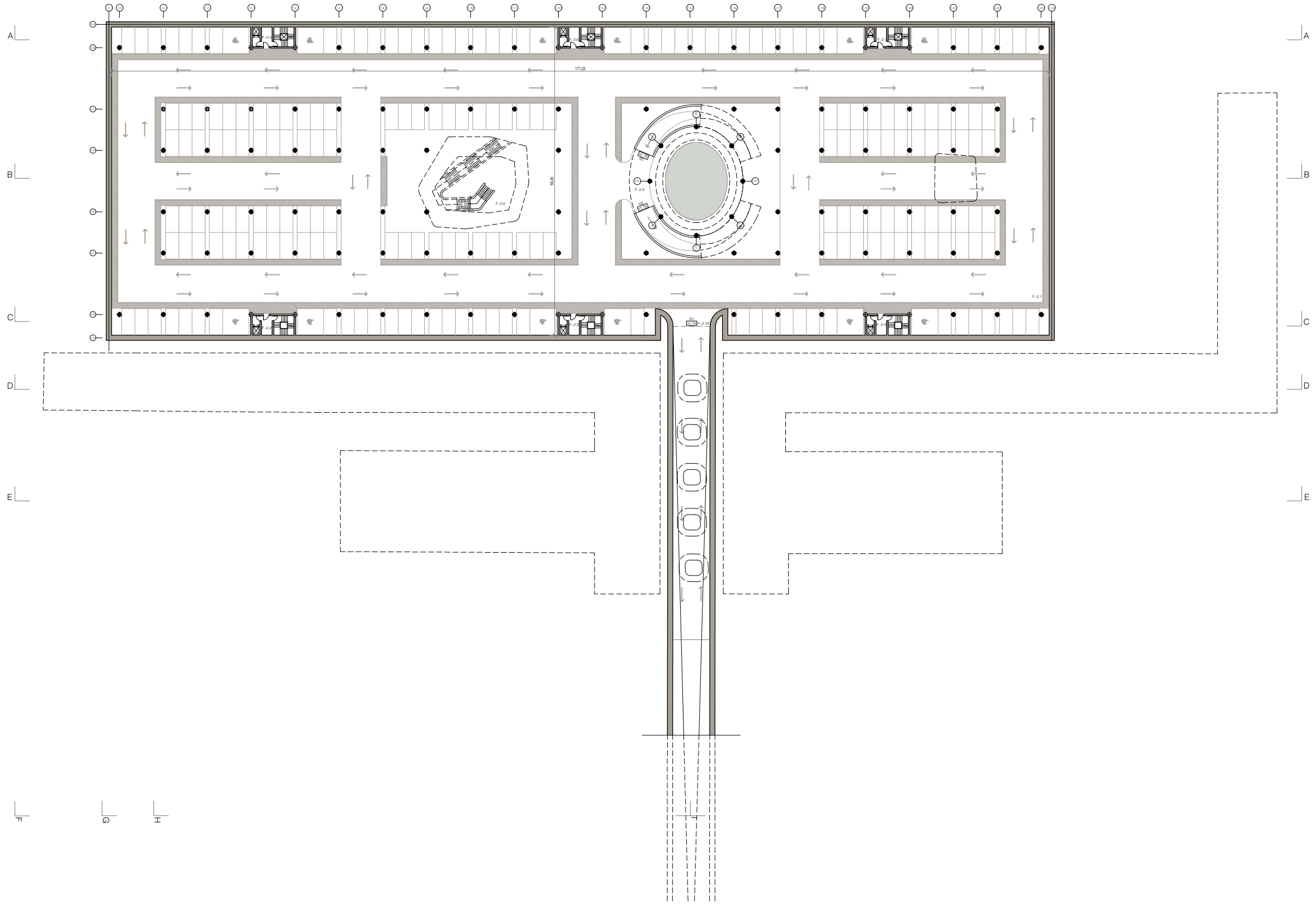
ANEXOS

- 24 Detalhe piso 1 | Auditório | Escala gráfica
- 25 Detalhe piso 0 | Habitação | Escala gráfica
- 26 Detalhe piso 1 | Habitação | Escala gráfica
- 27 Detalhe apartamento | Esc. 1/50
- 28 Detalhes Escadas 1 | Esc. 1/100 | Esc. 1/50
- 29 Detalhes Vãos P1 e J4 | Esc. 1/50





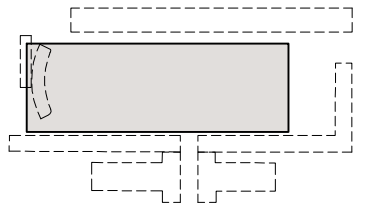
7
8
9



7
8
9

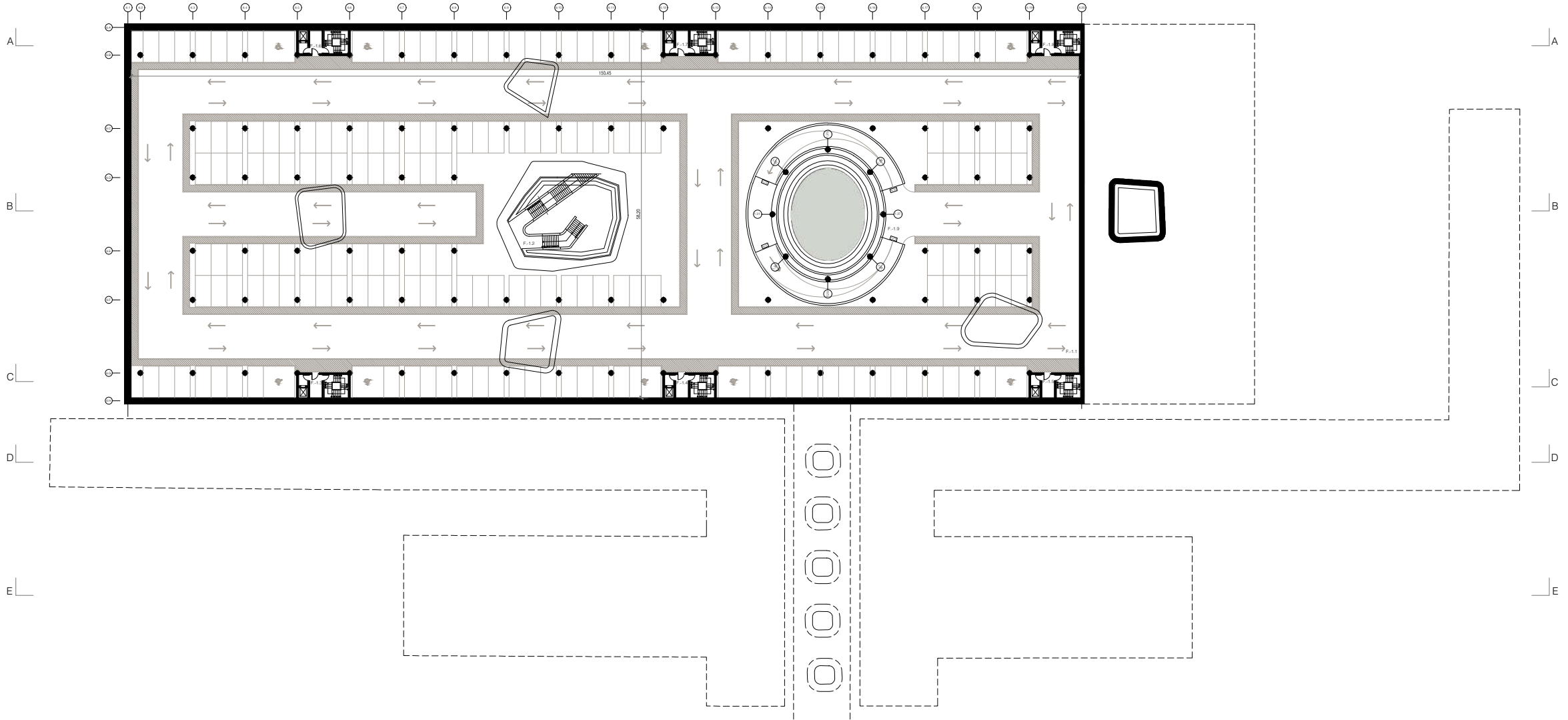
COMPARTIMENTAÇÃO

- F.-2.1 Estacionamento
- F.-2.2 Acessos verticais
- F.-2.3 Acessos verticais
- F.-2.4 Acessos verticais
- F.-2.5 Acessos verticais
- F.-2.6 Acessos verticais
- F.-2.7 Acessos verticais
- F.-2.8 Acesso vertical
- F.-2.9 Acesso vertical automóvel
- F.-2.10 Rampa de acesso automóvel



H P H

T



D D

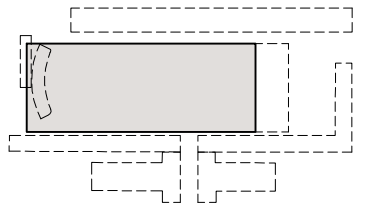
E E

F G H

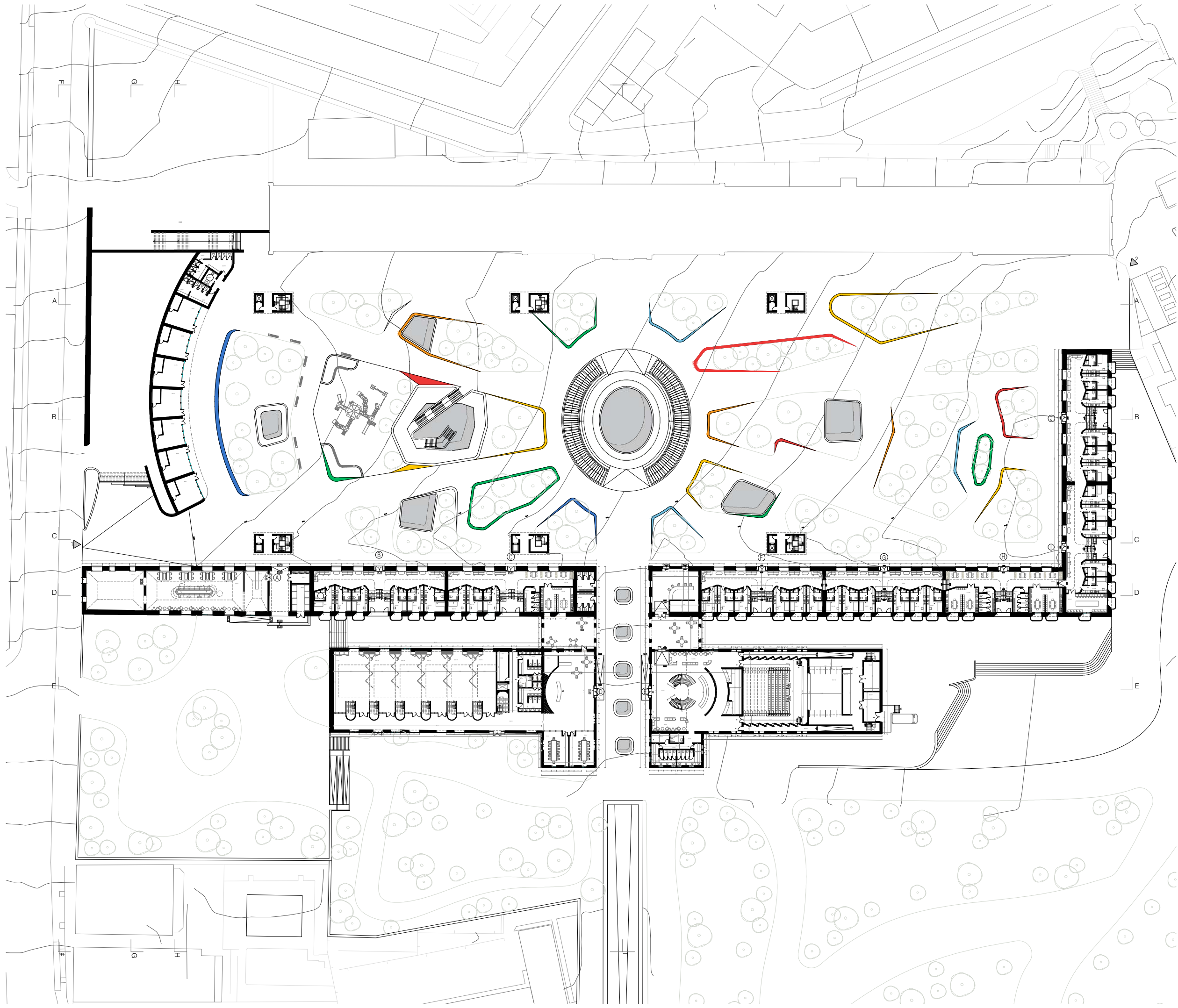
T

COMPARTIMENTAÇÃO

- F.-1.1 Estacionamento
- F.-1.2 Acesso vertical
- F.-1.3 Acessos verticais
- F.-1.4 Acessos verticais
- F.-1.5 Acessos verticais
- F.-1.6 Acessos verticais
- F.-1.7 Acessos verticais
- F.-1.8 Acessos verticais
- F.-1.9 Acesso automóvel

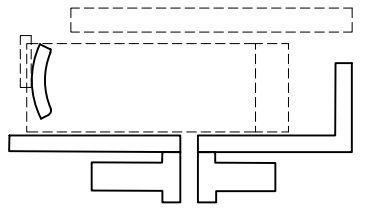


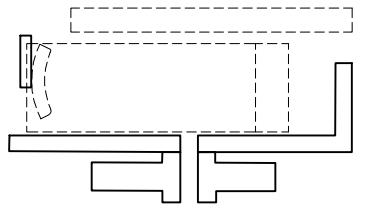
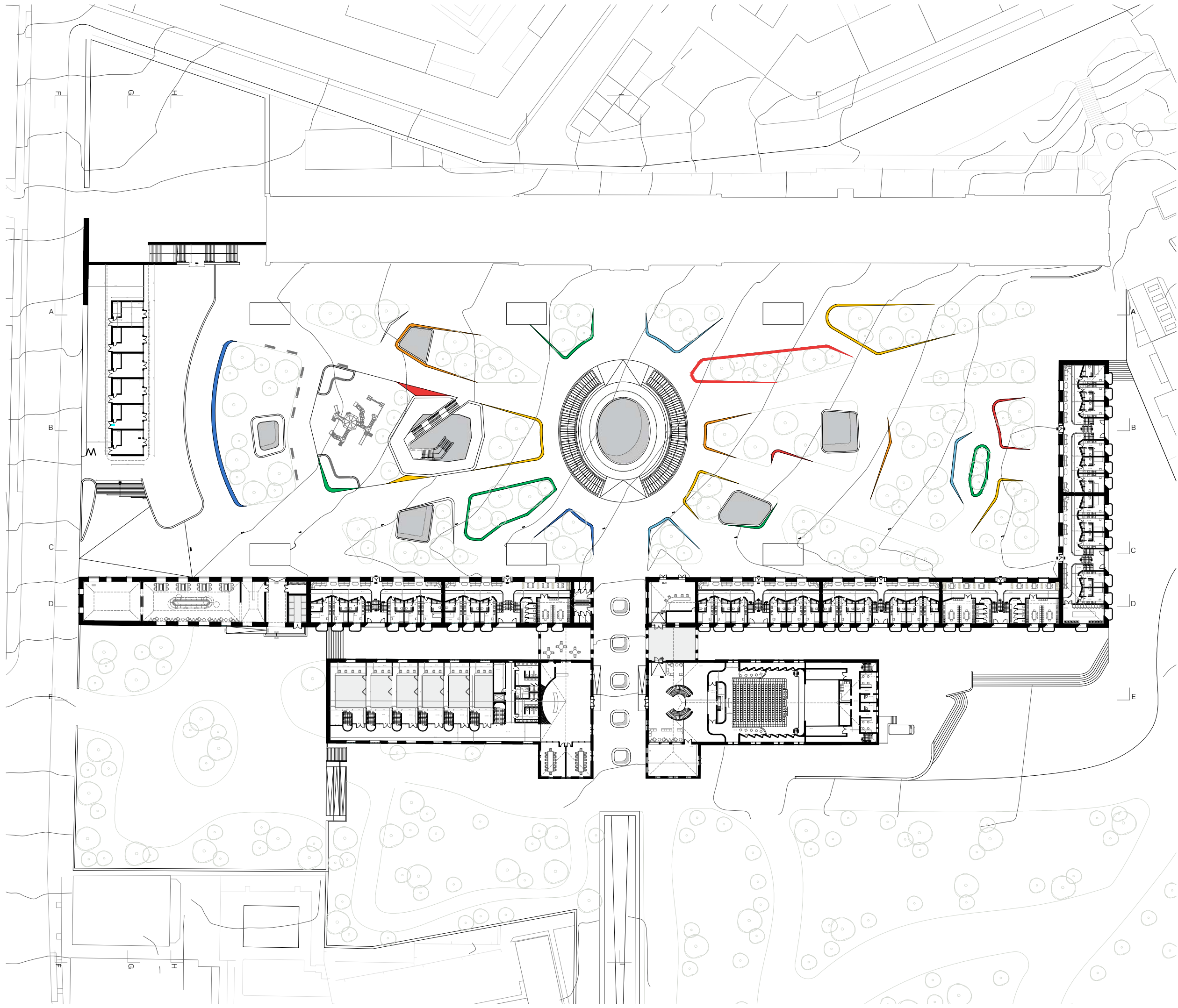
PLANTA PISO -1
ESTACIONAMENTO
 Esc. 1/800

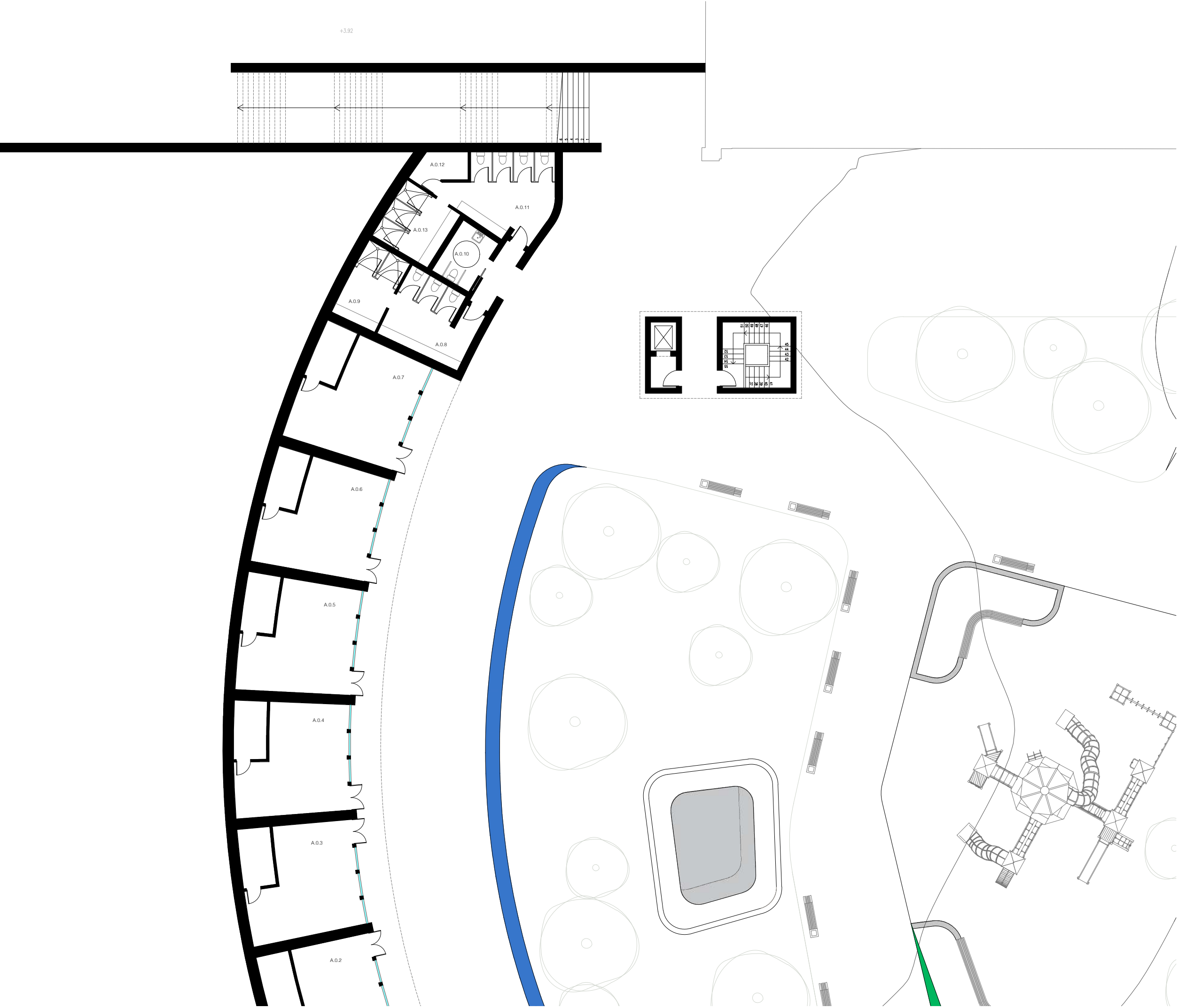


LEGENDA

- (A) Entrada Espaço de Estudo
- (B) Entrada Habitação
- (C) Entrada Habitação
- (D) Entrada Polivalente
- (E) Entrada Auditório
- (F) Entrada Habitação
- (G) Entrada Habitação
- (H) Entrada Habitação
- (I) Entrada Habitação
- (J) Entrada Habitação



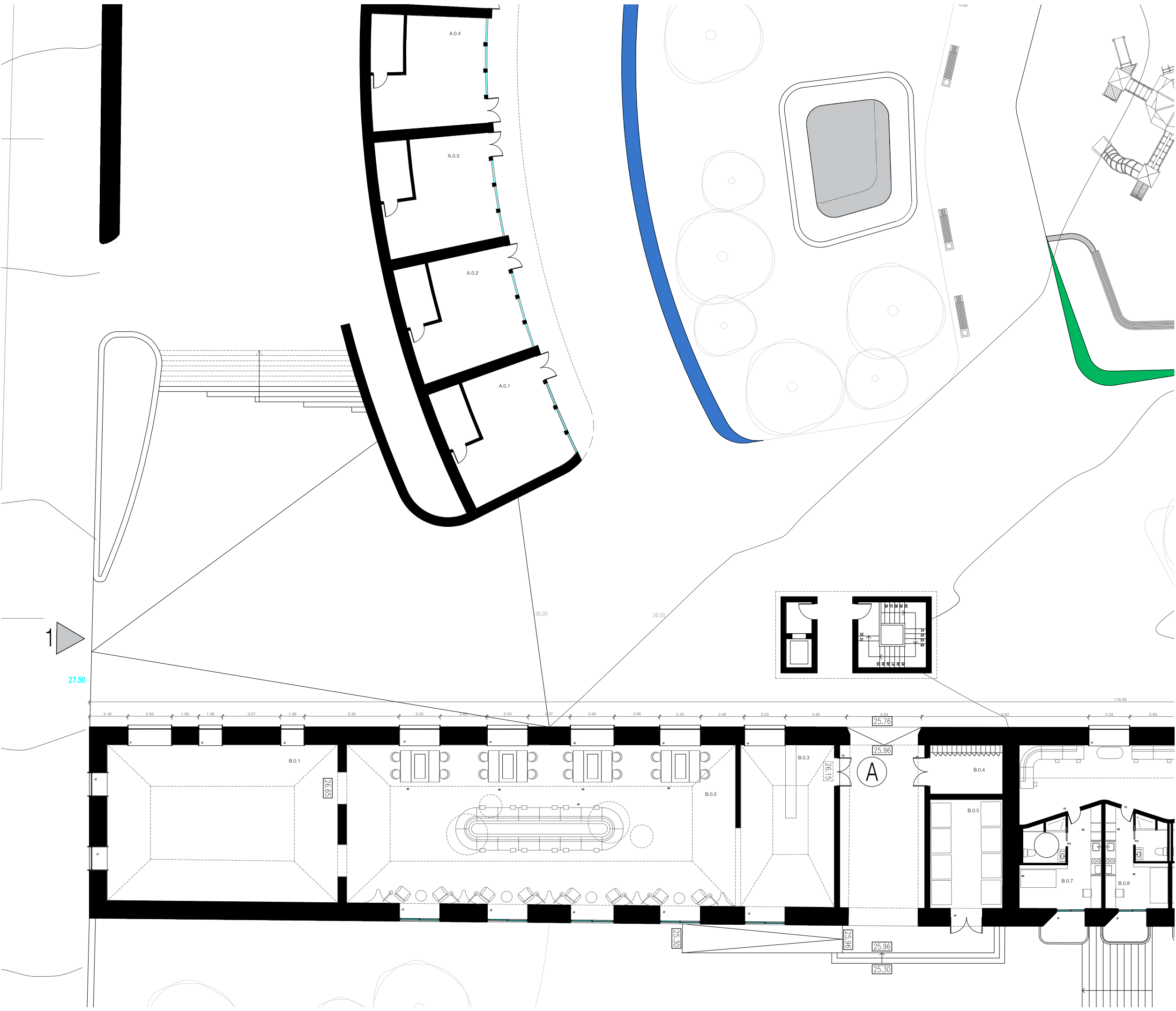




COMPARTIMENTAÇÃO

- A.0.1 Comércio
- A.0.2 Comércio
- A.0.3 Comércio
- A.0.4 Comércio
- A.0.5 Comércio
- A.0.6 Comércio
- A.0.7 Comércio
- A.0.8 Instalações sanitárias
- A.0.9 Banheário
- A.0.10 Instalação sanitária mobilidade reduzida
- A.0.11 Instalações sanitárias
- A.0.12 Arrumos
- A.0.13 Banheário





COMPARTIMENTAÇÃO

- A.0.1 Comércio
- A.0.2 Comércio
- A.0.3 Comércio
- A.0.4 Comércio

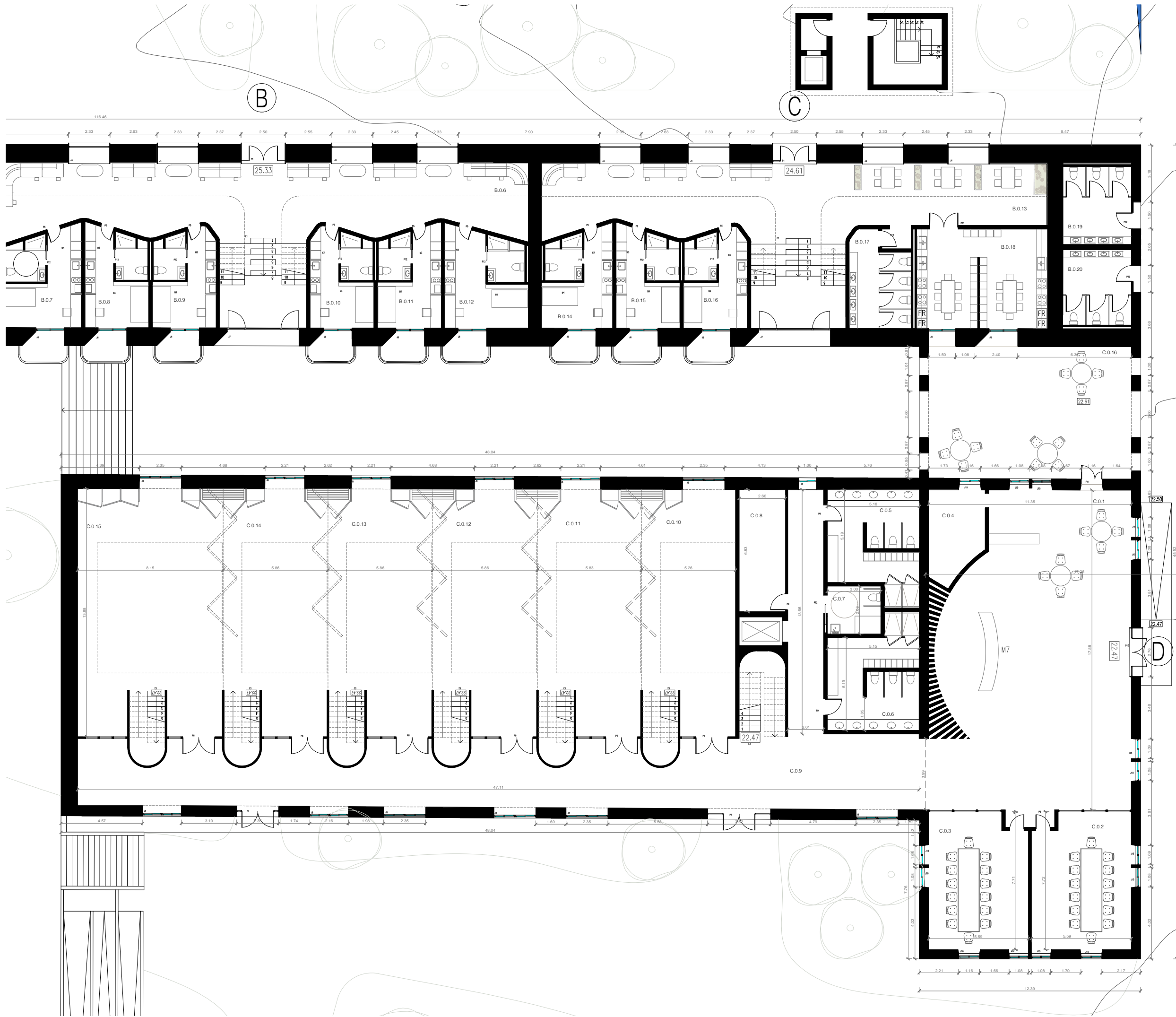
- B.0.1 Zona de apoio
- B.0.2 Espaço de estudo
- B.0.3 Recepção
- B.0.4 Sala do correio
- B.0.5 Depósito caixotes do lixo
- B.0.6 Espaços comuns
- B.0.7 Apartamento
- B.0.8 Apartamento



Luz, Cor e Matéria como Elementos Qualificadores do Espaço de Habitação
 Intervenção no Antigo Quartel do Regimento de Lanceiros II, na Calçada da Ajuda

Tânia Catarina Cunha da Silva 20161213 Projeto Final de Mestrado Janeiro 2024 Orientador João Pernão

PLANTA PISO 0
 PLANTAS ZONA A e B
 Esc. 1/200



COMPARTIMENTAÇÃO

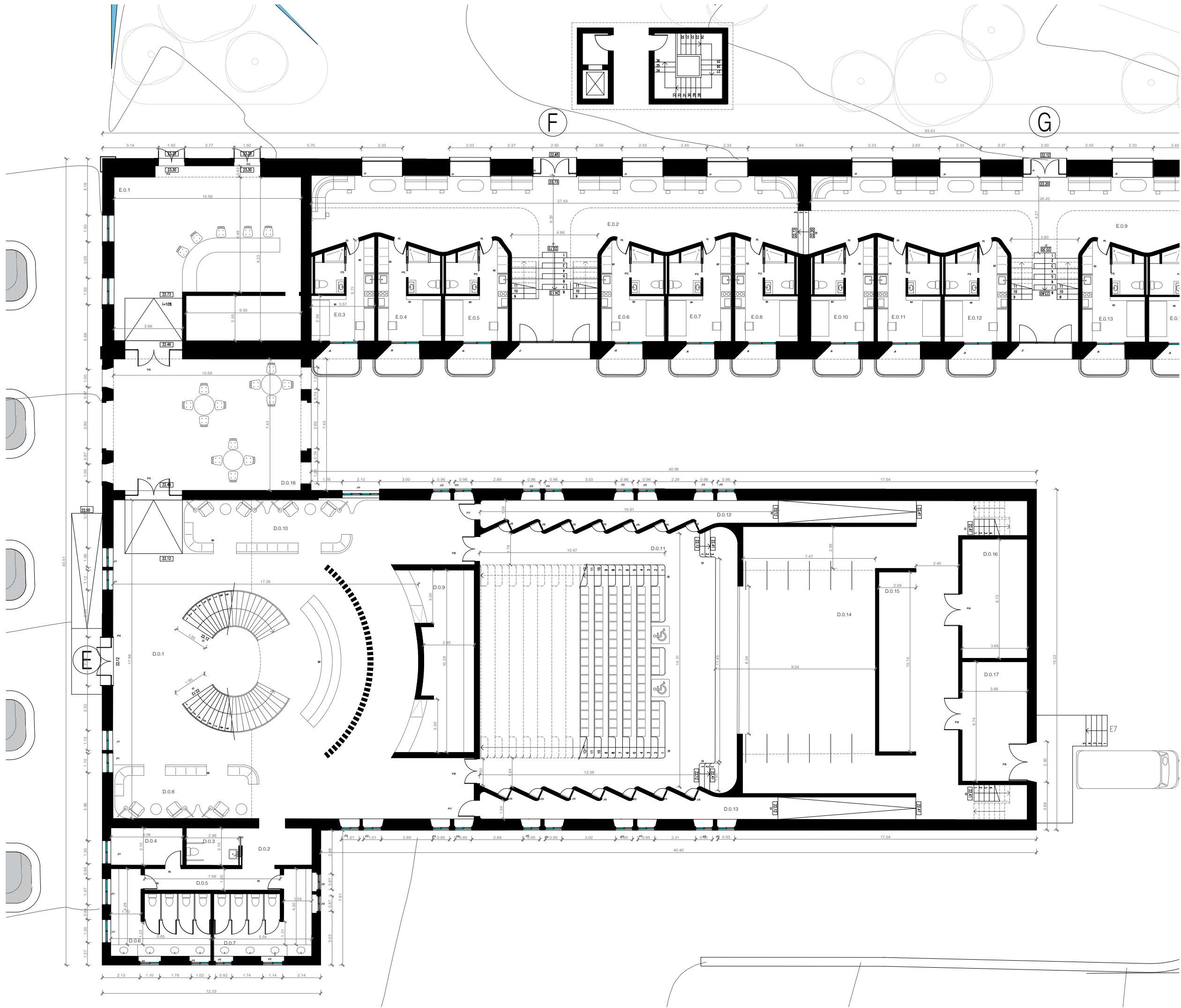
- B.0.6 Espaços comuns
- B.0.7 Apartamento
- B.0.8 Apartamento
- B.0.9 Apartamento
- B.0.10 Apartamento
- B.0.11 Apartamento
- B.0.12 Apartamento
- B.0.13 Espaços comuns
- B.0.14 Apartamento
- B.0.15 Apartamento
- B.0.16 Apartamento
- B.0.17 Instalações sanitárias
- B.0.18 Cozinha comum
- B.0.19 Instalação sanitária pública
- B.0.20 Instalação sanitária pública

- C.0.1 Recepção
- C.0.2 Sala de reuniões
- C.0.3 Sala de reuniões
- C.0.4 Bar
- C.0.5 Instalações sanitárias
- C.0.6 Instalações sanitárias
- C.0.7 Instalação sanitária mobilidade reduzida
- C.0.8 Arrumos
- C.0.9 Circulação
- C.0.10 Sala polivalente
- C.0.11 Sala polivalente
- C.0.12 Sala polivalente
- C.0.13 Sala polivalente
- C.0.14 Sala polivalente
- C.0.15 Sala polivalente
- C.0.16 Esplanada



Luz, Cor e Matéria como Elementos Qualificadores do Espaço de Habitação
 Intervenção no Antigo Quartel do Regimento de Lanceiros II, na Calçada da Ajuda
 Tânia Catarina Cunha da Silva 20161213 Projeto Final de Mestrado Janeiro 2024 Orientador João Pernão

PLANTA PISO 0
 PLANTAS ZONAS A e B
 Esc. 1/200



COMPARTIMENTAÇÃO

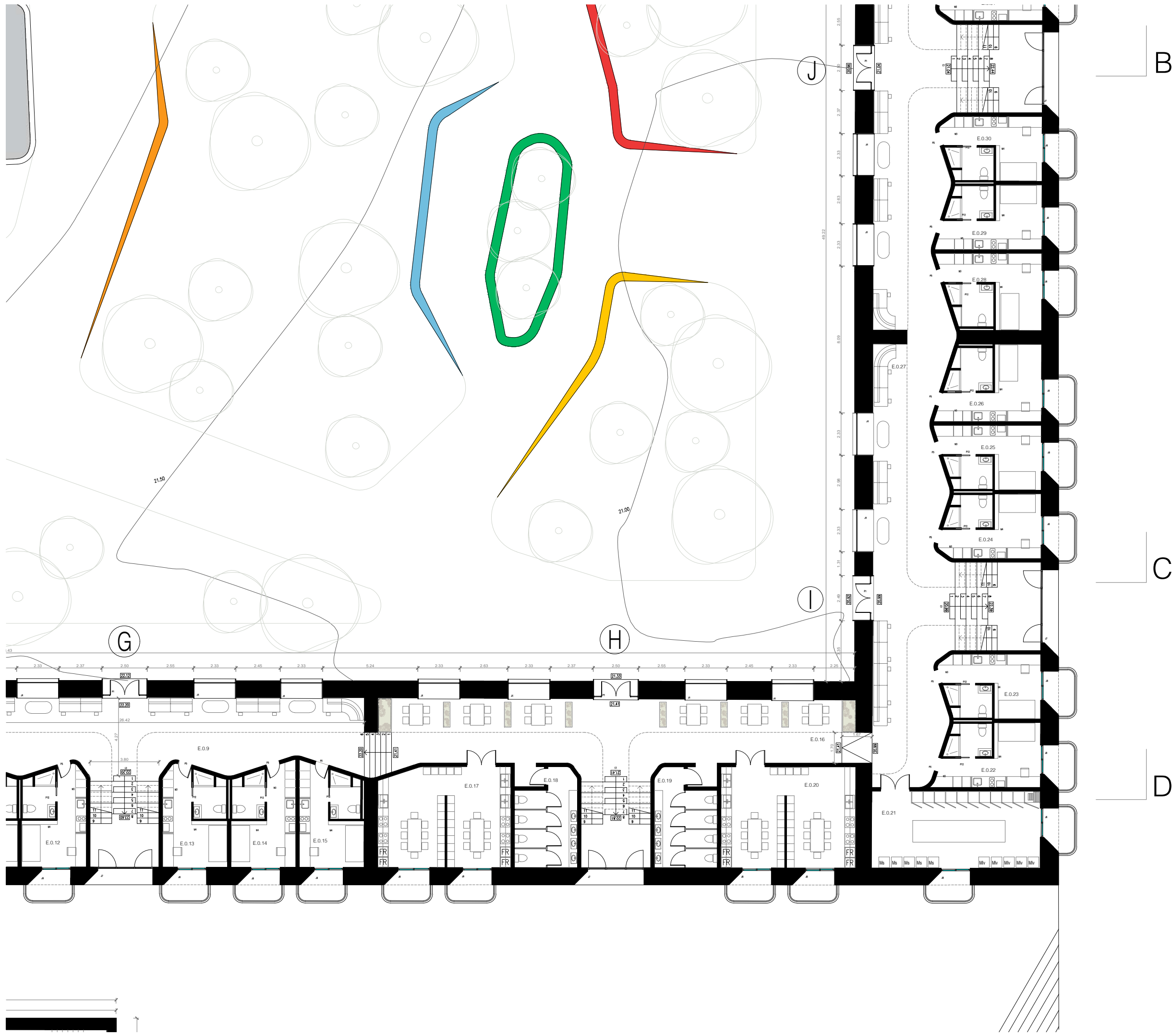
- D.0.1 Entrada e Recepção
- D.0.2 Vestibulo de acesso às instalações sanitárias
- D.0.3 Instalação sanitária mobilidade reduzida
- D.0.4 Arrumos
- D.0.5 Circulação
- D.0.6 Instalações sanitárias
- D.0.7 Instalações sanitárias
- D.0.8 Zona de estar
- D.0.9 Bengaleiro
- D.0.10 Zona de estar
- D.0.11 Plateia
- D.0.12 Circulação de acesso ao backstage
- D.0.13 Circulação de acesso ao backstage
- D.0.14 Palco
- D.0.15 Backstage
- D.0.16 Depósito
- D.0.17 Depósito
- D.0.18 Esplanada

- E.0.1 Cafeteria
- E.0.2 Espaço de estar comum
- E.0.3 Apartamento
- E.0.4 Apartamento
- E.0.5 Apartamento
- E.0.6 Apartamento
- E.0.7 Apartamento
- E.0.8 Apartamento
- E.0.9 Espaço de estar comum
- E.0.10 Apartamento
- E.0.11 Apartamento
- E.0.12 Apartamento
- E.0.13 Apartamento
- E.0.14 Apartamento



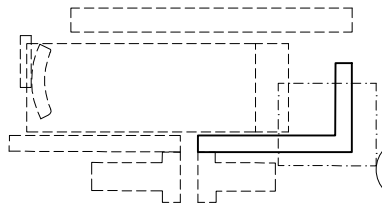
Luz, Cor e Matéria como Elementos Qualificadores do Espaço de Habitação
 Intervenção no Antigo Quartel do Regimento de Lanceiros II, na Calçada da Ajuda
 Tânia Catarina Cunha da Silva 20161213 Projeto Final de Mestrado Janeiro 2024 Orientador João Pernão

PLANTA PISO 0
 PLANTAS ZONAS D e E
 Esc. 1/200



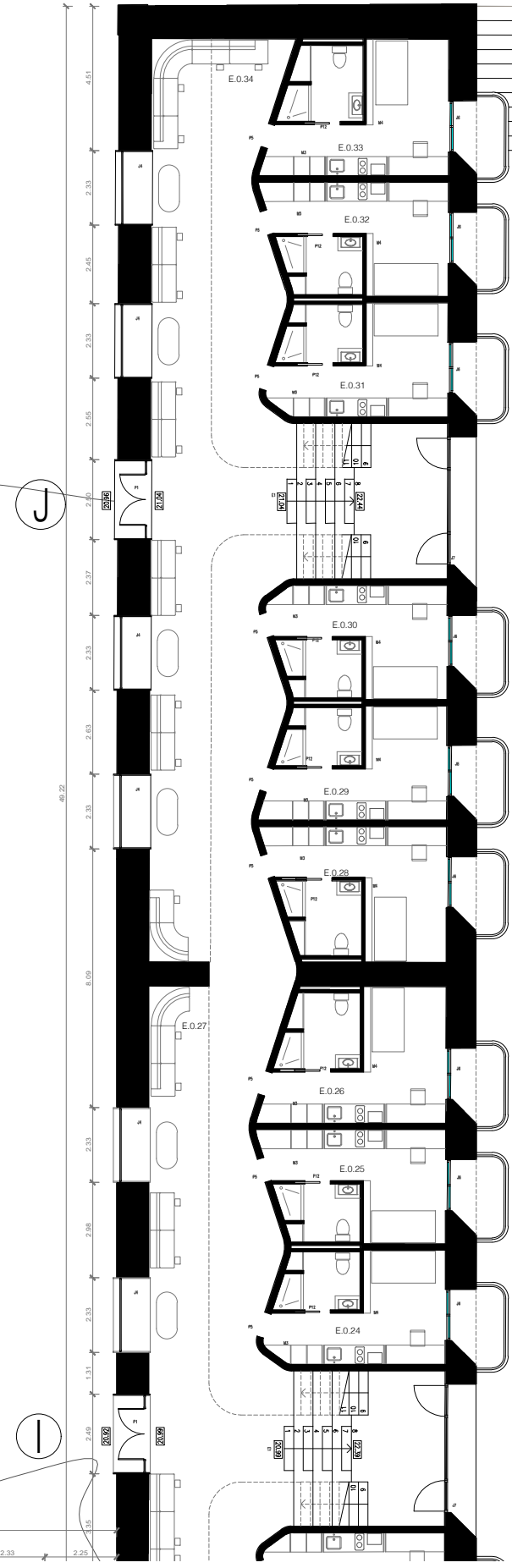
COMPARTIMENTAÇÃO

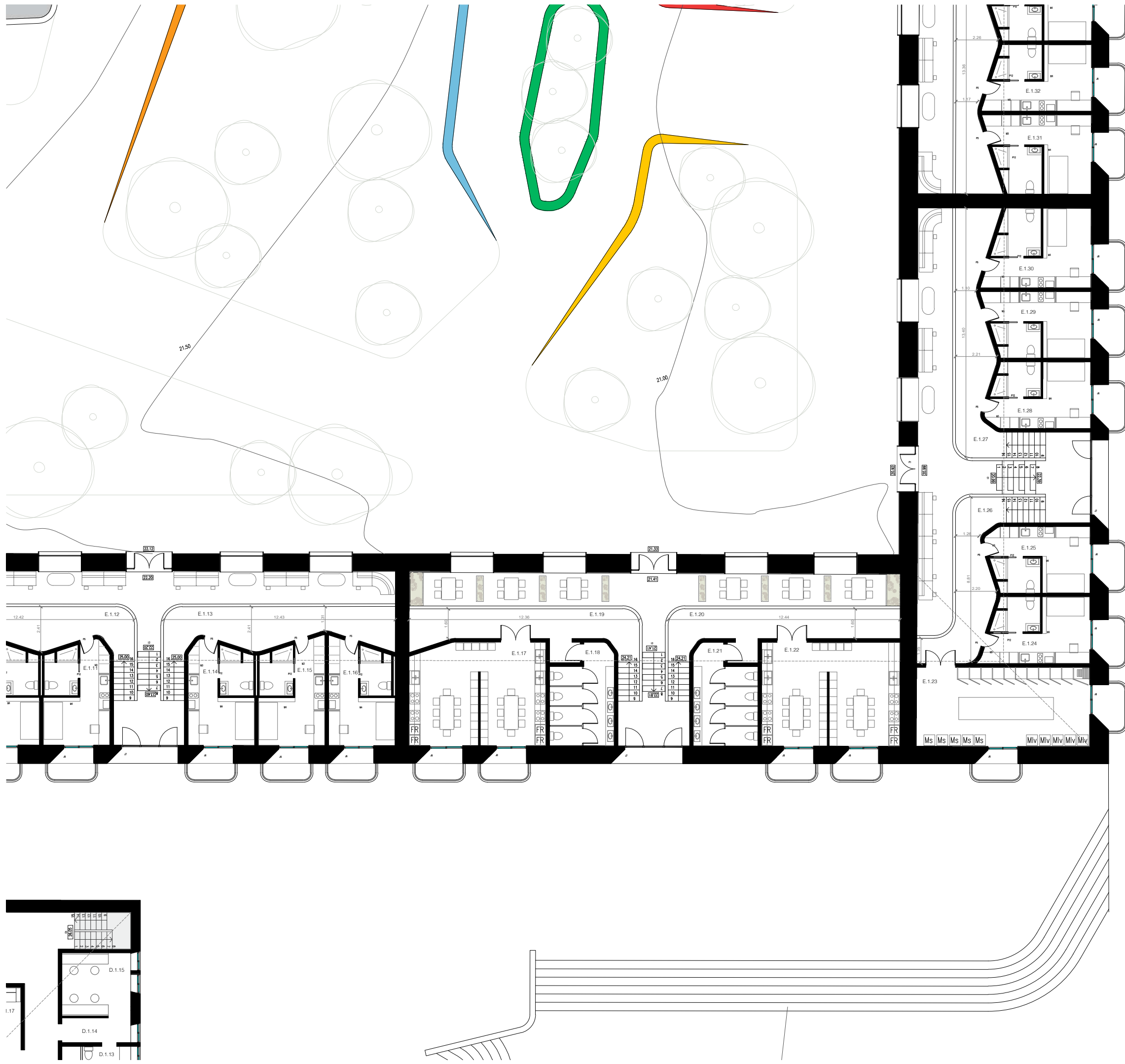
- E.0.9 Espaço de estar comum
- E.0.12 Apartamento
- E.0.13 Apartamento
- E.0.14 Apartamento
- E.0.15 Apartamento
- E.0.16 Espaço de estar/ estudo comum
- E.0.17 Cozinhas comuns
- E.0.18 Instalações sanitárias comuns
- E.0.19 Instalações sanitárias comuns
- E.0.20 Cozinhas comuns
- E.0.21 Lavandaria
- E.0.22 Apartamento
- E.0.23 Apartamento
- E.0.24 Apartamento
- E.0.25 Apartamento
- E.0.26 Apartamento
- E.0.27 Espaço de estar comum
- E.0.28 Apartamento
- E.0.29 Apartamento
- E.0.30 Apartamento



PLANTA PISO 0
 PLANTA ZONA E
 Esc. 1/200



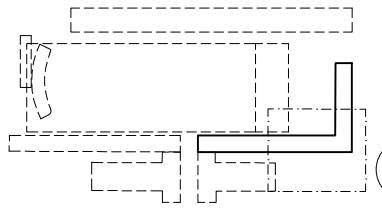


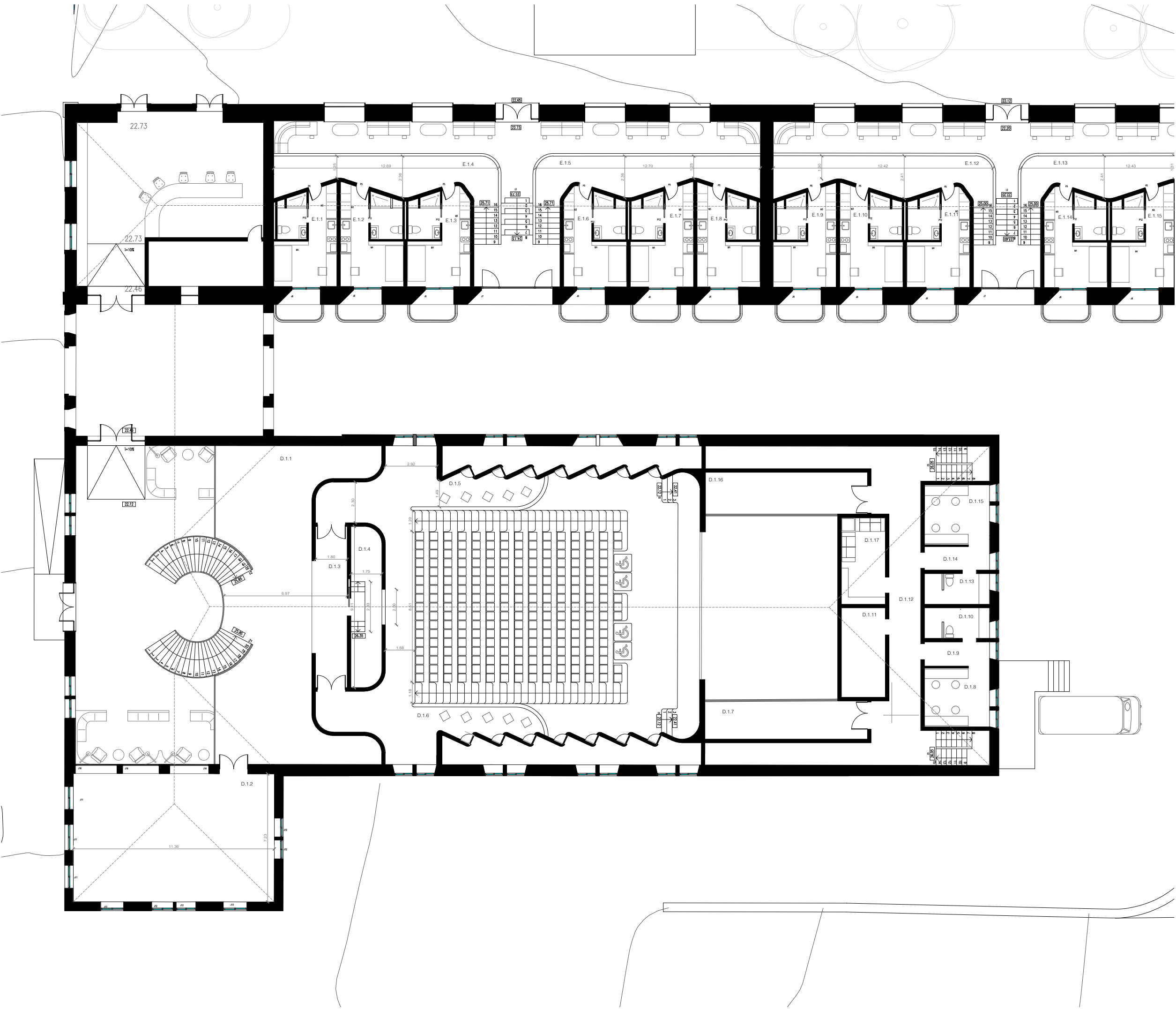


COMPARTIMENTAÇÃO

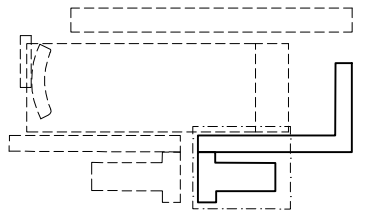
- E.1.11 Apartamento
- E.1.12 Circulação
- E.1.13 Circulação
- E.1.14 Apartamento
- E.1.15 Apartamento
- E.1.16 Apartamento
- E.1.17 Cozinhas comuns
- E.1.18 Instalações sanitárias comuns
- E.1.19 Circulação
- E.1.20 Circulação
- E.1.21 Instalações sanitárias
- E.1.22 Cozinhas comuns
- E.1.23 Lavandaria
- E.1.24 Apartamento
- E.1.25 Apartamento
- E.1.26 Circulação
- E.1.27 Circulação
- E.1.28 Apartamento
- E.1.29 Apartamento
- E.1.30 Apartamento
- E.1.32 Apartamento

PLANTA PISO 1
 PLANTA ZONA E
 Esc. 1/200



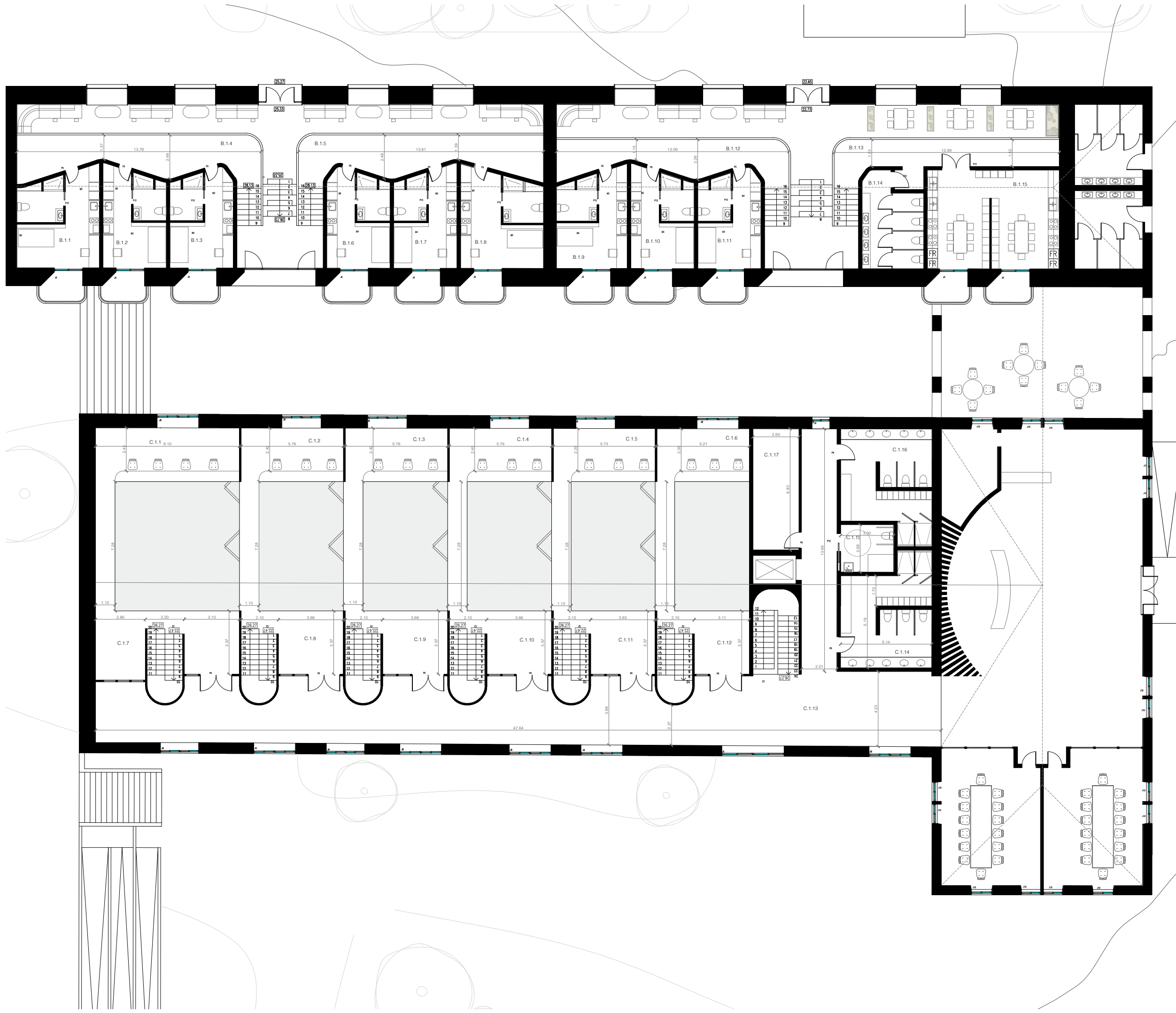


- COMPARTIMENTAÇÃO**
- D.1.1 Circulação
 - D.1.2 Administração
 - D.1.3 Vestibulo de acesso à plateia e régie
 - D.1.4 Régie
 - D.1.5 Galeria
 - D.1.6 Galeria
 - D.1.7 Varanda técnica
 - D.1.8 Camarim
 - D.1.9 Vestibulo de acesso ao camarim
 - D.1.10 Instalação sanitária
 - D.1.11 Oficina
 - D.1.12 Circulação
 - D.1.13 Instalação sanitária
 - D.1.14 Vestibulo de acesso ao camarim
 - D.1.15 Camarim
 - D.1.16 Varanda técnica
 - D.1.17 Sala de espera
-
- E.1.1 Apartamento
 - E.1.2 Apartamento
 - E.1.3 Apartamento
 - E.1.4 Circulação
 - E.1.5 Circulação
 - E.1.6 Apartamento
 - E.1.7 Apartamento
 - E.1.8 Apartamento
 - E.1.10 Apartamento
 - E.1.11 Apartamento
 - E.1.12 Circulação
 - E.1.13 Circulação
 - E.1.14 Apartamento
 - E.1.15 Apartamento



PLANTA PISO 1
 PLANTA ZONA D e E
 Esc. 1/200

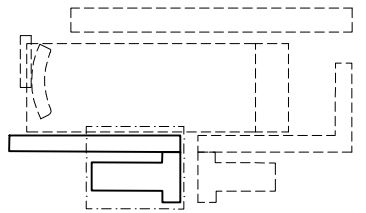


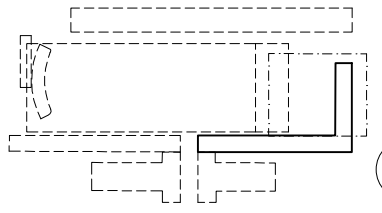
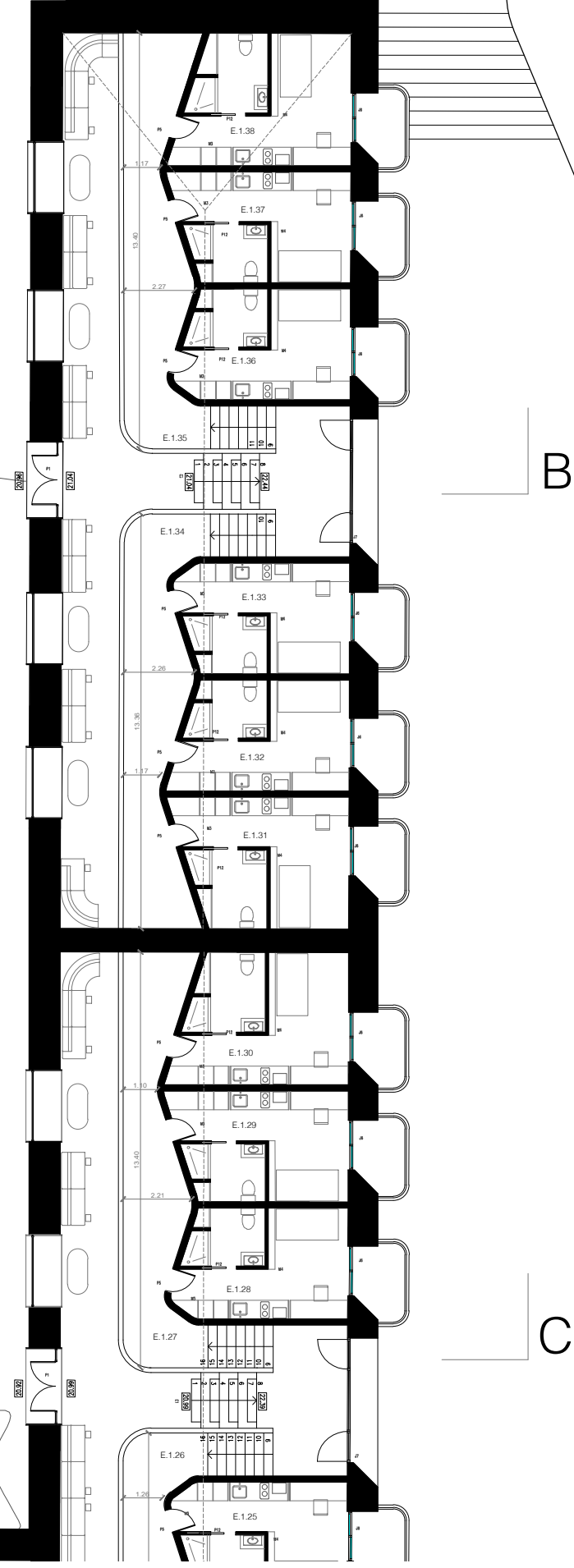
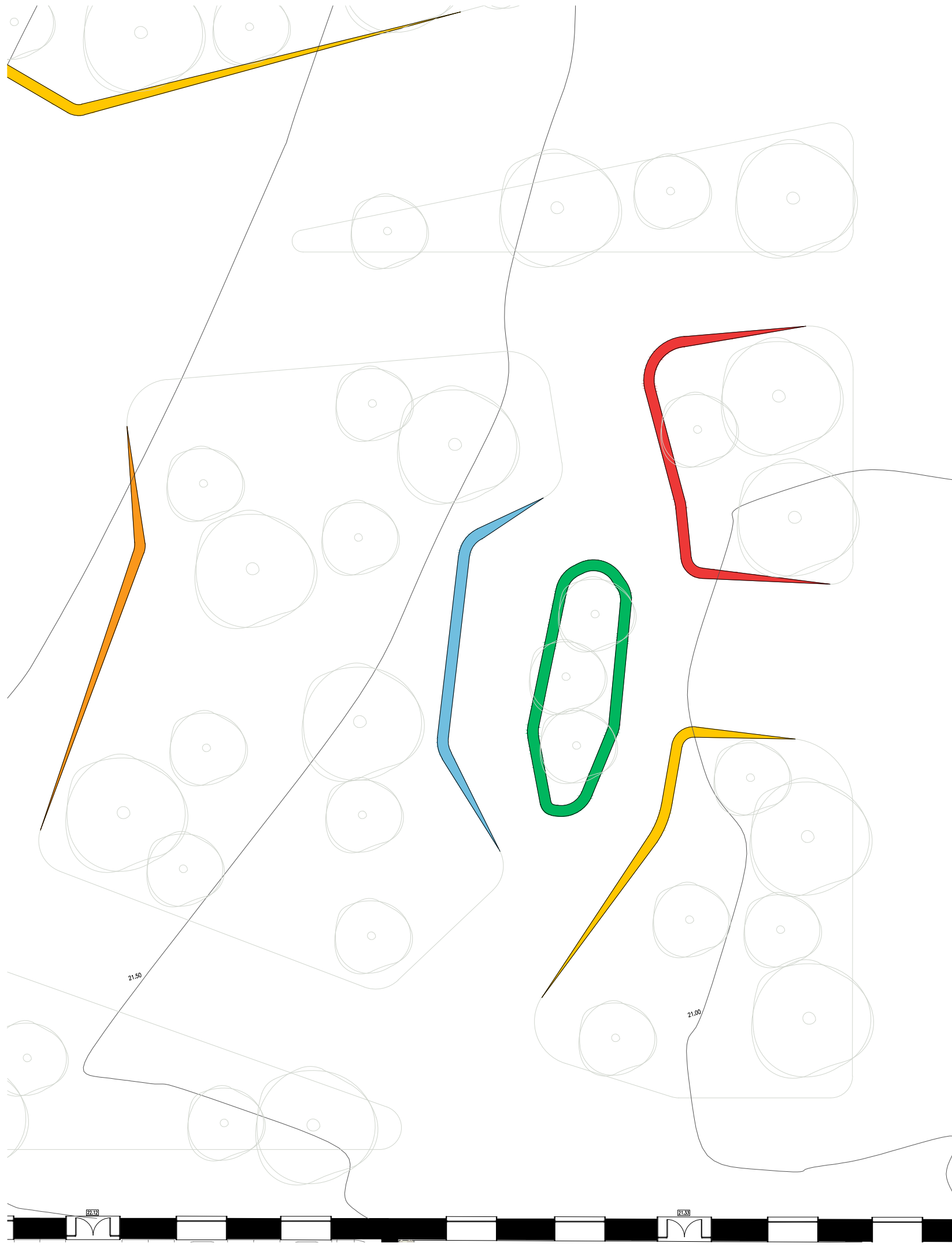


COMPARTIMENTAÇÃO

- B.1.1 Apartamento
- B.1.2 Apartamento
- B.1.3 Apartamento
- B.1.4 Circulação
- B.1.5 Circulação
- B.1.6 Apartamento
- B.1.7 Apartamento
- B.1.8 Apartamento
- B.1.9 Apartamento
- B.1.10 Apartamento
- B.1.11 Apartamento
- B.1.12 Circulação
- B.1.13 Circulação
- B.1.14 Cozinhas comuns
- B.1.15 Instalação sanitária comum

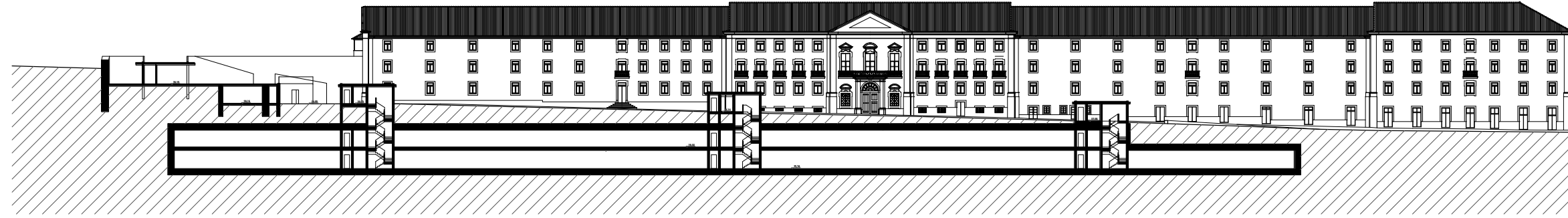
- C.1.1 Galeria
- C.1.2 Galeria
- C.1.3 Galeria
- C.1.4 Galeria
- C.1.5 Galeria
- C.1.6 Galeria
- C.1.7 Circulação
- C.1.8 Circulação
- C.1.9 Circulação
- C.1.10 Circulação
- C.1.11 Circulação
- C.1.12 Circulação
- C.1.13 Circulação
- C.1.14 Instalações sanitárias
- C.1.15 Instalação sanitária mobilidade reduzida
- C.1.16 Instalações sanitárias
- C.1.17 Arrumos



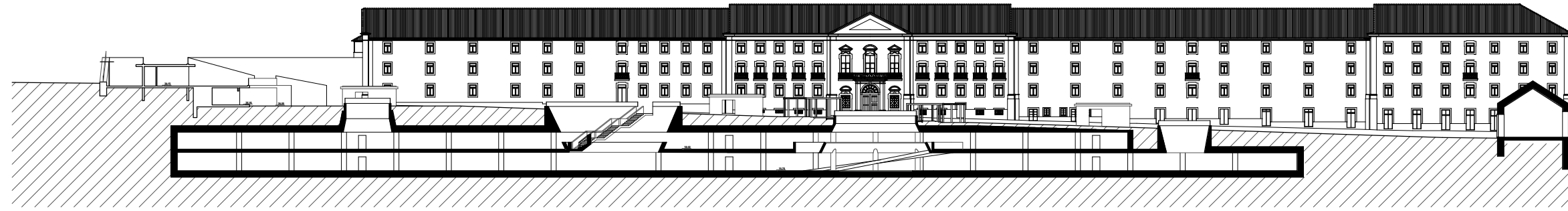


- COMPARTIMENTAÇÃO**
- E.1.25 Apartamento
 - E.1.26 Circulação
 - E.1.27 Circulação
 - E.1.28 Apartamento
 - E.1.29 Apartamento
 - E.1.30 Apartamento
 - E.1.32 Apartamento
 - E.1.33 Apartamento
 - E.1.34 Circulação
 - E.1.35 Circulação
 - E.1.36 Apartamento
 - E.1.37 Apartamento
 - E.1.38 Apartamento

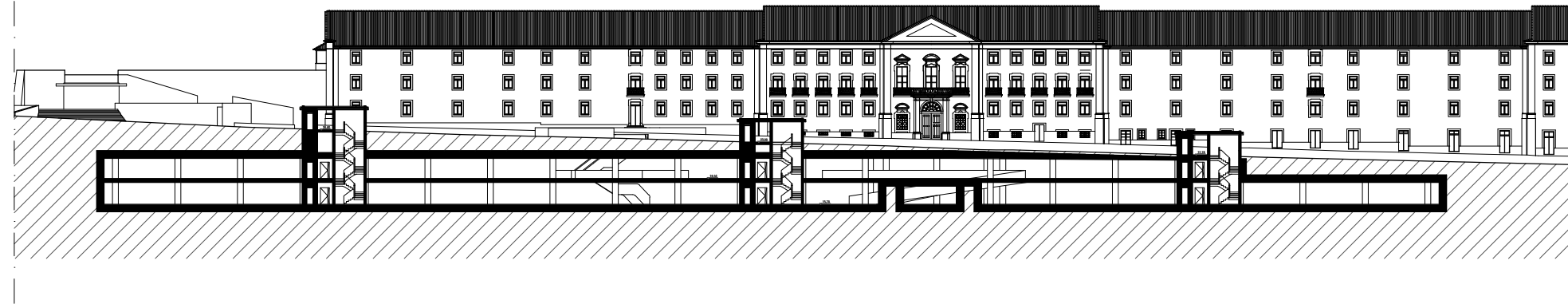
PLANTA PISO 1
PLANTA ZONA E
 Esc. 1/200



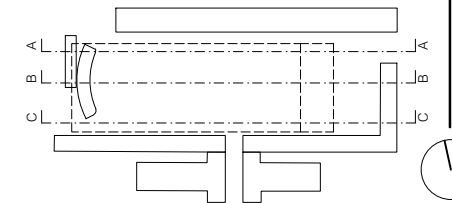
CORTE A



CORTE B



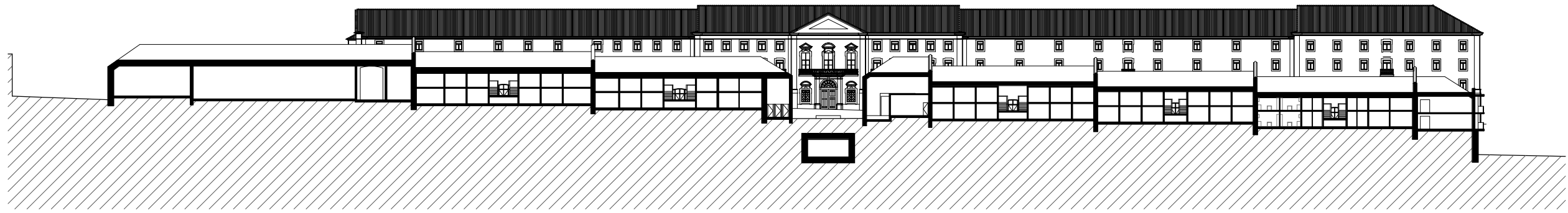
CORTE C



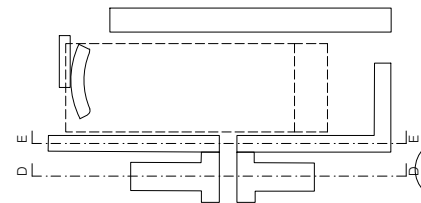
CORTES A, B e C
Esc. 1/800

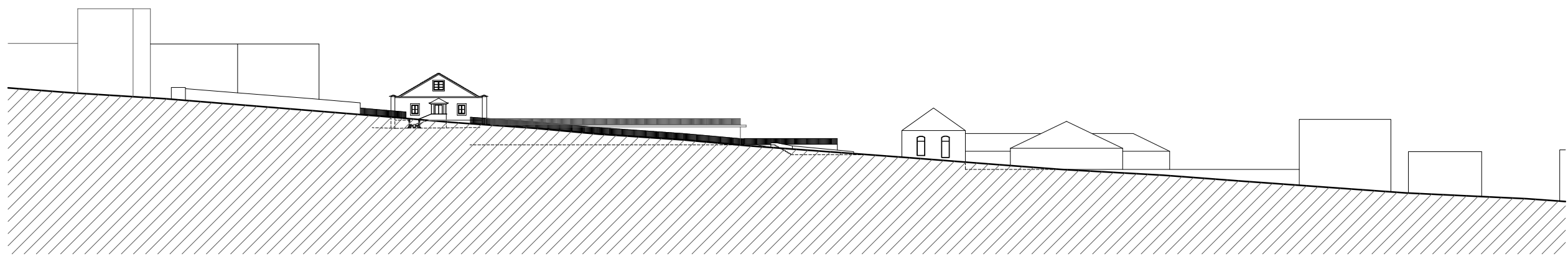


CORTE D

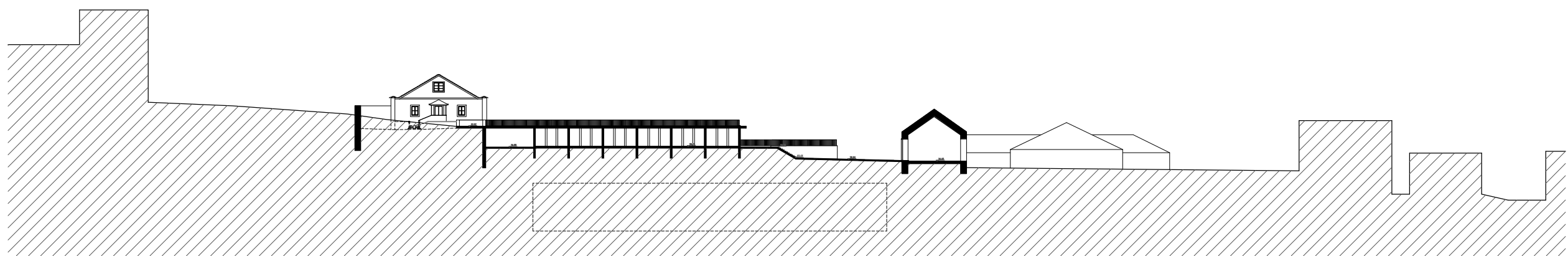


CORTE E

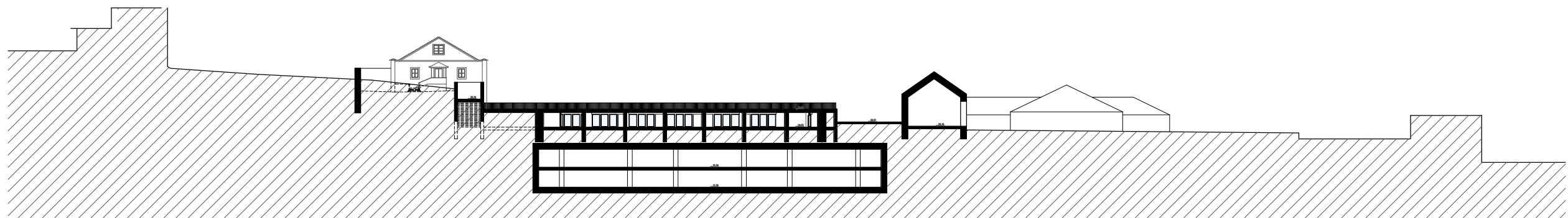




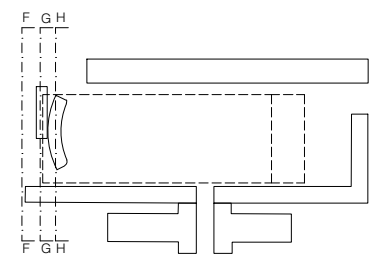
CORTE F

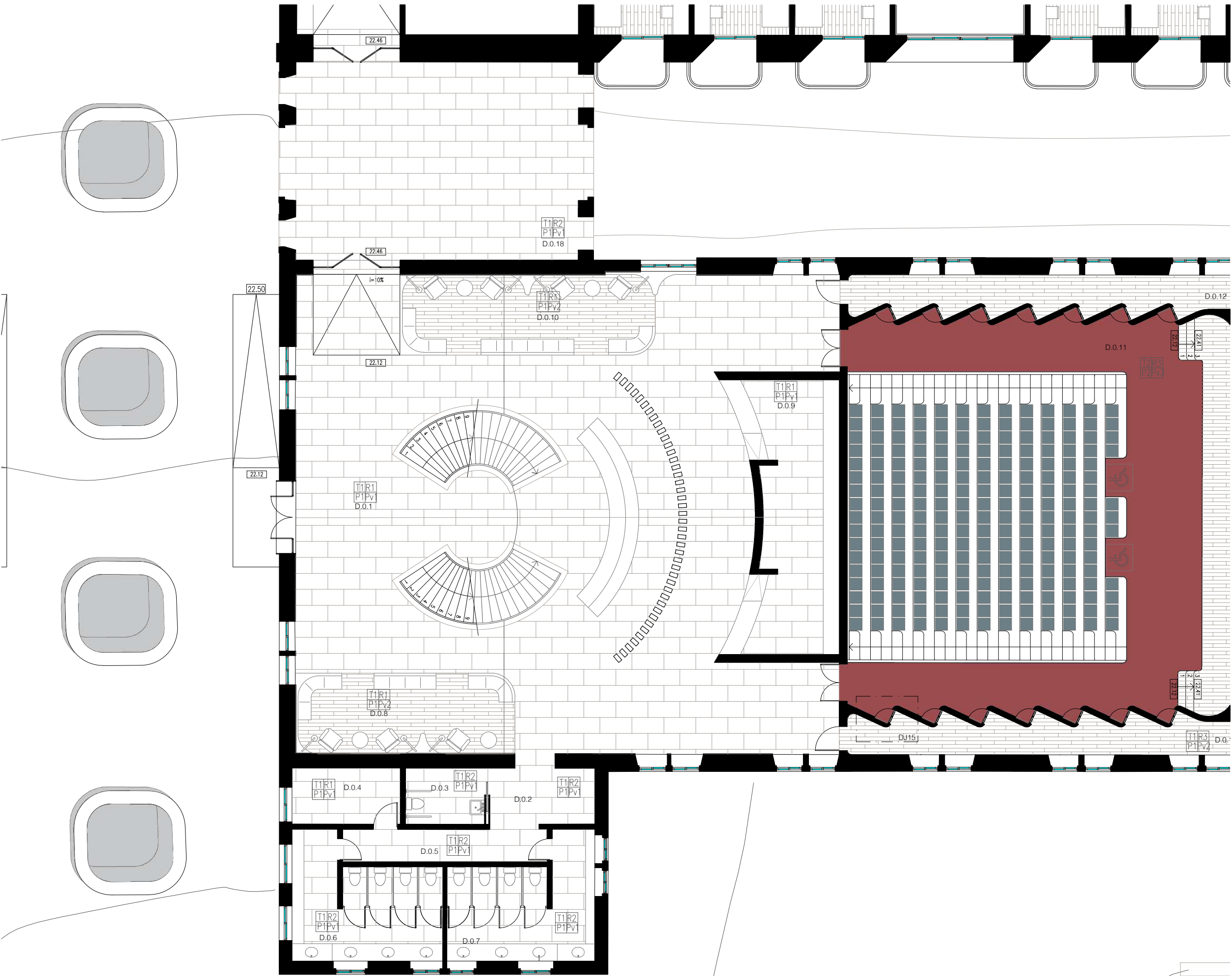


CORTE G



CORTE H





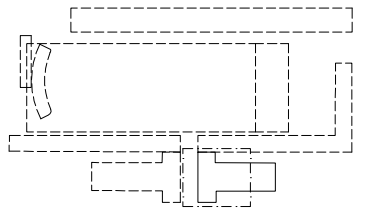
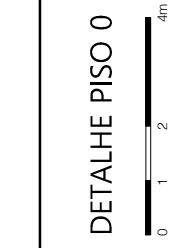
COMPARTIMENTAÇÃO

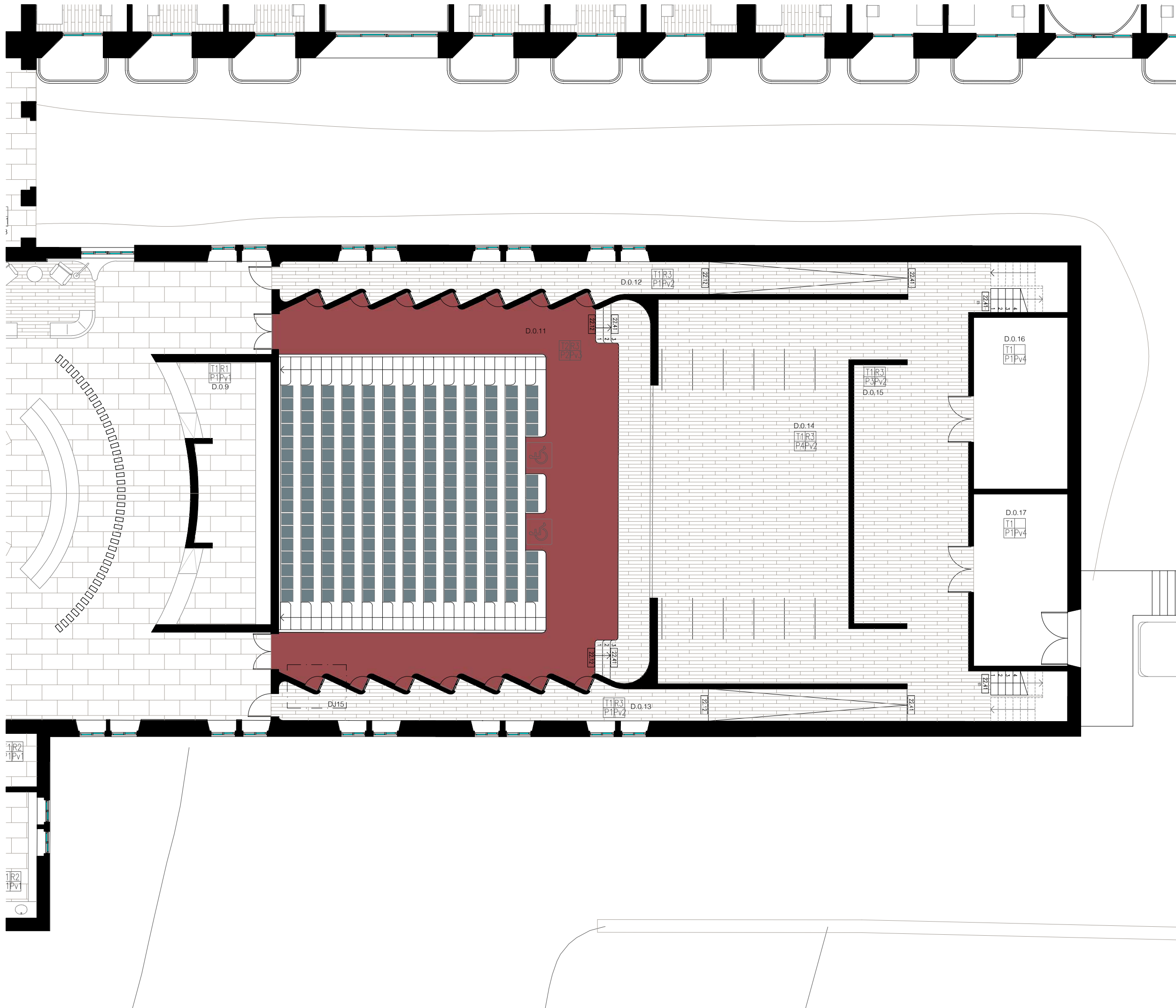
- D.0.1 Entrada e Recepção
- D.0.2 Vestibulo de acesso às instalações sanitárias
- D.0.3 Instalação sanitária mobilidade reduzida
- D.0.4 Arrumos
- D.0.5 Circulação
- D.0.6 Instalações sanitárias
- D.0.7 Instalações sanitárias
- D.0.8 Zona de estar
- D.0.9 Bengaleiro
- D.0.10 Zona de estar
- D.0.11 Plateia
- D.0.12 Circulação de acesso ao backstage

MATERIALIDADES

- T1 Pintura NCS S0601-R
- T2 Ripado de madeira à cor NCS S7005-B20G
- R1 Painéis acústicos - NCS S7005-B20G
- R2 Cerâmico Azul Cascais - altura 15cm
- R3 Madeira Carvalho - altura 15cm
- P1 Pintura mate - NCS S0601-R
- P2 Revestimento em folha de Madeira Carvalho
- Pv1 Cerâmico Cinza - 60cm x 120cm
- Pv2 Ripado Madeira de Carvalho - 140cm x 15cm
- Pv3 Alcatifa acústica - NCS S4040-R
- Pv4 Betão

- NCS - S0601-R
- NCS S7005-B20G
- NCS S4040-R
- Cerâmico Cinza
- Madeira de Carvalho
- Betão



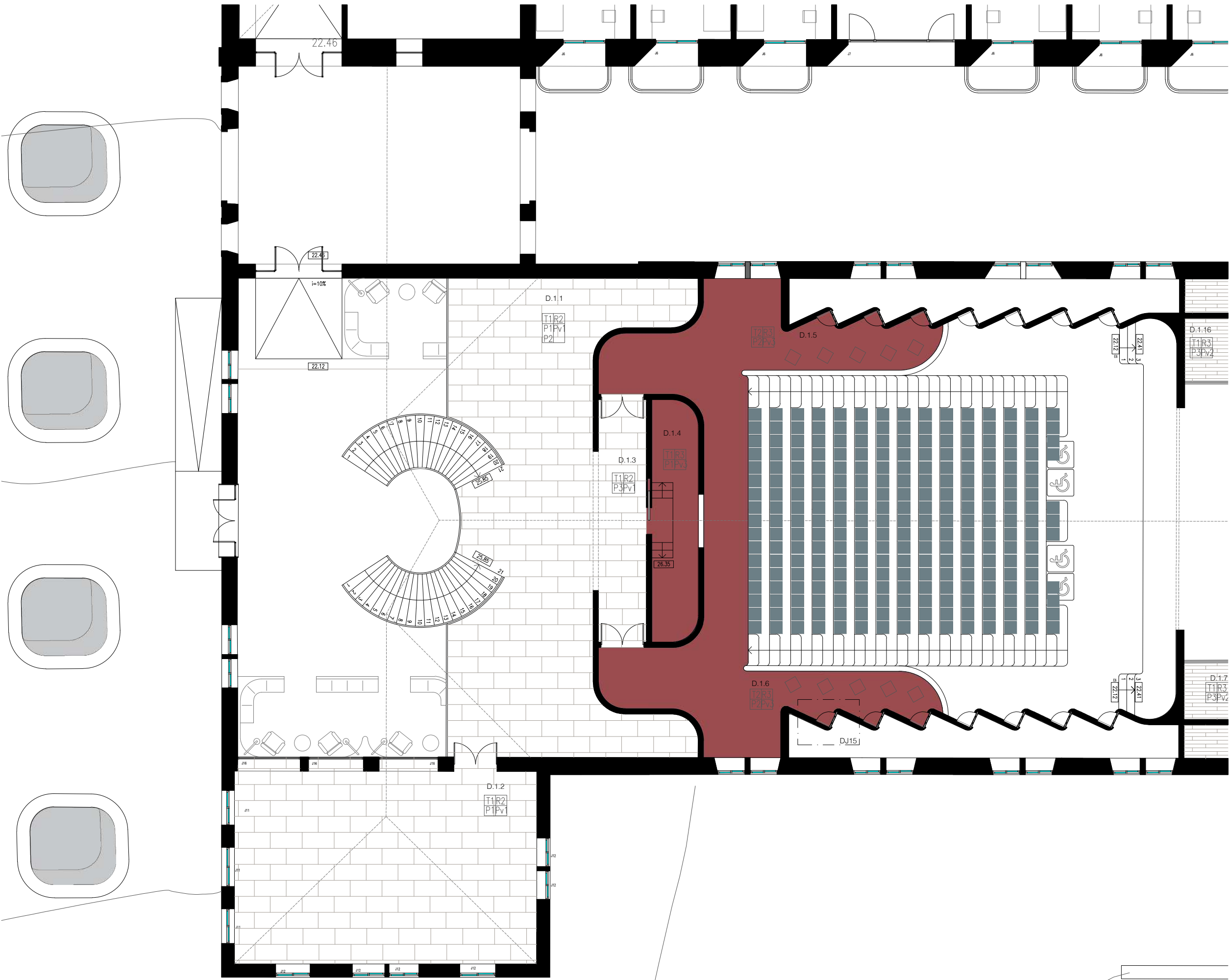


COMPARTIMENTAÇÃO

- D.0.1 Entrada e Recepção
- D.0.2 Vestibulo de acesso às instalações sanitárias
- D.0.3 Instalação sanitária mobilidade reduzida
- D.0.4 Arrumos
- D.0.5 Circulação
- D.0.6 Instalações sanitárias
- D.0.7 Instalações sanitárias
- D.0.8 Zona de estar
- D.0.9 Bengaleiro
- D.0.10 Zona de estar
- D.0.11 Plateia
- D.0.12 Circulação de acesso ao backstage
- D.0.13 Circulação de acesso ao backstage
- D.0.14 Palco
- D.0.15 Backstage
- D.0.16 Depósito
- D.0.17 Depósito

MATERIALIDADES

- T1 Pintura NCS S0601-R
- T2 Ripado de madeira à cor NCS S7005-B20G
- R1 Painéis acústicos - NCS S7005-B20G
- R2 Cerâmico Azul Cascais - altura 15cm
- R3 Madeira Carvalho - altura 15cm
- P1 Pintura mate - NCS S0601-R
- P2 Revestimento em folha de Madeira Carvalho
- Pv1 Cerâmico Cinza - 60cm x 120cm
- Pv2 Ripado Madeira de Carvalho - 140cm x 15cm
- Pv3 Alcatifa acústica - NCS S4040-R
- Pv4 Betão



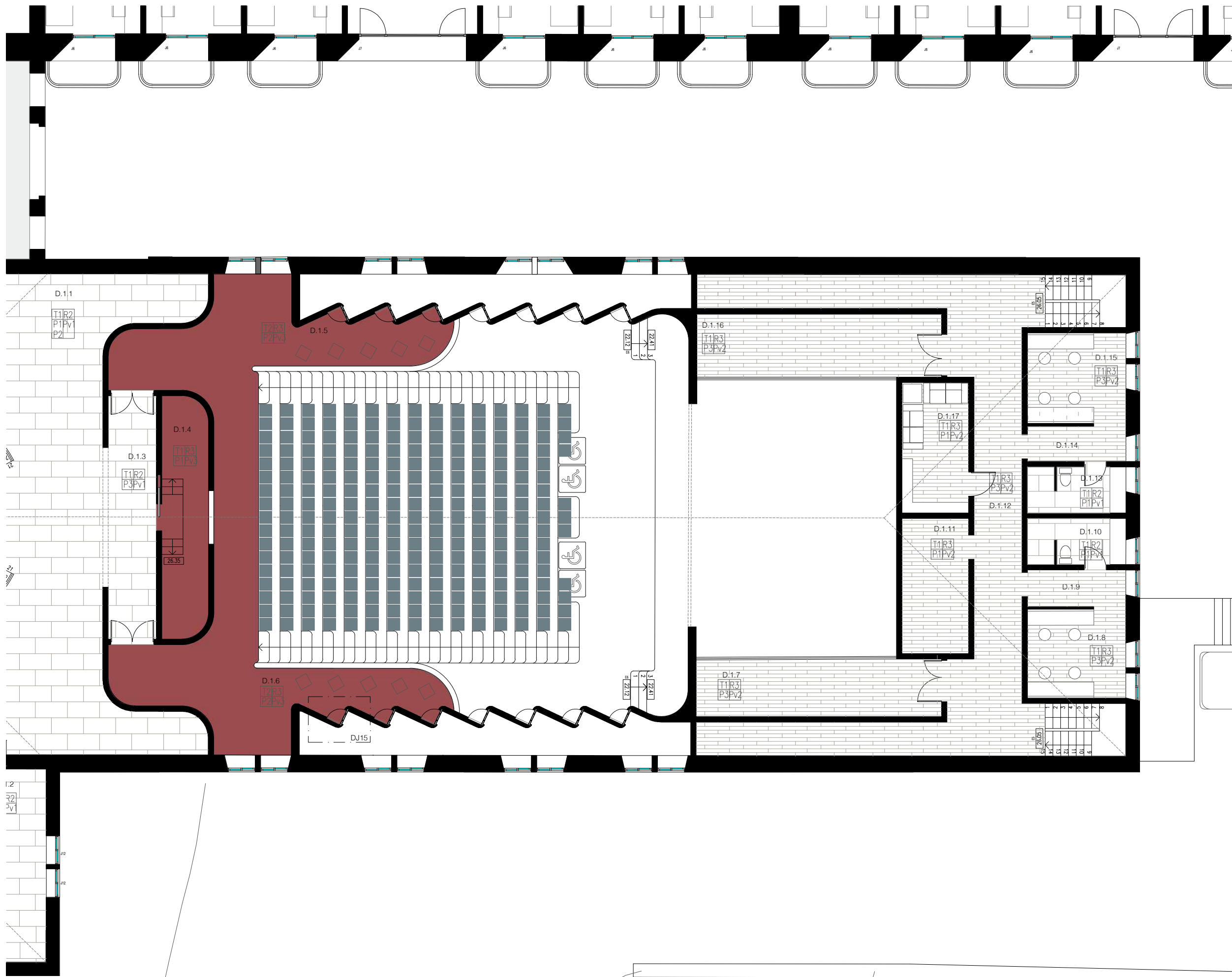
COMPARTIMENTAÇÃO

- D.1.1 Circulação
- D.1.2 Administração
- D.1.3 Vestibulo de acesso à galeria e à régie
- D.1.4 Régie
- D.1.5 Galeria
- D.1.6 Galeria
- D.1.7 Varanda técnica
- D.1.8 Camarim
- D.1.9 Vestibulo de acesso camarim
- D.1.10 Instalação sanitária
- D.1.11 Oficina
- D.1.12 Circulação
- D.1.13 Instalação sanitária
- D.1.14 Vestibulo de acesso camarim
- D.1.15 Camarim
- D.1.16 Varanda técnica
- D.1.17 Sala de espera

MATERIALIDADES

- T1 Pintura NCS S0601-R
- T2 Ripado de madeira à cor NCS S7005-B20G
- R1 Painéis acústicos - NCS S7005-B20G
- R2 Cerâmico Azul Cascais - altura 15cm
- R3 Madeira Carvalho - altura 15cm
- P1 Pintura mate - NCS S0601-R
- P2 Revestimento em folha de Madeira Carvalho
- P3 Pintura mate - NCS S7005-B20G
- Pv1 Cerâmico Cinza - 60cm x 120cm
- Pv2 Ripado Madeira de Carvalho - 140cm x 15cm
- Pv3 Alcatifa acústica - NCS S4040-R
- Pv4 Betão

-  NCS - S0601-R
-  NCS S7005-B20G
-  NCS S4040-R
-  Cerâmico Cinza
-  Madeira de Carvalho
-  Betão



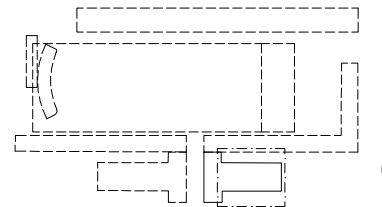
COMPARTIMENTAÇÃO

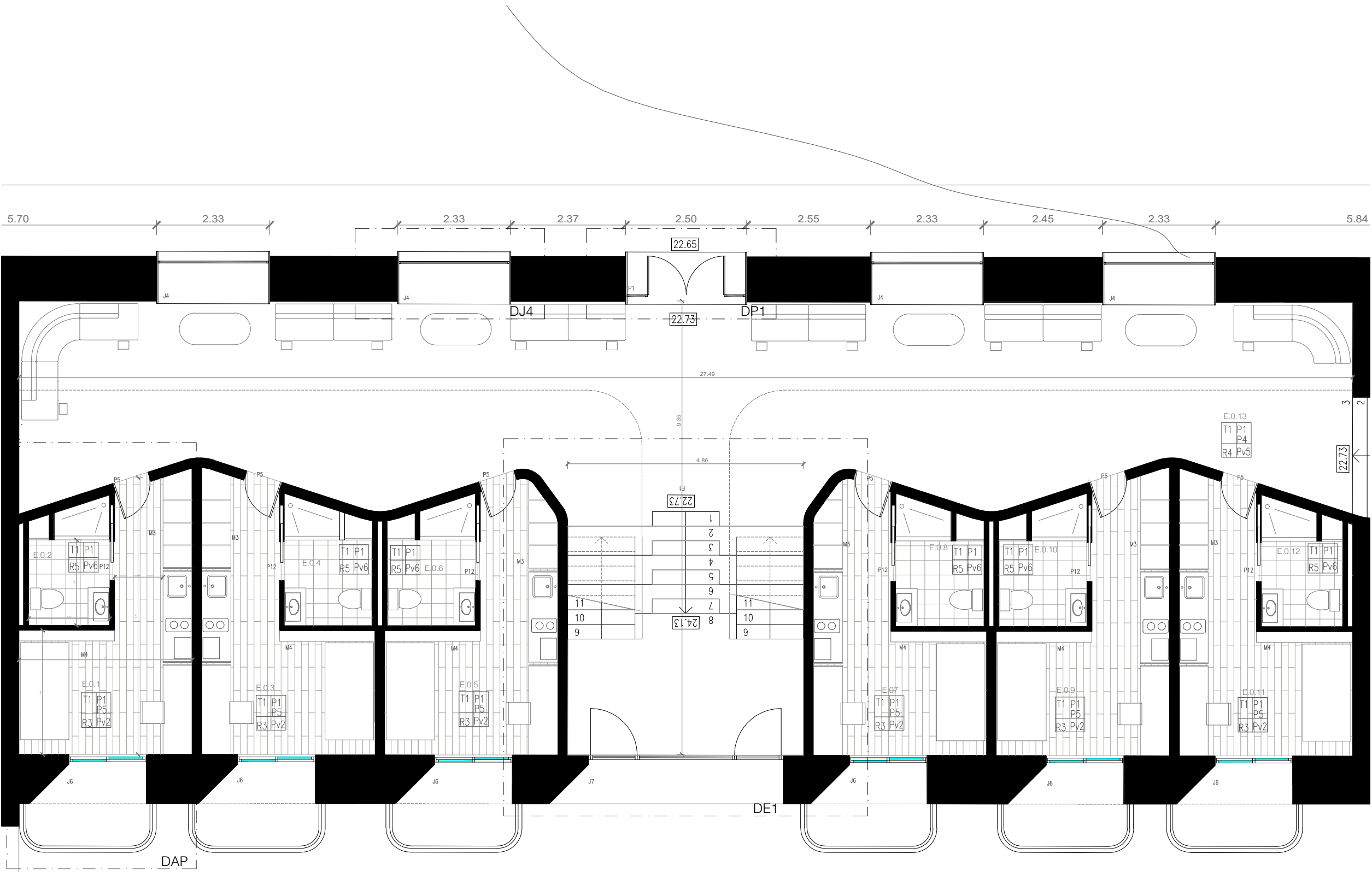
- D.1.1 Circulação
- D.1.2 Administração
- D.1.3 Vestibulo de acesso à galeria e à régie
- D.1.4 Régie
- D.1.5 Galeria
- D.1.6 Galeria
- D.1.7 Varanda técnica
- D.1.8 Camarim
- D.1.9 Vestibulo de acesso camarim
- D.1.10 Instalação sanitária
- D.1.11 Oficina
- D.1.12 Circulação
- D.1.13 Instalação sanitária
- D.1.14 Vestibulo de acesso camarim
- D.1.15 Camarim
- D.1.16 Varanda técnica
- D.1.17 Sala de espera

MATERIALIDADES

- T1 Pintura NCS S0601-R
- T2 Ripado de madeira à cor NCS S7005-B20G
- R1 Painéis acústicos - NCS S7005-B20G
- R2 Cerâmico Azul Cascais - altura 15cm
- R3 Madeira Carvalho - altura 15cm
- P1 Pintura mate - NCS S0601-R
- P2 Revestimento em folha de Madeira Carvalho
- P3 Pintura mate - NCS S7005-B20G
- Pv1 Cerâmico Cinza - 60cm x 120cm
- Pv2 Ripado Madeira de Carvalho - 140cm x 15cm
- Pv3 Alcatifa acústica - NCS S4040-R
- Pv4 Betão

- NCS - S0601-R
- NCS S7005-B20G
- NCS S4040-R
- Cerâmico Cinza
- Madeira de Carvalho
- Betão





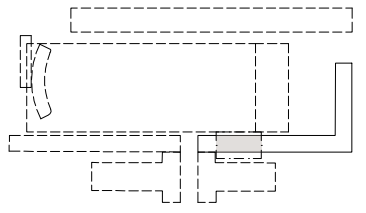
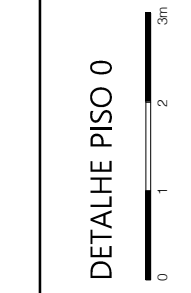
COMPARTIMENTAÇÃO

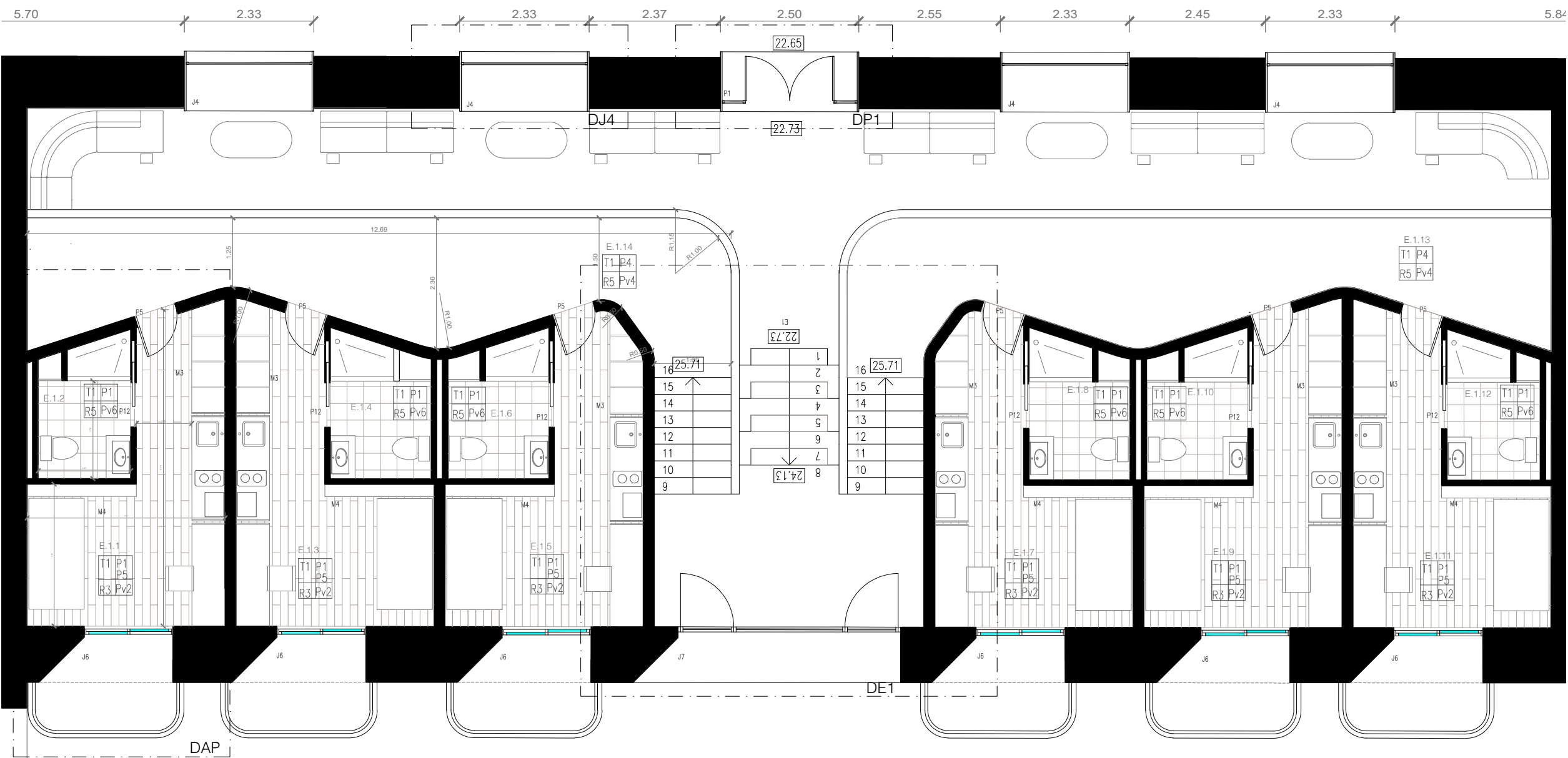
- E.0.1 Apartamento
- E.0.2 Instalação sanitária
- E.0.3 Apartamento
- E.0.4 Instalação sanitária
- E.0.5 Apartamento
- E.0.6 Instalação sanitária
- E.0.7 Apartamento
- E.0.8 Instalação sanitária
- E.0.9 Apartamento
- E.0.10 Instalação sanitária
- E.0.11 Apartamento
- E.0.12 Instalação sanitária
- E.0.13 Espaço de estar comum

MATERIALIDADES

- T1 Pintura NCS S0601-R
- R3 Madeira Carvalho - altura 15cm
- R4 Terrazzo - altura 15cm
- R5 Cerâmico cinza - 30x15cm
- P1 Pintura mate - NCS S0601-R
- P4 Pintura mate - NCS S3030-R
- P5 Pintura mate - NCS S2005-20Y
- Pv2 Ripado Madeira de Carvalho - 140cm x 15cm
- Pv4 Betão
- Pv5 Terrazzo clássico
- Pv6 Cerâmico cinza - 30x30cm

- NCS - S0601-R
- NCS S2005-20Y
- NCS S3030-R
- Terrazzo clássico
- Cerâmico Cinza
- Madeira de Carvalho
- Betão












COMPARTIMENTAÇÃO

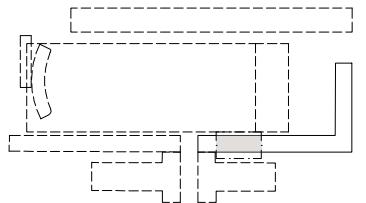
- E.1.1 Apartamento
- E.1.2 Instalação sanitária
- E.1.3 Apartamento
- E.1.4 Instalação sanitária
- E.1.5 Apartamento
- E.1.6 Instalação sanitária
- E.1.7 Apartamento
- E.1.8 Instalação sanitária
- E.1.9 Apartamento
- E.1.10 Instalação sanitária
- E.1.11 Apartamento
- E.1.12 Instalação sanitária
- E.1.13 Circulação
- E.1.14 Circulação

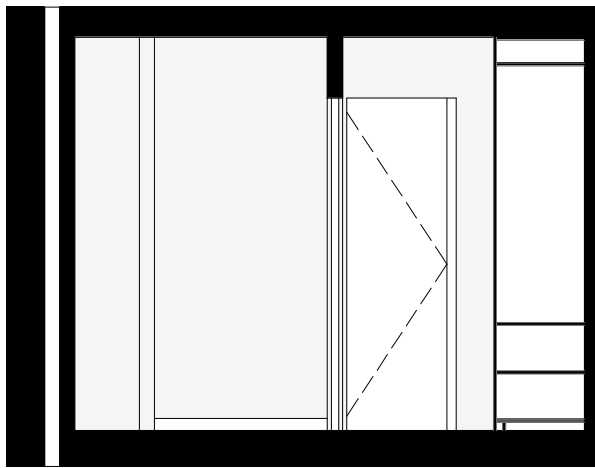
MATERIALIDADES

- T1 Pintura NCS S0601-R
- R3 Madeira Carvalho - altura 15cm
- R4 Terrazzo - altura 15cm
- R5 Cerâmico cinza - 30x15cm
- P1 Pintura mate - NCS S0601-R
- P4 Pintura mate - NCS S3030-R
- P5 Pintura mate - NCS S2005-20Y
- Pv2 Ripado Madeira de Carvalho - 140cm x 15cm
- Pv4 Betão
- Pv5 Terrazzo clássico
- Pv6 Cerâmico cinza - 30x30cm

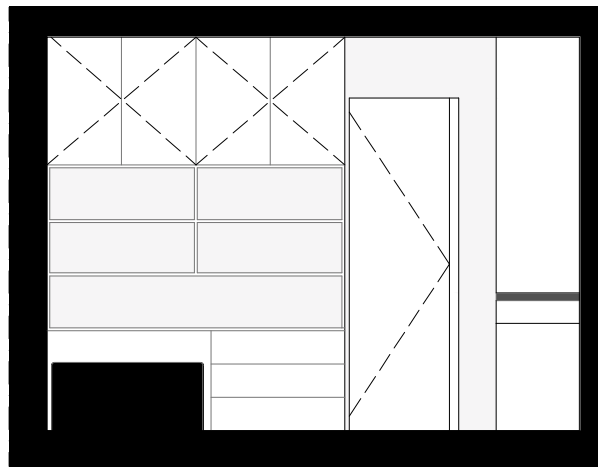
-  NCS - S0601-R
-  NCS S2005-20Y
-  NCS S3030-R
-  Terrazzo clássico
-  Cerâmico Cinza
-  Madeira de Carvalho
-  Betão

DETALHE PISO 1

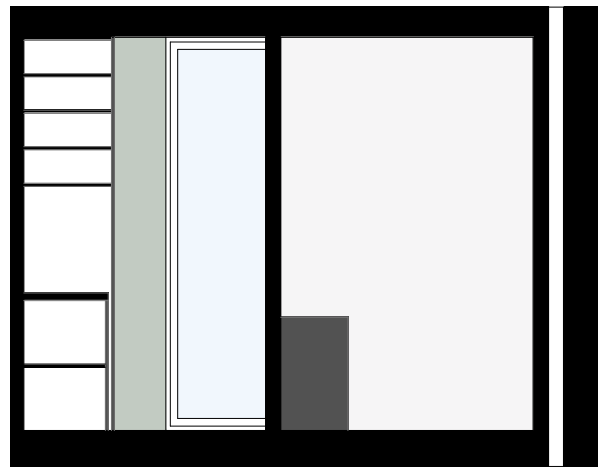




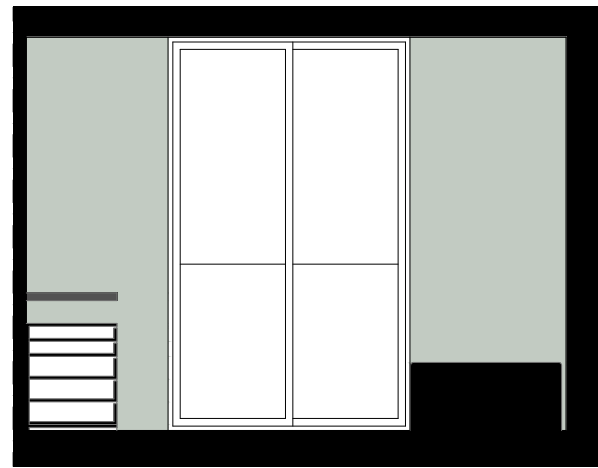
CORTE 1



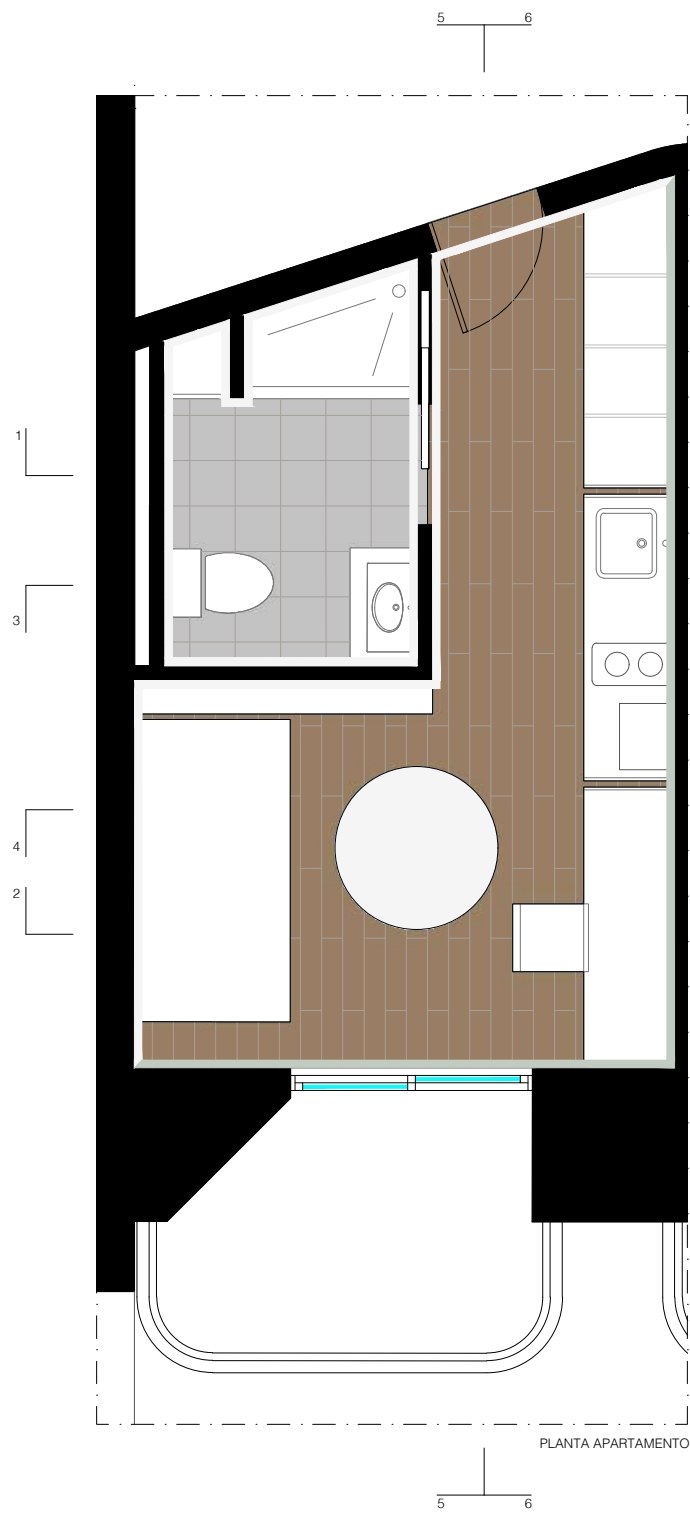
CORTE 2



CORTE 3



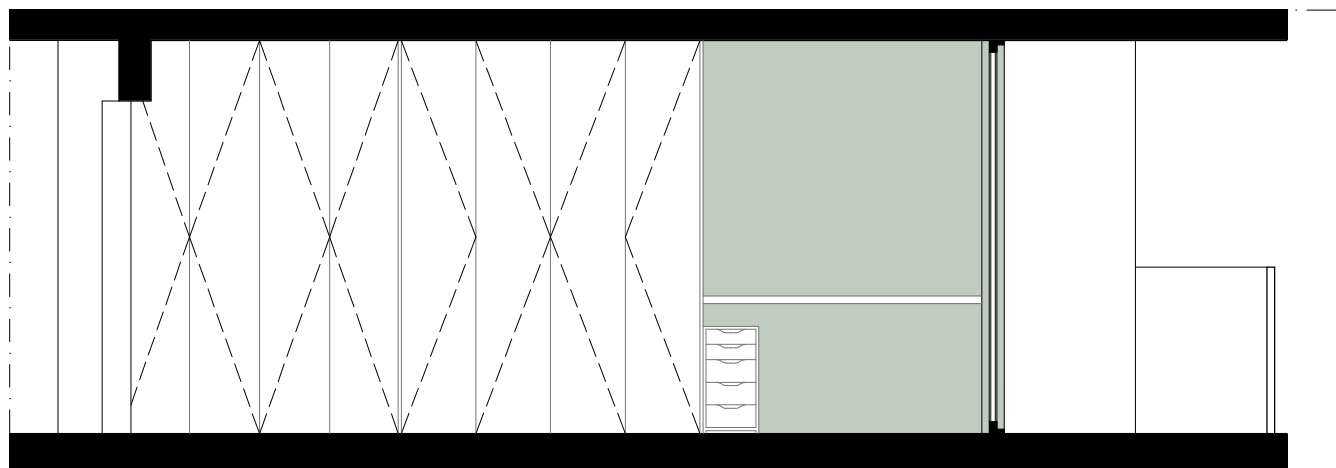
CORTE 4



PLANTA APARTAMENTO



CORTE 5



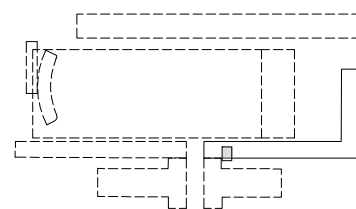
CORTE 6 | Mobiliário fechado

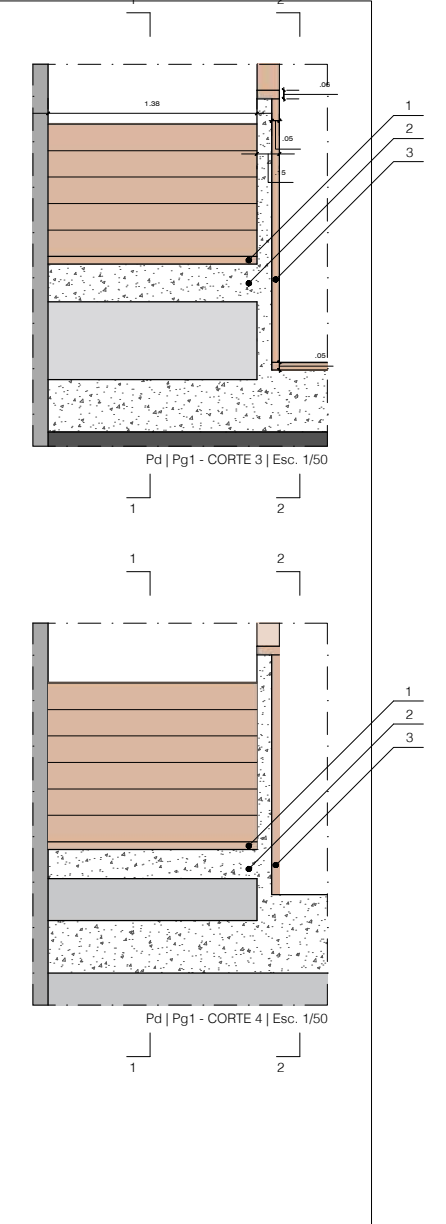
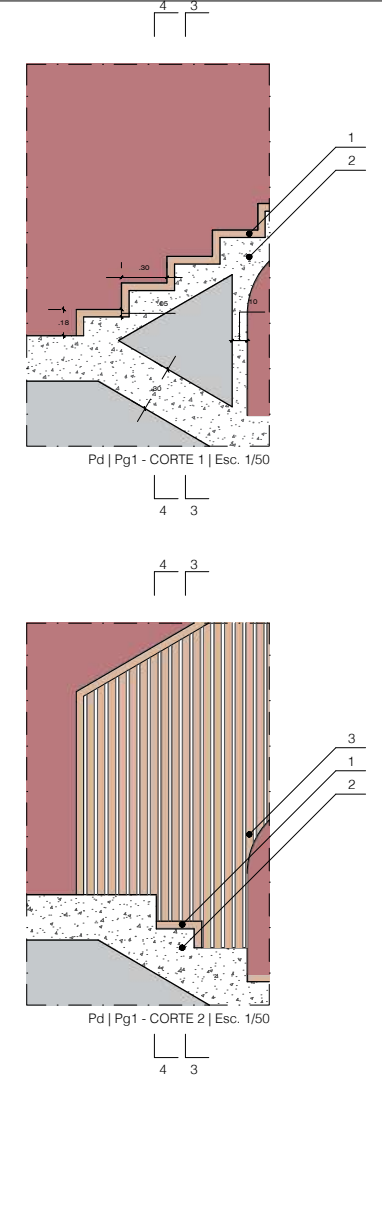
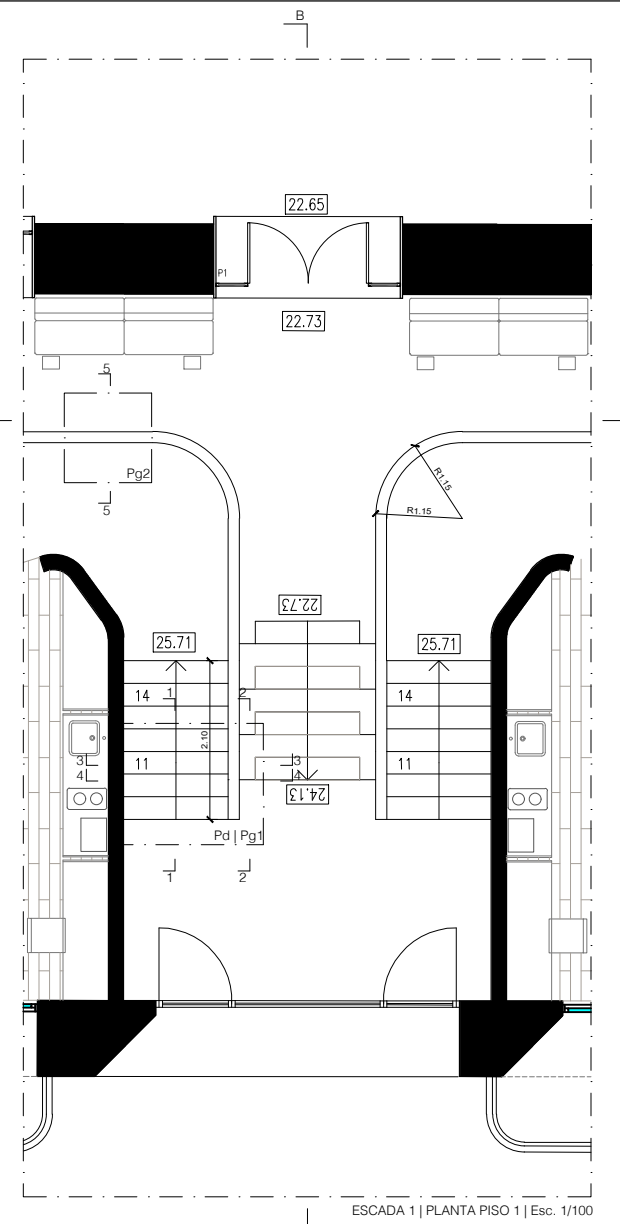
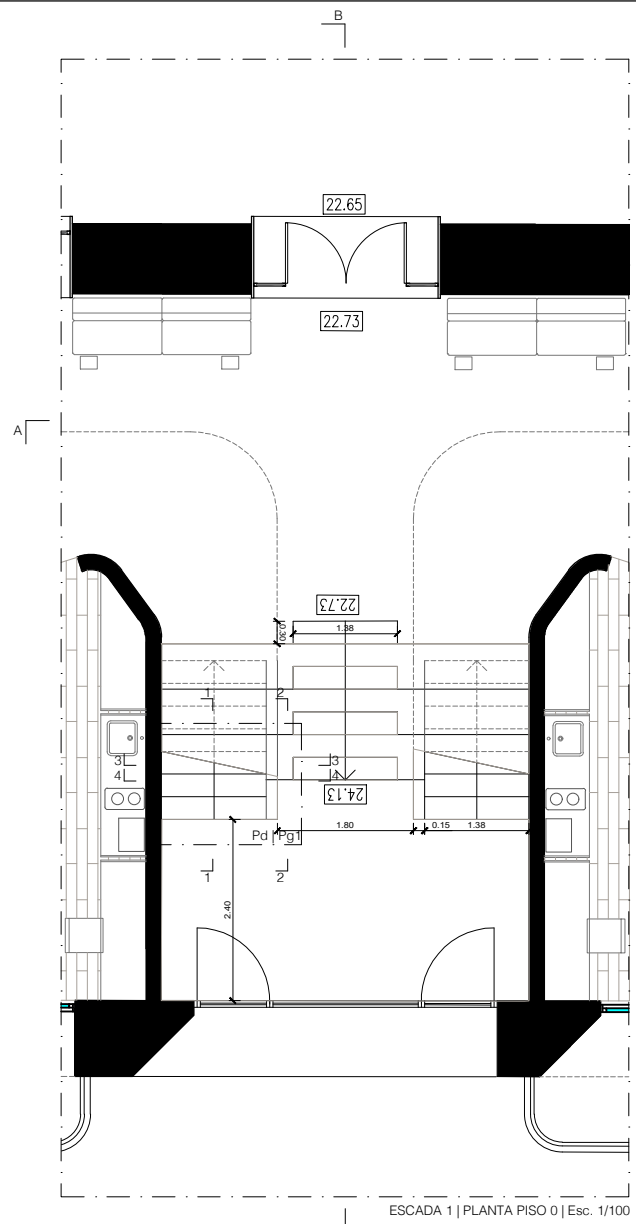


CORTE 6 | Mobiliário aberto

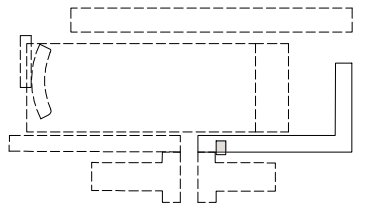
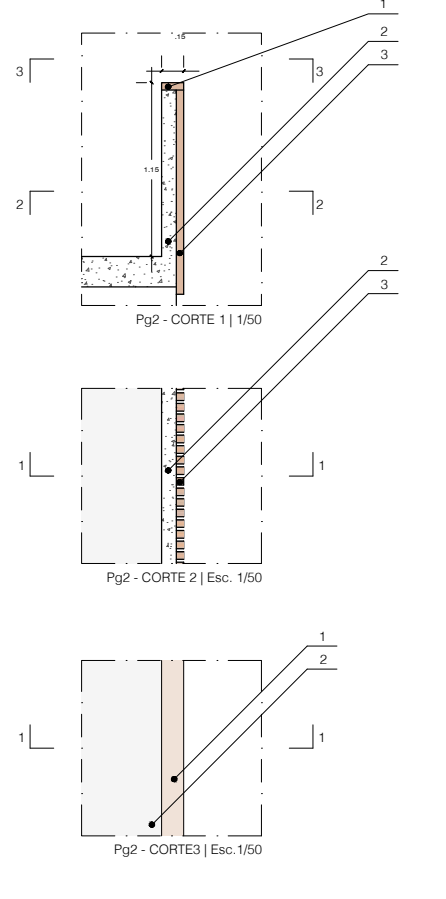
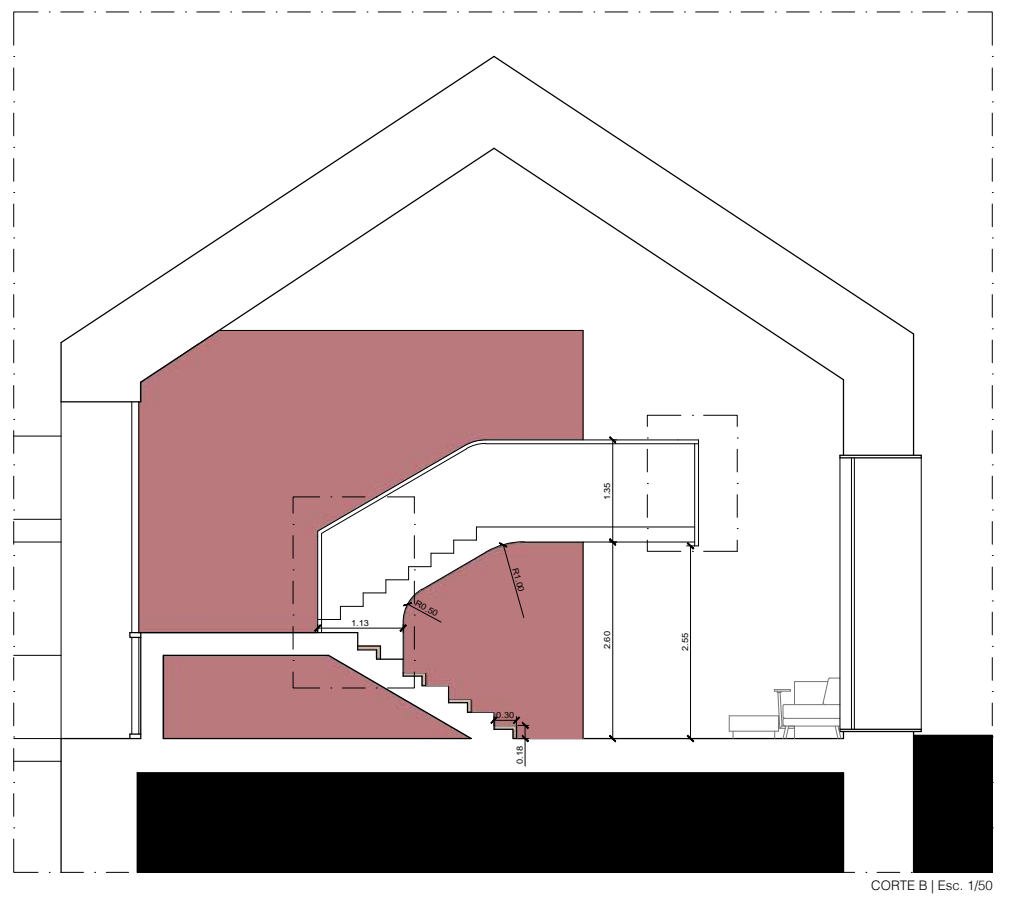
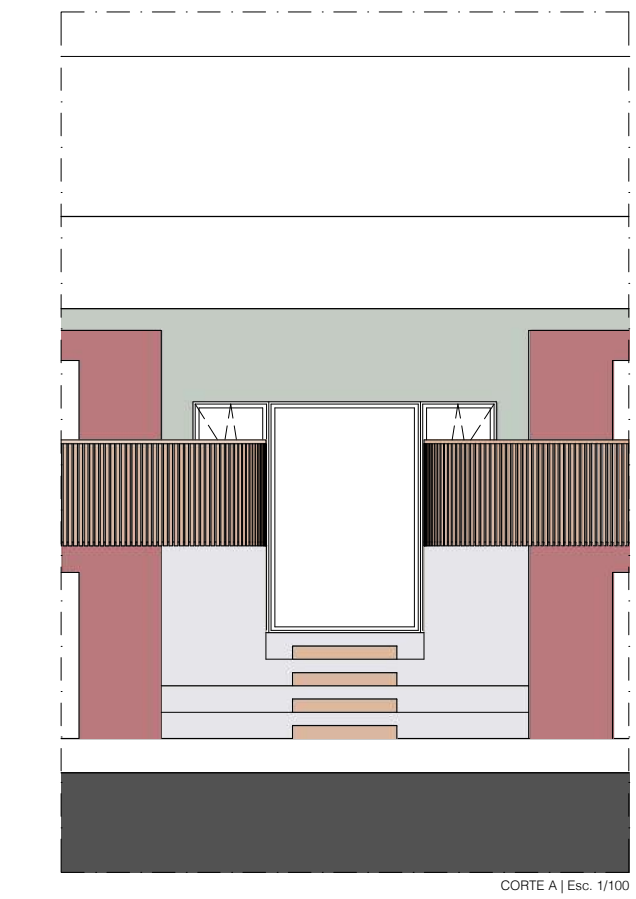
MATERIALIDADES

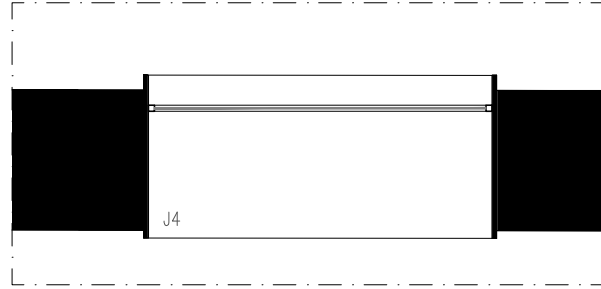
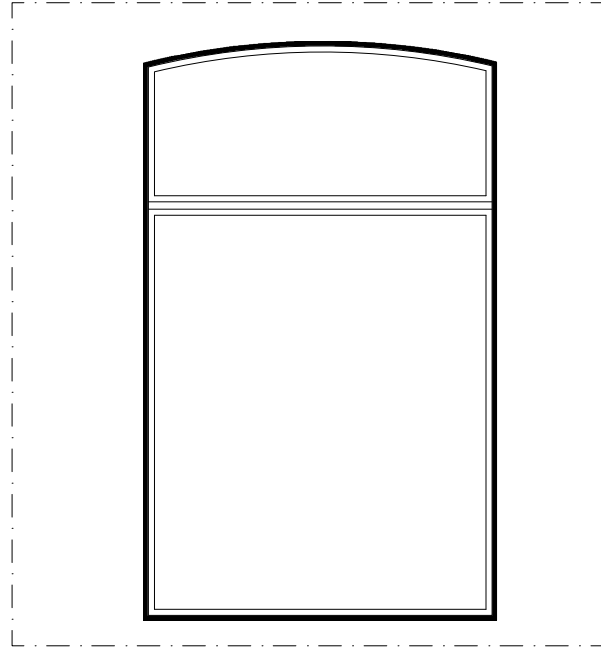
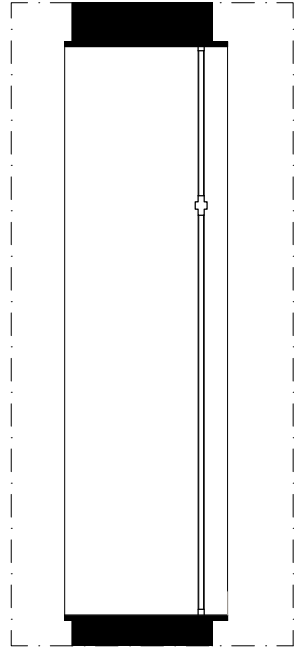
- T1 Pintura NCS S0601-R
- R3 Madeira Carvalho - altura 15cm
- R5 Cerâmico cinza - 30x15cm
- P1 Pintura mate - NCS S0601-R
- P5 Pintura mate - NCS S2005-20Y
- Pv2 Ripado Madeira de Carvalho - 140cm x 15cm
- Pv4 Betão
- Pv6 Cerâmico cinza - 30x30cm



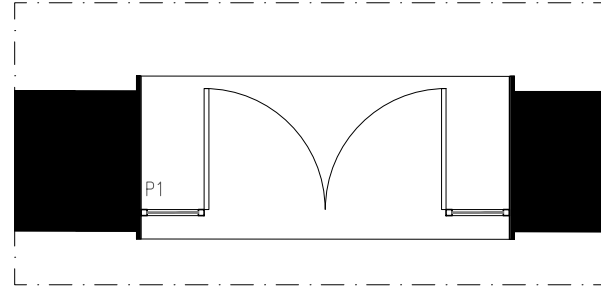
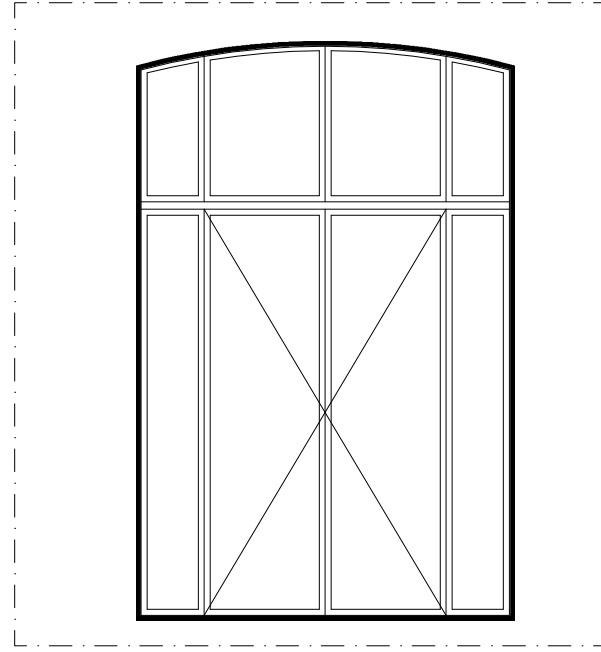
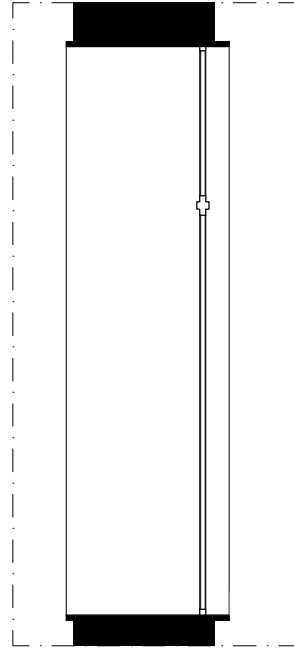


- MATERIALIDADES**
- 1 Madeira Carvalho
 - 2 Betão
 - 3 Ripado de madeira
-





VÃO J14
 QUANTIDADE 30
 TIPO Vão fixo
 ARO Alumínio (NCS S9000-N)
 FOLHA Alumínio (NCS S9000-N)
 VIDRO Vidro duplo temperado
 OBSERVAÇÃO Ombreira em ferro (NCS S9000-N)

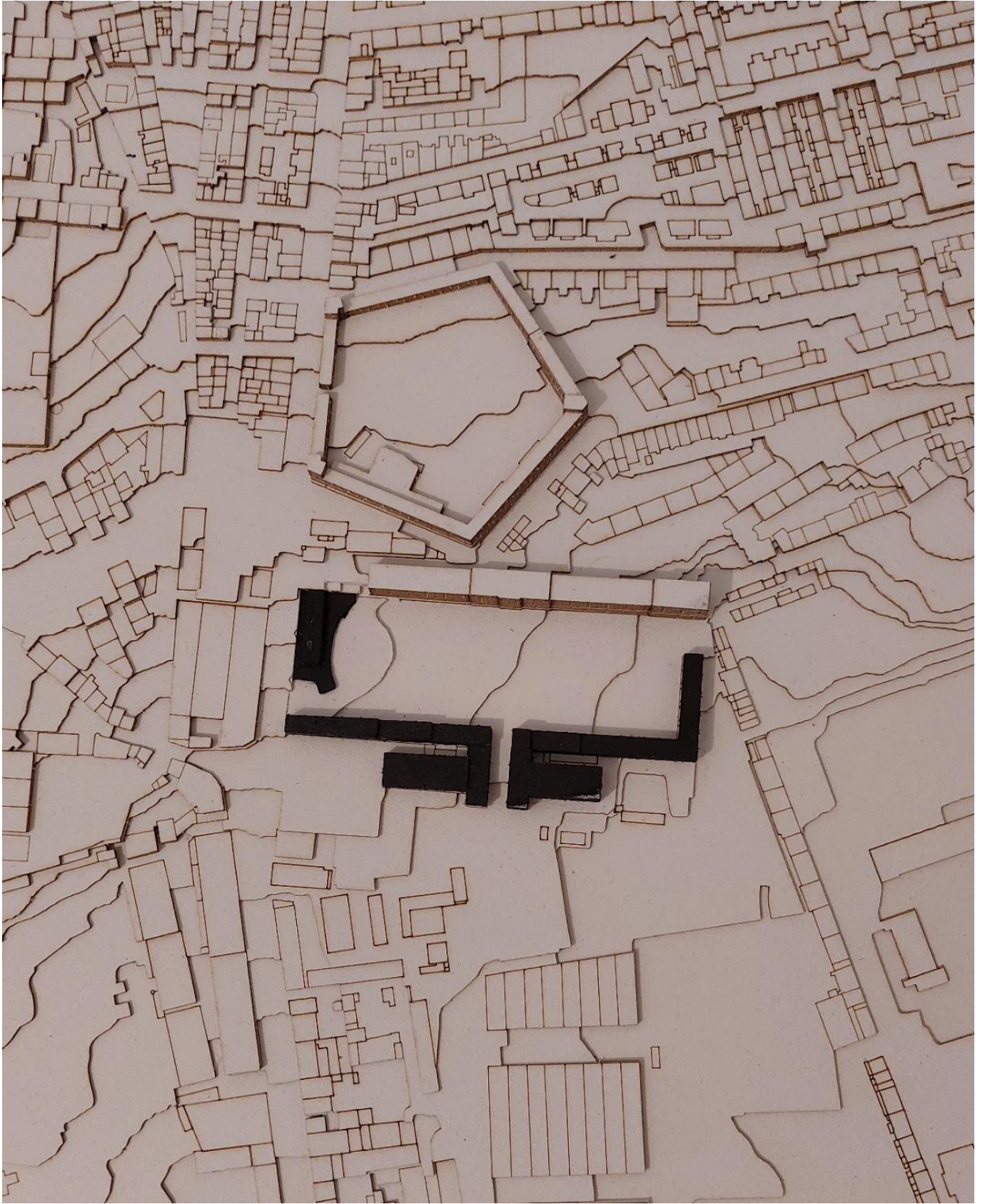


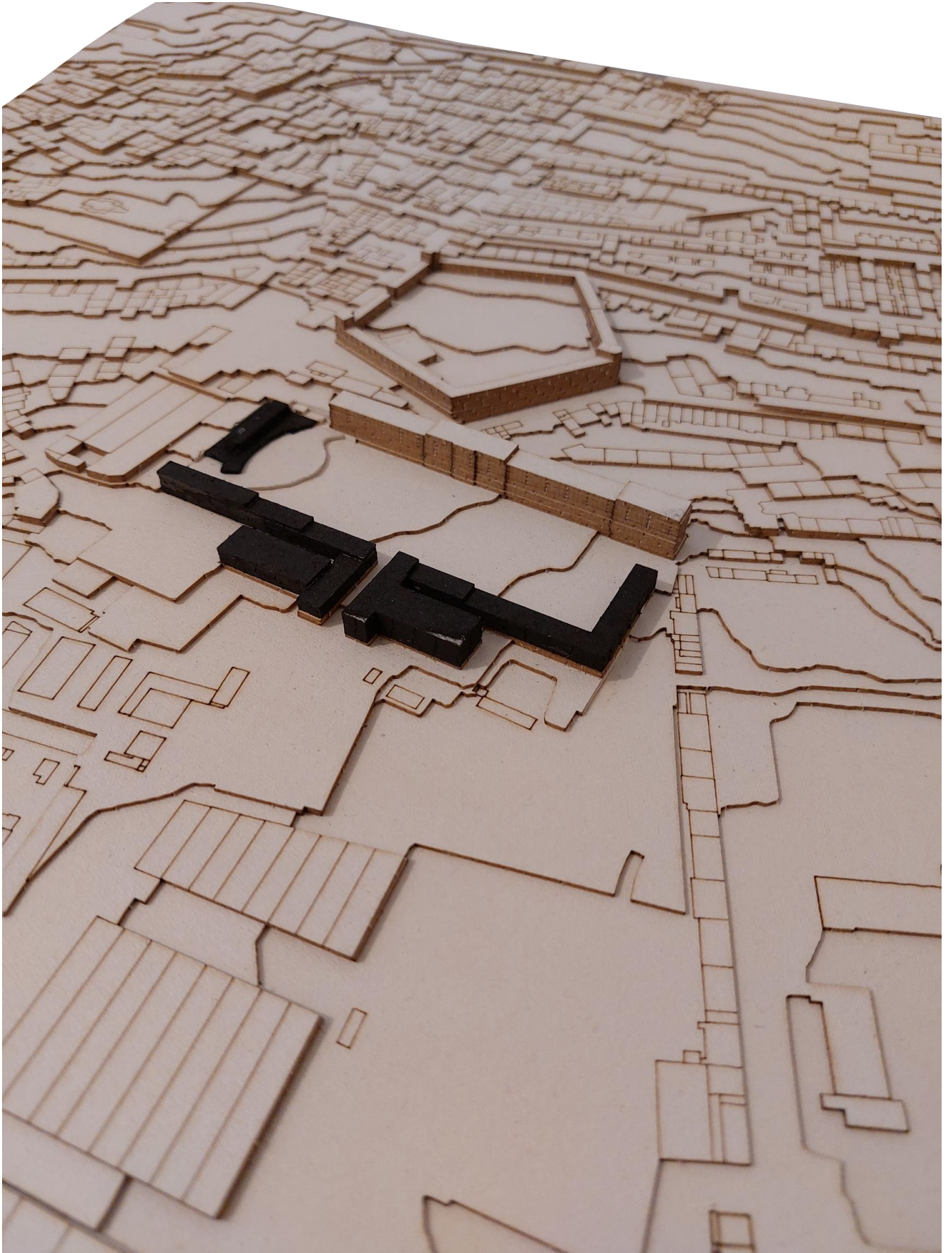
VÃO P1
 QUANTIDADE 7
 TIPO Porta oscilo-batente e folha fixa
 ARO Alumínio (NCS S9000-N)
 FOLHA Alumínio (NCS S9000-N)
 VIDRO Vidro duplo temperado
 OBSERVAÇÃO Ombreira em ferro (NCS S9000-N)



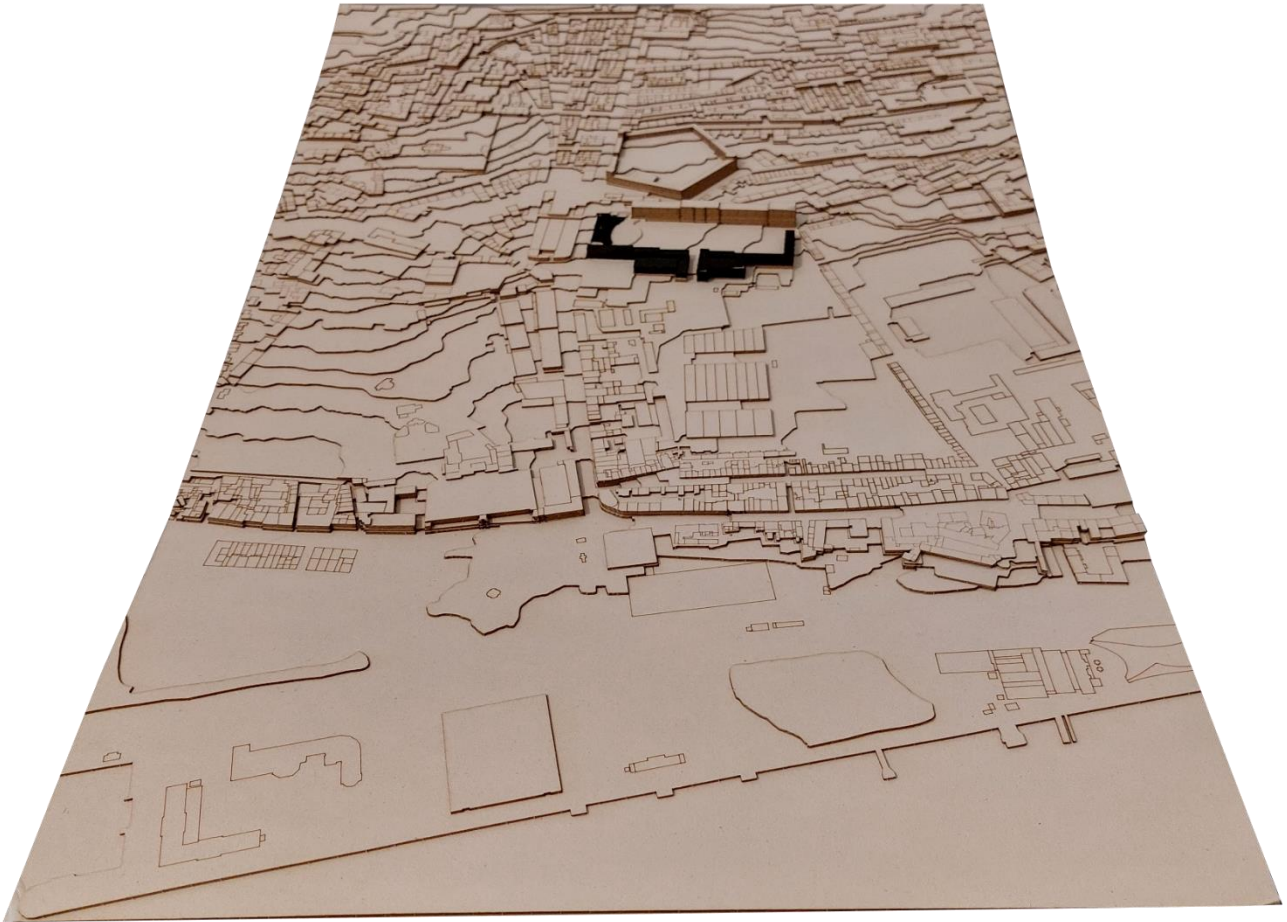
V. MAQUETES

ANEXOS

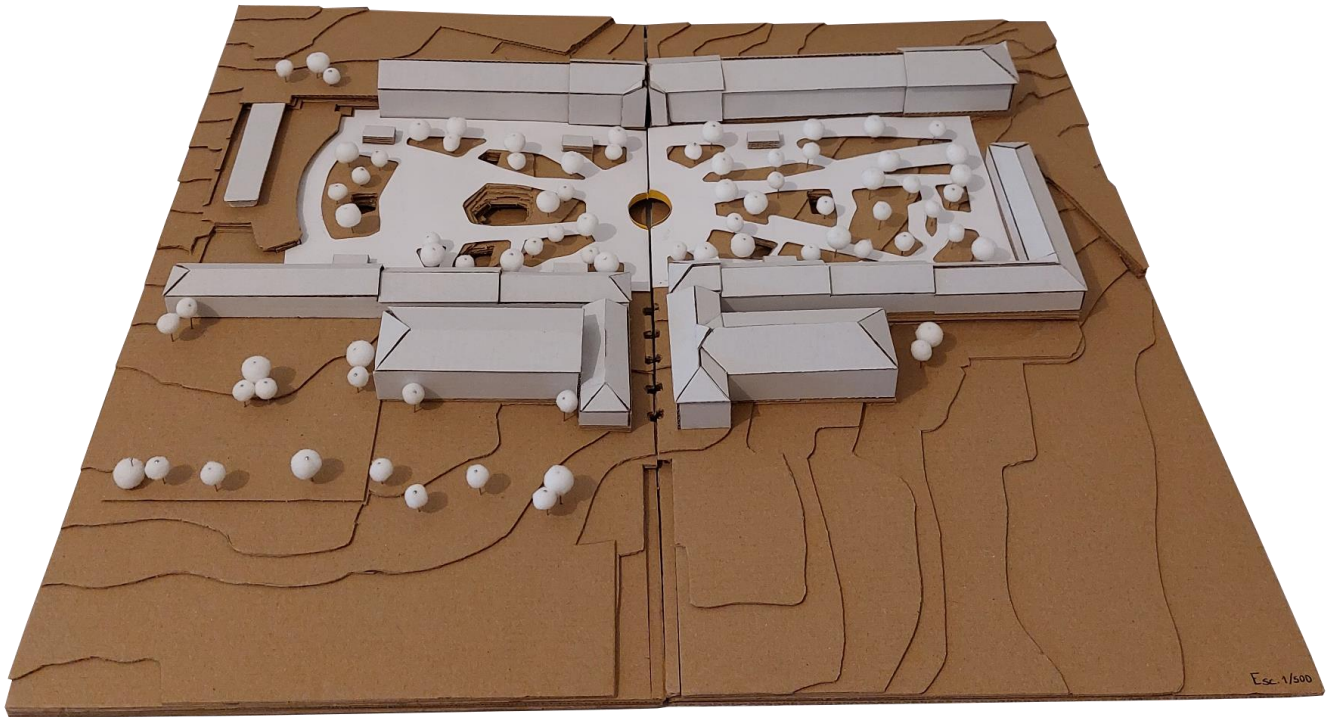




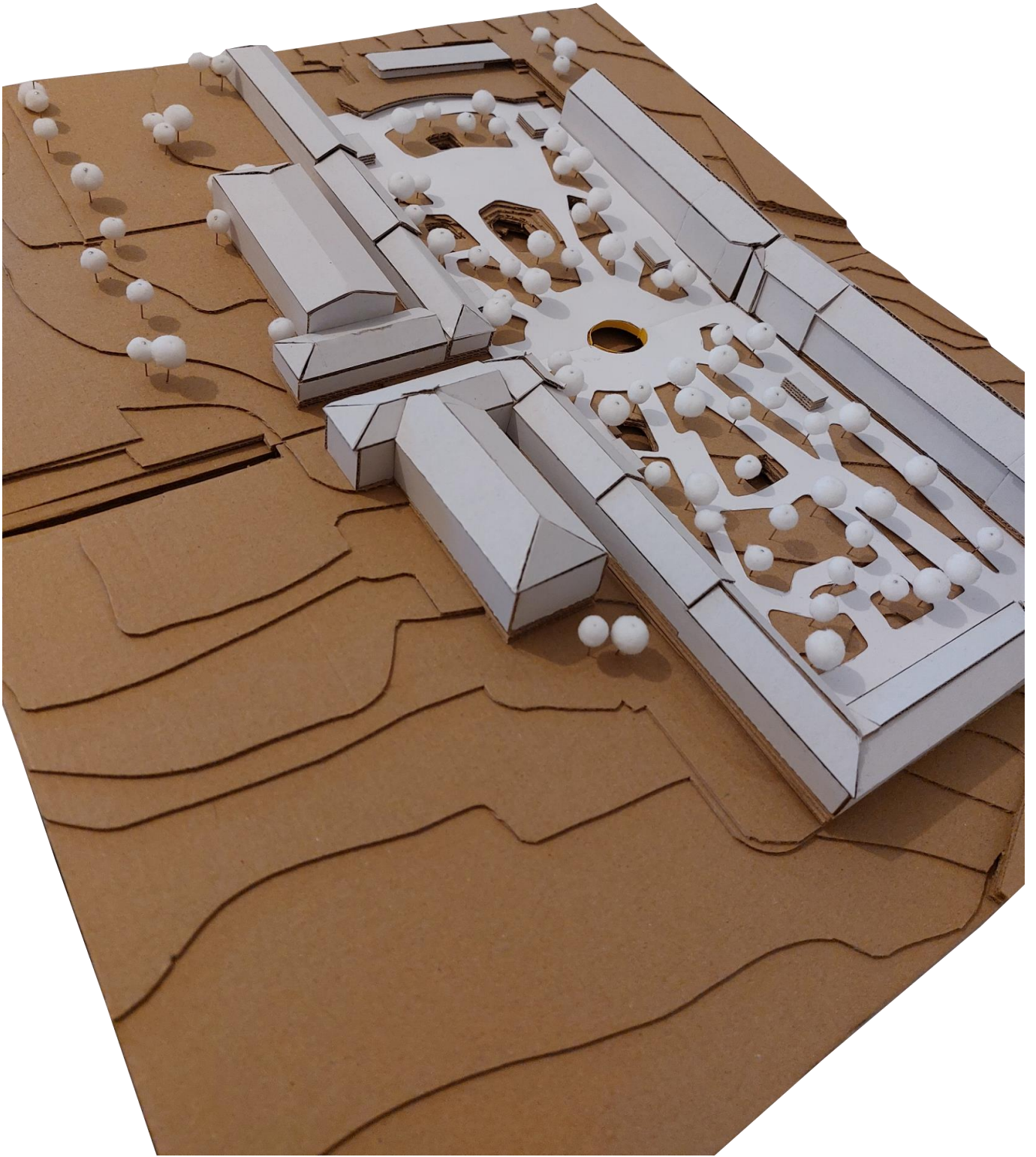


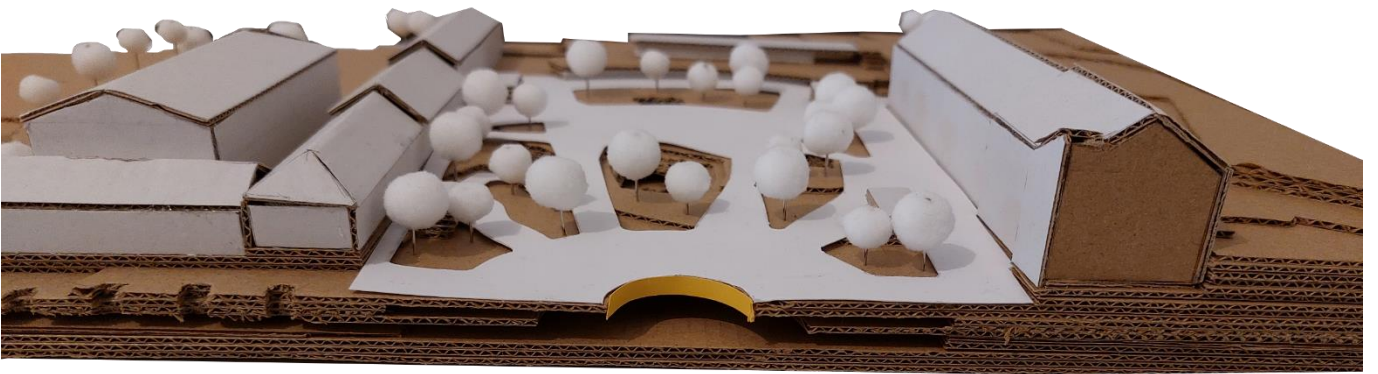


ANEXOS



ANEXOS





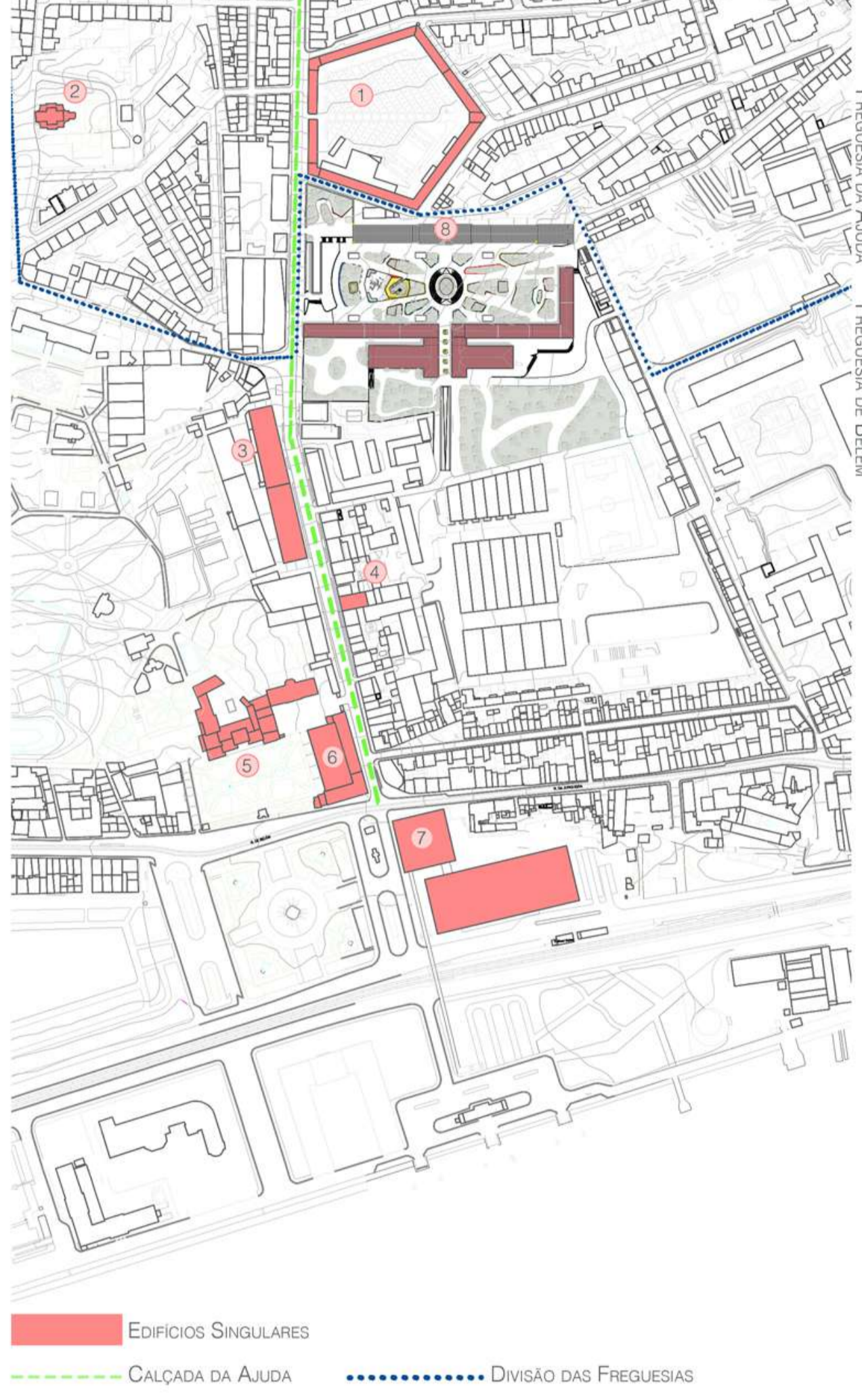
III. PAINÉIS FINAIS

ANEXOS

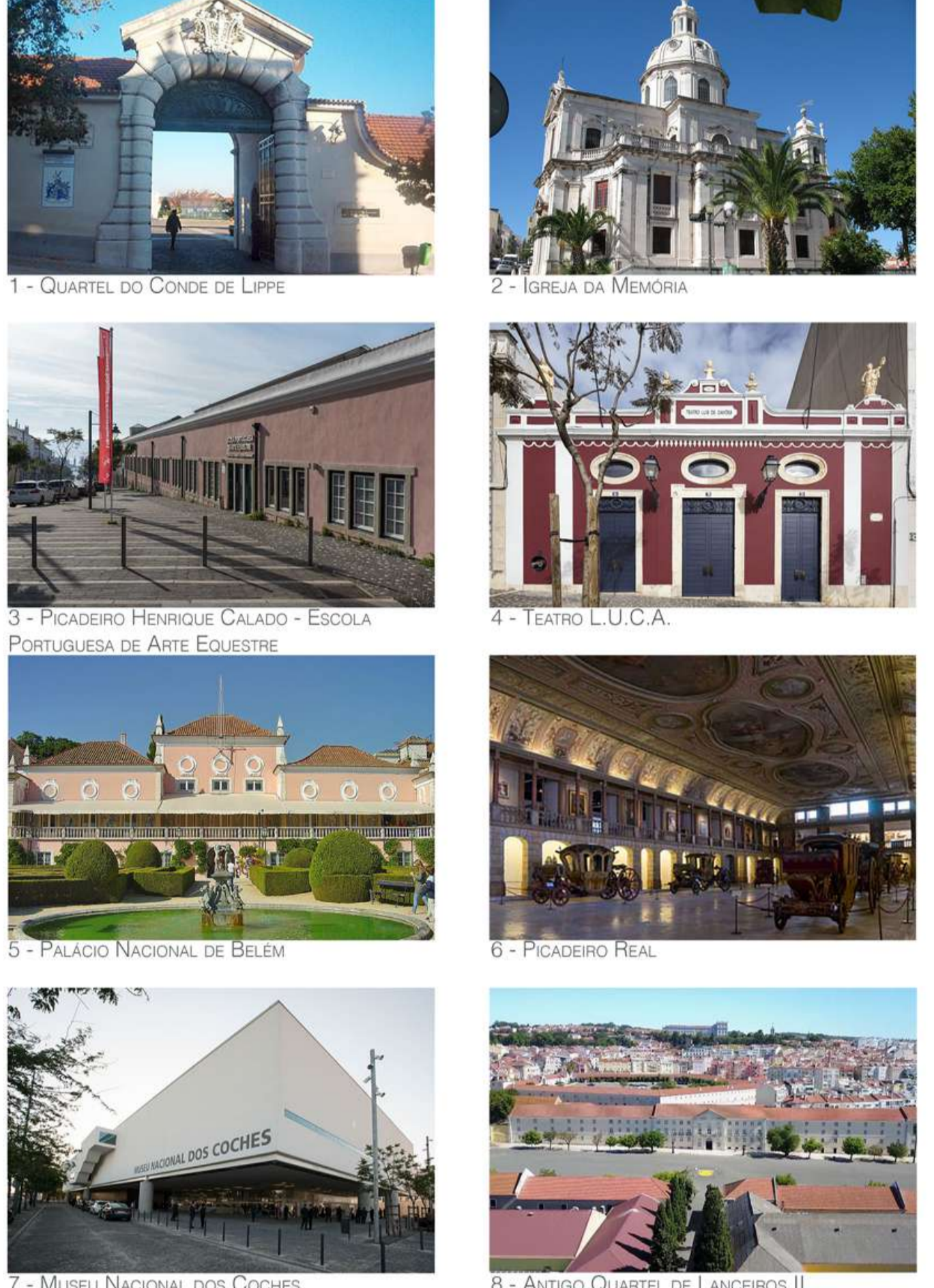
- 01 O Local | Edifícios Singulares | Enquadramento Histórico | Teoria de Valor | Demolidos e Construídos | Distribuição do Programa
- 02 Estacionamento Piso -2 e -1 | Cortes A e C | Escala 1:500
- 03 Plantas Gerais Piso 0 | Corte E | Escala 1:200
- 04 Plantas Gerais Piso 0 | Corte E | Escala 1:200
- 05 Plantas Gerais Piso 1 | Corte B | Escala 1:200
- 06 Plantas Gerais Piso 1 | Corte B | Escala 1:200
- 07 Cortes F, G e H | Escala 1:200
- 08 Plantas Auditório Piso 0 e 1 | Corte E | Escala 1:100
- 09 Detalhe e Corte | Armazém | Escala 1:50
- 10 Detalhe e Cortes Apartamento Tipo | Escala 1:20
- 11 Detalhe e Corte | Escadas e Vão | Escalas 1:50 e 1:20
- 12 Renders Ilustrativos



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO



PLANTA DE LOCALIZAÇÃO | EDIFÍCIOS SINGULARES



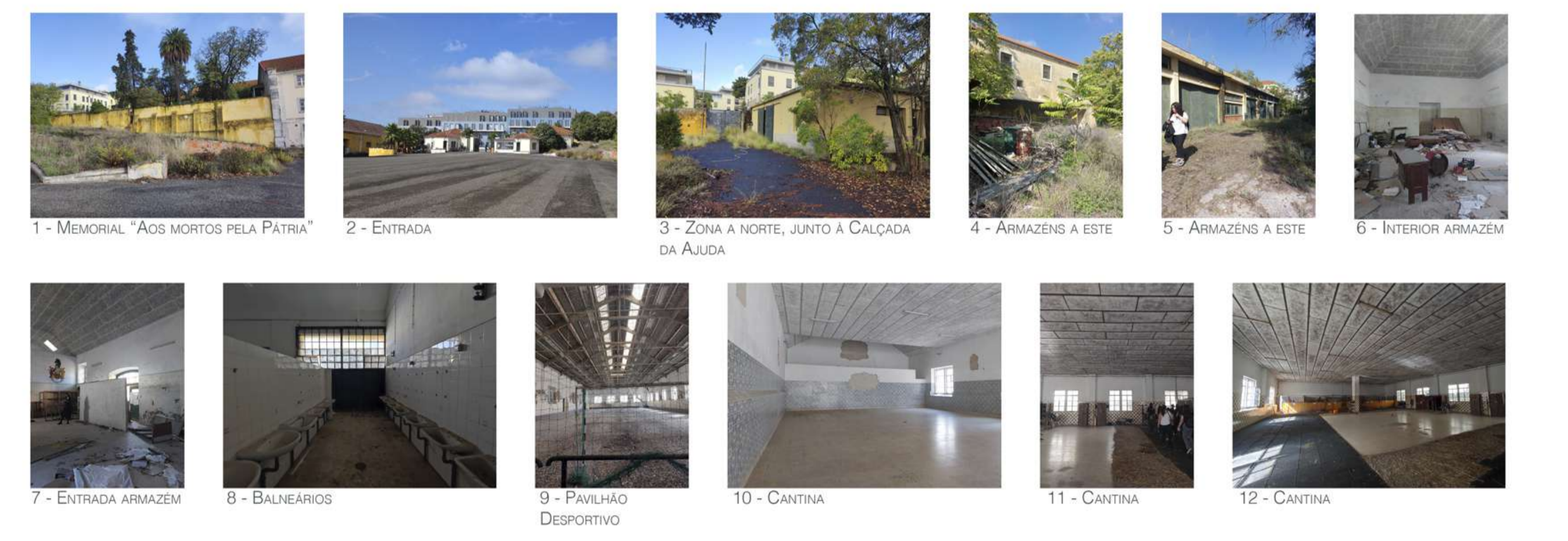
1 - QUARTEL DO CONDE DE LIPPE 2 - IGREJA DA MEMÓRIA
3 - PICADEIRO HENRIQUE CALADO - ESCOLA PORTUGUESA DE ARTE EQUESTRE 4 - TEATRO L.U.C.A.
5 - PALACIO NACIONAL DE BELEM 6 - PICADEIRO REAL
7 - MUSEU NACIONAL DOS COCHES 8 - ANTIGO QUARTEL DE LANCEROS II



VISTA AÉREA



PLANTA EXISTENTE PISO 0 | SEM ESCALA



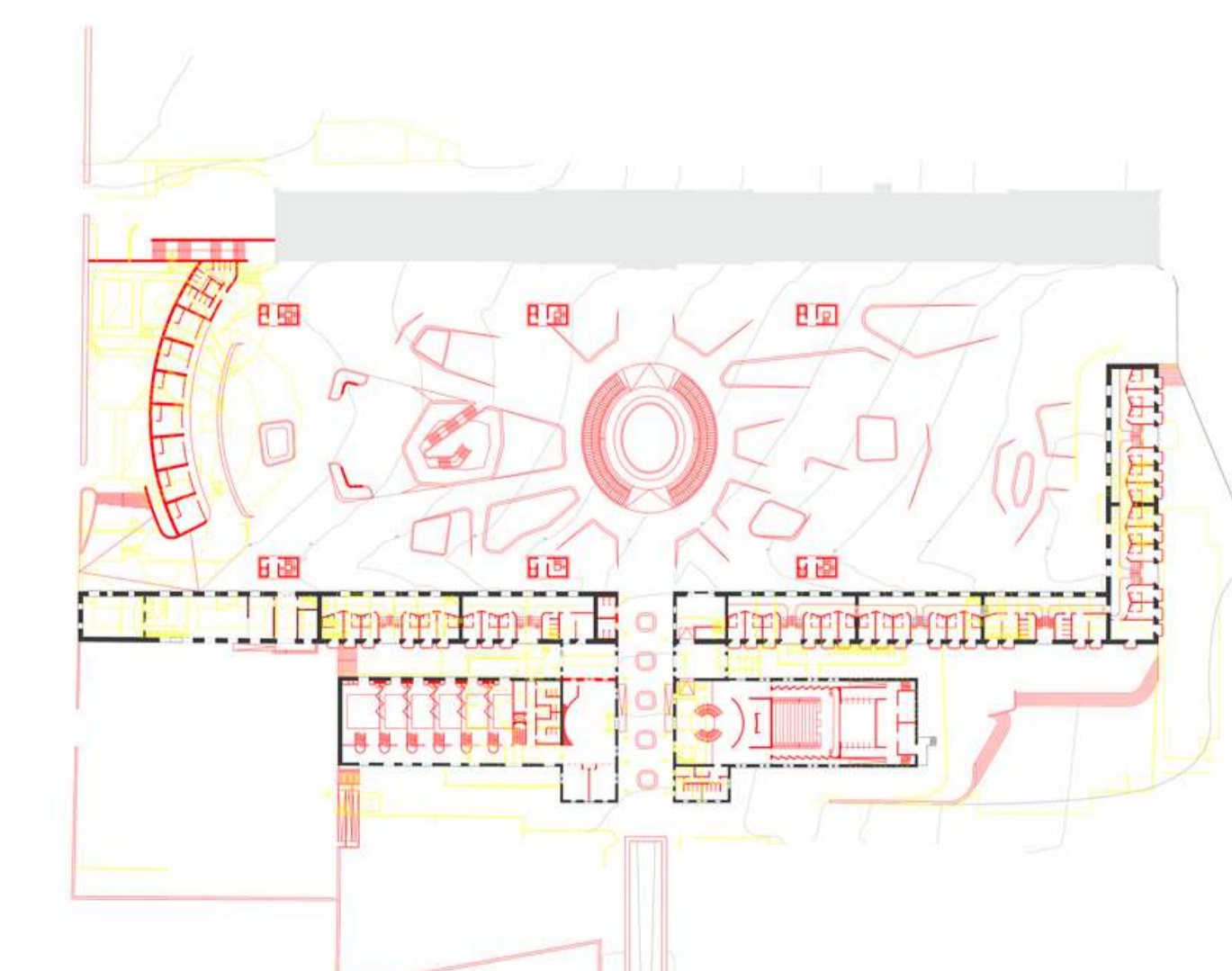
1 - MEMORIAL "AOS MORTOS PELA PÁTRIA" 2 - ENTRADA 3 - ZONA A NORTE, JUNTO À CALÇADA DA AJUDA 4 - ARMAZENS A ESTE 5 - ARMAZENS A OESTE 6 - INTERIOR ARMAZEM
7 - ENTRADA ARMAZEM 8 - BANHEIROS 9 - PAVILHÃO DESPORTIVO 10 - CANTINA 11 - CANTINA 12 - CANTINA

TEORIA DE VALOR

- ELEMENTOS CONSIDERADOS DE INDELE PATRIMONIAL, IDENTITÁRIOS E EXEMPLARES QUE PELO SEU VALOR DEVEM DE SER REPRESENTADOS NA SUA SITUAÇÃO ATUAL.
- ELEMENTOS COM VALOR ESTÉTICO, MATERIAL OU CONSTRUTIVO INTRÍNSECO, MAS QUE NECESSITAM DE OUTRO ENQUADRAMENTO.
- ELEMENTOS SEM VALOR PATRIMONIAL, MATERIAL OU ESTÉTICO, PODENDO ORIGINAR A AÇÕES DE DEMOLIÇÃO OU SUBSTITUIÇÃO.
- ELEMENTOS QUE PELA SUA MATERIALIDADE, SISTEMA CONSTRUTIVO, OU SIMPLES PRESENÇA, COMPROMETEM ASPECTOS DE ESTABILIDADE OU LEITURA IDENTITÁRIA E HISTÓRICA DO CONJUNTO.



PLANTAS DEMOLIDOS E CONSTRUÍDOS



PERSPECTIVA EXPLODIDA COM DISTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA

1755 APÓS O TERRAMOTO DE 1755, A FAMÍLIA REAL REFUGIA-SE NA FREGUESIA DA AJUDA E INSTALA-SE NA REAL BARRACA.

1791 SURTIU A NECESSIDADE DE CRIAR EDIFÍCIOS DE APOIO À FAMÍLIA REAL NA FREGUESIA DA AJUDA. ASSIM, INICIA-SE A CONSTRUÇÃO DO QUARTEL.

1833 O REGIMENTO DE LANCEIROS DA RAINHA CONSTITUI-SE COMO UNIDADE E OCUPA AS INSTALAÇÕES LOCALIZADAS NA CALÇADA DA AJUDA, CONSTRUÍDAS A MANDO DO MARQUÊS DE POMBAL.

1884 O REGIMENTO É DISSOLVIDO DEVIDO A ATOS DE INSUBORDINAÇÃO. É RECRIADO O REGIMENTO DA CAVALARIA, FAZENDO USO DAS MESMAS INSTALAÇÕES.

1888 O REGIMENTO PASSA A DESIGNAR-SE POR "REGIMENTO DA CAVALARIA 2 DO PRÍNCIPE D. CARLOS", SENDO DEPOIS DESIGNADO DE "REGIMENTO DE CAVALARIA 2 - LANCEIROS D'EL REI", APÓS A SUA ASCENÇÃO AO TRONO.

1910 COM A IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA, PASSA A DESIGNAR-SE NOVAMENTE DE REGIMENTO DE CAVALARIA Nº2.

1948 A SUA DESIGNAÇÃO É RETOMADA NOVAMENTE AO SEU NOME ORIGINAL "REGIMENTO DE LANCEROS Nº2".

1953 O QUARTEL PASSA A ALBERGAR A POLÍCIA MILITAR, DESTINADA PARA FINS MILITARES.

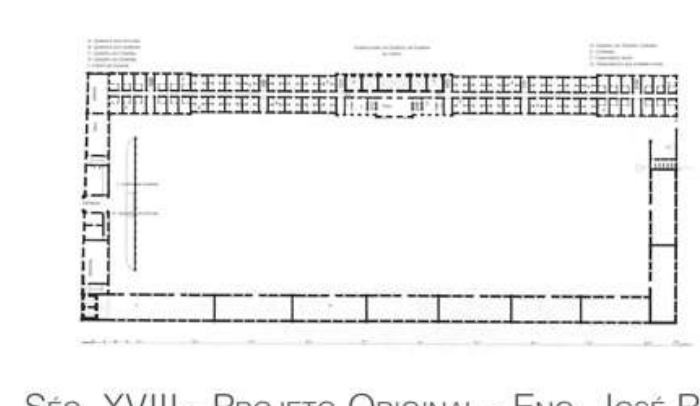
1993 COM A REORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO, E DEPOIS DE VÁRIAS DISSOLUÇÕES E ALTERAÇÕES AO LONGO DOS ANOS, O REGIMENTO VOLTA A DESIGNAR-SE POR REGIMENTO DE LANCEROS Nº2.

2015 O REGIMENTO É TRANSFERIDO PARA O QUARTEL DA AMADORA, OCUPANDO AS INSTALAÇÕES DA EX-TINHA UNIDADE DE APOIO DA ÁREA MILITAR AMADORA SINTRA, DEIXANDO AO ABANDONO AS SUAS INSTALAÇÕES NA CALÇADA DA AJUDA.

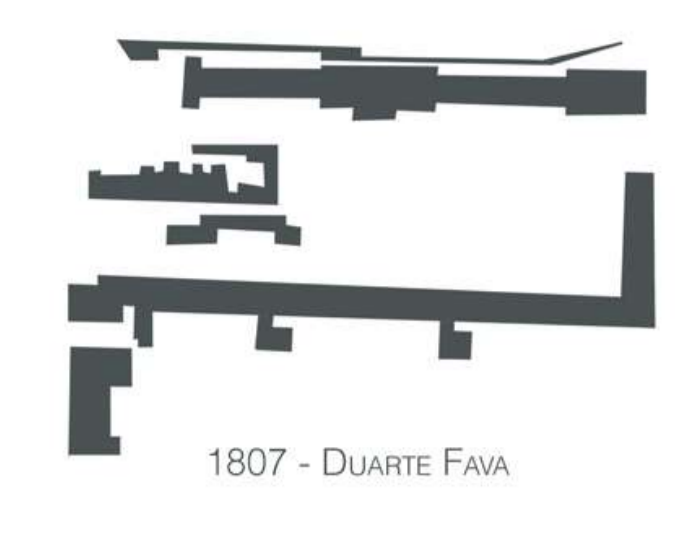
2016 PROPOSTA POR PARTE DA ASSOCIAÇÃO DE TURISMO MILITAR PARA A CRIAÇÃO DE UM QUARTEL DA CULTURA, QUE PREVIA A CONSTRUÇÃO DE RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS E ESPAÇOS DE ENSAIOS E DE TRABALHO NAS INSTALAÇÕES ABANDONADAS DO QUARTEL.

ATÉ HOJE, O QUARTEL TEVE VÁRIAS PROPOSTAS PARA A SUA APROPRIAÇÃO, MAS NENHUMA DELAS SEGUIU EM FRENTE.

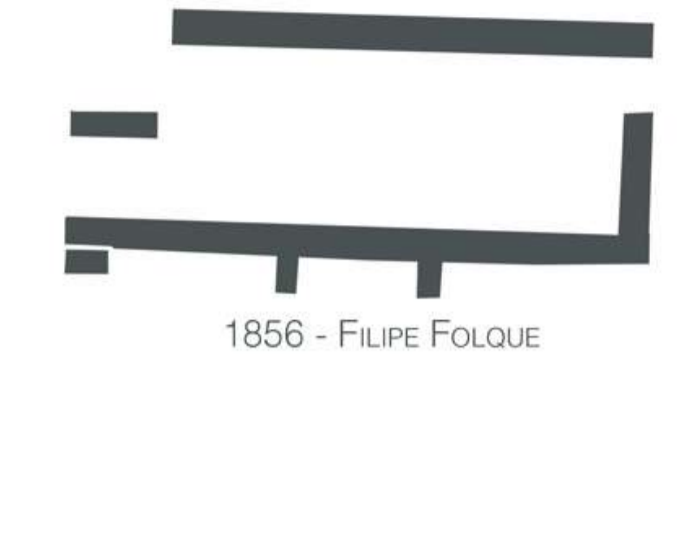
CRONOLOGIA HISTÓRICA



SEC. XVIII - PROJETO ORIGINAL - ENG. JOSÉ REGO



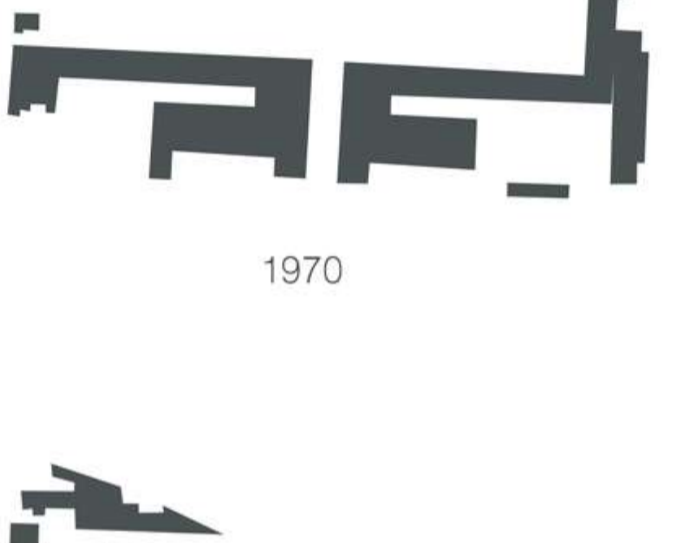
1807 - DUARTE FAVA



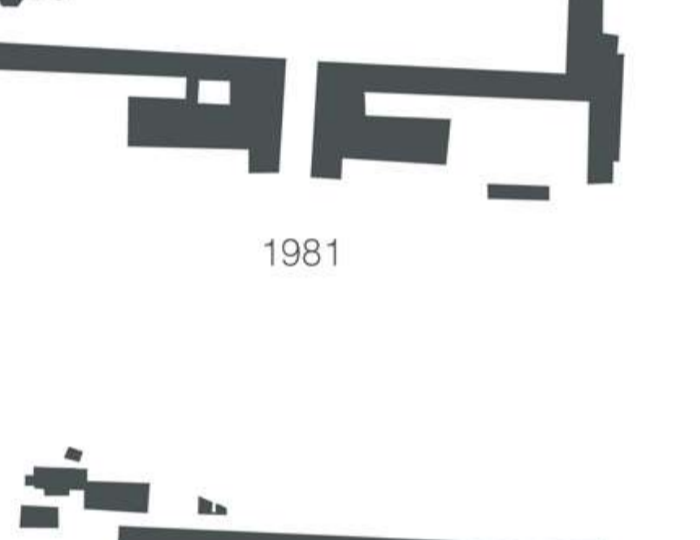
1856 - FILIPE FOLQUE



1911 - SILVA PINTO



1970

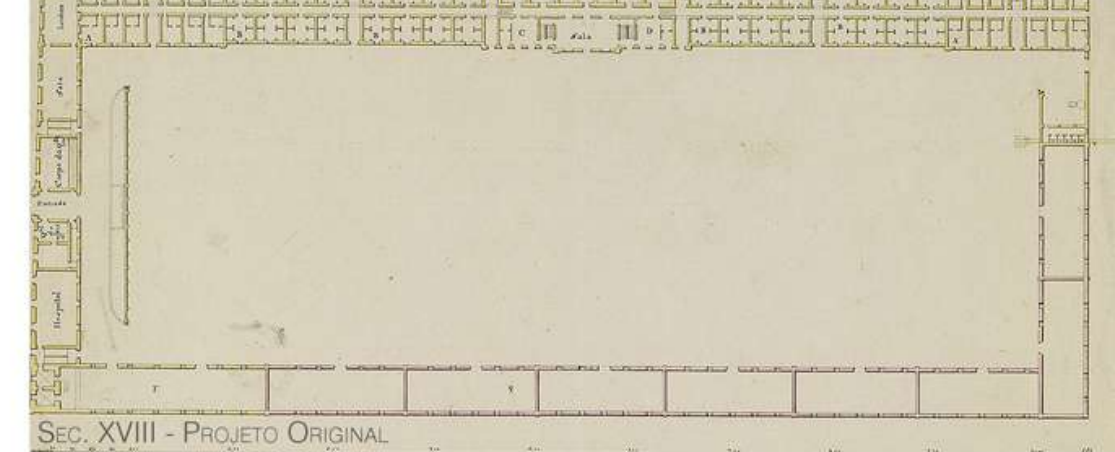


1981



ATUALIDADE

EVOLUÇÃO DA CONSTRUÇÃO



SEC. XVIII - PROJETO ORIGINAL



1827 - VISITA DO REI D. CARLOS



1910



1930 - FUMAR MARIJUANA



1950



1960



1960



1960



1960



1960



1960



1960



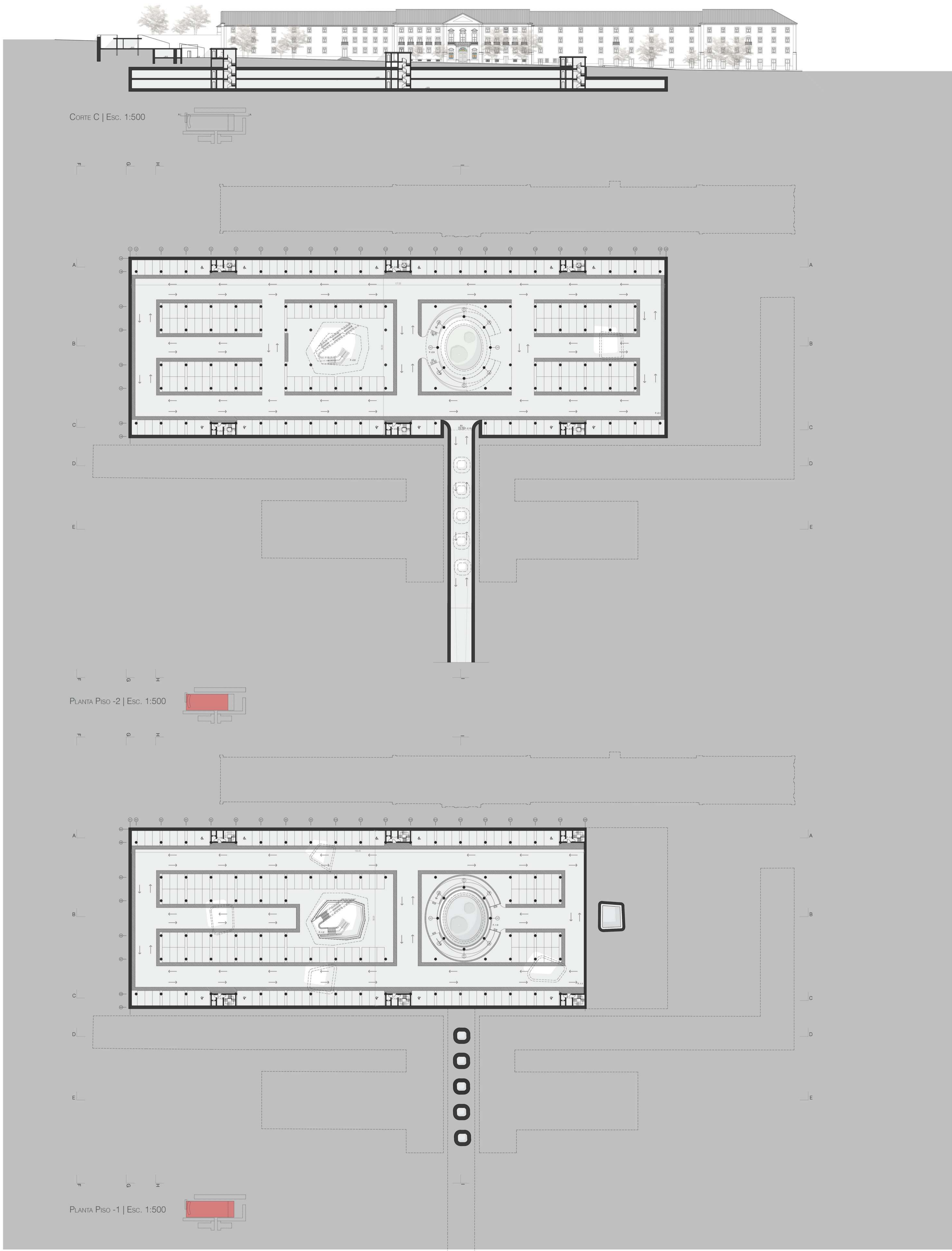
1971



COMPARTIMENTAÇÃO

- F-2.1 ESTACIONAMENTO
- F-2.2 ACESSOS VERTICAIS
- F-2.3 ACESSOS VERTICAIS
- F-2.4 ACESSOS VERTICAIS
- F-2.5 ACESSOS VERTICAIS
- F-2.6 ACESSOS VERTICAIS
- F-2.7 ACESSOS VERTICAIS
- F-2.8 ACESSO VERTICAL
- F-2.9 ACESSO VIÁRIO AO PISO -1
- F-2.10 RAMPA DE ACESSO VIÁRIO

- F-1.1 ESTACIONAMENTO
- F-1.2 ACESSO VERTICAL
- F-1.3 ACESSOS VERTICAIS
- F-1.4 ACESSOS VERTICAIS
- F-1.5 ACESSOS VERTICAIS
- F-1.6 ACESSOS VERTICAIS
- F-1.7 ACESSOS VERTICAIS
- F-1.8 ACESSOS VERTICAIS
- F-1.9 ACESSO VIÁRIO

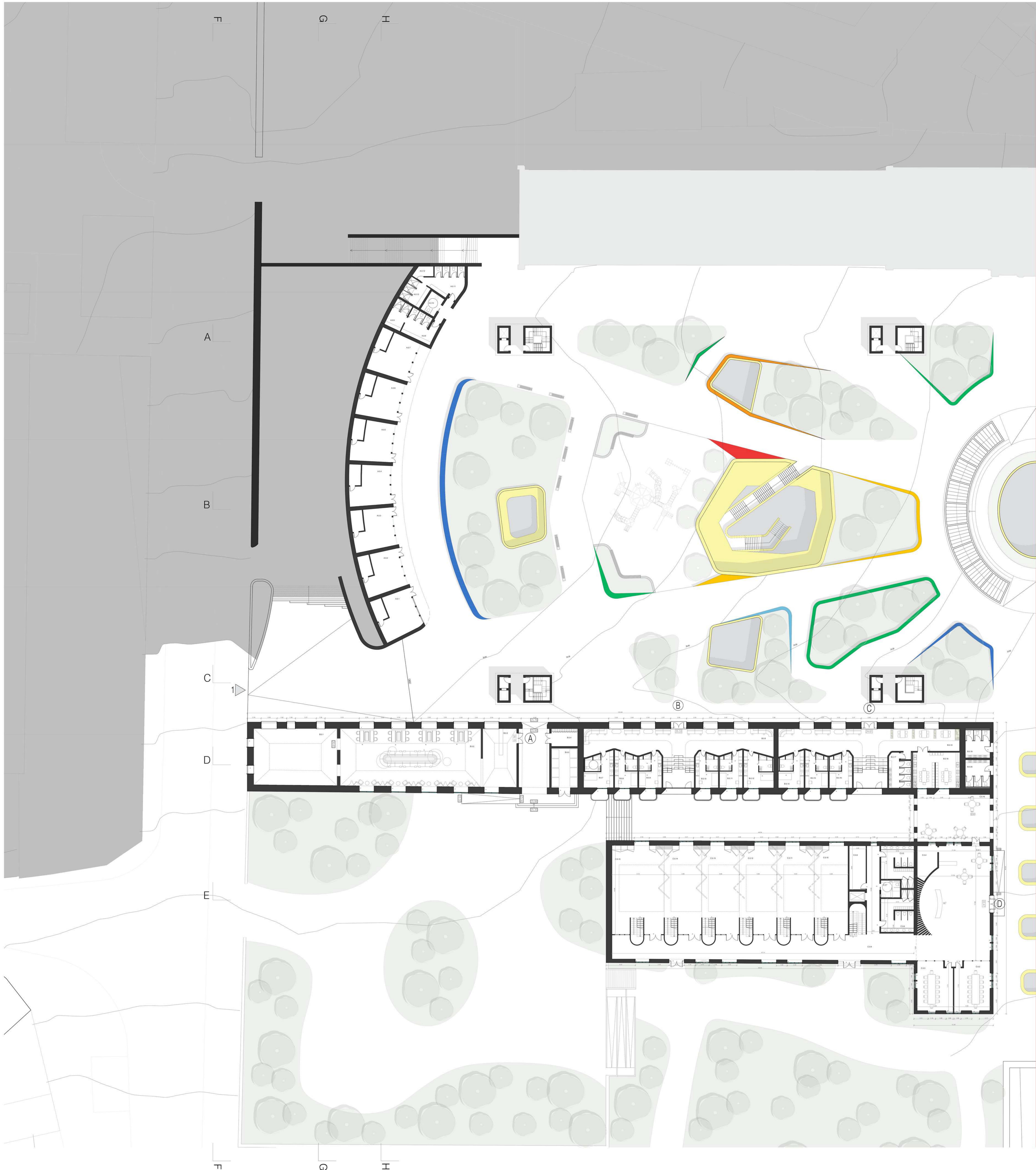


CORTE C | Esc. 1:500

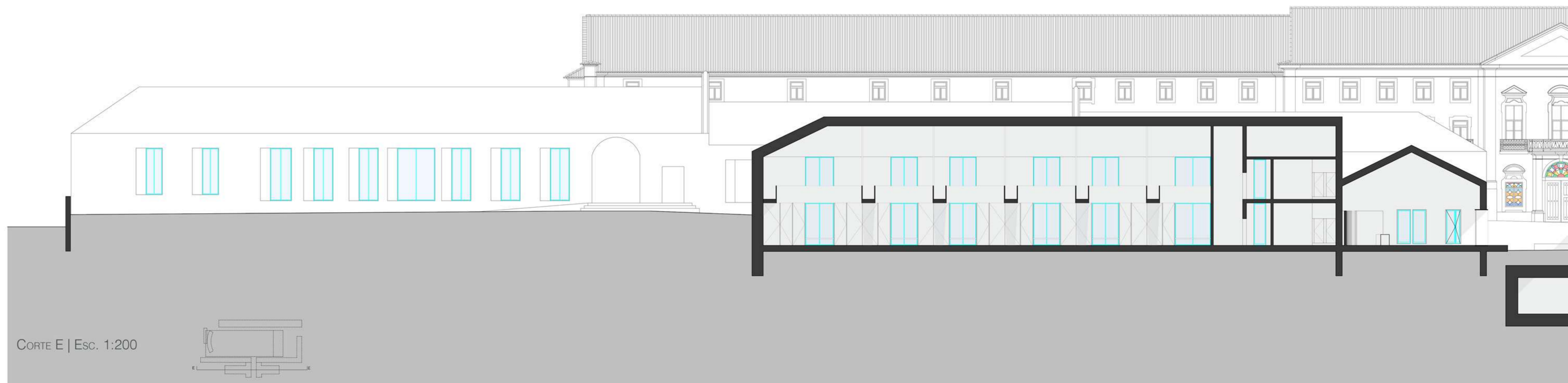
PLANTA Piso -2 | Esc. 1:500

PLANTA Piso -1 | Esc. 1:500

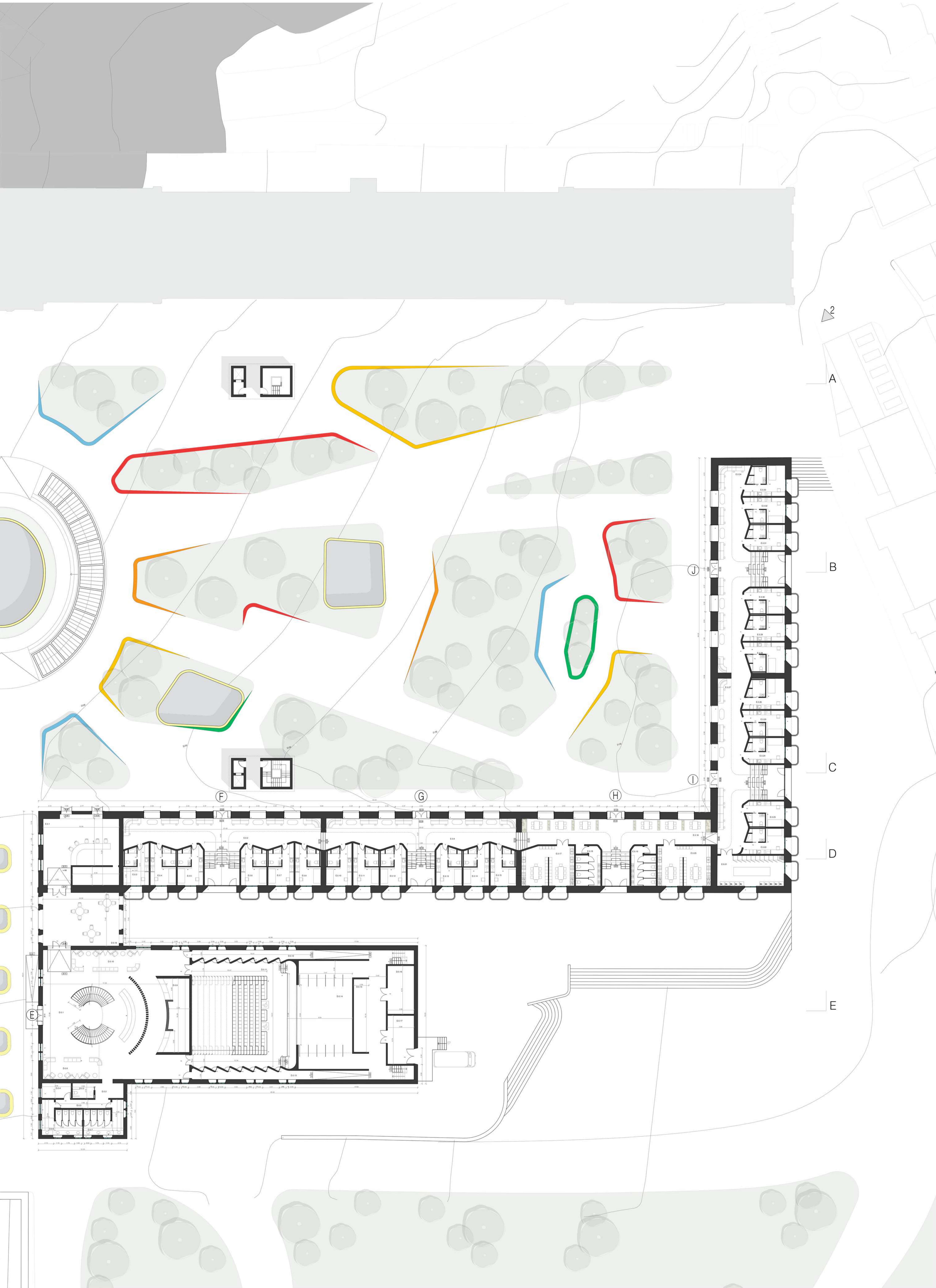
CORTE C | Esc. 1:500



PLANTA PISO 0 | Esc. 1:200



CORTE E | Esc. 1:200



- COMPARTIMENTAÇÃO
- A.0.1 COMÉRCIO
 - A.0.2 COMÉRCIO
 - A.0.3 COMÉRCIO
 - A.0.4 COMÉRCIO
 - A.0.5 COMÉRCIO
 - A.0.6 COMÉRCIO
 - A.0.7 COMÉRCIO
 - A.0.8 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PÚBLICAS
 - A.0.9 BANHEIRO
 - A.0.10 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS MOBILIDADE REDUZIDA
 - A.0.11 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PÚBLICAS
 - A.0.12 ARRUMOS
 - A.0.13 BANHEIRO

- B.0.1 ZONA DE APOIO
- B.0.2 ESPAÇO DE ESTUDO
- B.0.3 RECEÇÃO
- B.0.4 SALA DO CORREIO
- B.0.5 DEPÓSITO CANGOTES DO LIXO
- B.0.6 ESPAÇOS COMUNS
- B.0.7 APARTAMENTO
- B.0.8 APARTAMENTO
- B.0.9 APARTAMENTO
- B.0.10 APARTAMENTO
- B.0.11 APARTAMENTO
- B.0.12 APARTAMENTO
- B.0.13 ESPAÇOS COMUNS
- B.0.14 APARTAMENTO
- B.0.15 APARTAMENTO
- B.0.16 APARTAMENTO
- B.0.17 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- B.0.18 COZINHA COMUM
- B.0.19 INSTALAÇÃO SANITÁRIA PÚBLICA
- B.0.20 INSTALAÇÃO SANITÁRIA PÚBLICA

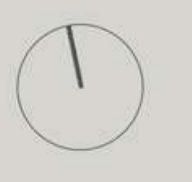
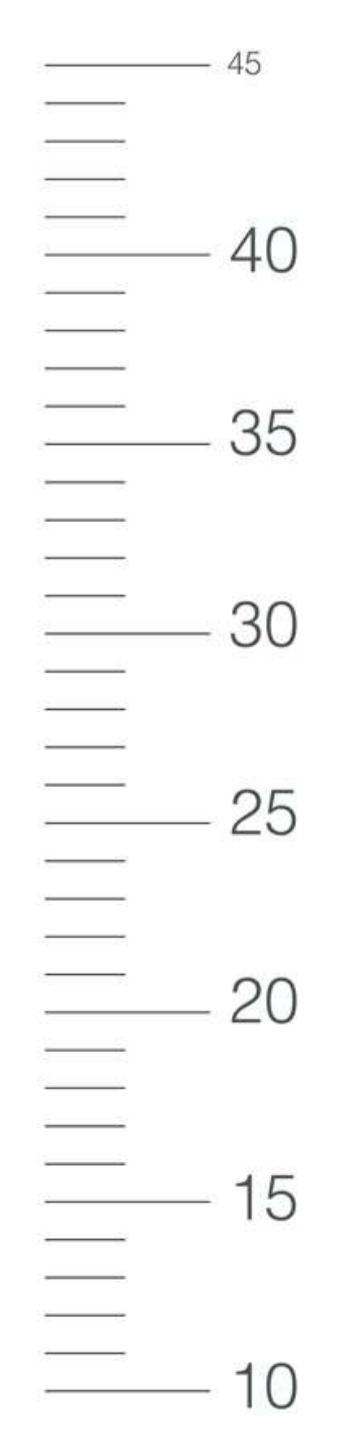
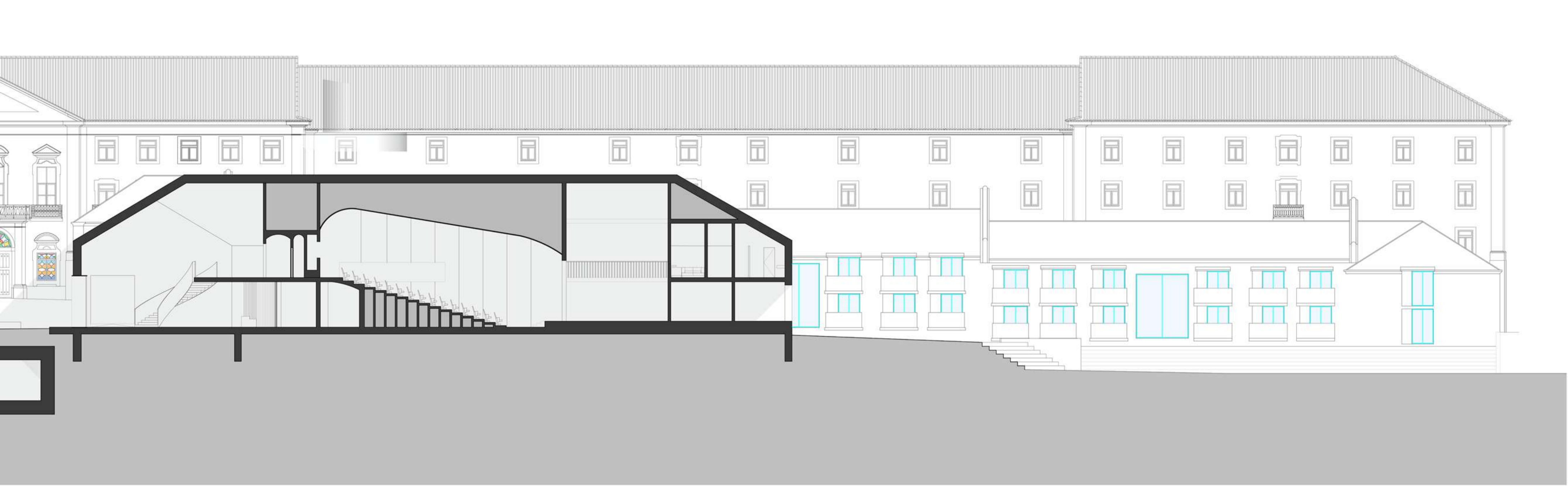
- C.0.1 RECEÇÃO
- C.0.2 SALA DE REUNIÕES
- C.0.3 SALA DE REUNIÕES
- C.0.4 BAR
- C.0.5 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- C.0.6 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- C.0.7 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS MOBILIDADE REDUZIDA
- C.0.8 ARRUMOS
- C.0.9 CIRCULAÇÃO
- C.0.10 SALA POLIVALENTE
- C.0.11 SALA POLIVALENTE
- C.0.12 SALA POLIVALENTE
- C.0.13 SALA POLIVALENTE
- C.0.14 SALA POLIVALENTE
- C.0.15 SALA POLIVALENTE
- C.0.16 ESPLANADA

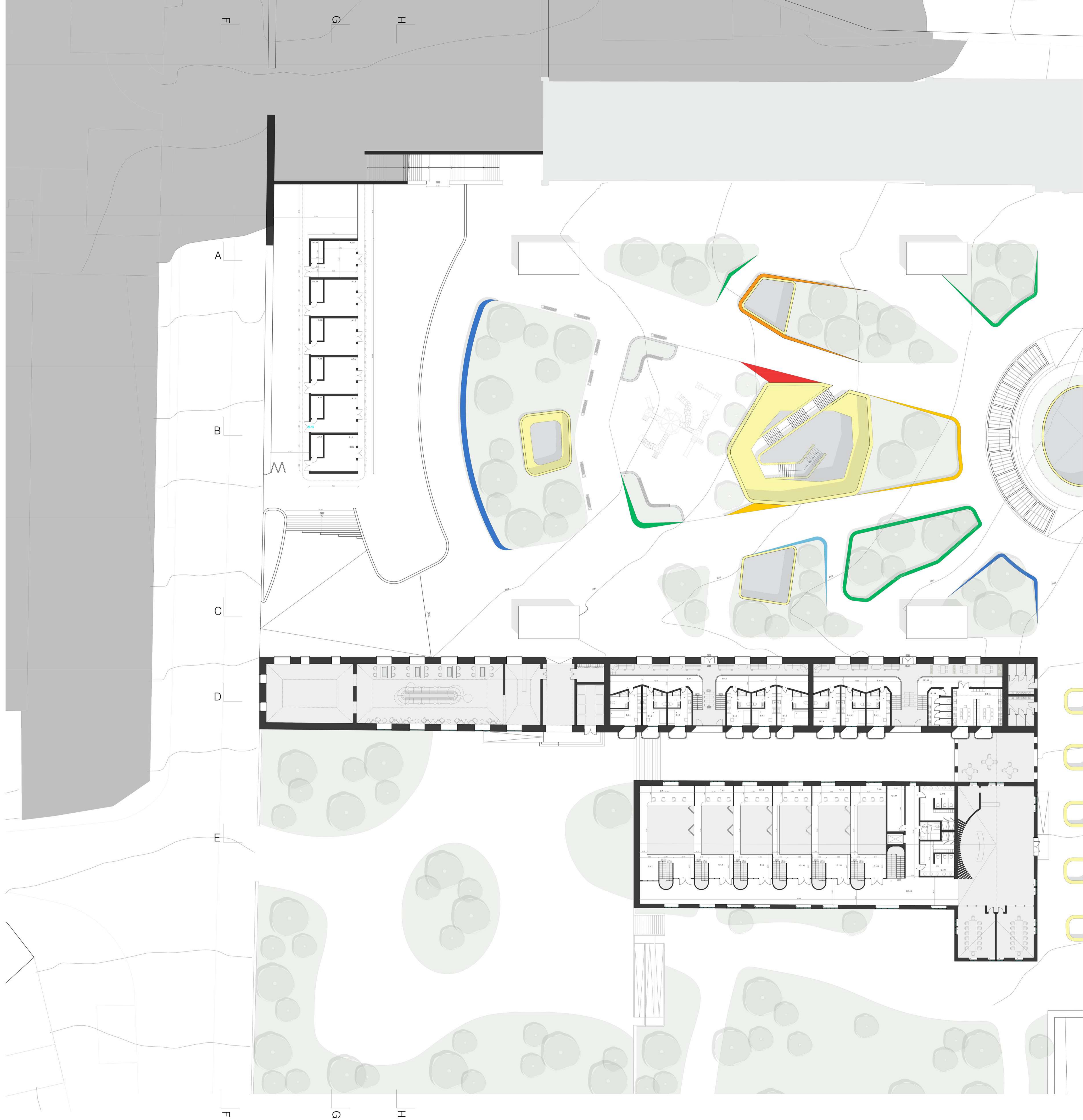
- D.0.1 ENTRADA E RECEÇÃO
- D.0.2 VESTIBULO DE ACESSO AS INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- D.0.3 INSTALAÇÃO SANITÁRIA MOBILIDADE REDUZIDA
- D.0.4 ARRUMOS
- D.0.5 CIRCULAÇÃO
- D.0.6 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- D.0.7 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- D.0.8 ZONA DE ESTAR
- D.0.9 BENGALERO
- D.0.10 ZONA DE ESTAR
- D.0.11 PLATEIA
- D.0.12 CIRCULAÇÃO DE ACESSO AO BACKSTAGE
- D.0.13 CIRCULAÇÃO DE ACESSO AO BACKSTAGE
- D.0.14 PALCO
- D.0.15 BACKSTAGE
- D.0.16 DEPÓSITO
- D.0.17 DEPÓSITO
- D.0.18 ESPLANADA

- E.0.1 CAFETERIA
- E.0.2 ESPAÇOS COMUNS
- E.0.3 APARTAMENTO
- E.0.4 APARTAMENTO
- E.0.5 APARTAMENTO
- E.0.6 APARTAMENTO
- E.0.7 APARTAMENTO
- E.0.8 APARTAMENTO
- E.0.9 ESPAÇOS COMUNS
- E.0.10 APARTAMENTO
- E.0.11 APARTAMENTO
- E.0.12 APARTAMENTO
- E.0.13 APARTAMENTO
- E.0.14 APARTAMENTO
- E.0.15 APARTAMENTO
- E.0.16 ESPAÇO DE ESTAR / ESTUDO COMUM
- E.0.17 COZINHAS COMUNS
- E.0.18 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS COMUNS
- E.0.19 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS COMUNS
- E.0.20 COZINHAS COMUNS
- E.0.21 LAVANDARIA
- E.0.22 APARTAMENTO
- E.0.23 APARTAMENTO
- E.1.24 APARTAMENTO
- E.1.25 APARTAMENTO
- E.1.26 APARTAMENTO
- E.1.27 ESPAÇOS COMUNS
- E.1.28 APARTAMENTO
- E.1.29 APARTAMENTO
- E.1.30 APARTAMENTO
- E.1.31 APARTAMENTO
- E.1.32 APARTAMENTO
- E.1.33 APARTAMENTO
- E.1.34 ESPAÇOS COMUNS

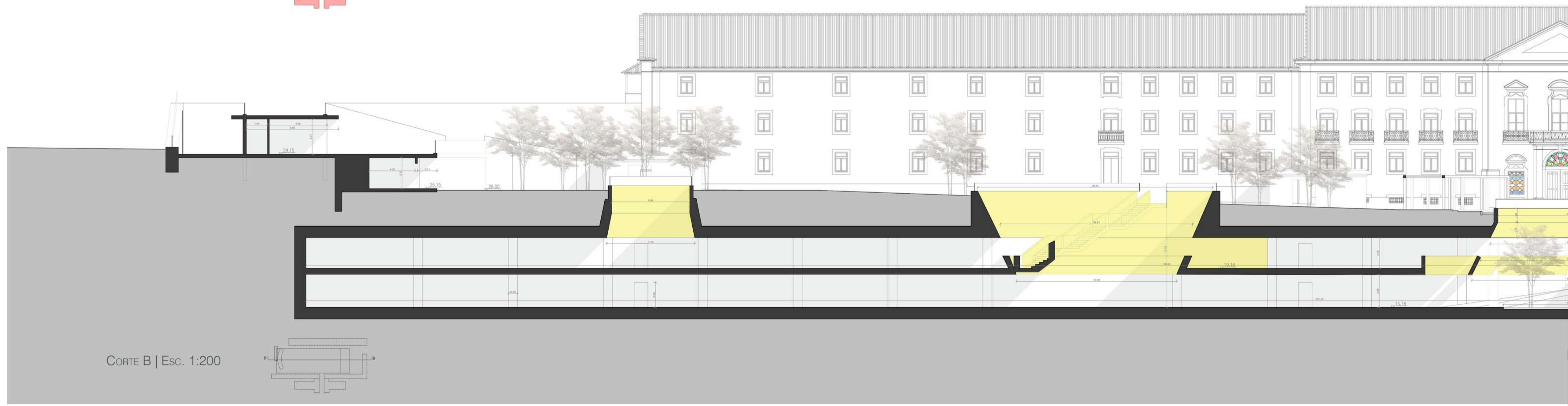
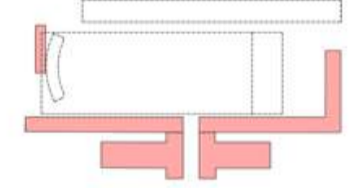
- CORES BANCOS DE JARDIM
- NCS S0508 - Y90R
 - NCS S1070 - Y30R
 - NCS S0580 - Y10R
 - NCS S1070 - G10Y
 - NCS S2060 - R80B
 - NCS S1040 - B

- COR ENTRADAS DE LUZ PARA O ESTACIONAMENTO
- NCS S0560 - G80Y

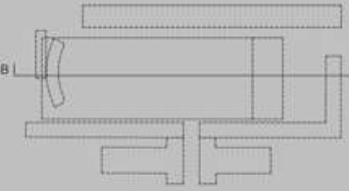




PLANTA PISO 1 | Esc. 1:200



CORTE B | Esc. 1:200





COMPARTIMENTAÇÃO

- A.1.1 COMÉRCIO
- A.1.2 ARRUMOS
- A.1.3 COMÉRCIO
- A.1.4 ARRUMOS
- A.1.5 COMÉRCIO
- A.1.6 ARRUMOS
- A.1.7 COMÉRCIO
- A.1.8 ARRUMOS
- A.1.9 COMÉRCIO
- A.1.10 ARRUMOS
- A.1.11 COMÉRCIO
- A.1.12 ARRUMOS

- B.1.1 APARTAMENTO
- B.1.2 APARTAMENTO
- B.1.3 APARTAMENTO
- B.1.4 CIRCULAÇÃO
- B.1.5 CIRCULAÇÃO
- B.1.6 APARTAMENTO
- B.1.7 APARTAMENTO
- B.1.8 APARTAMENTO
- B.1.9 APARTAMENTO
- B.1.10 APARTAMENTO
- B.1.11 APARTAMENTO
- B.1.12 CIRCULAÇÃO
- B.1.13 CIRCULAÇÃO
- B.1.14 COZINHAS COMUNS
- B.1.15 INSTALAÇÃO SANITÁRIA COMUM

- C.1.1 GALERIA
- C.1.2 GALERIA
- C.1.3 GALERIA
- C.1.4 GALERIA
- C.1.5 GALERIA
- C.1.6 GALERIA
- C.1.7 CIRCULAÇÃO
- C.1.8 CIRCULAÇÃO
- C.1.9 CIRCULAÇÃO
- C.1.10 CIRCULAÇÃO
- C.1.11 CIRCULAÇÃO
- C.1.12 CIRCULAÇÃO
- C.1.13 CIRCULAÇÃO
- C.1.14 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- C.1.15 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS MOBILIDADE REDUZIDA
- C.1.16 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- C.1.17 ARRUMOS

- D.1.1 CIRCULAÇÃO
- D.1.2 ADMINISTRAÇÃO
- D.1.3 VESTÍBULO DE ACESSO A PLATEIA E RÉGIE
- D.1.4 RÉGIE
- D.1.5 GALERIA
- D.1.6 GALERIA
- D.1.7 VARANDA TÉCNICA
- D.1.8 CAMARIM
- D.1.9 VESTÍBULO DE ACESSO AO CAMARIM
- D.1.10 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- D.1.11 OFICINA
- D.1.12 CIRCULAÇÃO
- D.1.13 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- D.1.14 VESTÍBULO DE ACESSO AO CAMARIM
- D.1.15 CAMARIM
- D.1.16 VARANDA TÉCNICA
- D.1.17 SALA DE ESPERA

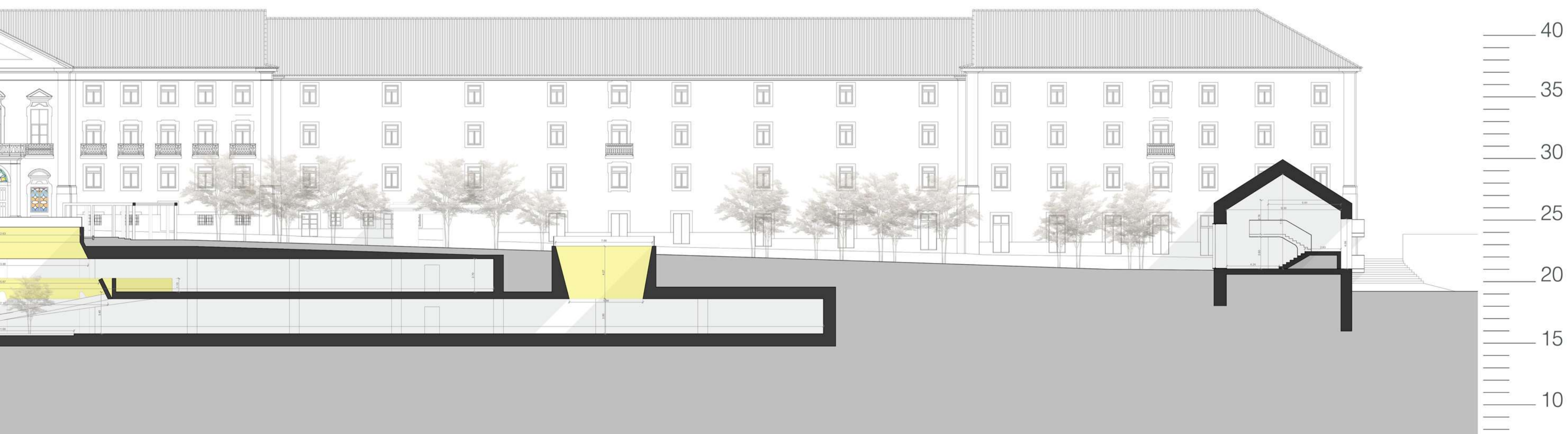
- E.1.1 APARTAMENTO
- E.1.2 APARTAMENTO
- E.1.3 APARTAMENTO
- E.1.4 CIRCULAÇÃO
- E.1.5 CIRCULAÇÃO
- E.1.6 APARTAMENTO
- E.1.7 APARTAMENTO
- E.1.8 APARTAMENTO
- E.1.9 APARTAMENTO
- E.1.10 APARTAMENTO
- E.1.11 APARTAMENTO
- E.1.12 CIRCULAÇÃO
- E.1.13 CIRCULAÇÃO
- E.1.14 APARTAMENTO
- E.1.15 APARTAMENTO
- E.1.16 APARTAMENTO
- E.1.17 COZINHAS COMUNS
- E.1.18 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS COMUNS
- E.1.19 CIRCULAÇÃO
- E.1.20 CIRCULAÇÃO
- E.1.21 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS COMUNS
- E.1.22 COZINHAS COMUNS
- E.1.23 LAVANDARIA
- E.1.24 APARTAMENTO
- E.1.25 APARTAMENTO
- E.1.26 CIRCULAÇÃO
- E.1.27 CIRCULAÇÃO
- E.1.28 APARTAMENTO
- E.1.29 APARTAMENTO
- E.1.30 APARTAMENTO
- E.1.31 APARTAMENTO
- E.1.32 APARTAMENTO
- E.1.33 APARTAMENTO
- E.1.34 CIRCULAÇÃO
- E.1.35 CIRCULAÇÃO
- E.1.36 APARTAMENTO
- E.1.37 APARTAMENTO
- E.1.38 APARTAMENTO

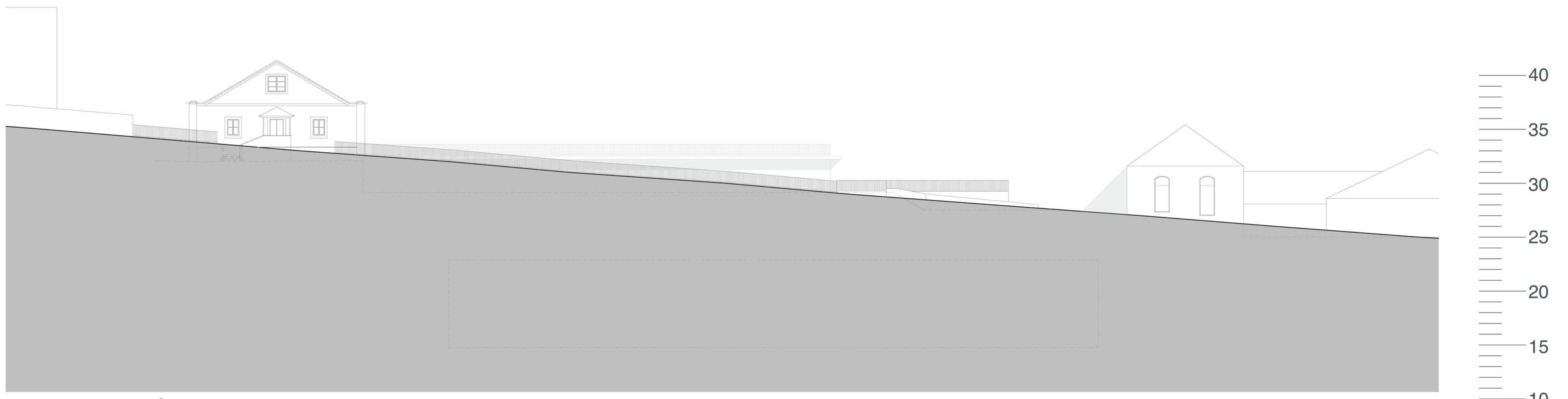
CORES BANCOS DE JARDIM

- NCS S0508 - Y90R
- NCS S1070 - Y30R
- NCS S0580 - Y10R
- NCS S1070 - G10Y
- NCS S2060 - R80B
- NCS S1040 - B

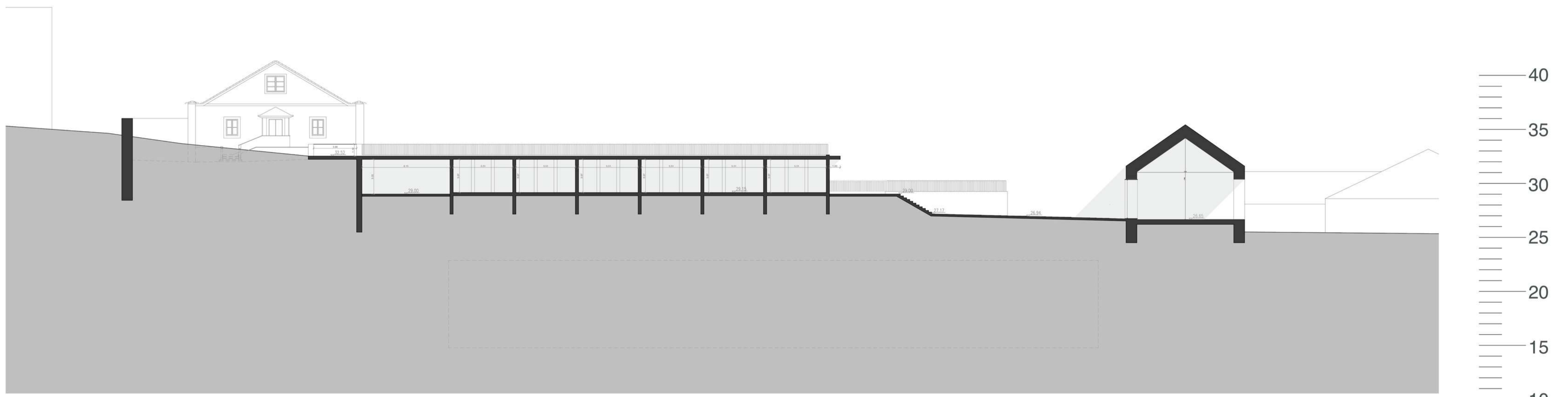
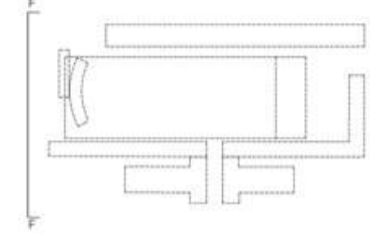
COR ENTRADAS DE LUZ PARA O ESTACIONAMENTO

- NCS S0560 - G80Y

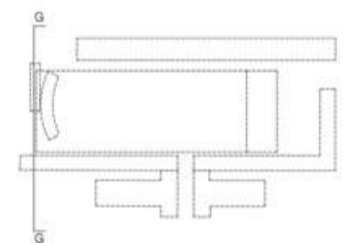




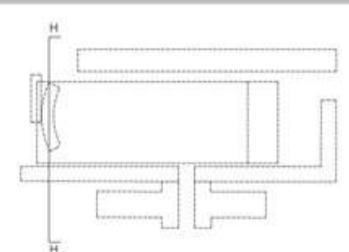
CORTE F | Esc. 1:200



CORTE G | Esc. 1:200



CORTE H | Esc. 1:200



COMPARTIMENTAÇÃO

PISO 0

- D.0.1 ENTRADA E RECEÇÃO
- D.0.2 VESTIBULO DE ACESSO AS INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- D.0.3 INSTALAÇÃO SANITÁRIA MOBILIDADE REDUZIDA
- D.0.4 ARRUMOS
- D.0.5 CIRCULAÇÃO
- D.0.6 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- D.0.7 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- D.0.8 ZONA DE ESTAR
- D.0.9 BENGALIEIRO
- D.0.10 ZONA DE ESTAR
- D.0.11 PLATEIA
- D.0.12 CIRCULAÇÃO DE ACESSO AO BACKSTAGE
- D.0.13 CIRCULAÇÃO DE ACESSO AO BACKSTAGE
- D.0.14 PALCO
- D.0.15 BACKSTAGE
- D.0.16 DEPOSITO
- D.0.17 DEPOSITO

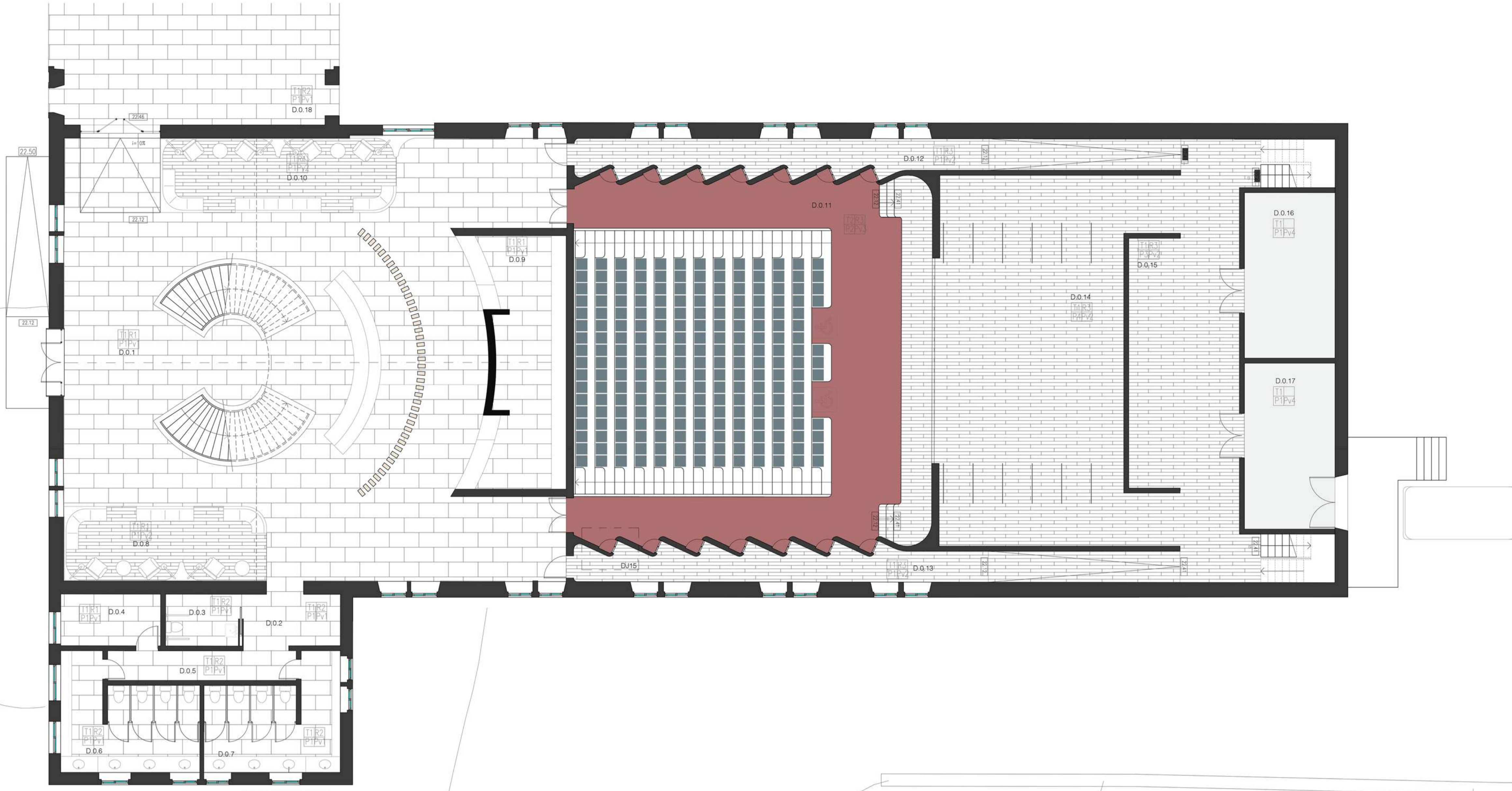
PISO 1

- D.1.1 CIRCULAÇÃO
- D.1.2 ADMINISTRAÇÃO
- D.1.3 VESTIBULO DE ACESSO AS GALERIAS E A REGIE
- D.1.4 REGIE
- D.1.5 GALERIA
- D.1.6 GALERIA
- D.1.7 VARANDA TÉCNICA
- D.1.8 CAMARIM
- D.1.9 VESTIBULO DE ACESSO AO CAMARIM
- D.1.10 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- D.1.11 OFICINA
- D.1.12 CIRCULAÇÃO
- D.1.13 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- D.1.14 VESTIBULO DE ACESSO AO CAMARIM
- D.1.15 CAMARIM
- D.1.16 VARANDA TÉCNICA
- D.1.17 SALA DE ESPERA

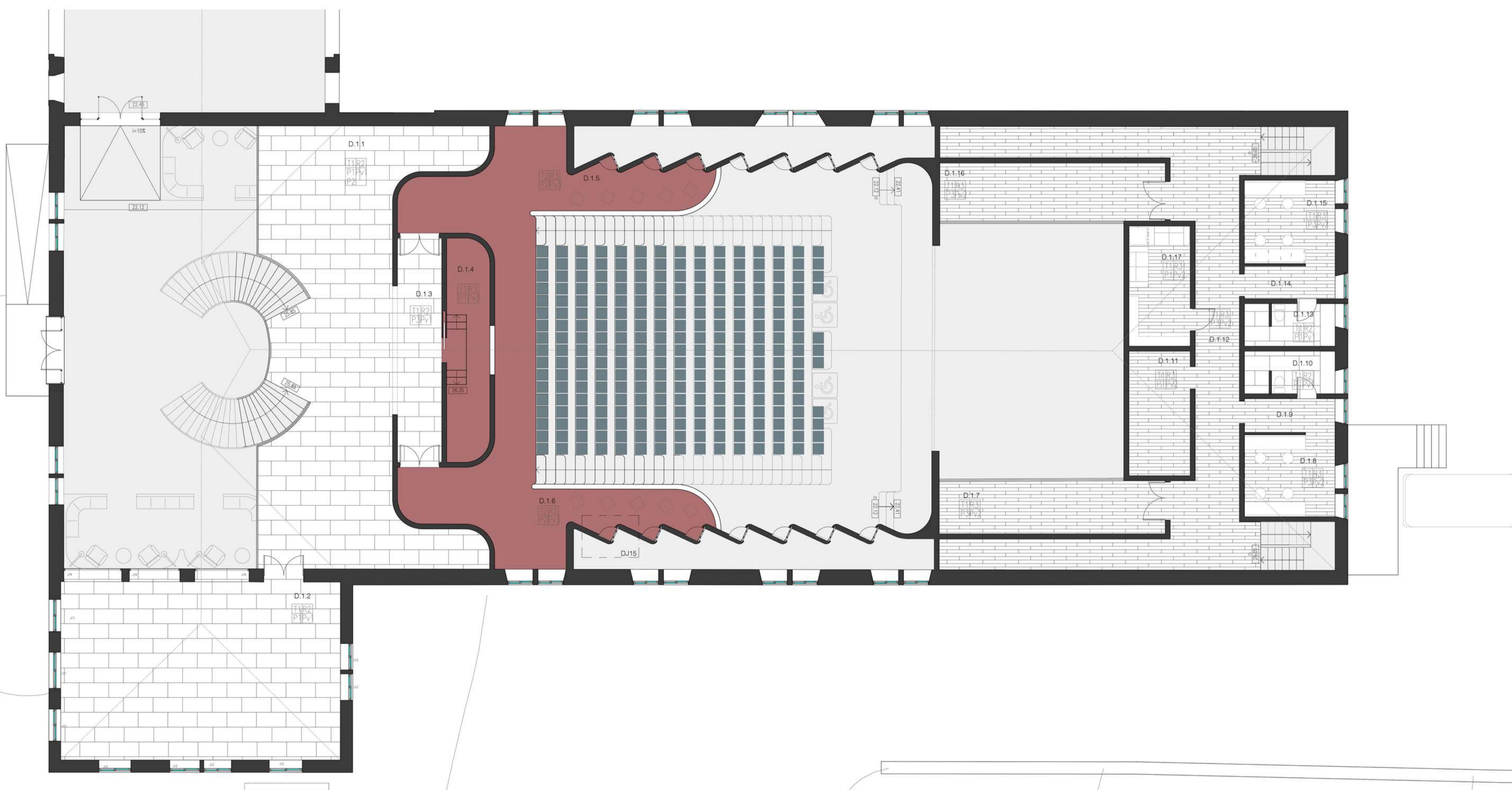
MATERIALIDADES

- T1 PINTURA NCS S0601 - R
- T2 RIPADO DE MADEIRA NCS S7005 - B20G
- R1 PAINÉIS ACÚSTICOS NCS S7005 - B20G
- R2 CERÂMICO CINZA - ALTURA 15CM
- R3 MADEIRA CARVALHO - ALTURA 15CM
- P1 PINTURA MATE NCS S0601 - R
- P2 REVESTIMENTO EM FOLHA DE MADEIRA CARVALHO
- PV1 CERÂMICO CINZA - 60cm x 120cm
- PV2 RIPADO DE MADEIRA DE CARVALHO - 140cm x 15cm
- PV3 ALCAFRIA ACÚSTICA NCS S4040-R
- PV4 BETÃO

- NCS S0601 - R
- CERÂMICO CINZA
- NCS S7005 - B20G
- NCS S4040 - R
- MADEIRA DE CARVALHO
- BETÃO



Piso 0 | Esc. 1:100



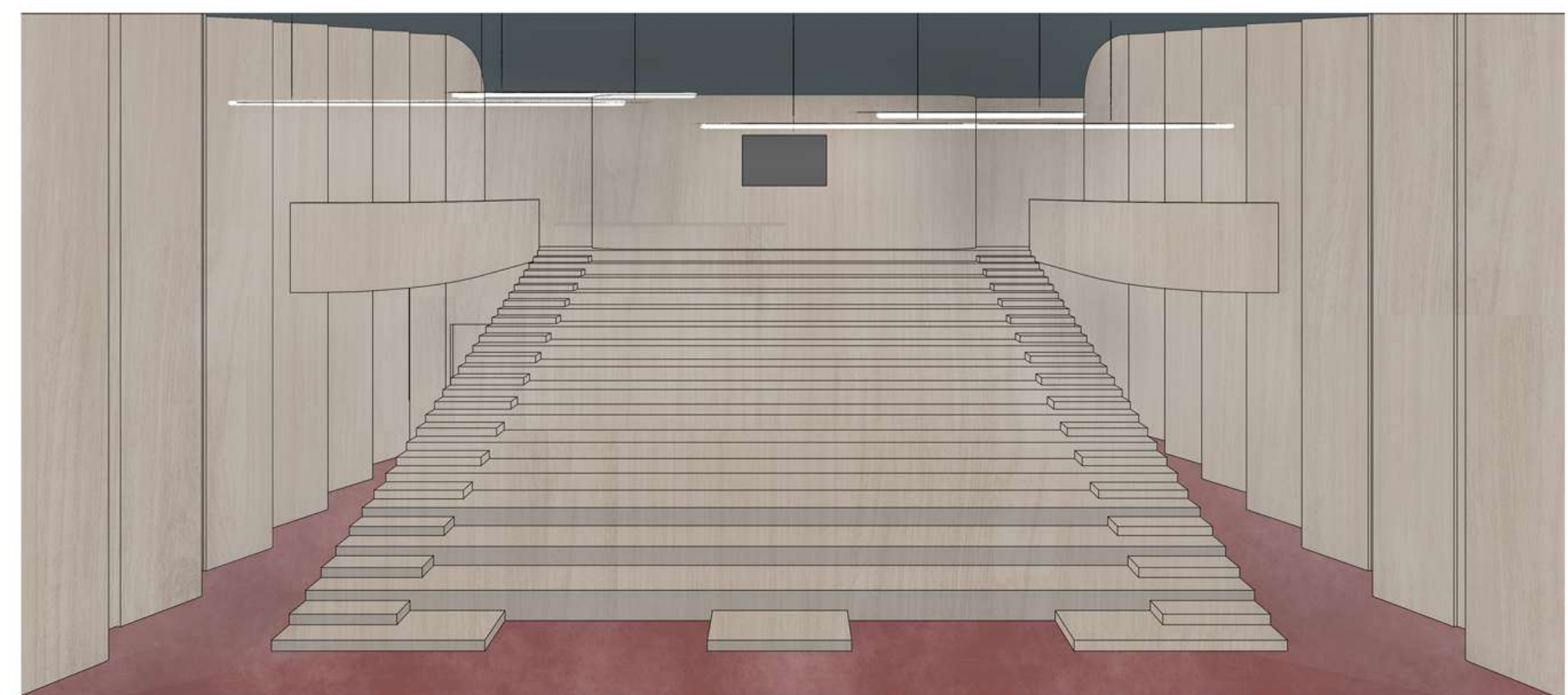
Piso 0 | Esc. 1:100

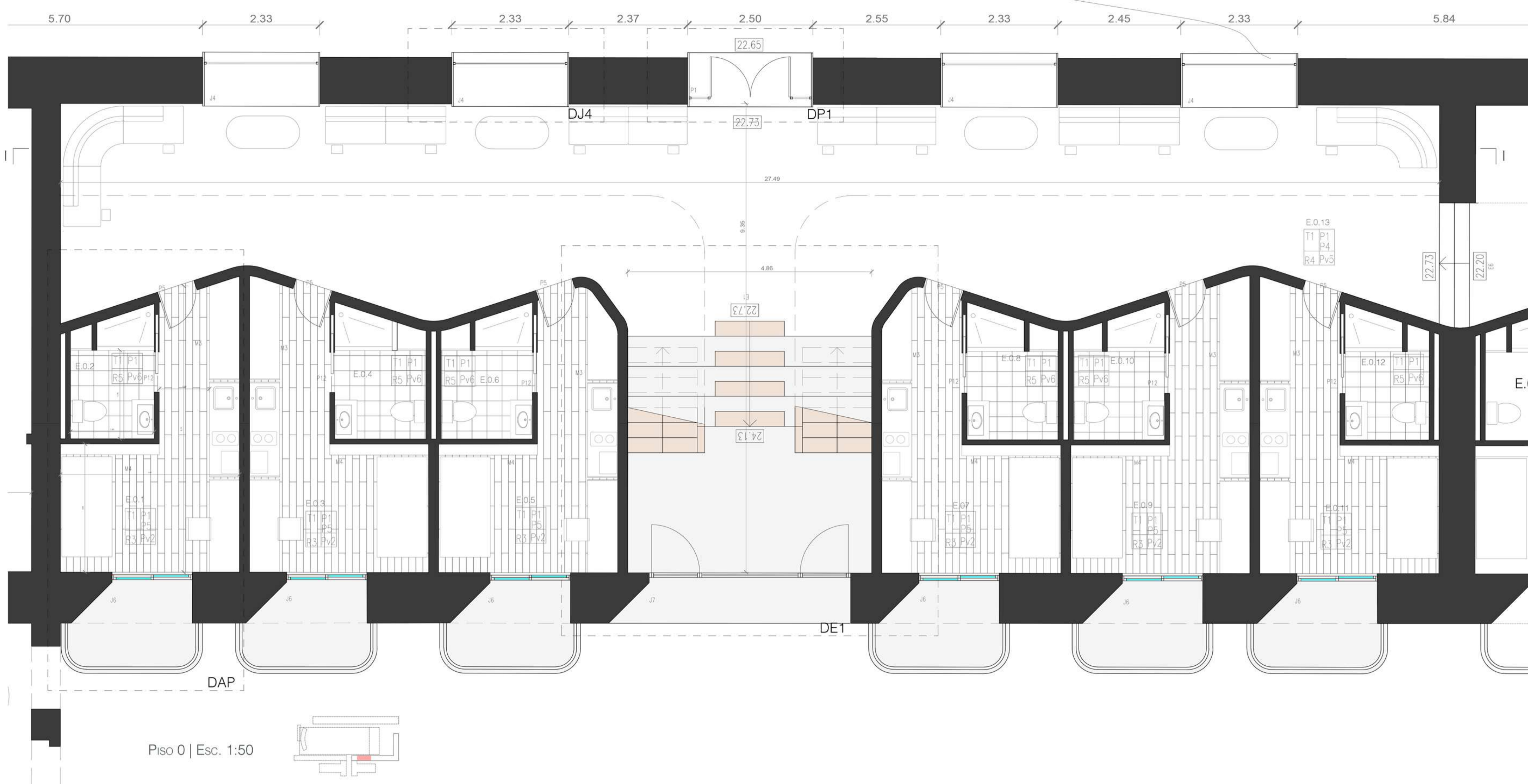


CORTE E | Esc. 1:100

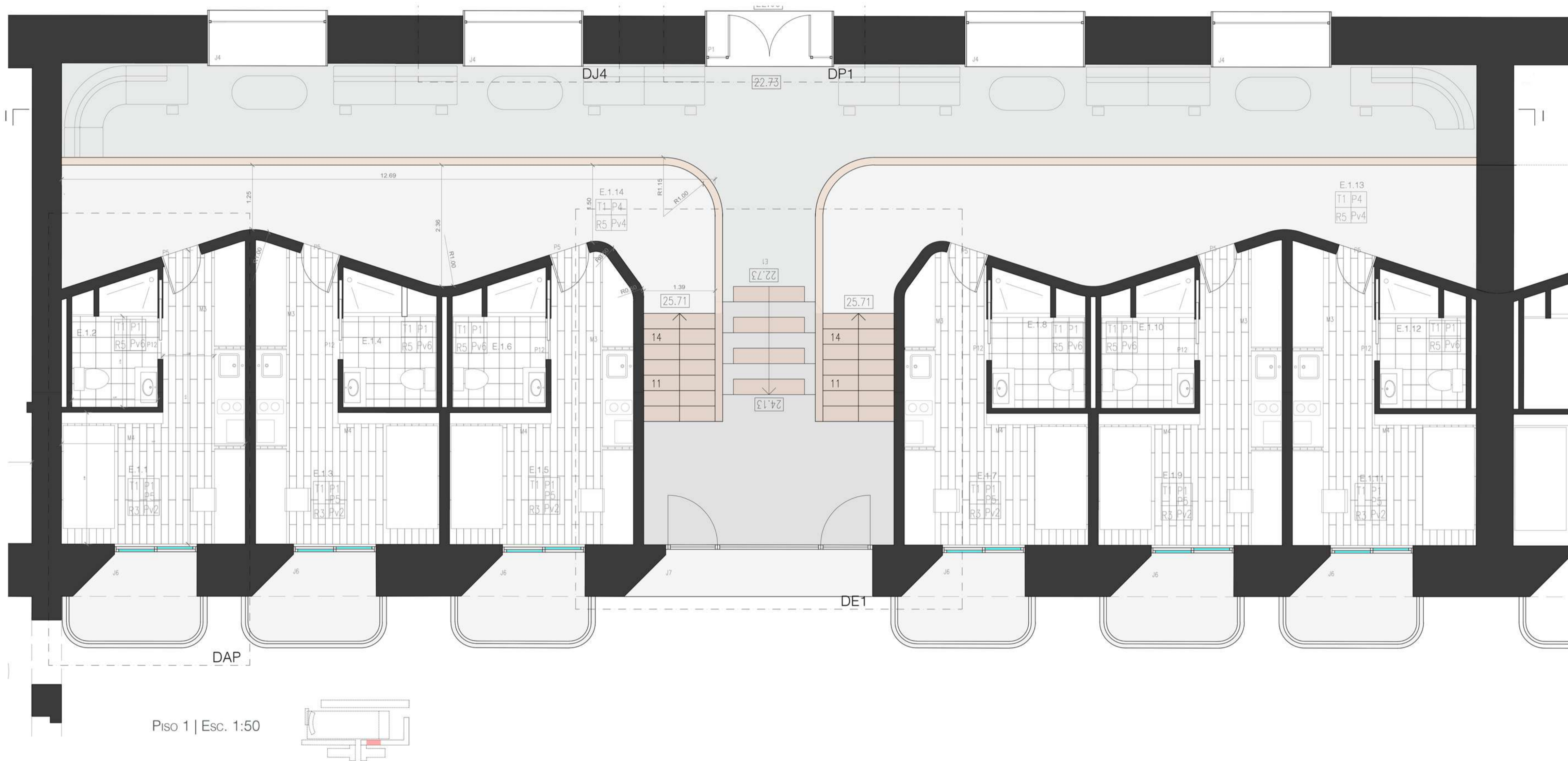


PERSPETIVAS AMBIENTE





Piso 0 | Esc. 1:50



Piso 1 | Esc. 1:50



CORTE | Esc. 1:50

COMPARTIMENTAÇÃO

PISO 0

- E.0.1 APARTAMENTO
- E.0.2 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.0.3 APARTAMENTO
- E.0.4 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.0.5 APARTAMENTO
- E.0.6 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.0.7 APARTAMENTO
- E.0.8 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.0.9 APARTAMENTO
- E.0.10 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.0.11 APARTAMENTO
- E.0.12 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.0.13 ESPAÇO COMUM

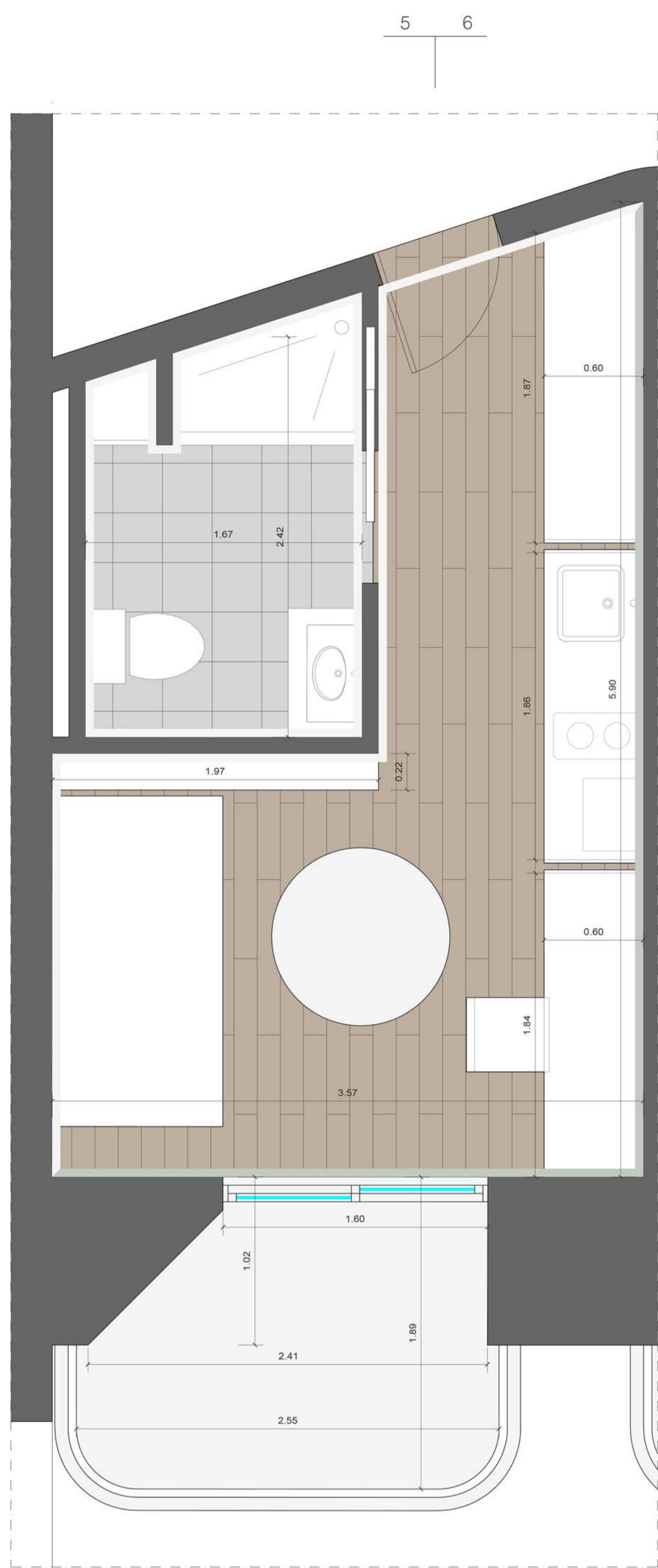
PISO 1

- E.1.1 APARTAMENTO
- E.1.2 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.1.3 APARTAMENTO
- E.1.4 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.1.5 APARTAMENTO
- E.1.6 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.1.7 APARTAMENTO
- E.1.8 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.1.9 APARTAMENTO
- E.1.10 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.1.11 APARTAMENTO
- E.1.12 INSTALAÇÃO SANITÁRIA
- E.1.13 CIRCULAÇÃO
- E.1.14 CIRCULAÇÃO

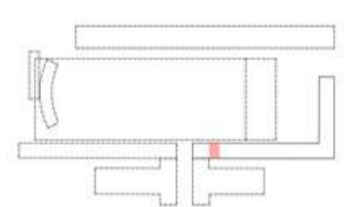
MATERIALIDADES

- T1 PINTURA NCS S0601 - R
- R3 MADEIRA CARVALHO - ALTURA 15CM
- R4 TERRAZZO - ALTURA 15CM
- R5 CERÂMICO CINZA - 30CM X 15CM
- P1 PINTURA MATE NCS S0601 - R
- P4 PINTURA MATE NCS S3030-R
- P5 PINTURA MATE NCS S2005-20Y
- PV2 RIPADO DE MADEIRA DE CARVALHO - 140CM X 15CM
- PV4 BETÃO
- PV5 TERRAZZO CLÁSSICO
- PV6 CERÂMICO CINZA - 30CM X 30CM

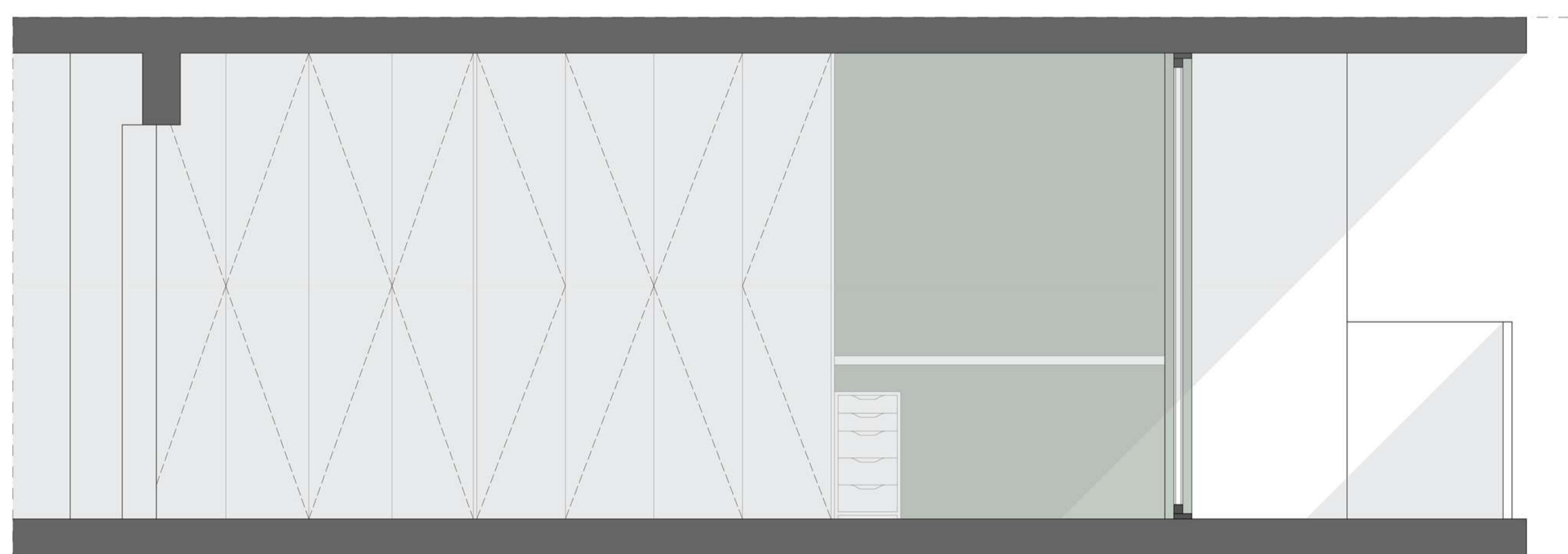
- NCS S0601 - R
- NCS S2005 - 20Y
- MADEIRA DE CARVALHO
- TERRAZZO CLÁSSICO
- CERÂMICO CINZA
- NCS S3030 - R
- BETÃO



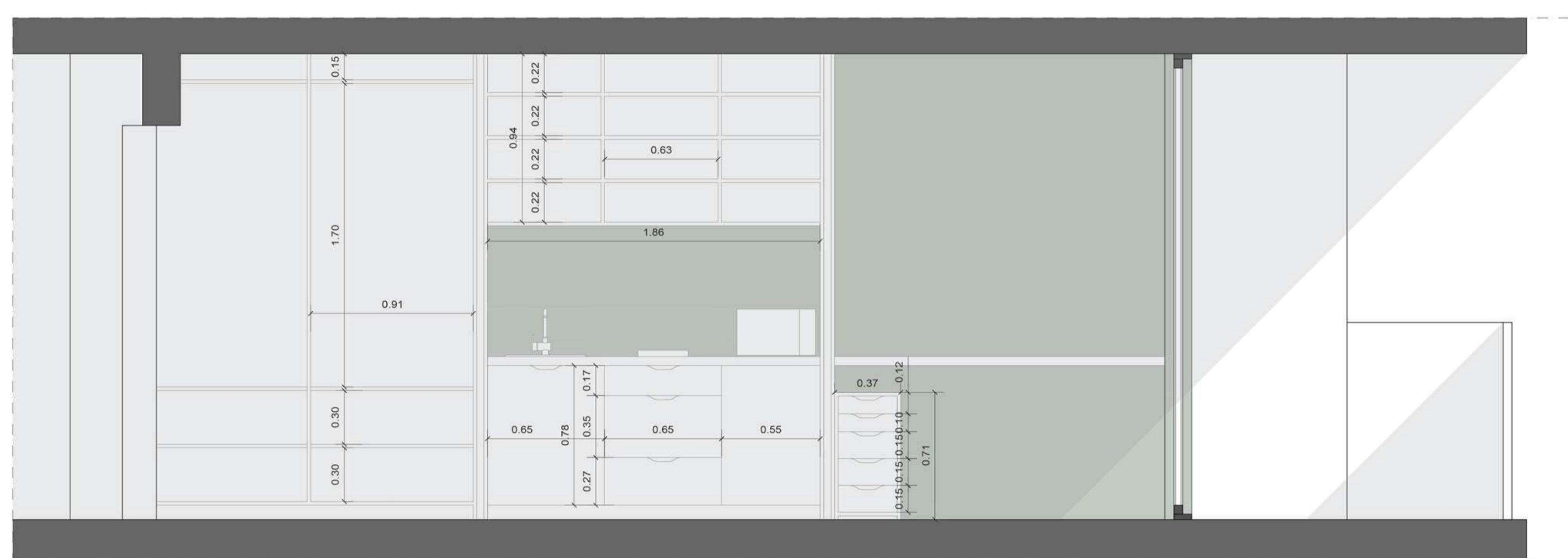
PLANTA APARTAMENTO | Esc. 1:20



CORTE 5 | Esc. 1:20



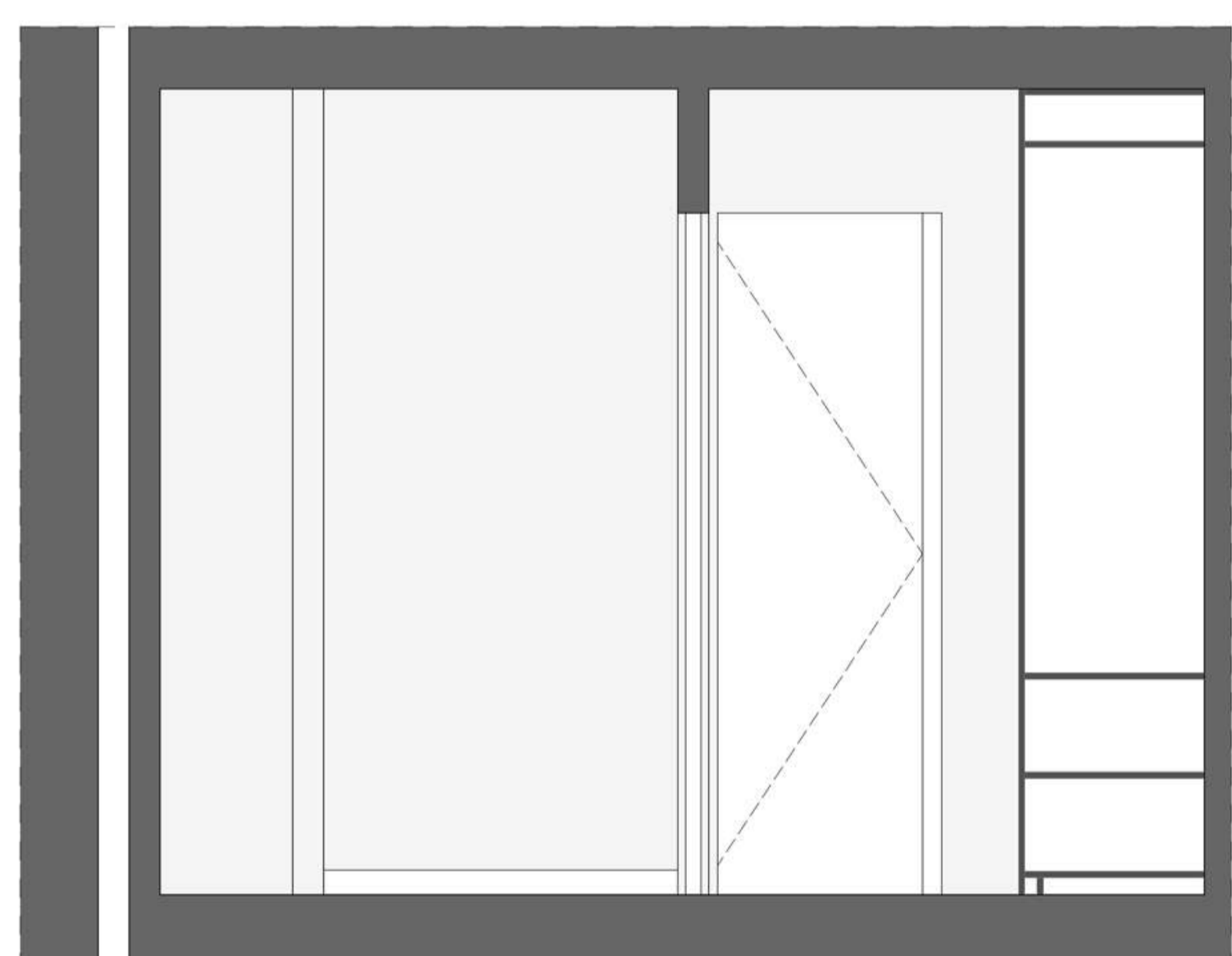
CORTE 6 - MOBILIÁRIO FECHADO | Esc. 1:20



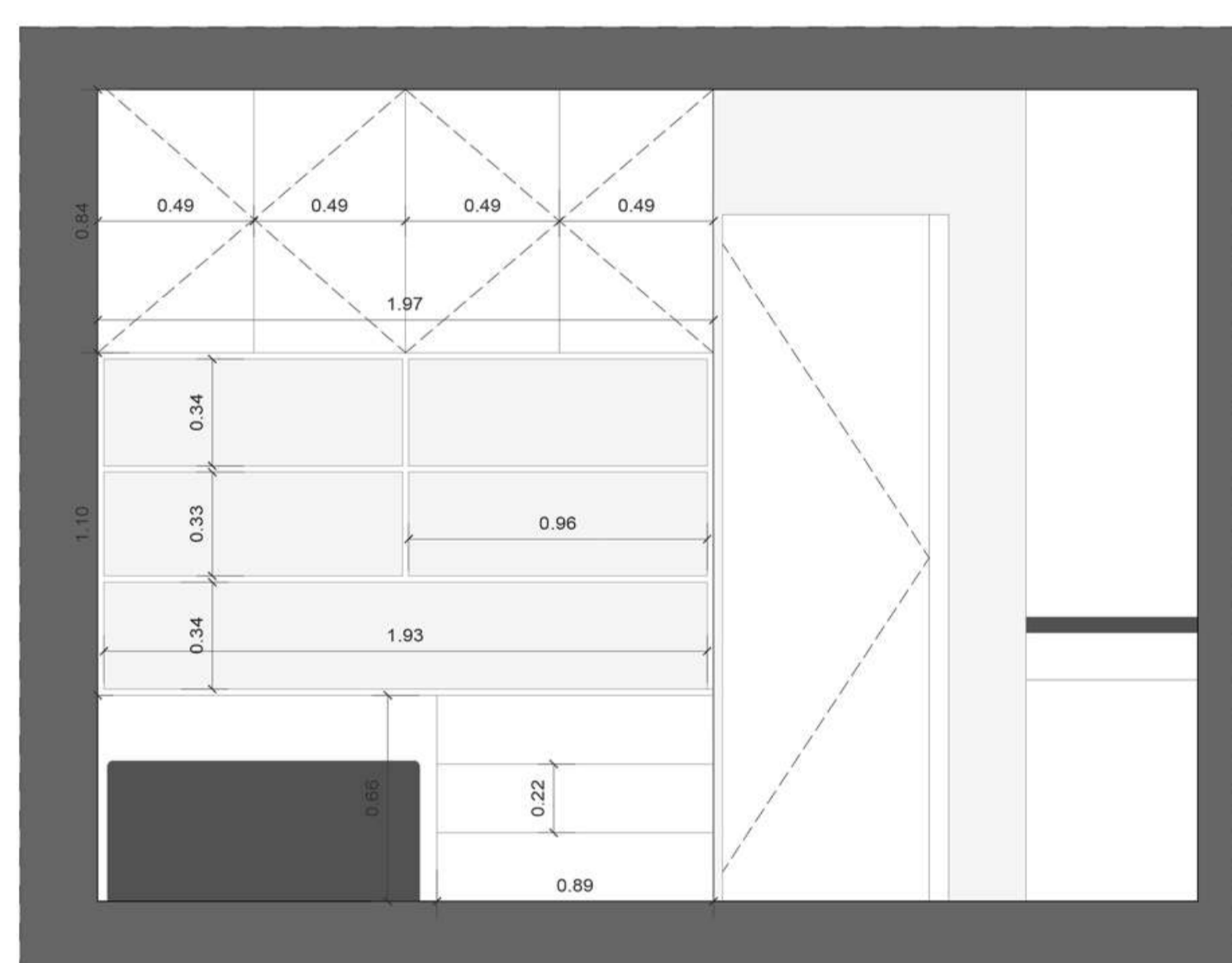
CORTE 6 - MOBILIÁRIO ABERTO | Esc. 1:20

MATERIALIDADES

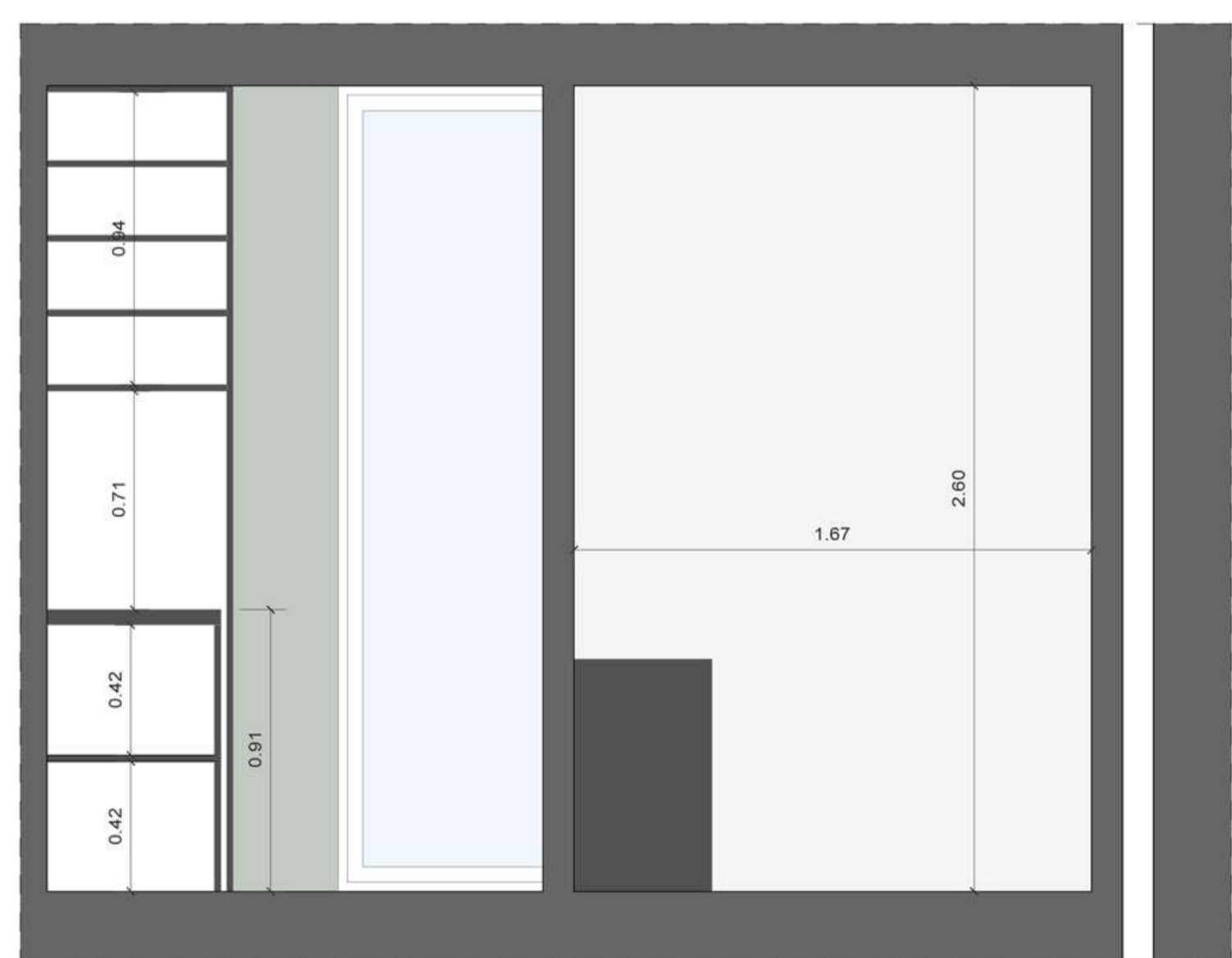
- T1 PINTURA NCS S0601 - R
- R3 MADEIRA CARVALHO - ALTURA 15CM
- R5 CERÂMICO CINZA - 30CM X 15CM
- P1 PINTURA MATE NCS S0601 - R
- P5 PINTURA MATE NCS S2005-20Y
- Pv2 RIPADO DE MADEIRA DE CARVALHO - 140CM X 15CM
- Pv4 BETÃO
- Pv6 CERÂMICO CINZA - 30CM X 30CM



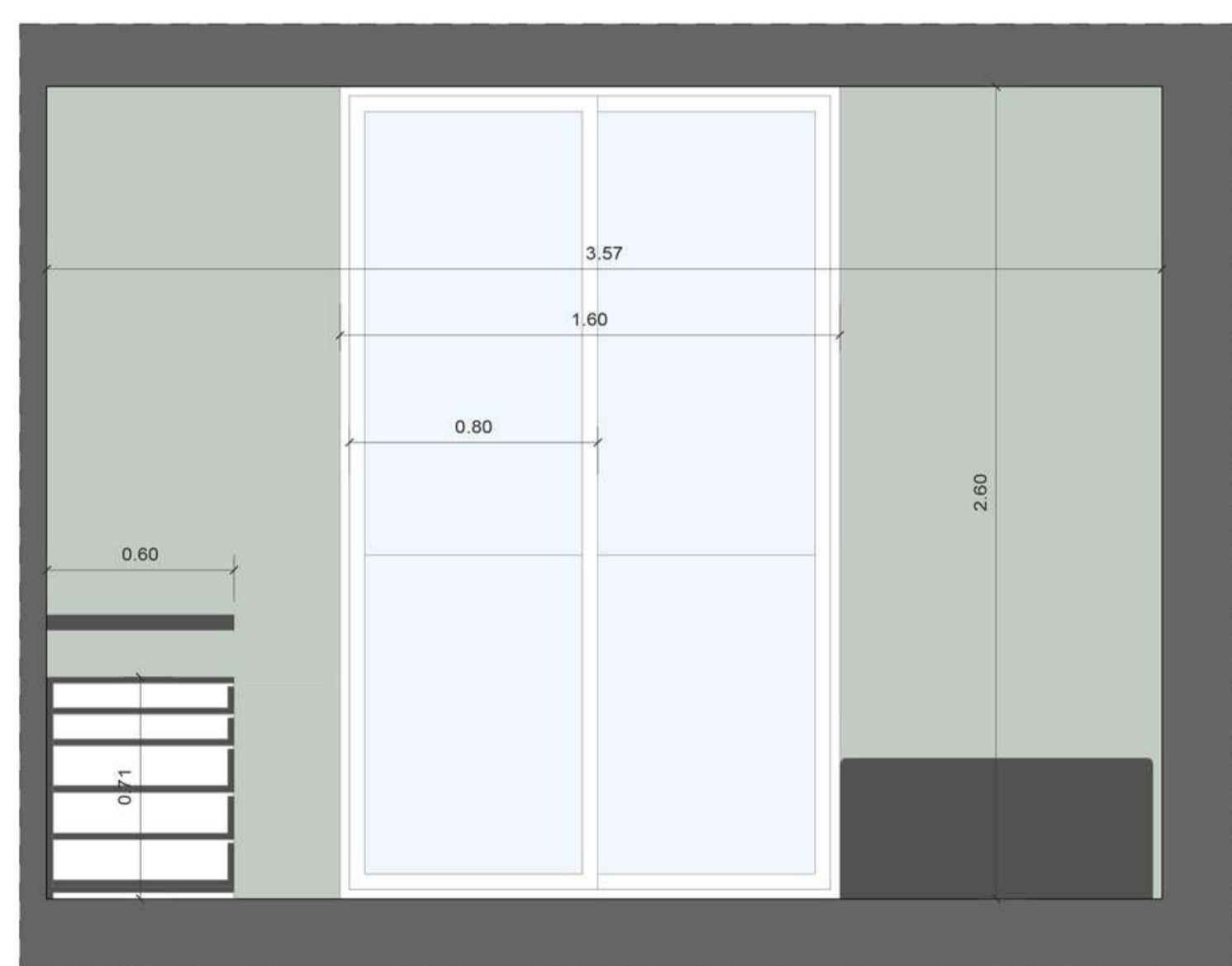
CORTE 1 | Esc. 1:20



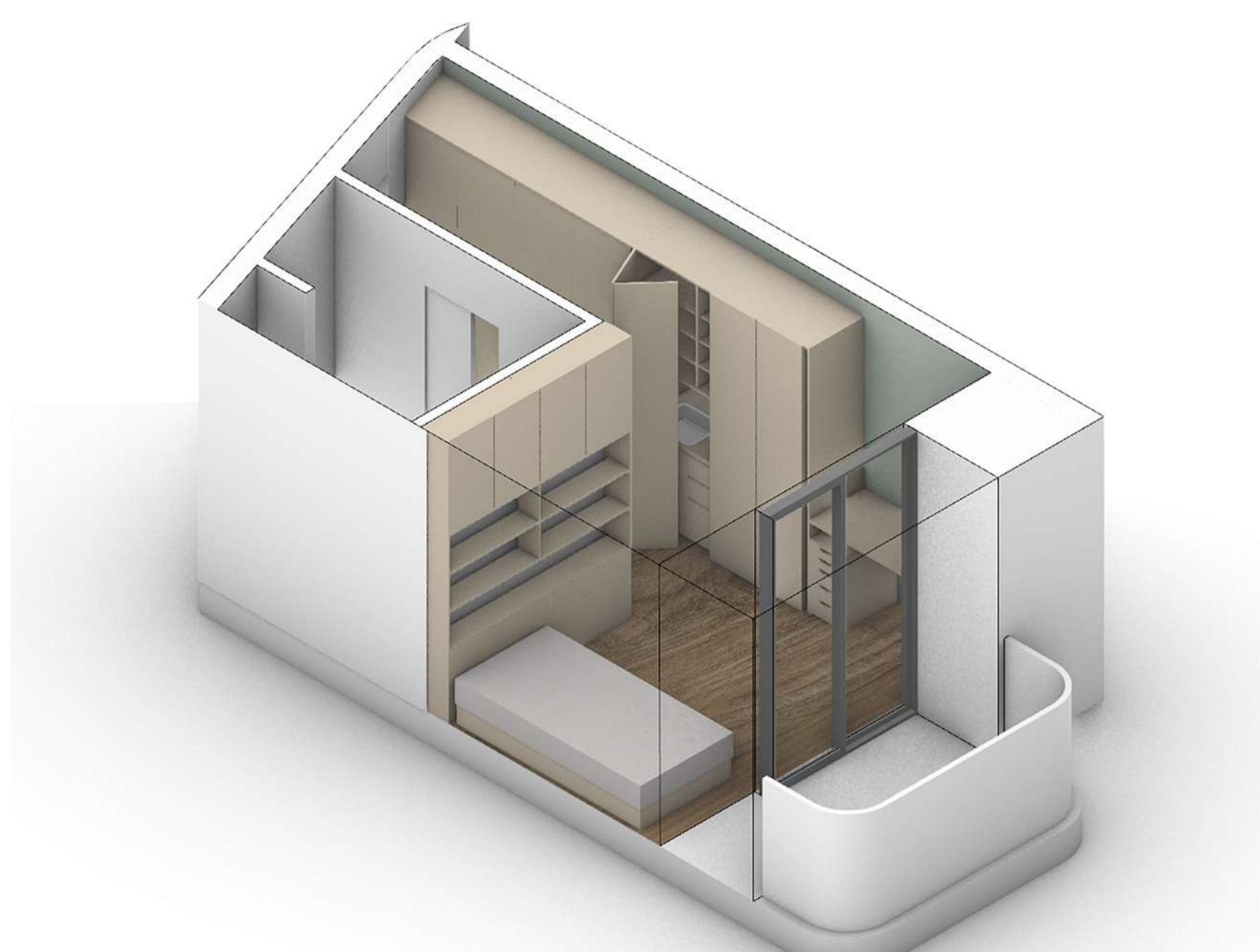
CORTE 2 | Esc. 1:20



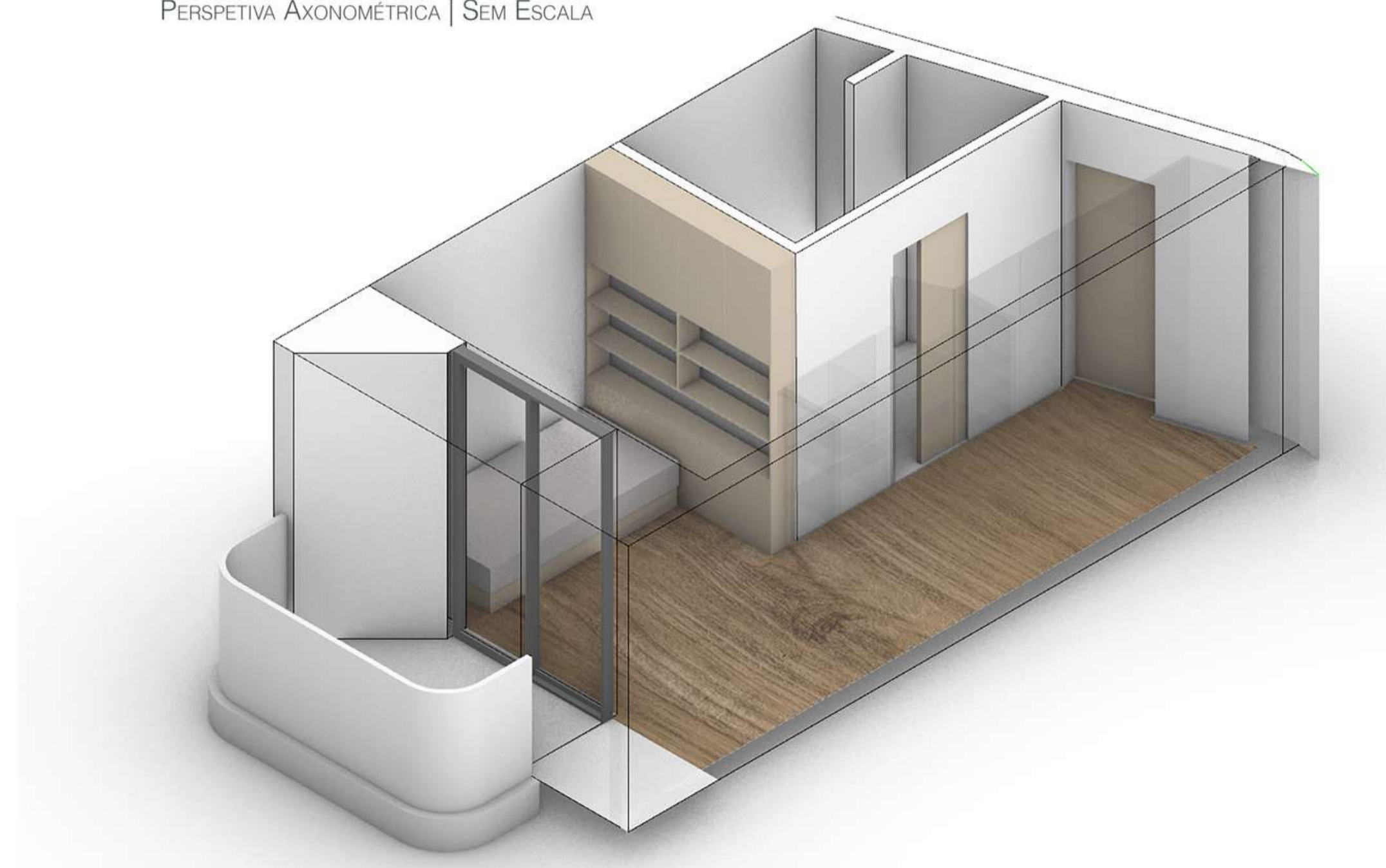
CORTE 3 | Esc. 1:20



CORTE 4 | Esc. 1:20

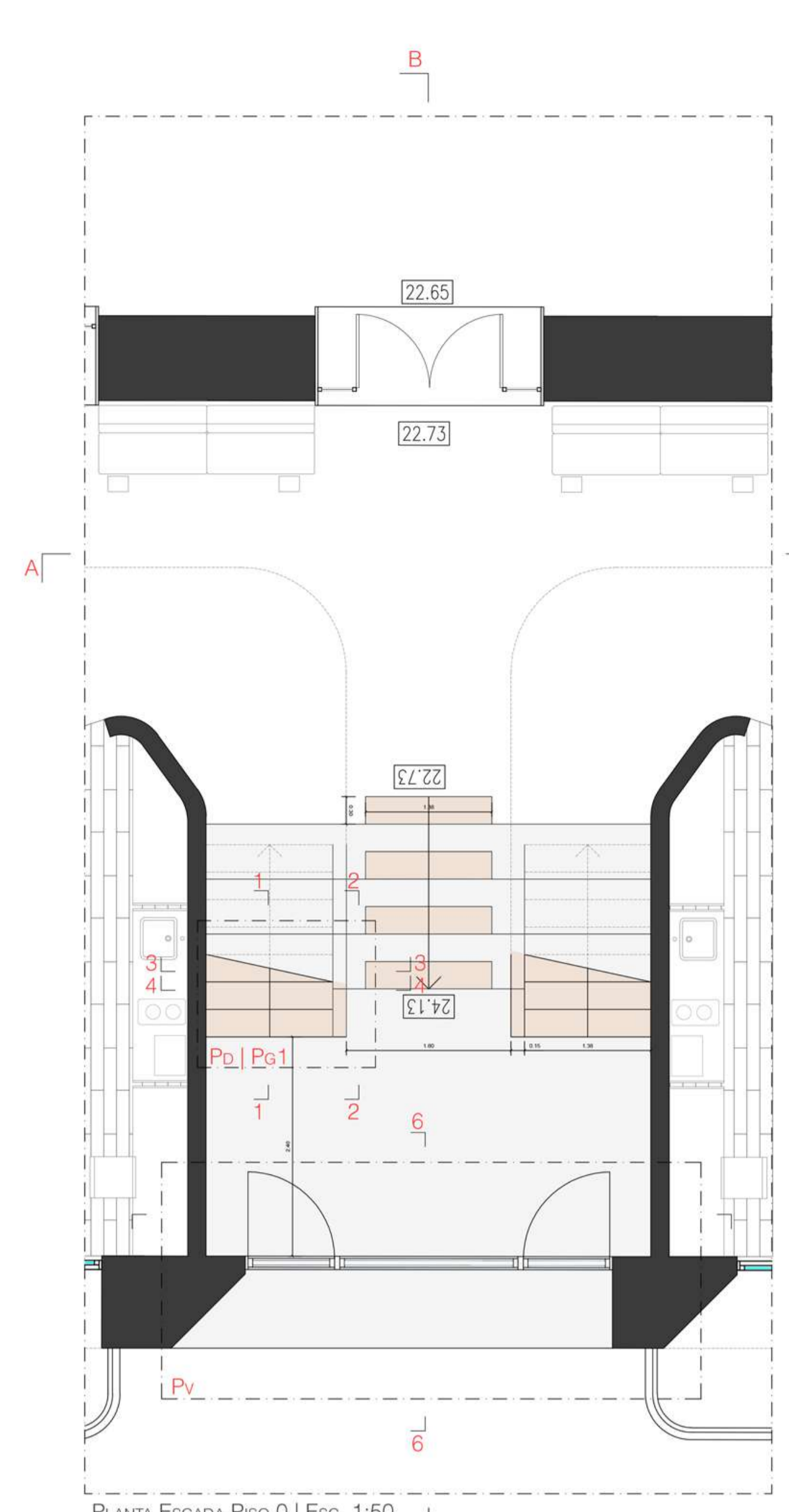


PERSPECTIVA AXONOMÉTRICA | SEM ESCALA

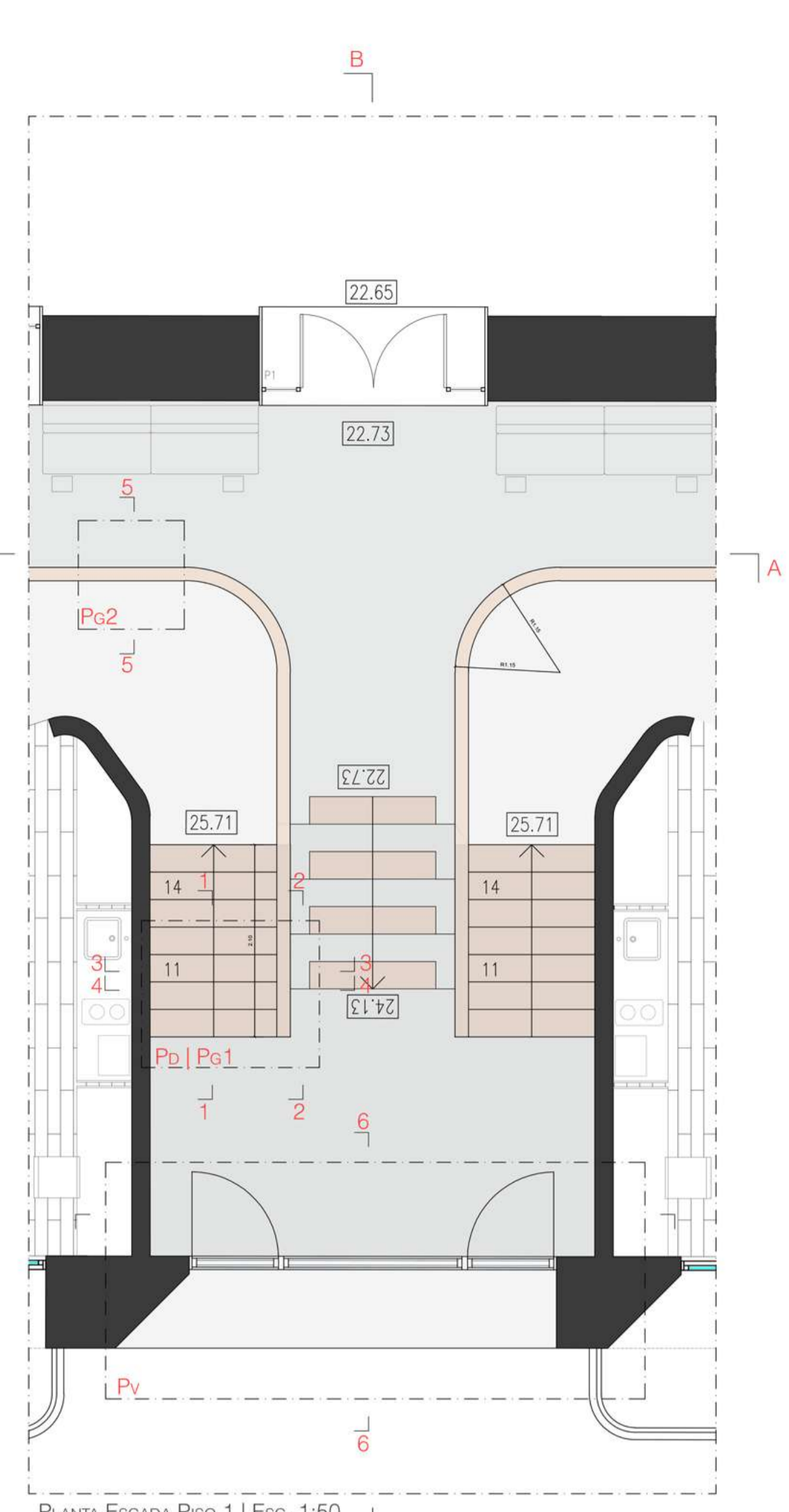


PERSPECTIVA AXONOMÉTRICA | SEM ESCALA

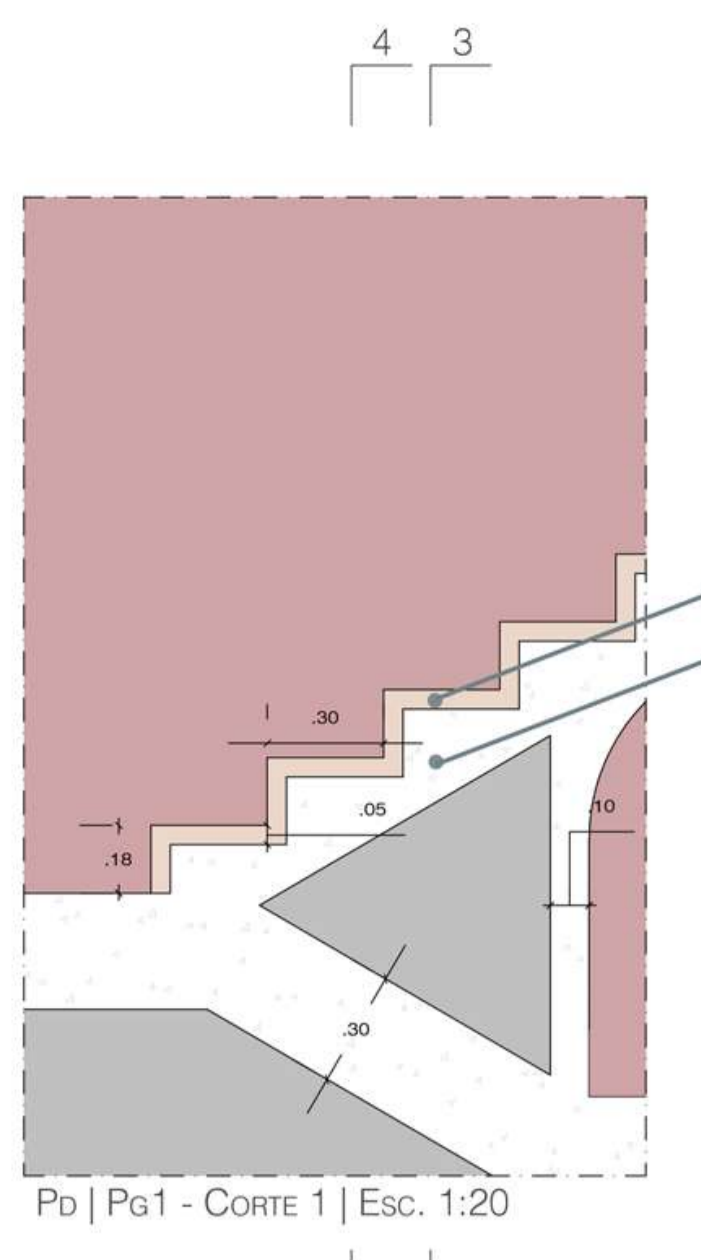




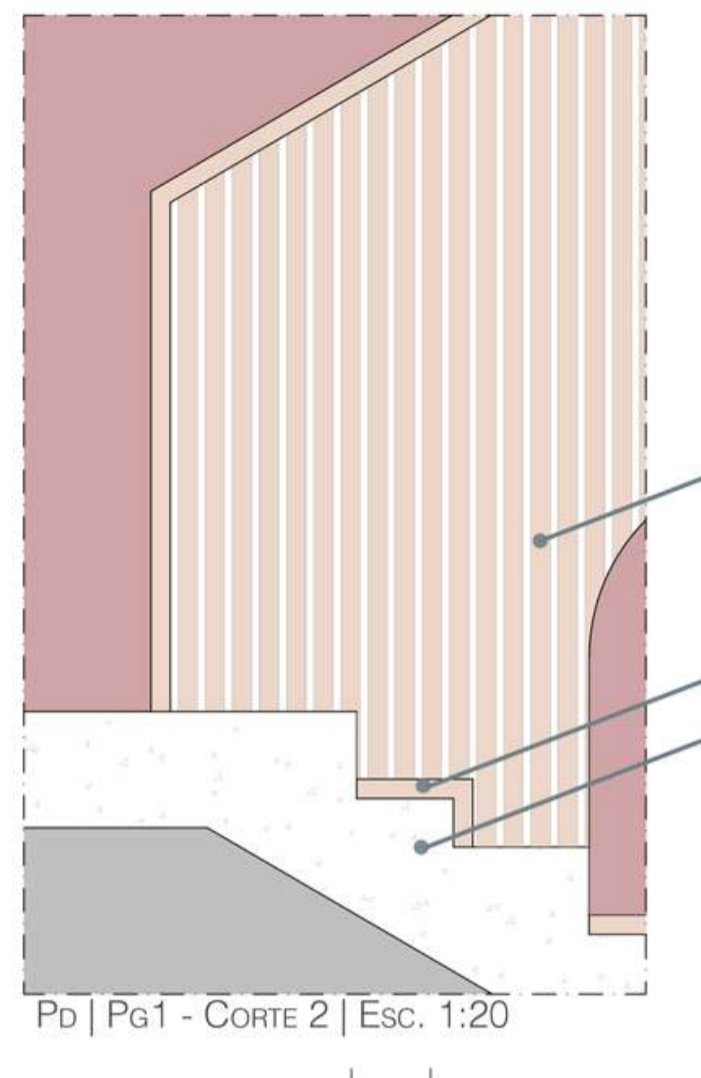
PLANTA ESCADA PISO 0 | Esc. 1:50



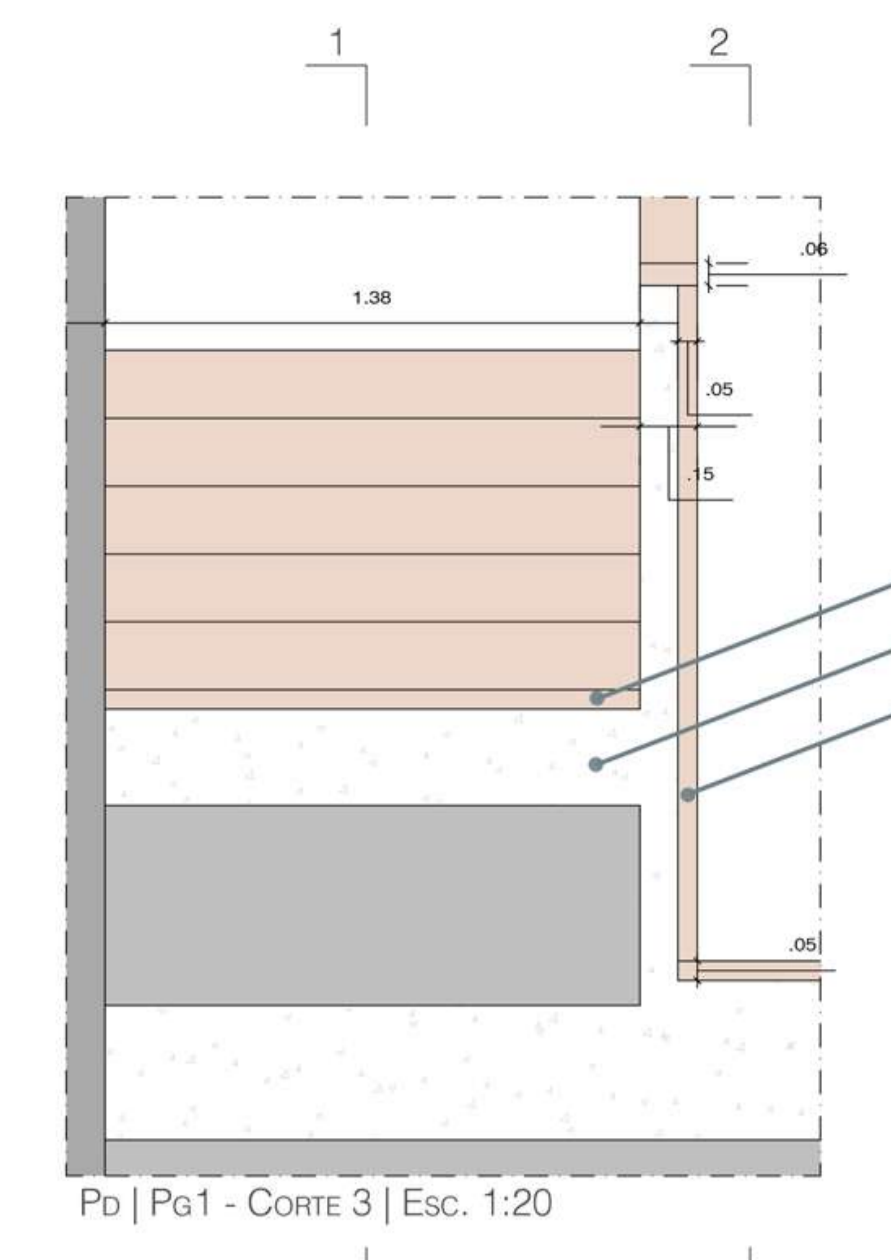
PLANTA ESCADA PISO 1 | Esc. 1:50



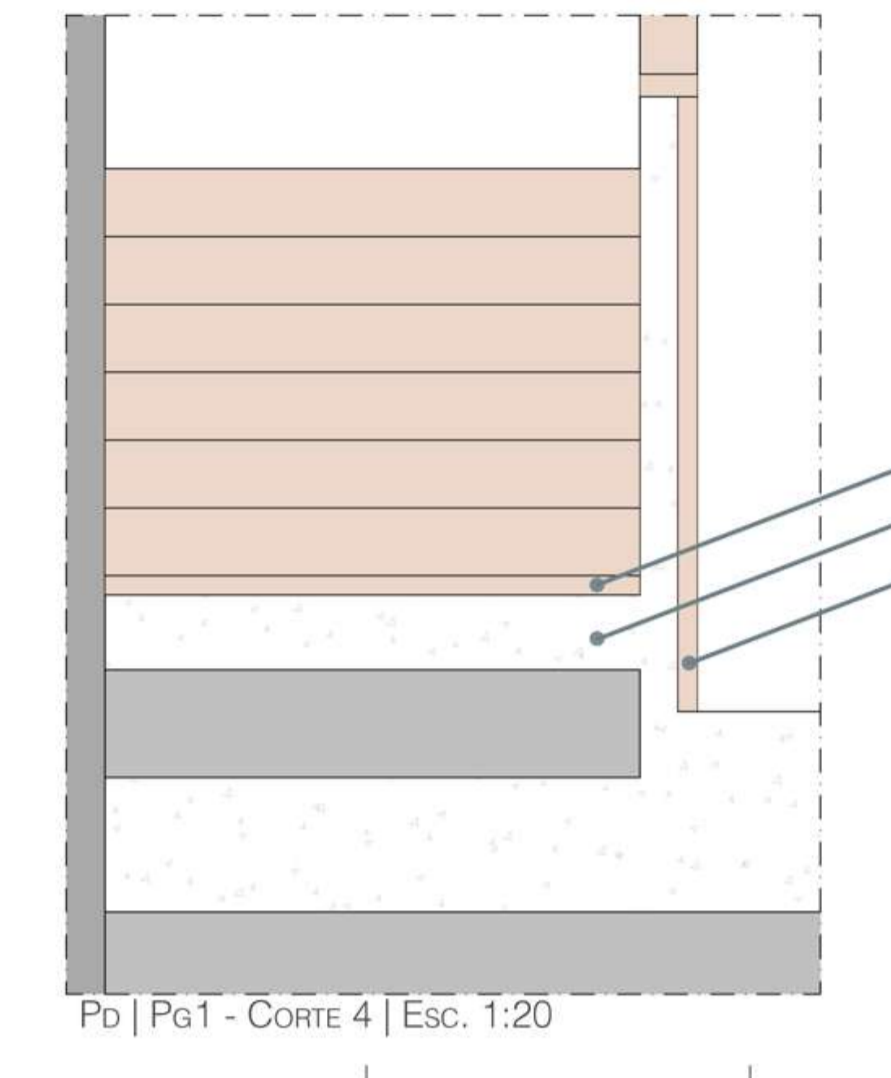
Po | Pg1 - CORTE 1 | Esc. 1:20



Po | Pg1 - CORTE 2 | Esc. 1:20

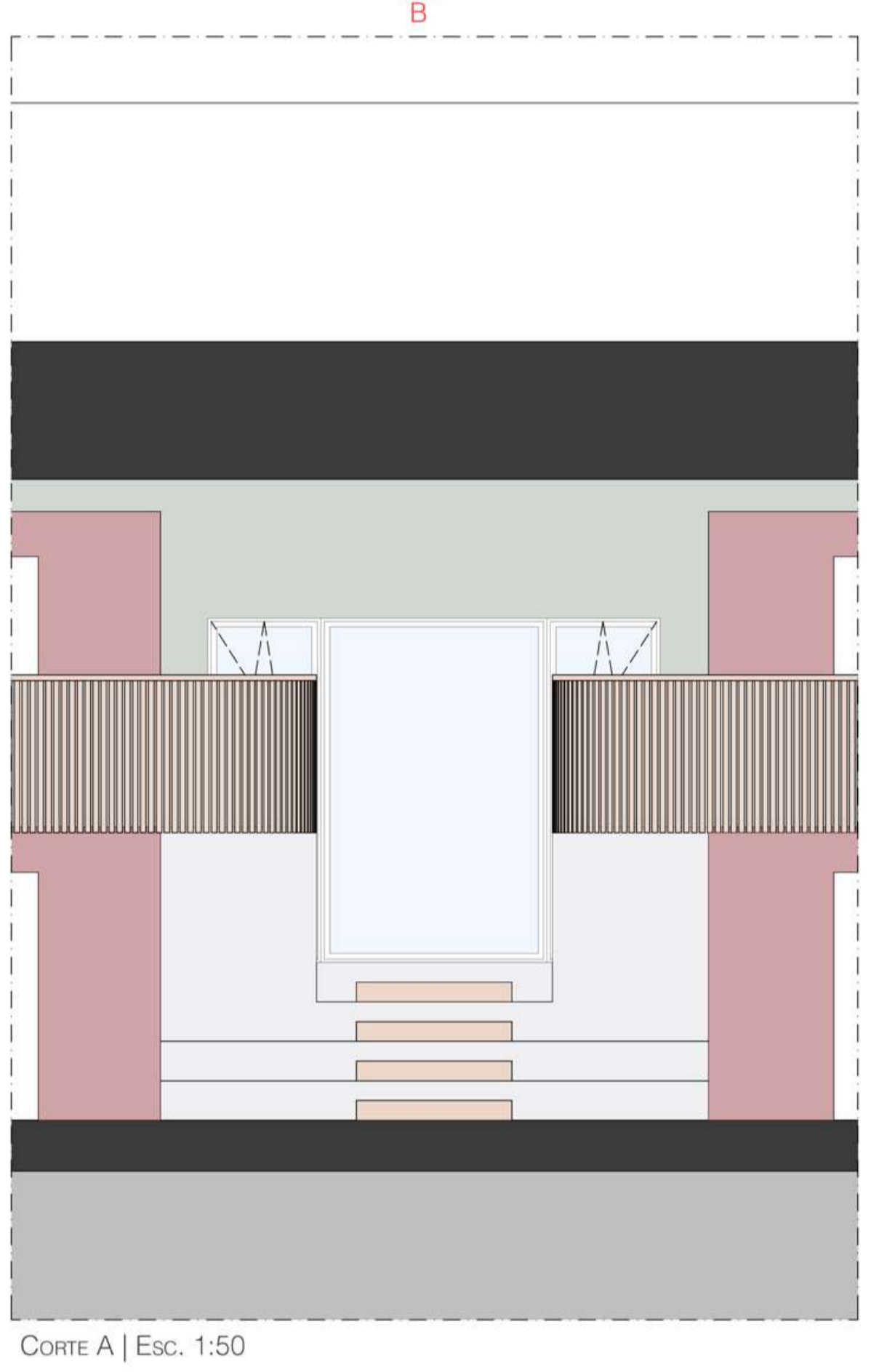


Po | Pg1 - CORTE 3 | Esc. 1:20

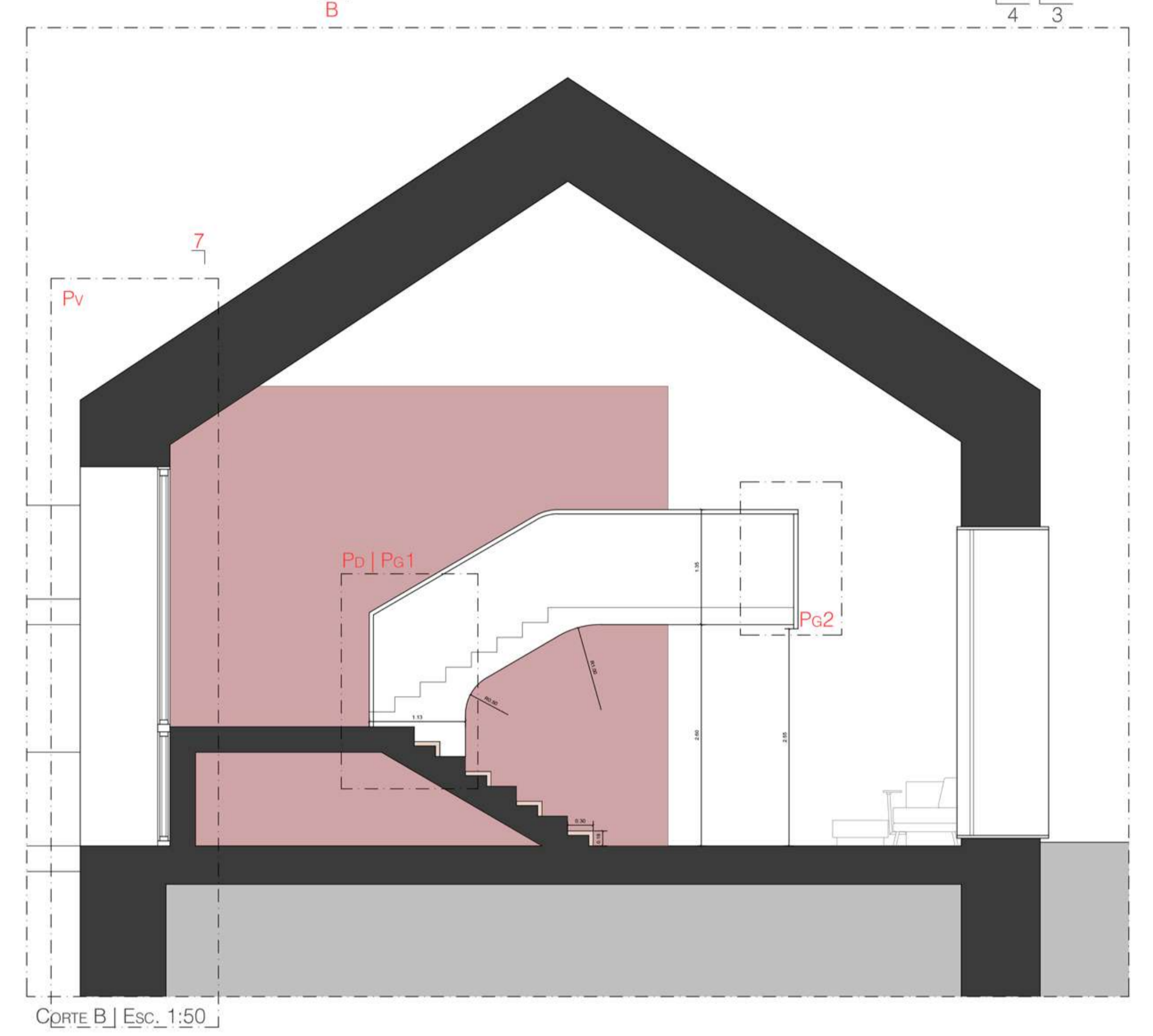


Po | Pg1 - CORTE 4 | Esc. 1:20

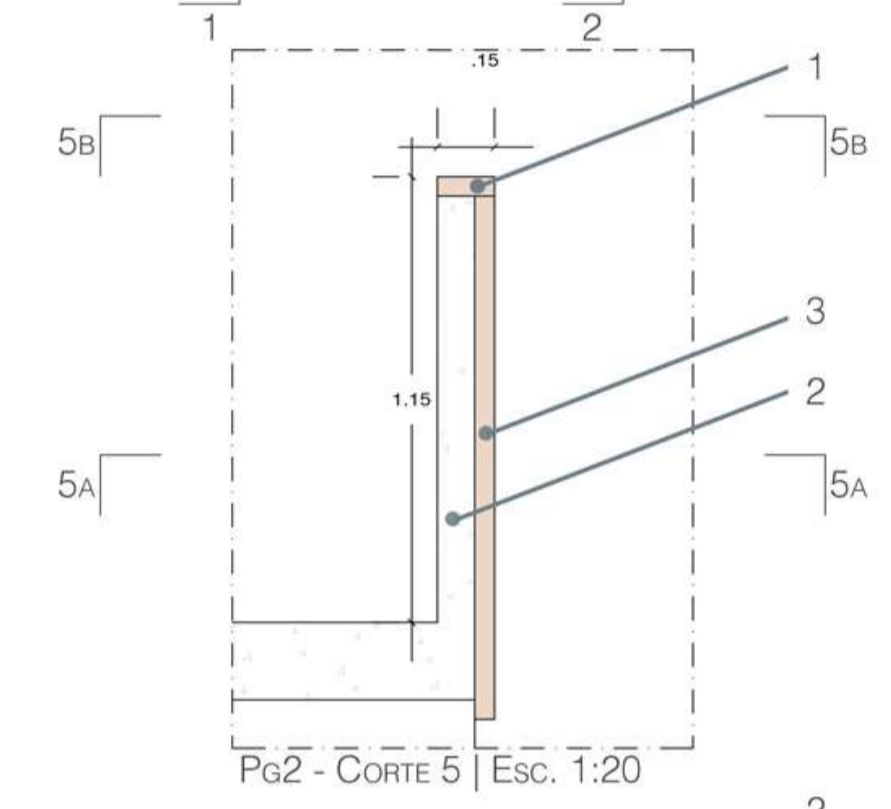
- MATERIALIDADES
- 1 MADEIRA DE CARVALHO
 - 2 BETÃO
 - 3 RIPADO DE MADEIRA
-
- NCS S2005 - 20Y
 - MADEIRA DE CARVALHO
 - TERRAZZO CLÁSSICO
 - NCS S3030 - R
 - BETÃO



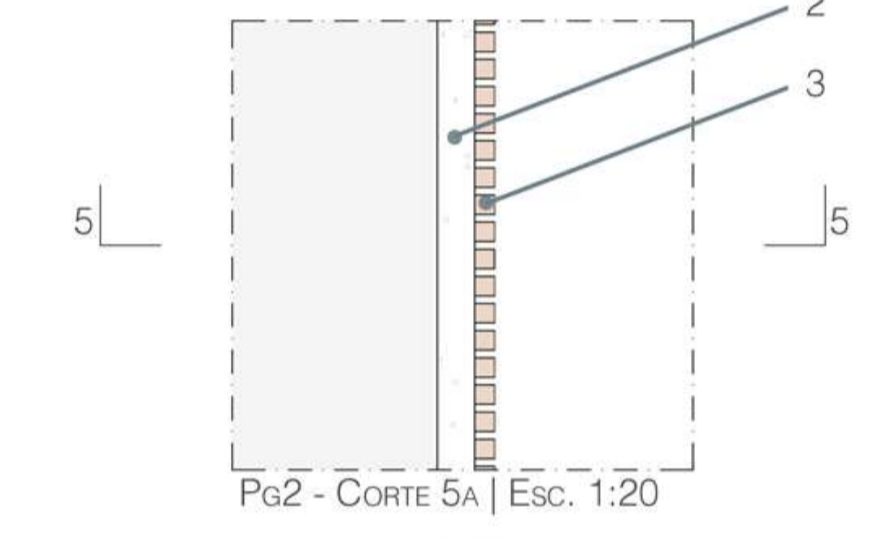
CORTE A | Esc. 1:50



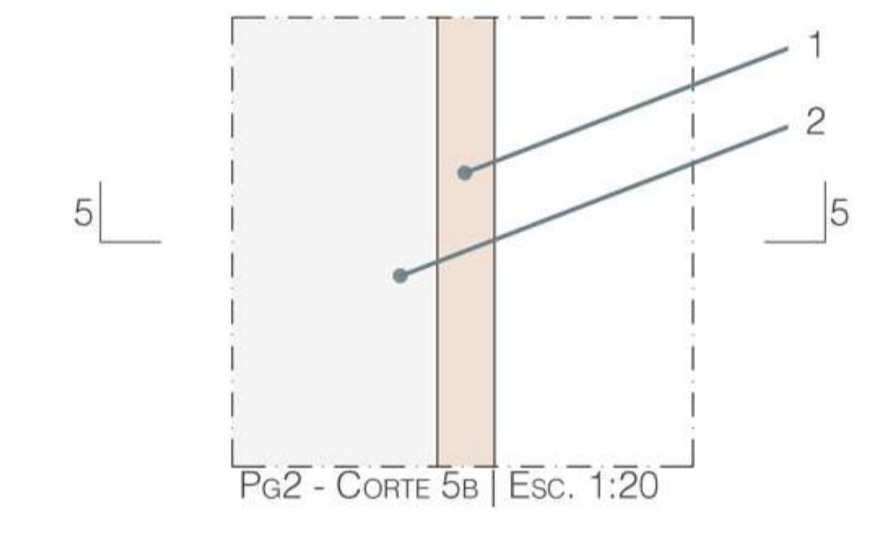
CORTE B | Esc. 1:50



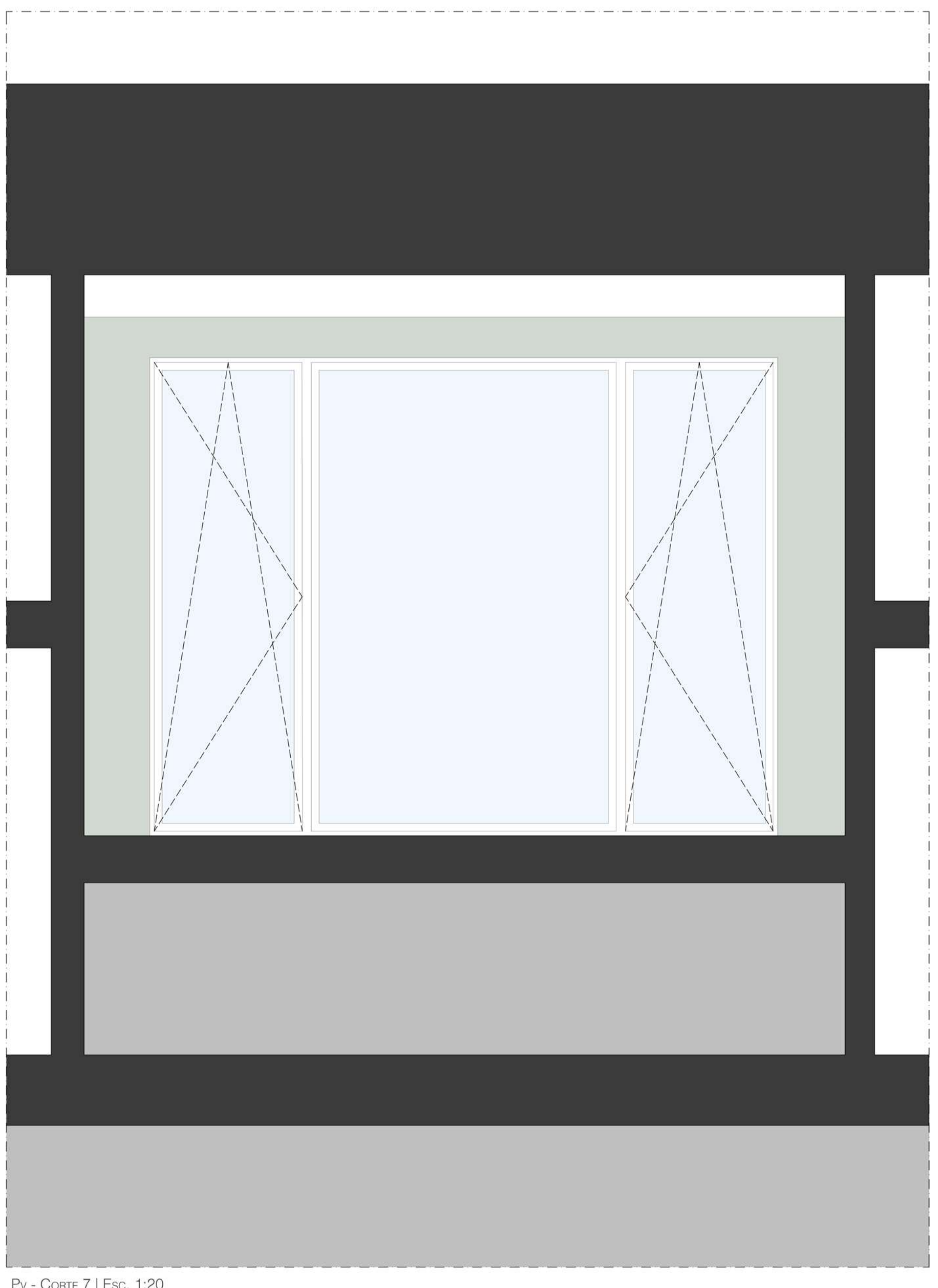
Po2 - CORTE 5 | Esc. 1:20



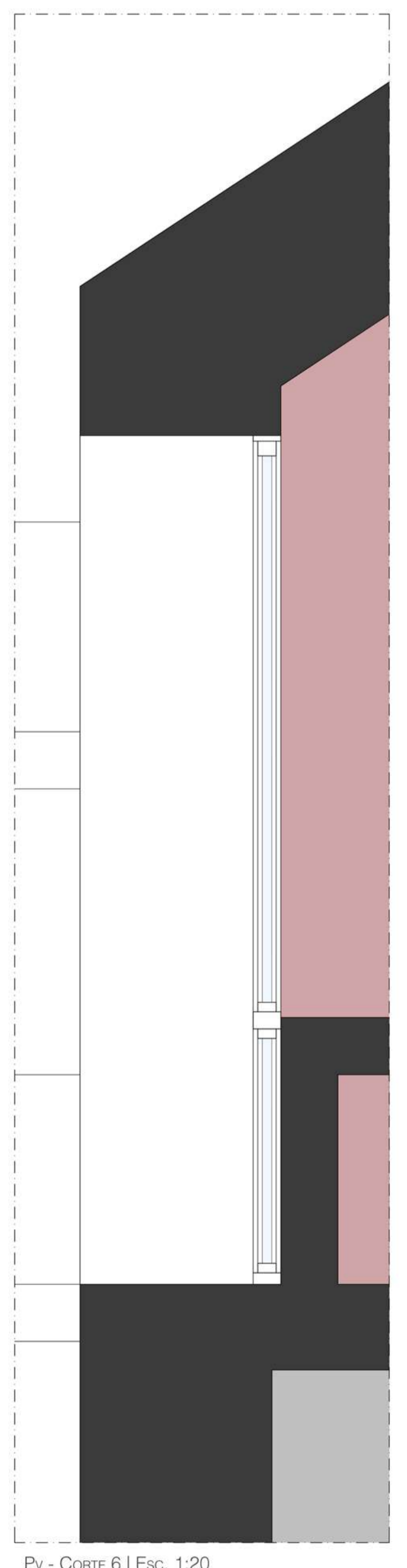
Po2 - CORTE 5A | Esc. 1:20



Po2 - CORTE 5B | Esc. 1:20



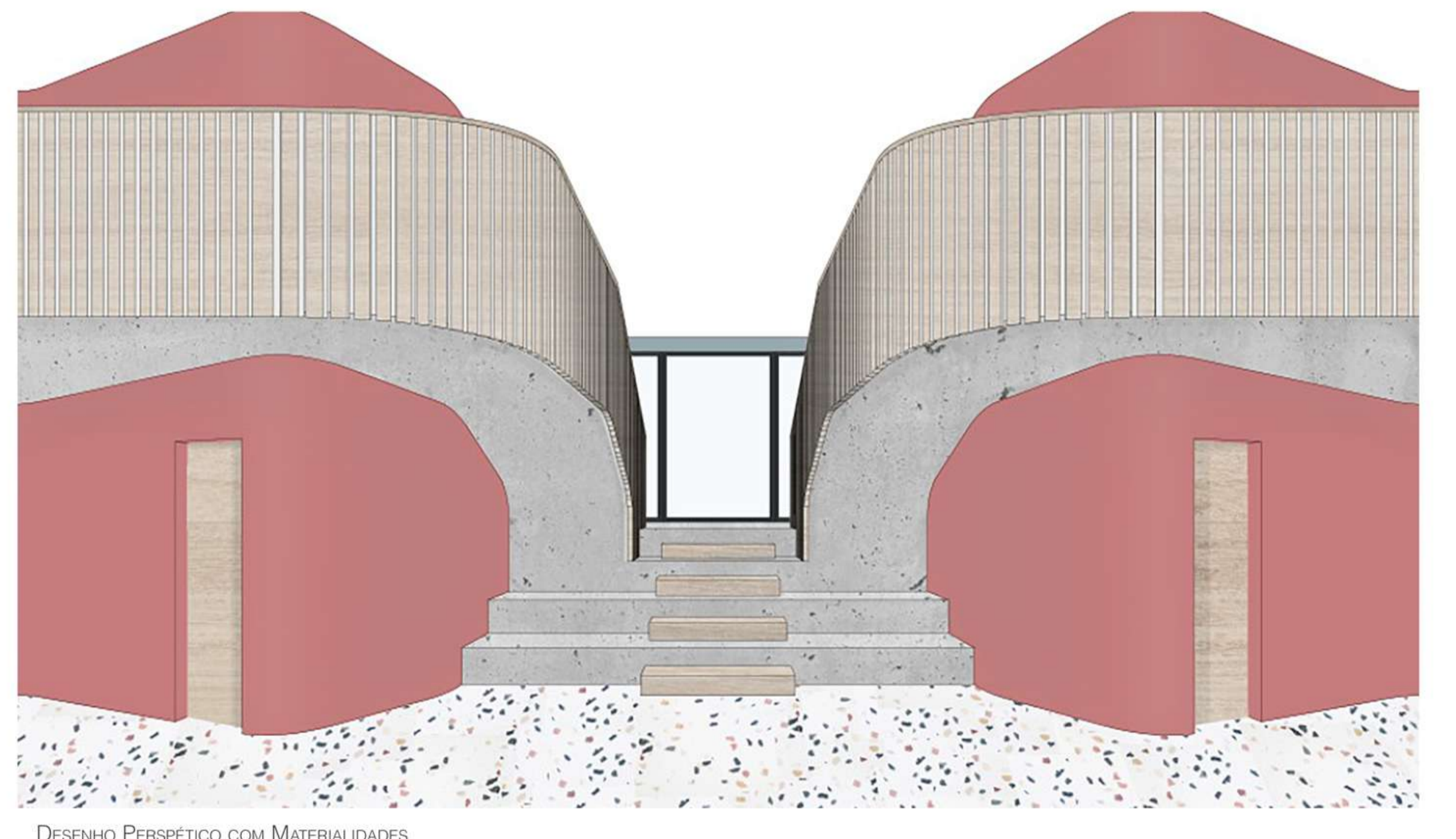
Pv - CORTE 7 | Esc. 1:20



Pv - CORTE 6 | Esc. 1:20



RENDER ILUSTRATIVO



DESENHO PERSPECTIVO COM MATERIALIDADES



